France Yvonne Murachco

**UMA ABORDAGEM NÃO NORMATIVA DOS FATOS DA
LÍNGUA LATINA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Letras Clássicas do Departamento de Letras
Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de
São Paulo para a obtenção do título de Doutor em
Letras

Orientador: Pr. Dr. José Rodrigues Seabra filho

**São Paulo
2009**

ERRATA

P. 24, §2-2, 1.5, em vez de “alongar-se ou abreviar-se até a apócope” leia-se: “síncope”.

P. 107, última linha. Em vez de “geralmente o tempo não é usado com preposição”, leia-se: “geralmente o tempo não é expresso com o auxílio de preposição”

P. 126, Tabela 4, última coluna, última linha. Em vez de “-u#bus/-i(bus” leia-se “-u(bus/-i(bus”

P. 127, Tabela 6. Em vez de: “Locativo: (*domi* < *domo*() , leia-se “Locativo: *domi#/domo#*”

P.128, Tabela 7: nas duas últimas colunas contemplando o singular dos temas *fructu#*- e *genu#*- foram esquecidos os vocativos respectivos: “*fructu#s*” e “*genu#*” o que deslucou os outros casos. Assim em vez de acusativo “*fructu#s*” e “*genu#(s)*” leia-se “*fructum*” e “*genu#*”; em vez de genitivo “*fructui*” e “*genui/ genu#*” leia-se “*fructu#s*” e “*genu#(s)*”; em vez de dativo “*fructu#*” e “*genu#*” leia-se “*fructui*” e “*genui/ genu#*”; em vez de ablativo “(*fructi/ fructu#*)” e “(*genu#*)” leia-se “*fructu#*” e “*genu#*”; em vez de locativo “*fructu#*” e “*genu#*” leia-se “(*fructi/ fructu#*)” e “(*genu#*)”

P.133, 1 3. Em vez de: “- a quantidade (pl.): **quot**, quanto relativo de identidade (indeclinável)” leia-se: “- a quantidade (pl.): **quot**, quanto, relativo de quantidade (indeclinável)”

P. 141, Tabela 14, 4ª e 5ª coluna, 2ª linha: em vez de “isto(-m-c > *istunc/istu(m*” leia-se “isto(-d-ce > *-istuc/istud*”

Nessa mesma tabela falta o –e no acusativo do masculino e do feminino “isto&-m-c e ista#-m-c” devem ler-se “isto&-m-ce e ista#-m-ce”

P. 162, §2-3-1, 2ª linha. Em vez de: “ao tema do presente do indicativo e dos futuros dos temas”, leia-se : “ao tema do presente do indicativo dos temas #”.

P.188, linha 3ª antes do fim da página; p. 185, l. 13; p. 186, l. 1. Em vez de “pela mudança de l em palatal” leia-se “pela mudança de l em velar”.

P. 197, l. 9. Em vez de “que se cumpriram” leia-se “que se cumprirão”

P. 200, nas três últimas linhas. Em vez de “*audiueitis*” leia-se “*audiueritis*” e em vez de “*metuititis*” leia-se “*metueritis*”

P.228, §2-2-1, 1ª l. Em vez de “imperfectum”, leia-se “infectum”

P271, l. 4. Em vez de: “vir esse momento”, leia-se “vir nesse momento”

P. 277, l. 14. Em vez de: “Tabela 15” leia-se: “Tabela 14”.

P. 281, Tabela 19, as 6 últimas linhas, 4ª coluna, na segunda pessoa do singular em vez da desinência –m, leia-se a desinência –s: uelles, nolles, malles, ires, esses, posses.

P. 281, l. 4 e l. 19; P.286, l. 2 e l. 17. Em vez de “tabela 15”, leia-se “tabela 14”

Serviço de Biblioteca e documentação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Murachco, France Yvonne.

Uma Abordagem Não normativa dos fatos da língua latina / France Yvonne Murachco; orientador Pr. Dr. José Rodrigues Seabra filho-São Paulo, 2009
299 páginas, 1 volume.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas. Área de concentração: Letras Clássicas) Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

FOLHA DE APROVAÇÃO

France Yvonne Murachco

Uma abordagem não normativa dos fatos da língua latina.

Universidade de São Paulo, São Paulo

Aprovado em:

Banca Examinadora:

Prof. Dr. José Rodrigues Seabra Filho

Instituição FFLCH - USP.

Assinatura.....

Prof. Dr. Izidoro Blikstein.

Instituição FFLCH - USP

Assinatura.....

Prof. Dr. Luiz Antonio Lindo

Instituição FFLCH - USP

Assinatura.....

Prof. Dr. Juvino Alves Maia Junior

Instituição UFPb (Universidade Federal da Paraíba)

Assinatura.....

Prof^a. Dr^a. Patrícia Prata

Instituição UNICAMP

Assinatura.....

Ao Professor Dr José Rodrigues Seabra Filho cuja fé no meu projeto me incentivou a apresentá-lo e cuja dedicação me acompanhou com sabedoria ao longo desse trabalho.

A meu esposo, Henrique Graciano Murachco, cuja visão da língua grega orientou minha pesquisa sobre a língua latina, ao longo de infindáveis discussões sobre Aristóteles e Platão.

A minhas filhas, Cristina, Silvia e Karine, e aos meus netos, Jean-Baptiste, Arthur, Heloisa e Fernando, sol e alegria de minha vida, horizonte de tudo que desejo.

AGRADECIMENTOS

Como não agradecer a todos os que de uma forma ou de outra participaram deste trabalho ou por seus conhecimentos acadêmicos ou pela simpatia que demonstraram ou pela ajuda material ou afetiva que deram.

É difícil citar todos, mas quero lembrar a generosidade de Madame Sylvie Mellet que me mandou seu livro esgotado nas prateleiras das livrarias, as conversas com os professores Juvino Alves Maia junior e José Gabriel Trindade Santos, as críticas de Guilherme Mello Barreto Algodoal e de Marcos Martinho dos Santos na minha qualificação. De umas e de outras aproveitou-se a reflexão sobre a língua.

Agradeço ao grupo que frequentava o curso de grego da sexta-feira por tudo que aprendi com eles, e em particular a Ivonete e Mariana pelo interesse que manifestaram sempre pelo progresso do meu trabalho e por ser as amigas que são.

Agradeço a Magna, Hermes, Alcione pela leitura do meu trabalho, Marco Valério pela resolução de problemas de informática, insolúveis para mim.

Agradeço aos vizinhos do Condomínio Village, Lenide. Aldo e Ione, Nilton e Katia, Flávio e Malú, Tejo e Aurea, por serem amigos, compreensivos e tão prestativos.

Agradeço aos meus alunos da Universidade Federal de Campina Grande por todos os ajustes que me obrigaram a fazer para deixar mais clara a primeira abordagem da língua latina.

Toda obra finalizada é produto de um meio que abarca os diversos aspectos de nossa humanidade; nenhum é inferior ao outro e nenhuma realização intelectual depende exclusivamente do intelecto. Juntam-se-lhe a convivência, a generosidade, o amor sob todas as suas formas. Aproveito essa oportunidade para agradecer isso, que a vida me deu e continua dando.

RESUMO

MURACHCO F.Y. Uma Abordagem Não Normativa dos Fatos da Língua Latina. 2009. 295 f. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas e Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

Os primeiros questionamentos a respeito da linguagem vêm dos filósofos gregos. Interessavam-se em saber como as palavras se organizavam para formar mensagem inteligível. Depois dos estoicos, os pesquisadores da Biblioteca de Alexandria, diante da necessidade de estabelecer os textos dos quais recebiam lições diferentes, catalogaram os fatos de língua, e começaram um estudo da língua baseado sobre normas e regras. Mas a língua não se enquadra em normas rígidas e elas são frequentemente desmentidas pelo uso original que cada falante, *a fortiori* cada autor, faz dela, o que gera exceções. Uma aprendizagem baseada sobre regras e exceções se apresenta como pouco satisfatória para o intelecto. Quanto ao latim, ele apresenta tanto uma flexão verbal quanto uma flexão nominal; é por meio dessa última que são reveladas as relações estabelecidas entre as palavras pelo falante para comunicar-se com outra pessoa. Neste trabalho procura-se abordar o enunciado a partir de dois pontos: primeiro, sublinhando os significados que permeiam as relações expressas pelos casos para os nomes, pelos modos e tempos para os verbos, segundo, mostrando como as formas, parte física da palavra, se estabeleceram na diacronia, e se modificaram na oralidade sob o efeito da economia linguística. A língua originária, o indo-europeu, nos permitiu perceber que tanto cada um dos sufixos formadores dos casos -as desinências casuais- quanto cada um dos sufixos formadores da flexão verbal -sufixos modais, temporais e desinências verbais- contemplavam determinado significado; a diferença nas formas provém da oralidade. Antes de abordar a flexão, descrevemos as modificações fonéticas provenientes da junção dos sufixos desinenciais, modais ou temporais com o tema, já que essas modificações não dependem do significado ou do valor das palavras às quais se aplicam. No estudo das flexões, por necessidade metodológica apresentamos sucessivamente a flexão nominal e a flexão verbal. Para os nomes partimos do significado concreto que os casos tiveram certamente na sua origem e indicamos os valores que adquiriram, apoiando-nos sobre exemplos abonados de autores latinos; estudamos a seguir a evolução fonética das formas. Para os verbos destacamos os valores de aspecto -infectum, aoristo e perfectum- mantidos na língua no significado

senão na forma, e as intenções subjacentes a todo ato de fala reveladas pelo uso dos modos independentemente da presença de conjunções. Quanto às formas verbais, estudamo-las junto com cada um desses pontos e ao mesmo tempo sublinhamos que apresentam uma formação sem surpresa quando vistas na sua evolução fonética.

Palavras-chaves : flexão nominal, flexão verbal, fonética, semântica, diacronia .

ABSTRACT

The first investigations on problems of language goes back to the classical Greek philosophers. They were interested in knowing the way the words are put together in order to produce an intelligible message. Following the Stoics, the researchers of the Alexandria Library, pressed by the necessity of establishing the texts from which they received various informations, started cataloging language facts and undertook a study of language based on norms and rules. Yet language does not easily submit itself to rigid rules, which are often broken by the particular usage that each different speaker, and each author, make of it, always yielding exceptions. Apprenticeship based on rules and exceptions seems quite unsatisfactory to our mind. As for Latin, it is by the inflections of both nouns and verbs that the speaker makes up the relations among words, so that he can communicate with his interlocutor. In this paper, two ways are attempted the approach the enunciation: the first, underlining the meanings that pervade the relations revealed by the nouns' cases, by verbs' modes and times; the second, presenting the way the forms, the physical part of the word, have been established diachronically, and have been modified orally through the so called linguistic economy effect. The original language, the Indo-European, has allowed us to detect that each of the suffixes that shapes the cases - the casual desinences - as well as each of the suffixes that frame the verbal inflection - suffixes of mode and time as well as verbal desinences - contain a particular meaning; the difference of shapes comes from orality. Before paying attention to inflection, we have described the phonetical modifications proceeding from the connection of the suffixes of desinence, mode and time with the stem, since these modifications are independent from the meaning and value of the words to which they apply. In the study of the inflections, for methodological needs, we have presented both the nominal and verbal inflections. As for the nouns we have begun from the concrete meaning that the cases have certainly had in their origin, and then we point out the values added to them, relying on outstanding Latin authors; next, we studied phonetic evolution of forms. As for verbs, we made distinction to the values of aspect - *infectum*, *aoristo e perfectum* - kept by the language in the meaning, if not in the form and the subjacent intensions at all revealed word, in the utilization of the modes, independently of the conjunctions presence. As for the verbal forms, we work them together with each of these points, and, at the same time, we underline that they present a no surprising character, as far as their phonetic evolution is concerned.

Key-words : nominal inflection, verbal inflection, phonetics, semantics, diachronical.

RÉSUMÉ

Les premières questions soulevées par le langage viennent des philosophes grecs. Ils cherchaient à comprendre comment les mots s'organisaient pour former un message intelligible. Après les stoïciens, les chercheurs de la Bibliothèque d'Alexandrie, poussés par le besoin d'établir les textes dont ils recevaient des leçons différentes, cataloguèrent les faits de langue, et commencèrent une étude fondée sur des normes et des règles. Mais la langue ne s'encadre pas dans des normes rigides: elles sont fréquemment démenties par l'usage original que chaque sujet parlant, et à plus forte raison chaque auteur, en fait, ce qui gère des exceptions. L'apprentissage d'une langue basé sur des règles et des exceptions paraît satisfaisant pour l'esprit. Quand au latin, qui flexionne tant ses noms que ses verbes, c'est par la flexion nominale que se révèlent les relations établies par le locuteur entre les mots pour communiquer avec autrui. Dans ce travail, on prétend aborder l'énoncé en latin de deux points de vue: d'abord en soulignant les signifiés qui imprègnent les relations exprimées par les cas pour les noms, par les modes et les temps pour les verbes, ensuite en montrant comment les formes, partie physique du mot, s'établirent dans la diachronie et se modifièrent à l'oral sous l'effet de l'économie linguistique. La langue originelle, l'indo-européen, nous a permis de percevoir que chacun des suffixes formateurs des cas –les désinences casuelles- aussi bien que chacun des suffixes formateurs de la flexion verbale –les suffixes de mode, de temps et les désinences verbales- avaient une signification définie; la différence dans les formes provient de l'usage oral. Avant d'aborder la flexion, nous décrivons les modifications phonétiques provenant de la jonction avec le thème des suffixes qui marquent désinences, temps et modes, vu que ces modifications ne dépendent pas du sens ou de la valeur des mots auxquels elles s'appliquent. Dans l'étude des flexions, pour des besoins de méthode, nous présentons successivement la flexion nominale et la flexion verbale. Pour les noms nous partons du sens concret que les cas avaient certainement à l'origine et nous indiquons les valeurs qu'ils acquérirent, en nous appuyant sur des exemples d'auteurs latins; nous étudions ensuite l'évolution phonétique des formes. Pour les verbes nous mettons en relief les valeurs d'aspect - infectum, aoriste et perfectum-, maintenues par la langue dans le signifié sinon dans la forme et les intentions sous-jacentes à tout acte de parole révélées par l'utilisation des modes indépendamment de la présence de conjonctions. Quant aux formes verbales,

nous les étudions au fur et à mesure, et nous soulignons en même temps qu'elles présentent une formation sans surprise quand elles sont vues à partir de leur évolution phonétique.

Mots clefs: flexion verbale, flexion nominale, phonétique, sémantique, diachronie.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	FORMAÇÃO DAS PALAVRAS NA LÍNGUA LATINA	18
3	MODIFICAÇÕES FONÉTICAS	27
4	O ENUNCIADO	45
5	A FLEXÃO NOMINAL	48
6	ESTUDO DOS CASOS: SIGNIFICADO E FORMA	55
7	ESTUDO COMPLEMENTAR À FLEXÃO NOMINAL	116
8	O VERBO	142
9	O ASPECTO E OS TEMAS ASPECTUAIS	146
10	AS VOZES E AS DESINÊNCIAS	160
11	OS MODOS E OS TEMPOS : SIGNIFICADO E FORMA	172
12	AS FORMAS NOMINAIS DO VERBO	247
13	CONCLUSÃO	287
14	BIBLIOGRAFIA	290

TABELAS

		Página
Tabela 1	Quadro sinóptico das formas do nominativo no singular e no plural	72
Tabela 2	Evolução das desinências do indo-europeu até o latim	124
Tabela 3	Desinência resultante nos temas em vogal	125
Tabela 4	Desinência resultante nos temas em semivogais, soantes e consoantes	126
Tabela 5	Temas neutros	126
Tabela 6	Temas em vogal	127
Tabela 7	Temas em consoantes, soante e semivogal	128
Tabela 8	Flexão dos pronomes pessoais	130
Tabela 9	Adjetivos e pronomes possessivos	131
Tabela 10	Flexão de <i>is</i> , <i>id</i> , <i>ea</i>	132
Tabela 11	Flexão do relativo e do interrogativo	135
Tabela 12	Flexão de <i>hic</i>	141
Tabela 13	Flexão de <i>iste</i> e de <i>ille</i>	141
Tabela 14	As desinências verbais	277
Tabela 15	Presente do Indicativo	278
Tabela 16	Exemplos do imperfeito do indicativo	279
Tabela 17	Exemplos do futuro do indicativo	280
Tabela 18	Exemplos de eventual infectum.	281
Tabela 19	Exemplos do possível infectum	281
Tabela 20	Desinências do Imperativo	282
Tabela 21	Presente do Imperativo	282
Tabela 22	Futuro do Imperativo	283
Tabela 23	As desinências verbais do perfeito do indicativo	283
Tabela 24	Perfeito do indicativo: temas ; primeira e segunda pessoa do singular	284
Tabela 25	Flexão de um perfeito do indicativo: tema <i>amau-</i>	284
Tabela 26	O futuro do indicativo aoristo/perfectum	285
Tabela 27	O mais-que-perfeito do indicativo aoristo/perfectum	285
Tabela 28	O eventual do aoristo/perfectum	286
Tabela 29	O possível aoristo/perfectum	286

Símbolos utilizados no texto:

T. significa “Tema da palavra que segue

* colocado antes de uma palavra significa que se trata de uma forma reconstituída.

> a palavra anterior deu a palavra seguinte

< a palavra anterior vem da palavra seguinte

INTRODUÇÃO

Costumamos considerar a gramática como o fundamento imprescindível de qualquer estudo que tenha o conhecimento de uma língua como finalidade. Mas o primeiro canal da aprendizagem da língua materna é o ouvido; a criança repete o que ouve, erra e corrige o erro até o momento em que percebe a lógica das formas que usa para comunicar e começa a aplicar essa lógica de modo sistemático, por vezes erradamente. Refiro-me a formas como “eu sabo”, usado nessa fase para dizer “eu sei”, que manifesta certa percepção da construção da conjugação. Os pais e a escola não demoram em corrigir esses erros, correções que a criança aceita sem explicações, impostas pela autoridade do adulto. Quanto à aquisição das línguas estrangeiras, sejam elas modernas ou antigas, ela se dá por meio dos estudos gramaticais. Ora a gramática tal como é apresentada aos estudantes é um compêndio de regras e de formas que não de ser decoradas e aplicadas. Poucas explicações são dadas sobre o funcionamento lógico intrínseco a toda língua.

Essa abordagem autoritária e abstrata dos fatos de língua costuma fazer da gramática uma matéria detestada e temida pelos estudantes que não percebem senão um formalismo externo sem sustento lógico

Saussure (1960, p. 184) queria estender o estudo gramatical a algo mais que regras:

A gramática estuda a língua enquanto sistema de meios de expressão... Nossa definição não concorda com aquela mais restrita que é dada geralmente. É, com efeito, à morfologia e à sintaxe reunidas que se convencionou chamar gramática, enquanto desta é excluída a lexicologia ou ciência das palavras.¹

E conclui: “As divisões tradicionais da gramática podem ter utilidade prática, mas não correspondem a distinções naturais e não são unidas por nenhum liame lógico. A gramática não pode edificar-se senão sobre um princípio diferente e superior.”² A nosso ver, Saussure alude aqui à preeminência do sentido revelado pelas formas, sobre a classificação morfológica e a normatização da sintaxe.

1 “La grammaire étudie la langue en tant que système de moyens d’expression... Notre définition ne concorde pas avec celle plus restreinte qu’on en donne généralement. C’est en effet la morphologie et la syntaxe réunies qu’on est convenu d’appeler grammaire, tandis que la lexicologie ou science des mots en est exclue.”

2 “Les divisions traditionnelles de la grammaire peuvent avoir leur utilité pratique, mais ne correspondent pas à des distinctions naturelles et ne sont unies par aucun lien logique. La grammaire ne peut s’édifier que sur un principe différent et supérieur.”

A reflexão sobre a língua não foi primeiro um trabalho classificatório e normativo. A primeira investigação tentava desvendar como e por que as palavras significavam. De fato, a maneira como os nomes dizem as coisas pareceu aos antigos algo mágico; pensavam que o nome próprio tanto dos deuses quanto dos homens indicava apropriadamente o modo de ser de seu possuidor. A procura da verdade começava pela observação da adequação do nome ao que é nomeado, em particular procurando uma etimologia dos nomes dos deuses e dos homens.

Mas o nome, ou melhor a palavra em si, não diz nada, só designa, e como diz Platão (Sofista, 262b) uma sucessão de palavras, sejam elas nomes ou verbos, não chega a formar um enunciado, isto é, uma expressão inteligível.

De fato, a maior preocupação dos filósofos gregos em relação à linguagem era entender como se organizam as palavras para significar algo que seja conforme à realidade, como e até que ponto o que é dito desvela essa realidade, ou em outras palavras, afiança a “verdade”.

A pesquisa sobre a língua então se desenvolve sobre dois aspectos; interroga-se concomitantemente sobre o significado da palavra em si e sua parte de veracidade em relação ao objeto que nomeiam e sobre o enunciado, isto é, como as palavras se combinam entre si para dizer alguma coisa.

No entanto, a partir dos alexandrinos desenvolveu-se uma pesquisa que tomou como foco a língua nas suas relações formais, o que deu origem à gramática descritiva e normativa, forma sob a qual ela vingou até nossos dias.

Até que ponto a visão formal da língua dá conta do sentido? É evidente que ela se expressa por meio de formas, e tem uma existência objetiva e concreta; no entanto, não seria necessário reencontrar o significado primitivo dessas formas e usar isso para melhor entender a mensagem que o texto quer transmitir?

1- A GRAMÁTICA

Vamos descrever rapidamente o caminho que os antigos percorreram no seu estudo da língua e tentar mostrar em que sentido e de que maneira podemos, no latim, inferir significado sob a aparente complexidade das formas da língua.

A primeira dificuldade, quando se deseja expressar alguma idéia, é observar, com Heráclito, que apesar de ser “comum a todos” o “logos não é entendido por todos”³. Por isso, dirá Platão (Timeu, 29b-c),

assim como deve haver distinção a respeito da imagem e do seu modelo, assim também em relação às palavras daquelas coisas de que são condutoras, e de que também são congêneres: de um lado então há as palavras que designam o que é permanente e firme e que, junto com uma mente clara, são permanentes e não sujeitas à mudança ... do outro lado há as palavras sobre o que foi copiado daquilo e é imagem, as quais são parecidas e são segundo uma razão daquelas.”⁴

As palavras são condutoras de sentido e têm parentesco com as coisas das quais elas falam; no entanto elas não são essas mesmas coisas. E o homem, por ser homem, sofre de limitações para expressar a essência das coisas; só pode expressar o verossímil: “só pode almejar apresentar palavras verossímeis, o mínimo que seja.”⁵(PLATÃO, 29c)

O grau de concordância das palavras com a realidade é o tema central do Crátilo (apud PLATÃO). O grau de propriedade dos nomes dados às pessoas e às coisas não é uma questão nova. Heródoto apresenta assim a problemática da nomeação: “Penso que Hesíodo e Homero são quatrocentos anos mais velhos que eu e não mais; são eles que compuseram poemas para os gregos sobre a genealogia dos deuses, que deram aos deuses suas apelações, distinguiram suas funções e habilidades e desvelaram suas aparências...”⁶ (HERODOTO, 2,53,4) Os filósofos pitagóricos vêem uma pessoa divina ou quase na origem da atribuição dos nomes. Os Sofistas, antes de Platão, ao questionar “a um tempo a origem e a validade dos saberes humanos e dos costumes, opondo natureza (*phýsis*) e convenção (*nómos*)...” notam

3 apud HERÁCLITO, frag. 1

4 ὥδε οὖν περὶ τε εἰκόνης καὶ περὶ τοῦ παραδείγματος αὐτῆς διοριστέον, ὥς ἄρα τοὺς λόγους, ὧν πέρ εἰσιν ἐξηγηταί, τούτων αὐτῶν καὶ συγγενεῖς ὄντας· τοῦ μὲν οὖν μονίμου καὶ βεβαίου καὶ μετὰ νοῦ καταφανοῦς μονίμους καὶ ἀμεταπτώτους—καθ’ ὅσον οἶόν τε καὶ ἀνελέγκτοις προσήκει λόγοις εἶναι καὶ ἀνικῆτοις, τούτου δεῖ μηδὲν ἐλλείπειν—τοὺς δὲ τοῦ πρὸς μὲν ἐκεῖνο ἀπεικασθέντος, ὄντος δὲ εἰκόνης εἰκότας ἀνὰ λόγον τε ἐκείνων ὄντας·

5 ἄρα μηδενὸς ἦττον παρεχόμεθα εἰκότας.

6 Ἡσίοδον γὰρ καὶ Ὅμηρον ἡλικίην τετρακοσίοισι ἔτεσι δοκέω μέο πρεσβυτέρους γενέσθαι καὶ οὐ πλέοσι· οὗτοι δὲ εἰσι οἱ ποιήσαντες θεογονίην Ἑλλήσι καὶ τοῖσι θεοῖσι τὰς ἐπωνυμίας δόντες καὶ τιμὰς τε καὶ τέχνας διελόντες καὶ εἶδεα αὐτῶν σημῆναντες·

repetidamente “a distância e o contraste entre os nomes e as coisas (*onomata* e *pragmata*).”⁷ (GAMBARARA, p. 86). Platão, ao examinar a propriedade dos nomes constata: “A língua não contém a herança de um passado de sabedoria e de verdade... Ela comporta também uma parte de inteligibilidade já que cada nome tende a discriminar e a ensinar o que é a coisa.”⁸ (DIXSAUT, 2000, p. 171-172). Em consequência, a verdade, isto é, a conformidade do que se diz com a realidade, não se encontra na palavra isolada mas no enunciado, composto de nomes-sujeitos e de verbos-predicados.

É essa linha que Aristóteles desenvolve por exemplo no *Περὶ ἑρμηνείας*. Ele parte da definição do som vocal, da sua organização em sílabas, as quais formam um nome ou um verbo. Estuda em seguida o que é nome e o que é verbo, e como se articulam para dizer alguma coisa. O professor Baratin no seu estudo sobre a história da gramática latina observa:

Aristóteles está essencialmente preocupado com o problema do significado dos elementos que ele define e mais precisamente pelo grau de significação desses elementos... A forma flexionada do nome e do verbo resulta de uma transformação que permite a cada um significar diversas relações suplementares. O enunciado por fim caracteriza-se pelo fato que é portador de um significado único apesar de provir da combinação de diversos elementos que são eles mesmos portadores de significado.”⁹ (BARATIN, p. 192)

O esforço dos estoicos para explicar o mundo de um modo coerente reflete-se também na análise que fazem da língua.

Sob o nome de dialética os estoicos pretendem descrever o conjunto de ferramentas e mecanismos que organizam a linguagem e que regem suas relações com o mundo que ela descreve, isto é o conjunto dos instrumentos e das regras que permitem falar com exatidão da realidade.”¹⁰ (BARATIN, p. 195)

A lógica estoica reúne elementos que encontramos dispersos em Platão e Aristóteles, e foi considerada como sendo a origem da descrição gramatical sistemática que conhecemos.

7 Les Sofistes (450) “questionnent en même temps l’origine et la validité des connaissances et des coutumes, en opposant “nature” (*phýsis*) et “convention” (*nómos*)...(En polémique avec la conception archaïque), l’écart et le contraste entre les noms et les choses (*onomata* et *pragmata*) est remarqué plusieurs fois.”

8 “La langue ne contient pas l’héritage d’un passé de sagesse et de vérité. ... Elle comporte aussi une part d’intelligibilité, puisque chaque nom tend à discriminer et à enseigner ce qu’est la chose.”

9 “Aristote est essentiellement préoccupé par le problème de la signification des éléments qu’il définit, et plus précisément par leur degré de signification... La forme fléchie du nom ou du verbe résulte d’une transformation qui leur permet à chacun de signifier diverses relations supplémentaires. L’énoncé enfin se caractérise par le fait qu’il est porteur d’un signifié unique tout en résultant de la combinaison de plusieurs éléments qui sont eux-mêmes porteurs d’un signifié.”

10: “Sous le nom de dialectique les Stoïciens entendent décrire l’ensemble des instruments et des mécanismes qui organisent le langage et qui régissent ses rapports au monde qu’il décrit, c’est à dire l’ensemble des instruments et des règles qui permettent de parler avec exactitude de la réalité.”

Todos esses pensadores no entanto dirigem o foco de sua inquirição sobre o significado do ato de fala e a maneira segundo a qual ele reflete um pensamento inteligível.

A partir dos alexandrinos a gramática começou a adquirir a forma sob a qual a conhecemos hoje. Antes deles, que era a gramática para os gregos? “γράμμα” é propriamente a coisa gravada, o desenho do signo que representa a fala na tábua de cera, signo que de silábico (cada signo representava o som de uma emissão de voz, isto é de uma sílaba) passou a alfabético (em que cada letra representava um som isolado), progresso imenso na escrita, já que se pôde reduzir a representação dos sons a 24 letras que, combinadas, cobriam quase toda a gama fônica. Esse imenso progresso tornou-se possível graças ao estudo que servia de base para a formação dos jovens helenos, isto é, o estudo da música e dos textos dos poetas.

É dentro do quadro da *mousiké* que começam a ser classificados os sons elementares em vogais, semivogais e mudas, do ponto de vista da articulação e da acústica... O ponto importante é que essas pesquisas fonéticas estão subordinadas a uma visão de conjunto da palavra poética que as justifica e as orienta.¹¹(DESBORDES, p. 157).

Os textos de Homero eram decorados, e a leitura, primeiro, foi um apoio para a memória; ler era re-conhecer (ἀναγιγνώσκειν) um texto poético já conhecido, e esse exercício permitiu a seguir enfrentar um texto novo e decifrá-lo: tratava-se de distinguir sucessivamente as letras, as sílabas dentro da coisa gravada e recompor as palavras até chegar ao significado do enunciado, operação complexa quando se sabe que os textos não apresentavam nem separação entre os termos, nem signos diacríticos. A gramática foi primordialmente um exercício de re-conhecimento do texto, um exercício de leitura, um trabalho técnico, trabalho essencial no entanto, já que se juntava a isso o estudo dos textos.

Esse conhecimento das letras (*grámmata*) é a especialidade evocada por Platão quando fala de gramática (*Sofista*, 253a), arte que consiste em conhecer quais das letras se combinam com as outras. A função do professor era ensinar a ler e escrever, comentando os textos a partir dos quais se praticava essa aprendizagem,

11 “C’est dans le cadre de la “mousiké” qu’on commence à classer les sons élémentaires en voyelles, semi-voyelles et muettes, en terme d’articulation et d’acoustique....Le point important est que ces recherches phonétiques sont subordonnées à une vue d’ensemble de la parole poétique qui les justifie et les oriente.”
Observação: as consoantes são consideradas mudas por não produzirem som por si mesmas.

isto é, os textos homéricos. Era um ensino elementar amplo que dava acesso aos textos que constituíam a base da cultura da época.¹² (BARATIN, p. 200-2001)

Essa técnica da leitura ganhou em torno do segundo século a.c. outra função. A fundação da Biblioteca de Alexandria reuniu manuscritos diversos cujas lições muitas vezes diferiam entre si. A necessidade de estabelecer os textos, de comentá-los e de justificar as opções feitas determinou o seu estudo filológico. Era natural que essa função recaísse sobre os professores de gramática, como o sublinha Baratin (BARATIN, p. 200-2001):

Os gramáticos eram, por formação, os mais aptos a realizar esse trabalho filológico... A gramática que era na origem somente uma prática pedagógica enriqueceu-se além disso da atividade filológica... Passou-se progressivamente da concepção da gramática como competência em matéria de texto a uma concepção da gramática como sistema da linguagem.¹³

A preocupação da dialética era encontrar os fundamentos de um enunciado verdadeiro, o quanto possível reflexo da realidade; a da retórica, descobrir como e por que o discurso persuade. Pronunciado diante de um público, exigiam-se dele certas qualidades. Aristóteles e Teofrasto estão entre os primeiros a descrevê-las e a sublinhar a necessidade da correção no enunciado. Ora,

Interessar-se por correção, é interessar-se pelo que, num enunciado, é independente das circunstâncias nas quais é emitido ou da pessoa que o pronuncia. A correção é problema de língua, não de discurso... É o significado da concepção da gramática como *tekhne*, como sistema, tal como ela aparece na passagem do segundo ao primeiro século antes de nossa era... Trata-se de deduzir regras gerais de funcionamento.¹⁴ (BARATIN, p. 203)

Para Varrão, César ou Cícero, tanto quanto para Quintiliano, essa preocupação se dava no quadro da retórica. Tratava-se de falar corretamente, e os estudos dos gramáticos apresentavam interesse não como normatização, mas como reflexão sobre a adequação do

12 “Cette connaissance des lettres (grámmata) est la spécialité évoquée par Platon lorsqu’il parle de grammaire (Sophiste, 253a). La tâche du professeur de grammaire était d’apprendre à lire et à écrire, en commentant les textes à partir desquels se pratiquait cet apprentissage, c’est à dire à partir des textes homériques. C’était un enseignement élémentaire large donnant accès aux textes qui constituaient la base de la culture de l’époque.”

13 “Les grammairiens étaient, par formation, les plus aptes à accomplir ce travail philologique... La grammaire qui n’était à l’origine qu’une pratique pédagogique, s’est enrichie secondairement de l’activité philologique... L’on est passé progressivement de cette conception de la grammaire comme compétence en matière de texte à une conception de la grammaire comme système du langage.”

14 “S’intéresser à la correction, c’est s’intéresser à ce qui, dans un énoncé, est indépendant des circonstances où il est émis ou de la personne qui l’emploie. La correction est affaire de langue, non de discours... C’est tout le sens de la conception de la grammaire comme *tekhne*, comme système, telle qu’elle apparaît au tournant des II-I siècles avant notre ère... Il s’agit de dégager des règles générales de fonctionnement.”

enunciado ao uso da língua, isto é à correção (*latinitas*) e à clareza (*explanatio*) das ideias a expor.

É evidente que essa preocupação com a qualidade da expressão tem pontos comuns com a dos gramáticos e filólogos. Dionísio Trácio começa sua Τέχνη com palavras que qualquer estudioso da retórica poderia assinar: “A gramática é o conhecimento empírico das coisas ditas a maioria das vezes pelos poetas e pelos escritores.”¹⁵ No entanto o ponto de vista já não é o mesmo e, depois das tradicionais observações para a leitura, passa à classificação das palavras como nomes, pronomes, verbos; enumera, define os termos usados para designá-las (nome, verbo, etc), mas não diz nada do seu funcionamento no enunciado. Essa concepção do estudo da língua foi seguida pelos gramáticos gregos e latinos durante séculos e a herdamos deles; o funcionamento da língua é visto como um sistema que se pode descrever e que engendra leis mais ou menos impositivas, mais ou menos imutáveis. As diferenças entre as diversas gramáticas produzidas consistem na organização da explanação. Mas todas enfocam a língua como um objeto acabado, passível de classificações e de cujas variações se podem deduzir leis.

2- ALGUMAS OBJEÇÕES

O resultado foi que com as divisões e subdivisões da gramática nos afastamos do significado. Ora, como constatou Saussure (1960, p. 144), não existe “entidade linguística senão pela associação do significante com o significado; quando consideramos um só desses elementos, ela desaparece.”¹⁶

A preocupação com o significado do fato de língua e com a exatidão do termo que o designa é a de Quintiliano quando, no programa de estudo que estabelece para os futuros oradores, aconselha que os professores de gramática comecem a formação dos seus alunos pelo estudo aprofundado da língua tanto na sua forma sonora e até fonética¹⁷, se podemos dizê-lo, quanto na sua forma semântica e procurem sob a similaridade das formas o verdadeiro significado dos casos. Assim, ultrapassando a identidade de forma que adquirem o ablativo e o instrumental em latim, o dativo e o instrumental em grego, sugere a existência de

15 Γραμματική ἐστὶν ἐμπειρία τῶν παρὰ ποιηταῖς τε καὶ συγγραφεύσιν ὡς ἐπὶ τὸ πολὺ λεγομένων.

16 “L’entité linguistique n’existe que par l’association du signifiant et du signifié; dès qu’on ne retient qu’un de ces éléments, elle s’évanouit.”

17 Não se satisfaz com a transcrição pela mesma letra “V” do que ele percebe como dois sons diferentes, o “u” vogal e o “u” soante que assimila ao digamma eólico: “*ut in his, seruus et uulgus, aeolicum digamma desideratur*” (que, nesses, seruus et uulgus não se encontra o digamma eólico)

um caso a mais porque o significado o exige: “que procure também se entre os gregos não haverá o valor de um sexto caso e entre nós também o de um sétimo; pois quando digo: “atingidos pela lança”, não uso a natureza do ablativo, nem do dativo se disser o mesmo em grego.”¹⁸ (QUINTILIANO, I,4,26). Poderíamos citar muitas outras observações perfeitamente pertinentes que mostrariam como a reflexão de Quintiliano responde às observações de Saussure sobre a relação indispensável a fazer entre a forma e o significado, relação que o estudo separado da morfologia, da sintaxe, da lexicologia e da filologia não qualifica de um modo suficiente.

Ao contrário, como Gaffiot (1906, p. 36) mostra, as rígidas regras que foram estabelecidas a partir da frequência do uso de certas formas nos textos dos autores latinos tiveram como consequência correções abusivas:

Quando um editor encontra nos manuscritos uma construção rara, que entra em choque com suas ideias ou que lhe parece incompatível com o que ele estima ser o uso do escritor, a maioria das vezes a corrige. Assim vivemos trabalhando sobre certos textos tradicionais, em que nada em geral vem contrapor-se à regra estabelecida; no entanto sobre quantos pontos seria preciso voltar às lições dos manuscritos!¹⁹

Daremos aqui um único exemplo apoiando-nos sobre a explicação de Gaffiot ²⁰: “*Nec enim licet iis, qui laudem cum dolore petendam esse dicant, negare eos esse beatos, qui illam adepti sunt.*” (Cic., Tusc. V,30,85) “De fato, aos que digam que o mérito deve ser procurado com o sofrimento, não lhes é permitido negar que são felizes os que o atingiram.” Gaffiot informa que Bake corregiu *dicant* em *dicunt* e *sunt* em *sint* alegando que “a primeira relativa designa uma categoria determinada de filósofos e que a segunda pertence ao estilo indirecto”, não se justificando nenhuma das duas correções, *dicant* expressa uma eventualidade – digam eventualmente – e *adepti sunt* um fato objetivo.

As regras e as leis são generalizadoras e não podem dar conta de todos os matizes do pensamento que a língua pode e deve expressar. As formas têm um valor semântico por si só e não por dependerem de tal verbo ou conjunção ou preposição. O significado vem antes. Se o verbo “querer”, no presente ou futuro, é seguido de um subjuntivo presente (diríamos: um

18 *Quaerat etiam sitne apud Graecos uis quaedam sexti casus, et apud nos quoque septimi; nam, quum dico, hasta percussu, non utor ablatiu natura, nec se idem graece dicam datiu*

19 “Quand un éditeur rencontre dans les manuscrits une construction rare, qui choque ses idées ou qui lui paraît incompatible avec ce qu’il estime être l’usage de l’écrivain, le plus souvent il la corrige. Et c’est ainsi que nous vivons sur certains textes traditionnels, où rien en général ne vient faire broncher la règle établie; pourtant que de points sur lesquels il y aurait à revenir aux leçons des manuscrits.”

20 apud (conforme) GAFFIOT, 1906, p.36 et seq. (e seguinte)

eventual), é que o objeto do querer só pode realizar-se na eventualidade. E se, numa relativa normalmente construída com um indicativo, o falante usa um eventual é que a intenção dele é dar o fato como eventual. Uma completiva pode expressar diversas nuances independentemente da forma do verbo principal; o português pode dizer tanto: “não sei se meus alunos estudam” quanto: “não sei se meus alunos consigam estudar”, ou “não sei se meus alunos estudariam”, implicando as diferentes formas do verbo da completiva, a cada vez, um valor diferente da ação. A primeira forma, indicativo, expressa simplesmente um fato: a ignorância a respeito do estudo dos alunos; a segunda, eventual, introduz a dúvida sobre a capacidade dos alunos para o estudo; a terceira, acrescenta uma hipótese à dúvida. O verbo principal não muda; nos três casos é uma eununciado negativo, e é ele que recebe conotações de dúvida do modo da subordinada... Quem fala é o “dono” do discurso; é ele que sabe o que tem a intenção de dizer; para expressar-se tem à sua disposição uma variedade de formas aceitas por sua comunidade linguística -todas as quais têm um significado preciso e presente na mente dos seus interlocutores- e escolhe aquelas que lhe convêm para expressar seu pensamento com a maior exatidão possível. O essencial no discurso é o significado, não porque depende de uma ou outra regra, mas porque uma forma dada é a que vale para expressar um significado determinado que há de ser apreendido pelo destinatário da mensagem, com todos seus matizes.

3- COMO ABORDAR O ESTUDO DAS LÍNGUAS ANTIGAS.

Todo ato de fala apresenta duas faces: uma intelectual, a mensagem, se forma na mente do emissor, outra física, a enunciação dessa mensagem, feita de sons significantes. A primeira atividade é certamente a construção da mensagem: quero dizer alguma coisa, vou procurar nos meios que a língua oferece as formas que permitirão expressar meu pensamento da maneira mais exata possível. Todo ato de comunicação, seja ele escrito ou gestual, obriga primeiro a mentalizar o que se quer comunicar.

Mas, a comunicação entre os seres humanos se faz por meio de emissão vocal, de palavras, isto é, de um ato físico que implica uma série de órgãos. Ora, esses não se submetem a qualquer tipo de articulação: se um som é pronunciado de certa maneira, ao associar-se com outro som, o local de articulação muda e pode influenciar de forma drástica a pronúncia de cada um dos sons.

O grego, o sânscrito, o latim e quase todas as línguas europeias têm a mesma origem: dialetos indo-europeus. Essa origem comum permite estabelecer comparações essenciais para entender como se formaram essas línguas. O aspecto de cada uma, num momento determinado, depende da forma que tiveram as palavras na sua origem e das transformações fonéticas que sofreram até então. Os fonemas que nomeiam um objeto ou uma ação, que, como prefixo ou sufixo, acrescentam significado a uma raiz ou que, como desinência, marcam o caso nos nomes, a pessoa e a voz nos verbos podem ter sido arbitrários quando apareceram; mas, uma vez aceitos na língua, têm caráter obrigatório. As modificações desses fonemas não são arbitrárias: as mesmas situações fonéticas terão o mesmo tratamento numa época determinada, devido a uma certa maneira de pronunciar o fonema em questão, naquele momento: o rotacismo do –s- intervocálico, por exemplo, deu-se antes do terceiro século antes de Cristo e não se produziu mais depois. Essa evolução histórica permite deduzir sob a complexidade aparente das flexões dos nomes e dos verbos uma regularidade que seu aspecto final não deixa perceber.

Se houve arbitrariedade quando apareceram os fonemas significantes não há qualquer arbitrariedade no seu significado e no seu uso uma vez estabelecido seu valor linguístico. Por isso, não é de estranhar a pergunta de Quintiliano sobre o caso suplementar nas línguas grega e latina, porque para ele caso era o mesmo que função, relação dentro do enunciado, isto é, maneira organizada de ligar as palavras para transmitir uma mensagem e a similitude da desinência não implicava uma paridade de função. O formalismo das denominações esvaziou do seu significado tanto o caso dativo do grego quanto o caso ablativo do latim quando se colocou debaixo da mesma etiqueta o instrumental, o locativo e o dativo numa, o instrumental, o locativo e o ablativo na outra, por causa da identidade das formas, mera consequência das modificações fonéticas de antigas desinências originalmente diferentes. Também hoje, sob a mesma etiqueta de “adjunto adnominal” a gramática portuguesa reúne relações diferentes: o adjetivo epíteto e o complemento do nome, que as línguas latina ou grega não confundem em absoluto.

Nossa proposta é tentar outra abordagem dos fatos de língua, destacando-lhes a lógica e a organicidade. As formas têm significado dentro do enunciado: não é porque tal palavra termina com um “m” que está no acusativo, mas porque ela está no acusativo usa a desinência que indica o caso acusativo; da mesma forma, o caso acusativo é usado com tal verbo não porque é regime desse verbo, mas porque a ação se dirige para o objeto e esse fato se expressa pelo acusativo. É o significado da transitividade: “O dono vê o escravo” significa que a ação

realizada pelo dono, a de ver, encontra sua complementaridade no objeto visto, o escravo; “ver o escravo” é ação completa não dissociável dentro do discurso; essa complementaridade expressa-se com o acusativo: “*Dominus uidet seruum*”. As declinações comportam uma quantidade desencorajadora de paradigmas diversos, sem contar as exceções; será que uma abordagem diferente não permitiria entender melhor essa diversidade?

A oralidade que predominou durante séculos em populações que ocuparam territórios diferentes, já habitados por povos que tinham uma língua diferente, levou à diferenciação da língua originária. Mas, o ponto de partida é o mesmo. E embora o estudo de um estado de língua só possa ser sincrônico, é pelo estudo diacrônico que podemos perceber o quanto a língua é um conjunto organizado e lógico. O significado é expresso por formas, mas, dentro do enunciado, a forma sempre é submetida ao significado. Não podemos dissociar os dois aspectos da expressão; um depende absolutamente do outro. Assim se examinarmos os verbos ditos irregulares, perceberemos que os que não têm formas “normais” de *perfectum* são verbos que, na origem, só significavam a ação no seu desenvolver, na sua imperfectividade, como o verbo “*esse*” por exemplo. Não há irregularidade nisso. Há uma evolução da ideia de “ser”, que passou de um valor absoluto –o de existir- a um valor de cópula –ser alguma coisa- ou ao de existir em algum lugar –estar em-, evolução que colocou um importante problema metafísico para Platão. No Timeu, Platão afirma que só se pode dizer da essência (*ἡ οὐσία*), que ela é, e só dizê-lo no presente do infectum, enquanto no Parmênides se interroga sobre a possibilidade de dizer “o que não é”, (*τὸ μὴ ὄν*). No Sofista, resolve o debate distinguindo os diversos valores “do que é”. Ao valor do “ser” absoluto, existencial, contrapõe seu valor predicativo: graças ao fato que as essências podem ter participação umas com outras, “ser” permite associar duas realidades diferentes tais como a identidade e a qualidade: posso dizer por exemplo “Sócrates é sábio”, associando a sabedoria à pessoa de Sócrates por meio do mesmo verbo que dá conta de sua existência. Só assim é permitido dizer algo de alguma coisa, sem encerrar-se na tautologia.

Essas problemáticas põem em relevo o significado primitivo da raiz *es-*, que era absoluto e que devido à sua evolução precisou buscar em outras raízes as formas que semanticamente lhe faltavam. Veremos que vários verbos seguiram o mesmo caminho com as mesmas consequências.

4- O OBJETIVO DESTE TRABALHO

A gramática cumpre seu papel de informação sobre o sistema e a organização da língua. É um instrumento de grande utilidade tanto para as línguas antigas quanto para as línguas modernas. Mas, tem limitações como todo estudo e todo trabalho. A exposição do significado das formas na sua relação de umas com as outras é mais normativo que explicativo. No entanto, não pretendemos à uma abrangência maior que aquela proposta por tantos trabalhos de alta erudição. Modestamente tentamos focalizar os fatos da língua latina com uma ótica um pouco diferente. Pretendemos mostrar que as línguas obedecem essencialmente a princípios de lógica e respeitam o semantismo das formas, e que a diversidade dos enunciados expressa sempre intenções que usam os recursos oferecidos pela língua. Por tão diversos e variados que sejam esses recursos são impostos não por formas catalogadas mas pelo significado intrínseco das formas, associado às intenções do locutor.

A fala é um código. Os sons são a matéria concreta do discurso e formam as palavras que carregam o sentido; a organização delas no enunciado revela um pensamento e essa organização é fundamentalmente significante: assim em toda língua flexionada o nominativo nomeará, o genitivo determinará uma origem, etc. Todo verbo tem marcas de aspecto, de modo, de tempo. Veremos que os diversos significados dos casos nominais se atêm sempre a um significado fundamental que derivações ou analogias diversificam sem sair no entanto da sua base semântica. As formas dos verbos também expressam intenções que não mudam essencialmente de uma língua para outra.

O que muda, são as formas; variam desde a origem da língua até a época em que são usadas. Dependem por uma parte de como foram constituídas, por outra parte dos meios concretos, fonéticos, postos em obra pelo falante. Cada povo cria sua própria língua a partir de um substrato preexistente. O mesmo substrato é modificado pelas comunidades de falantes, pois cada comunidade modifica as palavras a partir de seus próprios sistemas de sons. Mas o enunciado é muito mais que um conjunto de palavras acumuladas. Revela informações e intenções do emissor da mensagem. A mensagem, a intenção vem antes de sua enunciação. Pretendemos seguir essa lógica na nossa exposição. Antes de mostrar como se chegou à forma concreta, individualizada, do enunciado em latim, estudaremos o que as formas significam e o que cobrem as designações gramaticais que lhes foram dadas. Se as formas são essenciais para falar, não o são menos as vontades de expressão que sustentam.

Sabemos que explicar é dividir, considerar cada ponto um depois do outro, e isso contradiz o verdadeiro uso da língua em que nada é separado, pois cada elemento de um

enunciado, colocado no lugar necessário, acrescenta significado ao conjunto. Nos submetemos evidentemente à necessidade da exposição. Porém, evitaremos separar morfologia e sintaxe, pensando que um é a parte concreta do outro. E, convencido da preeminência do significado, em cada ponto o apresentaremos em primeiro lugar, antes do estudo das formas e de sua evolução, pois pareceu-nos lógico partir do que vem antes, isto é, da intenção de dizer alguma coisa, e prosseguir com a realização objetiva do ato de fala por meio das formas adotadas por uma língua determinada para objetivar essa intenção.

No decorrer do trabalho, tentaremos mostrar como formas e significados são profundamente unidos e como a visão diacrônica da língua pode esclarecer e simplificar o seu estudo. É a finalidade do trabalho de Chaignet (1875, Int., p. II-III) que, designando como gramática toda análise linguística, sugere o seguinte objetivo para esse tipo de estudo:

uma gramática nos deve fazer assistir ao nascimento e ao desenvolvimento das formas que as palavras tomaram; e como não as tomaram sem razão, deve dar-nos a razão de todas essas formas; e como só conhecemos verdadeiramente o que fizemos nós mesmos, uma boa gramática deve ensinar-nos a refazer, a reconstruir essas formas gramaticais, obedecendo às leis que lhes presidiram à criação.”²¹

21 “Une grammaire doit nous faire assister à la naissance et au développement des formes que les mots ont prises; et comme ils ne les ont pas prises sans raison, elle doit nous donner la raison de toutes ces formes; et comme on ne connaît vraiment que ce que l’on a fait soi-même, une bonne grammaire doit nous apprendre à refaire, à reconstruire ces formes grammaticales, en obéissant aux lois qui ont présidé à leur création.”

FORMAÇÃO DAS PALAVRAS DA LÍNGUA LATINA

1- HISTÓRICO

Oriundo do indo-europeu, o latim é um ramo das línguas itálicas e era falado no *Latium "antiquum"* delimitado originariamente pelo Tibre, o Ânio, os Apeninos, pelo país montanhoso dos Volscos, enfim pelo mar, desde o promontório de Circei até a desembocadura do Tibre. Com as conquistas romanas o dialeto do Lácio se estendeu pela Península itálica, às ilhas mediterrâneas próximas, ao norte da África, à Espanha, à Gália, até à Récia e à Dácia. O contato com os povos dominados teve certamente alguma influência sobre a língua latina, mas não modificou essencialmente sua forma original.

Nosso conhecimento do latim vem dos escritos que chegaram até nós. Ora, a escrita parece ter se fixado tardiamente. Antes do século III a.c. quase não há registro de escrita e as inscrições que existem são obscuras e quase ininteligíveis.

Toda língua apresenta-se como um código usado por uma comunidade determinada. Que os nomes dados às coisas sejam arbitrários na sua origem, no entanto, uma vez aceitos pela comunidade, tornam-se obrigatórios, impositivos. Na sua origem, é provável que designassem objetos concretos, ações do quotidiano da comunidade. É provável também que a comunicação se tenha feito primeiro usando raízes simples. No entanto a necessidade de comunicação mais diversificada levou o usuário da palavra a associar essas raízes para formar novas palavras. O vocabulário tratando de assuntos abstratos só intervirá muito tempo depois, usando o fundo lingüístico do vocabulário "concreto", já constituído.

A primeira forma de expressão lingüística evidentemente é oral, e a oralidade normalmente faz intervir duas pessoas: o emissor da mensagem e o receptor, ou seja eu e tu. Este fato vai ter implicações importantes na expressão. Por isso, teremos como característica do vocativo e da 2ª pessoa do imperativo, no singular evidentemente, a ausência de desinência, por serem “eu” e “tu” o eixo do diálogo e não ser necessário então dar precisões sobre a pessoa implicada no enunciado. Também, para que a mensagem seja clara, ela deve usar símbolos claros e lógicos, facilmente identificáveis pelos interlocutores. O que nos leva a afirmar que nada é gratuito numa língua e se, no estado em que ela chegou até nós, depois de ter sofrido modificações causadas pelo uso e tendo sofrido um certo desgaste, nem sempre são

perceptíveis as formas primárias de seu modo de expressão, não é uma perda de tempo tentar entendê-las ou reconstituí-las. Ao contrário permite-nos visualizar de um modo menos fragmentário o gênio próprio à língua que nos interessa.

O grego tem uma vantagem sobre o latim. Saído do mesmo ramo lingüístico, desde tempos remotos, provavelmente o século XIII a.c., existiram os grandes poemas épicos da *Ilíada* e da *Odisseia* que os gregos conheciam de cor e que chegaram até nós através de transcrições posteriores porém fiéis ao que parece. Textos gregos, escritos nos diversos dialetos que os gregos falavam, registram formas diversas que, como certos arcaísmos da epopéia, nos permitem vislumbrar qual direção seguiu a evolução da língua.

Do latim, antes do 3º século a.c. não temos nada fora algumas inscrições (a mais antiga, do 6º século a.c., numa fíbula de ouro achada em Preneste); a mais antiga produção literária conhecida data da segunda metade do 3º século a.c.: versos de Livio Andrônico (272 a. c.), Ênio (239-169 a.c.), Plauto (251-184 a. c.), que escreveu comédias, textos de Catão, o Censor (234-149 a. c.), a prosa mais antiga da qual temos conhecimento.

Enquanto evoluía a língua falada, a língua escrita, literária, considerada como o uso correto, se fixava no 1º século a.c., codificada pelos autores latinos, enquanto se afastava da língua popular cujas modificações vieram a ser registradas muito tempo depois de se fixarem na oralidade. Algum registro desta fala popular temos nas comédias.

Em resumo, temos, no latim, uma língua que tem como tronco comum com muitas línguas ocidentais o indo-europeu do qual não se tem registro, uma língua oral que se distancia da norma culta, uma língua escrita algo artificial que vai sofrer influências da língua oral, mas da qual escritores vão defender a pureza (Cícero, por exemplo) dando-nos informações interessantes sobre a pronúncia, ou sobre as formas usadas popularmente. Esta evolução vai nos levar às línguas "latinas" faladas hoje que são o ponto de chegada -e não definitivo- do latim que pretendemos estudar. Dados os documentos que temos, referir-nos-emos ao latim clássico, mas sem desprezar nunca o modo como ele evoluiu, pois esta evolução em si é rica de ensinamentos.

Como dissemos anteriormente, nada é gratuito na língua. A fala contém uma mensagem e esta mensagem tem de ser apreendida pelo interlocutor; mas, sendo veículo de comunicação contínua, ela vai sofrer alterações na medida em que é transmitida oralmente, pois como diz Heráclito (fr. 101), "os olhos são melhores testemunhas que os ouvidos"²².

22 ὀφθαλμοὶ γὰρ τῶν ὤτων ἀκριβέστεροι μάρτυρες.

Como se produzem essas alterações? Evidentemente no sentido da simplificação. Nestas condições, em todo sistema linguístico temos movimentos que se completam ao mesmo tempo que são antagônicos: a mensagem, por uma parte fica mais complexa à medida que vai expressar conceitos mais complexos, por outra parte tem de permanecer clara para permanecer inteligível, e, em oposição, o sistema todo vai tender à simplificação, tanto morfológica quanto sintática. A língua pode parecer não evoluir no sentido da simplificação às vezes, mas esta complicação nos parece provir da necessidade de refinar o significado do enunciado, de evitar interpretações duvidosas.

Em primeiro lugar, o vocabulário estabelece-se a partir de raízes simples, das quais dissemos que elas representam fatos concretos, objetos ou ações. Podemos perceber que através das modificações das raízes, seja por prefixação, sufixação, infixação, se o sentido delas evolui, não deixam de conservar uma ligação estreita, metafórica que seja, com a raiz que lhes deu origem. A raiz “**cp-**” por exemplo contém a idéia de tomar na mão; a vogal **a** breve introduzida entre o **c** e o **p** mais o sufixo **yod** (que escrevemos **y**)²³ forma um tema verbal de infectum: **căpy-**. De “tomar na mão” passamos metaforicamente ao significado de “ocupar (uma cidade)”, de “aprisionar”, de “receber por testamento”, de “possuir”, e intelectualmente de “conceber” e “entender”, sentidos que encontramos quase todos também no verbo português: “captar”. Veremos como cada acréscimo determina o sentido subsequente de maneira perfeitamente lógica e orgânica, conservando suficientemente o seu próprio significado cada elemento.

Em segundo lugar, a simplificação dos fonemas é a resultante de modificações fonéticas que são físicas. Todas se dão no aparelho fonador onde são implicados, de maneira específica: laringe, cordas vocais, glote, boca com o céu da boca, língua, dentes. São sempre a consequência do que chamaremos “lei do menor esforço”, ou, de modo mais elegante, “economia linguística”: citaremos como exemplo a redução de ditongos, a assimilação de consoantes.

Mas estas modificações intervêm sempre da mesma maneira num momento histórico determinado: por exemplo, no latim, o fenômeno do rotacismo que se produziu no século IV a.c. não intervêm em empréstimos posteriores a outras línguas (ex: *rosa* [a rosa], *asinus* [o burro], conservam o -s- intervocálico).

23 A representação gráfica das semivogais, yod e digamma, é variável segundo os diversos autores. A letra digamma representava dois gammas sobrepostos, o que a deixava próxima da letra F: “ƒ”, a letra yod tem a forma “j”, próxima do jota de nosso alfabeto. Para evitar confusões, usamos as grafias “w” para a primeira e “y” para a segunda, considerando que poucas vezes esses signos aparecem dentro da nossa língua e que refletem razoavelmente os sons das semivogais e que são usados pelos melhores autores.

Contudo estas modificações podem deixar de intervir quando causariam uma descaracterização do núcleo semântico da palavra. Fenômenos de analogia podem também desviar a aplicação de leis fonéticas habituais.

A simplificação intervém também no desaparecimento de certas formas significativas: por exemplo as formas do aoristo, independentes em grego, passaram a confundir-se do ponto de vista formal com as formas do *perfectum* em latim.

2- CONSTITUIÇÃO DAS PALAVRAS.

Dizer que a palavra é um ato de fala significa que, por um lado, é um ato físico dependendo da produção de sons pelos órgãos apropriados e que, de outro lado, é uma ação intelectual porque é carregada de sentido e referente a um conceito. Chega-se, por meio da associação das palavras organizadas logicamente dentro de relações determinadas, à possibilidade de comunicação, à expressão de um pensamento, isto é, a um enunciado.

Veremos primeiro como as palavras se constituem para dizer alguma coisa. A língua evolui ao decorrer dos tempos; não é um elemento estável, definitivamente estabelecido. Para chegar a um certo estado cumpriu um longo caminho. É o caso do latim, ramo itálico do indo-europeu. Pensamos que a observação dessa evolução, isto é, o estudo diacrônico, pode mostrar que, do ponto de vista formal, a evolução fonética escondeu um sistema muito regular de formação, e que, do ponto de vista semântico, existe uma lógica intrínseca ligada aos valores de cada um dos segmentos das palavras.

2-1- FORMAÇÃO : RAIZ, TEMA, DESINÊNCIA

Podemos dividir as palavras do latim em dois grandes grupos pelo tratamento diferente que recebem dentro da língua:

- palavras flexionadas: nomes e verbos que formam o substrato de toda enunciação,
- palavras invariáveis: preposições e advérbios que pertencem ao enunciado elaborado, interjeições que constituem por si só um enunciado mínimo.

Os nomes e os verbos constituem-se sobre uma raiz, acrescida eventualmente de sufixos e de prefixos e completada por desinências quando se encontra dentro de um enunciado.

2-1-1- A raiz

Se retirarmos de uma palavra todos os acréscimos que recebeu para estender seu significado, encontramos a raiz. A raiz é o elemento mínimo que tem significado; remonta na maioria das vezes ao indo-europeu, e o estudo comparativo com línguas aparentadas permite reconstituir sua aparência. Segundo Meillet (1903, p. 149), “a maioria das raízes tinham formas nominais e verbais a sufixo zero,... e eram um elemento essencial do indo-europeu comum; a raiz era então, por si mesma e sem adição de nenhum sufixo, um tema utilizável, isto é, uma realidade concreta.”²⁴

É constituída em geral de uma única sílaba. Conservaram-se na língua latina palavras que representam uma raiz sem nenhum sufixo, a não ser o sufixo desinencial. Designam em geral forças da natureza²⁵, tais como *lūx* [luz, ou, melhor, aquele que produz a luz] do indo-europeu **leuk-/luk-*, *frūx* [força fecundadora, colheita], de **bhrug-*, termos rúscos, tais como *rūs* [campo], de **rew-*, nomes de animais, tais como *bōs* [boi], de **g^wōw-*, etc.

A não ser nos nomes que designam objetos ou animais (*rūs*, *bōs*), “a raiz indica por si mesma uma ação; se é provida de desinências verbais, marca o processo; se provida de desinências nominais designa a força íntima que determina a ação.” (MEILLET, 1903, p. 149). Assim os temas indo-europeus **leuk-* e **wek-* dão os substantivos *lux* [luz] e *uox* [voz] com desinência de nominativo e *luceo* [brilho] e *uoco* [chamo] com desinência verbal.

O elemento da raiz que se mantém realmente estável é o elemento consonântico. A vogal pode sofrer variações para expressar diversos significados: por exemplo, o alongamento do *ē* do **inflectum** de *lēg-* em *ē* no **aoristo/perfectum** > *lēg-* ou a modificação do *ā* de *cāp-* em *cēp-* para cobrir o mesmo significado.

2-1-2- O radical.

Sendo a raiz um elemento mínimo significante, a língua acrescentou significado a essa raiz juntando-lhe outros elementos: prefixos (que existem por outra parte como advérbios), sufixos (que colocam a palavra dentro de um campo morfológico ou semântico determinado), outra raiz que vem associar o seu significado ao da anterior. As vicissitudes fonéticas nem

²⁴ La plupart des racines avaient des formes nominales et verbales à suffixe zéro... et étaient un élément essentiel de l'indo-européen commun ; la racine était donc, par elle-même et sans additio d'aucun suffixe, un thème utilisable, c'est à dire une réalité concrète.

²⁵ Apud ERNOUT, 1954, p. 93

sempre permitem reconhecer a raiz originária. O radical e suas derivações são mais perceptíveis.

- Radicais formados a partir de duas raízes: **auī**-[ave] + **căp**-[ato de pegar] > **auceps** no nominativo com o significado: o que pega pássaro, caçador, passarinho.
- Radicais formados de uma raiz precedida de um prefixo (o prefixo muitas vezes é um antigo advérbio): **ab** (idéia de afastamento, de privação) + **ment**- (espírito, inteligência) > **amens** [insensato].
- Radicais formados de uma raiz e de um sufixo: sufixo **-tut-** ou **-tat-**, indicando a qualidade
 - **uīr**- [varão]+ **tut**-> **uirtus**, a qualidade do varão, coragem, virtude; **uer**- + **tat**- > **ueritas**, qualidade do verdadeiro, verdade
- Nos verbos, o **infectum** é às vezes aumentado de um infix, o que como veremos é condizente com o significado desse: raiz **frg**-, tema de **infectum frang**-, **frango** [eu quebro], tema de aoristo e perfectum **frēg**-, **frēgi** [eu quebrei].

2-1-3- O tema

O **tema** é a palavra inteiramente constituída como verbo, substantivo, adjetivo, pronome, com todos os seus elementos constitutivos (prefixos, sufixos) antes de receber as desinências, isto é, antes de ser incluída ao enunciado. Este tema pode ser simplesmente uma raiz, pode ser um radical. O tema contém o significado completo da palavra, situando-a como adjetivo, substantivo ou verbo, mas, estando fora do discurso, é um significado virtual que só se realizará dentro do enunciado, com a desinência expressando as relações com as outras palavras. Os temas nominais podem terminar por uma vogal breve **ă** ou **ō**, pela vogal longa **ē**, pelas semivogais **i** (**y/yod**) ou **u** (**w/waw** ou **digamma**), por qualquer consoante. Os temas dos verbos apresentam como fonema final as vogais longas **ā** e **ē**, as semivogais **y** e **w**, vocalizadas ou não, todas as soantes e consoantes. Os temas verbais preservam sua forma no seu contato com a desinência, introduzindo quando necessário uma vogal de ligação representada geralmente por **ī** ou **ū** em latim. Mas o contato com certas desinências nominais, especialmente a do nominativo singular, provoca modificações importantes no comportamento da palavra. No entanto todas são perfeitamente explicáveis. Pois como diz Max Müller, (T.I, p. 121)

Será que as declinações e as conjugações cresceram e desabrocharam como flores de uma árvore? Se precisamos contentar-nos de paradigmas e de regras práticas e

encarar as desinências dos nomes e dos verbos, seja como signos convencionais, seja como excrescências misteriosas, então a ciência da linguagem não existe.²⁶

2-1-4- As desinências

As desinências são sufixos que se acrescentam ao tema e indicam o caso dos nomes, isto é, sua relação com as outras palavras da frase; nos adjetivos e nos pronomes podem informar também o gênero. As desinências dos verbos flexionados indicam a pessoa. Sufixos aspectuais, temporais ou modais expressam o aspecto sob o qual é apresentada a ação, o tempo da ação no indicativo, futuro ou passado (o presente não tem sufixo temporal), o modo, eventual ou possível (o indicativo, modo da realidade não tem sufixo modal).

2-2- A FONÉTICA

A associação desses diversos elementos realiza-se no ato de fala. Isso implica transformações cuja origem é a associação de sons que às vezes não são claramente emitidos pelo falante e são mal percebidos pelo ouvinte seja pela proximidade com outros sons, seja porque implicam um esforço particular. As vogais são particularmente sensíveis a essas modificações; podem mudar de quantidade (alongar-se ou abreviar-se até a apócope), de timbre (sofrer apofonia), formar ditongos; as consoantes podem sofrer assimilação, dissimilação, etc.

Como são de fato o resultado de um problema mecânico e funcional e não semântico, as mesmas associações afetam do mesmo modo verbos e nomes. No entanto, certos sufixos (o *ē* do eventual nos temas em *-ā-* por exemplo) prevalecem sobre a forma fonética, por serem portadores de um significado preciso.

Certas modificações produziram-se numa época e depois pararam de produzir-se, provavelmente porque o modo de pronúncia tenha mudado. É o caso notadamente do fenômeno chamado rotacismo, em que o *-s-* intervocálico passou a *-z-* e depois a *-r-*, fenômeno que afetou grande parte do sistema da flexão verbal latina e não pouco da flexão nominal, mas só se produziu antes do terceiro século antes de Cristo. Niedermann nos informa que L. Papirio Crasso, ditador em 339 a.C. era chamado “Papísius” e que Ápio Cláudio

26 CHAIGNET, 1875, p. V (cita MÜLLER *Leçons sur la Science du Langage* vol. 1, p.121) “Les déclinaisons et les conjugaisons ont-elles poussé et se sont-elles épanouies comme les fleurs d’un arbre?... S’il faut nous contenter de paradigmes et de règles pratiques, regarder les désinences des noms et des verbes soit comme des signes de convention ou des excroissances mystérieuses, alors la science du langage n’existe pas.”

Caeco, cônsul em 307 e 296 a.C. substituiu a ortografia “*Valesii*” por “*Valerii*” e “*Fusii*” por “*Furii*”. (apud NIEDERMANN, 1953, p. 95)

Essas modificações tendem em geral a uma redução da palavra, redução muitas vezes impedida pela consciência linguística a fim de evitar confusões semânticas.

Como muitas das que chamamos "irregularidades, exceções" são de fato simples modificações devidas à fala e se explicam como fenômenos meramente fonéticos, parece-nos necessário expor sucintamente o que aconteceu com os vocábulos latinos no decorrer dos tempos. De fato, um tratado de fonética histórica do latim nos levaria muito longe e fugiria de nosso propósito que pretende só mostrar, do ponto de vista formal, como a junção do tema com as desinências provocou a diferenciação de formas que na realidade provêm do mesmo radical. Algumas são comprovadas em inscrições antigas, algumas deixam-se deduzir de fatos fonéticos acontecidos em línguas vizinhas. A complexidade do estudo provém de que, a partir da língua primitiva, cada som, vogal, soante ou consoante, há de ser tratado em si e em suas ligações com todos os outros sons, pois é essa relação, conjugada com a posição dentro da palavra, que produz as modificações. Assim o *ĕ* recebe tratamento diferente diante de *l* palatal ou velar (*uelle* e *uolt*), o *ŭ* no fim e no meio da palavra (*capŭt* > *capĭtis*). Às vezes o som evoluiu de modo diferente ao decorrer da história provavelmente por causa de modos diferentes de pronunciá-lo. Acrescentam-se a isso diferenças de pronúncia entre o uso da língua nas esferas da sociedade culta, nos escritores, e o uso do povo. Vemos às vezes esforços para voltar a uma forma etimológica da palavra com o restabelecimento de sons que a fonética tinha suprimido; por exemplo em *dē-esse*, que deu primeiro *dēsse* [faltar], o prevérbio *dē* foi restabelecido e temos *deesse*; o prefixo *ad-* modifica-se em *ar-* diante de *u* e *f* no latim arcaico e é restabelecido no latim clássico: *aruena* > *aduena* [estrangeiro].

Em consequência nos limitaremos à notação das modificações fonéticas que intervêm na palavra já constituída como tema, vista na norma culta do Iº século a.c., atendo-nos a mostrar como evoluíram foneticamente no encontro necessário do tema e da desinência.

Não pretendemos fazer aqui um tratado de fonética, mas simplesmente determinar as "leis" que presidiram a certas modificações importantes que nos permitem vislumbrar a evolução das palavras latinas na sua flexão e perceber a lógica intrínseca dessa evolução, de acordo com Chaignet (1875, int. p. IV, nota) quando considera que “para a razão, tudo é

inteligível, e a razão ela mesma não é senão a faculdade para a qual tudo é inteligível.”²⁷ o que o leva a afirmar: “esta palavra, *irregularidade*, que deveria ser banida do ensino gramatical, é a desculpa da preguiça e da ignorância, e não tem significado real.”²⁸

27 Pour la raison, tout est intelligible, et la raison même n’est que la faculté pour qui tout est intelligible.

28 “Ce mot, *irrégularité*, qui devrait être banni de l’enseignement grammatical, est la ressource de la paresse et de l’ignorance, et n’a pas de sens réel.”

AS MODIFICAÇÕES FONÉTICAS.

A palavra é um fenômeno essencialmente físico produzido na laringe pelo ar expelido dos pulmões; este ar produz um som modificado pelos diversos órgãos que intervêm na fala: laringe, glote, céu da boca, língua, nariz e lábios. A abertura ou o fechamento na passagem do ar, a posição da língua ou dos lábios, a localização da produção do som modificam-lhe o timbre. Toda língua é antes de tudo oral e obedece a regras fonéticas próprias, diretamente ligadas à pronúncia. De fato, a proximidade de uns sons com outros no momento de sua emissão os associa fácil ou dificilmente, como o tem notado Platão (Sofista, 252e-253a)

Como umas consentem em fazê-lo (misturar-se), e outras não, seria mais ou menos como as letras se comportam. Pois entre elas umas se opõem umas às outras, outras se compõem... Ora, as vogais, diferentemente das outras letras, ocorrem como liame entre todas, de modo que, sem alguma delas, é impossível combinar uma das consoantes com outra.”²⁹.

Os signos da escrita, as letras, foram usadas para representar os sons mas não cobrem toda a gama da emissão vogal. Apesar de ser uma representação muito aproximativa supriram a necessidade de fixar e transmitir a palavra falada para todos os fins necessários, memória, comunicação a distância e outros.

1- OS SONS EM LATIM.

1-1- Sua representação gráfica.

O latim tinha um alfabeto composto de vinte e um signos:

A B C D E F G H I K L M N O P Q R S T V X

O **J** e o **U** são signos introduzidos posteriormente, o primeiro para marcar o **I** soante, o segundo para o **V** vogal.³⁰

Além dessa grafia capital usada em inscrições oficiais na maioria das vezes e em particular gravada sobre monumentos, existia uma escrita cursiva para uso privado que variava segundo as épocas e segundo os escribas ou escritores.

29 ΞΕ. Ὅτε δὴ τὰ μὲν ἐθέλει τοῦτο δρᾶν, τὰ δ' οὐ, σχεδὸν οἶον τὰ γράμματα πεπονθότ' ἂν εἶη. καὶ γὰρ ἐκείνων τὰ μὲν ἀναρμοστεῖ που πρὸς ἄλληλα, τὰ δὲ συναρμόττει. ΞΕ. Τὰ δέ γε φωνήεντα διαφερόντως τῶν ἄλλων οἶον δεσμὸς διὰ πάντων κεχώρηκεν, ὥστε ἄνευ τινὸς αὐτῶν ἀδύνατον ἀρμόττειν καὶ τῶν ἄλλων ἕτερον ἑτέρῳ.

30 São as letras ramistas introduzidas por Pierre de la Ramée no fim da Idade Média.

1-2- O alfabeto

Aristóteles (*Περὶ Ποιητικῆς*, 1456b) distinguia os sons representados por letras segundo seu modo de produção:

As letras dividem-se em vogais, semivogais e mudas. Vogal é a letra de som audível sem encontro [dos lábios ou da língua]; semivogal, a que tem um som produzido por esse encontro, como o S ou R; a muda, como o G ou o D, é a letra que necessita da língua ou dos lábios, mas que só vem a ser audível quando unida a uma vogal ou a uma semivogal. Depois, diferem as letras de cada um destes grupos, pela conformação e pelo lugar da boca [na pronúncia], pelo modo áspero ou brando, longo ou breve, agudo, grave ou intermediário.”³¹

Apoiando-nos sobre este texto, distinguiremos as vogais, as semivogais ou soantes e as consoantes. Porém, entre as soantes, privilegiaremos o termo de semivogal para designar dois sons cuja característica é poder se constituir tanto como vogal quanto como soante, dependendo do contexto fônico em que se encontram: o yod e o digamma que não são individualizados do ponto de vista gráfico, mas têm uma forte presença fonética.

1-3- As vogais.

As vogais são modificações do som glotal produzido pelas cordas vocais superiores ou inferiores, com o sopro mais ou menos forte que vem dos pulmões.

Conforme a abertura ou o fechamento do aparelho fonador (boca) no sentido vertical ou horizontal é produzido esse ou aquele timbre da vogal. Os timbres extremos das vogais latinas são: **a**, abertura máxima e **i**, mínima, próxima à glote e a mais fraca. De uma a outra posição, há uma progressão de fechamento das vogais: as variantes do som **o** velares, redondas, e as variantes do som **e** glotais laterais (palatais).

Além de diferença de timbre, o latim reconheceu, na época clássica pelo menos, uma diferença de duração nas vogais: uma vogal longa tinha aproximadamente a duração de duas breves. Essa duração de tempo era também sentida como um desdobramento do tom: uma elevação da voz na primeira metade da vogal (*ársis*) e uma posição (*thésis*). Foi representada na escrita às vezes pelo redobramento da vogal longa ou pelo ápex, espécie de acento colocado sobre ela.

31 στοιχείον. ταύτης δὲ μέρη τό τε φωνῆεν καὶ τὸ ἡμίφωνον καὶ ἄφωνον. ἔστιν δὲ ταῦτα φωνῆεν μὲν <τὸ> ἄνευ προσβολῆς ἔχον φωνὴν ἀκουστήν, ἡμίφωνον δὲ τὸ μετὰ προσβολῆς ἔχον φωνὴν ἀκουστήν, οἷον τὸ Σ καὶ τὸ Ρ, ἄφωνον δὲ τὸ μετὰ προσβολῆς καθ' αὐτὸ μὲν οὐδεμίαν ἔχον φωνήν, μετὰ δὲ τῶν ἐχόντων τινὰ φωνὴν γινόμενον ἀκουστόν, οἷον τὸ Γ καὶ τὸ Δ. ταῦτα δὲ διαφέρει σχήμασιν τε τοῦ στόματος καὶ τόποις καὶ δασύτητι καὶ ψιλότητι καὶ μήκει καὶ βραχύτητι ἔτι δὲ ὀξύτητι καὶ βαρύτητι καὶ τῷ μέσῳ.

Podemos dizer então que o latim tem cinco vogais: A, E, I, O, U, que podem ser longas e breves, o que marcamos foneticamente pelos signos ($\sim$), a brachia, breve, e ($\bar{}$) a macron, longa.

1-4- As soantes

As soantes são sons intermediários entre consoantes e vogais. São produzidas por um fechamento incompleto dos órgãos da fala: são representadas pelas letras **F, L, M, N, R, S**.

O **S** nunca tem o som “z”, no latim clássico; **M** e **N** não nasalizam a vogal anterior; **L** é velar em sílaba final, diante de uma consoante ou de - $\tilde{e}$ breve ou em sílaba interna diante de -**a**, -**o**, -**u**, - $\bar{e}$; é palatal diante de -**i** ou quando geminado.

São soantes também o yod e o digamma, mas seu comportamento fonético os coloca numa categoria a parte.

1-5- As semivogais.

São um som intermediário entre a vogal e a soante; sua freqüente vocalização não pode fazer esquecer seu valor também freqüente de soante. São grafadas **I** (yod) e **V** (digamma ou waw) na escrita latina capital, como as vogais às quais são aparentadas; as chamaremos de yod e waw, seguindo Ernout. Mais tarde (no século XVI) o **i** representou ou **I** vogal, o **j** o **I** consoante enquanto o **u** representava o **V** vogal e o **v** o **V** consoante; os editores atuais adotam a escrita **i** e **u** tanto para vogal quanto para consoante, conservando a grafia **V** só em começo de frase. A pronúncia do yod aproximava-se do epsilon do francês em “yeux, pays”, a do waw do inglês “wat” ou do francês “oui”; quando necessário para alguma notação fonética marcaremos esses sons por **y** e **w** respectivamente.

1-6- As consoantes

As consoantes são produzidas pelo fechamento dos órgãos do aparelho fonador com ou sem explosão do ar, podendo ser sonoras ou surdas: são as guturais **c** e **g**, as labiais **p** e **b**, e as dentais **t** e **d**.

O **c** tem sempre a pronúncia “k” (ca), o **g** a pronúncia velar (ga).

O **q** é sempre seguido de u, o que marca o mesmo som “k” quando ganha um apêndice labial na pronúncia. O mesmo acontece com o **g** (>gu), quando tem esse mesmo apêndice labial.

O **x** representa dois sons: cs.

1-7 Outros signos do alfabeto latino

o **h** marca só a aspiração.

o **y** (com o som do francês **u**) e o **z** foram introduzidos para transcrever palavras gregas.

As aspiradas do grego **x, q, f**, foram transcritas pela surda correspondente, às vezes acrescida do **h** para marcar a aspiração original: **ch, th, ph**.

2- O ACENTO TÔNICO.

2-1- Propriedades do acento tônico

O acento tônico marca numa palavra a sílaba que é pronunciada de uma forma mais intensa. A sílaba tônica destaca-se das outras e em consequência pode provocar o enfraquecimento das sílabas vizinhas.

No latim, o acento tônico evoluiu. Na época pré-literária era um acento tônico de intensidade colocado sobre a sílaba inicial. Esse acento provoca modificações fonéticas mais importantes que o acento de elevação, com a queda, o fechamento, ou a abreviação de vogais em posição pré ou pós tônica, e o alongamento de vogal em posição tônica. Na época clássica, o acento veio a ser um acento tônico de elevação que poderíamos chamar de musical e que pode ter coincido com um acento de intensidade discreto. Posteriormente (a partir do 1º século d.c.), na língua popular, o acento voltou a ser um acento tônico de intensidade com regras específicas.

2-2- Posição do acento tônico

A posição do acento tônico no período literário e na língua culta era a seguinte:

- Os monossílabos não enclíticos levam o acento tônico.
- Toda palavra de duas sílabas é paroxítona (acentuada na penúltima -e primeira- sílaba).
- Nas palavras de três ou mais sílabas, é a quantidade da vogal da penúltima sílaba que determina a posição do acento tônico. A penúltima contém uma vogal longa: temos uma palavra paroxítona; a penúltima contém uma vogal breve: temos uma palavra proparoxítona (acentuada na antepenúltima sílaba).
- Não existem palavras oxítonas, com exceção de alguns paroxítonos que por motivos fonéticos perderam a última vogal: *illīcē* > *illīc*, lá, conserva a tônica sobre a sílaba *-lī-*.

- Os monossílabos enclíticos, -que, -ue, etc. modificavam geralmente o lugar do acento, trazendo-o sobre a penúltima sílaba da palavra: *ármă + que > armáque* (e as armas).

3- AS MODIFICAÇÕES FONÉTICAS: OBSERVAÇÕES PRELIMINARES

As modificações fonéticas são determinadas pela produção de sons no aparelho fonador; são um problema físico. Consequentemente, como o observa Niedermann (1953, p. 2-3) “são inconscientes, isto é, independentes da vontade e da reflexão dos sujeitos falantes. Operam-se com uma constância absoluta, vale dizer que, numa dada região, todos os fonemas ou grupos de fonemas que se apresentam nas mesmas condições se desenvolvem de forma idêntica.”³² O que provoca essas modificações é a lei do menor esforço, ou economia linguística. Numa mesma época, numa mesma região, são estáveis e constantes.

No entanto outros fatores podem vir a perturbar essa regularidade: um deles é o fenômeno de analogia que pode modificar a evolução de um fonema determinado. Mas

A analogia não age com a mesma fatalidade cega que as leis fonéticas. Isso vem, provavelmente, do fato de que ela tem causas psicológicas, muito mais complexas que as causas físicas que condicionam as mudanças fonéticas. De fato, a analogia produz-se sempre em função do sentido ou do papel gramatical; as modificações fonéticas, ao contrário, só atingem a imagem acústica das palavras, fora de toda consideração a respeito do valor intrínseco das palavras.³³ (NIEDERMANN, 1953, p.3)

Existem reversões de certas evoluções, por exemplo para garantir a ligação etimológica de uma palavra com outras de mesmo radical. A diferença de tratamento do *ě* de *contĭneo* (de com+*tĕneo*) [contenho], e de *comĕdo* [consumo], se explica pela necessidade de conservar a afinidade com *ĕdo*, tendo sido restabelecido o *ě* depois de uma primeira passagem a *ĭ*.

Podemos estabelecer os princípios seguintes em relação às modificações fonéticas:

³² Ces transformations sont inconscientes, c'est à dire indépendantes de la volonté réfléchie des sujets parlants. Elles s'opèrent avec une constance absolue, c'est à dire que dans une région donnée, tous les phomènes ou groupes de phomènes se présentant dans les mêmes conditions se développent de façon identique.

³³ L'analogie n'agit donc point avec la même fatalité aveugle que les lois phonétiques. Cela tient sans doute au fait qu'elle a des causes psychologiques, beaucoup plus complexes que les causes physiques qui conditionnent les changements phonétiques. L'analogie, en effet, se produit toujours en fonction du sens ou du rôle grammatical; les modifications phonétiques, au contraire, n'atteignent que l'image acoustique, en dehors de toute considération de la valeur intrinsèque des mots.

- elas são constantes dentro de uma posição determinada (sílabas interna ou final, sílaba aberta ou fechada³⁴, relação com o acento tônico), e numa época determinada,
- param quando chegam a descaracterizar a palavra, sendo sempre prioritário o significado; vogal que caracteriza a flexão não se modifica: por exemplo a vogal –ō- que marca a primeira pessoa do singular dos verbos se conserva e substitui o –ā- do tema; acontece o mesmo com o –ē-, marca do eventual dos temas em –ā-.

A fala é uma corrente contínua em que cada som ocupa um lugar determinado e se combina com outros sons, dentro de um meio inteiramente físico ou, melhor, fisiológico. Dependendo de vários fatores, entre outros do local onde é emitido, da posição do acento tônico e da proximidade de outros sons, o som produzido evolui de maneira diferente. Os mais passíveis de mudança são os sons vocálicos.

4- AS VOGAIS

Os estudos comparativos admitem, no indo-europeu, três vogais, **a**, **o**, **e**, que teriam se combinado com a raiz para formar os radicais. A essas vogais é preciso acrescentar as soantes cujo som, intermediário entre vogais e consoantes, podia vocalizar-se. As línguas posteriores conhecem cinco vogais. O **i** é a posição de fechamento extremo do **e**, e o **u** a do **o**.

O yod (y) e o waw ou digamma (w), semivogais, quando se vocalizaram, adotaram os sons mais próximos, **i** e **u** respectivamente, enquanto o **m** e o **n**, se vocalizaram em **a**. Temos exemplos disso na desinência do aoristo grego, ou do acusativo singular: ἐλιπον mas ἐλυσσ^α, λόγον mas ἐλπιδ^α; trata-se da mesma desinência “**v**” modificada pelas leis fonéticas do grego.

Além de ser particularmente sensíveis às diferentes maneiras de pronunciá-los e, em consequência, de sofrer as modificações fonéticas mais constantes, os sons vogais são indispensáveis para tornar as consoantes audíveis. As vogais intervêm então na constituição dos radicais das palavras e se impõem às vezes na flexão.

34 Sílabas abertas são as que terminam por vogal, fechadas são as que terminam por consoante: a-ber-ta, “ber” é fechada, “a” e “ta” são abertas.

4-1-Mudanças independentes da fonética.

4-1-1- Alternância vocálica

É a alteração do timbre vocálico que se verifica no corpo de uma palavra, em suas diversas partes (raiz, tema, sufixos, desinências). Ela é sempre isolada e na maior parte das vezes acontece na raiz ou no tema; em geral, se não for condicionada por razões fonéticas, é significativa por exemplo do aspecto do verbo: *făcio*, tema do infectum [faço], *fēci* [fiz] tema do perfectum.

Essa alternância existe tanto nas línguas antigas quanto nas modernas. Assim, em português o verbo *fazer* sofre alternância vocálica em *faço*, *fazemos*, *fiz*, *fez*, em francês, *je viens* [venho], *nous venons* [venimos], *je vins* [vim], em espanhol, *hace* [faz], *hizo* [fez], *hecho* [feito], ou *tenemos* [temos] e *tiene* [tem].

A alternância pode ser qualitativa (variação do timbre), como *fiz/fez/faço* ou *venons/vins* e quantitativa (variação da duração - longas/breves), como *venons/viens* e *tenemos/tiene*. Notamos o ditongo em posição tônica em francês e em espanhol. Ele pode ser considerado um alongamento da vogal; é o único alongamento que somos capazes de perceber, pois, se ouvimos perfeitamente a diferença de timbre, nosso ouvido não distingue mais a diferença de quantidade nas vogais de nossas línguas, e em latim não somos capazes de reproduzi-las.

4-1-2- Vogal de ligação ou de apoio

É um recurso de que as línguas todas lançam mão para desfazer encontros consonânticos difíceis, os quais, para não descaracterizar a palavra, não devem ser confundidos nem fundidos nem assimilados. A vogal de ligação isola duas consoantes, duas soantes ou consoante e soante na conjunção do tema com a desinência; é freqüente na flexão verbal.

As vogais de ligação básicas do latim são as mais fechadas e são sempre breves: são **ĩ** que se torna **ě** quando seguido de **-r** (r parece ter impedido o fechamento máximo da vogal) e **õ** que passa a **ũ** na maioria das situações. Assim o tema *leg-* do verbo *lego* [leio], introduz um **ĩ** diante do **s** da segunda pessoa do singular do presente do indicativo ativo, *leg-ĩ-s* > *legĩs*, ou do indicativo passivo com a apofonia do **ĩ** diante de **r**, *leg-ĩ-ris* > *legěris*, um **õ** diante do **nt** da terceira pessoa do plural, *leg-õ-nt* que foneticamente se resolve em *legũnt*; da mesma forma,

entre o tema nominal *reg-* e a desinência **-bus** do dativo plural, encontramos a vogal de ligação **ĩ**: *reg-ĩ-bus* > *regĩbus* [para os reis].

É importante lembrar que as vogais de ligação são meros recursos fônicos de que a língua faz uso sempre e na medida em que precisa delas; não são elementos da flexão. No sistema nominal não indicam o caso, pois não são desinências e no sistema verbal não são desinências pessoais nem sufixos que indiquem o modo ou a voz (ativa/média/passiva).

4-2- Causas das modificações fonéticas das vogais.

As vogais, sozinhas ou agrupadas em ditongo ou formando hiato, podem ocupar diversas posições na palavra. Podem estar na sílaba que começa a palavra, na sílaba interna ou na final. Podem estar numa sílaba fechada, ou numa sílaba aberta. Na palavra “paterno” por exemplo as sílabas “pa” e “no” são abertas, “ter” é fechada.

Ora, a vogal será mais ou menos aberta, mais ou menos longa dependendo de sua posição e da época da formação da palavra; pode até sofrer síncope (ser eliminada). É o caso por exemplo do **ĩ** de *officina* (lugar onde se faz uma obra), formado de *opi+ficina* que perdeu o **ĩ** por causa da presença do acento de intensidade sobre a primeira sílaba e do comprimento da palavra: passamos de *ópificina* a *officina*, mas não há síncope em *opĩfex* (o que faz uma obra), palavra mais curta. O mesmo acidente se produz no nominativo singular dos temas em -**ĩ**:- *ũrbĩ-s* apresenta o nominativo *ũrbs* [cidade] depois da síncope do **ĩ** precedido de uma sílaba contendo uma vogal longa.

O tratamento fonético das vogais é influenciado também pelos sons que lhe são vizinhos. Por exemplo, a diferença de tratamento entre “*noster*”, nosso, adjetivo composto do pronome “*nos*” mais o sufixo “-ter” (*nos+ter* > *noster*) e “*uester*”, vosso, com o pronome “*uos*” da segunda pessoa do plural, (*uos+ter* > *uoster* > *uester*), provém de que o **-õ-** está precedido do som ‘**w**’ e seguido de **s** em sílaba fechada. Derivados da mesma palavra **faměl*, temos tanto *família* [família], quanto *famŭlus* [o criado], porque toda vogal breve em sílaba interna sofre apofonia em **ĩ** diante de **d, t, n, g, c,** e **l** palatal e em **ũ** diante de **l** velar e ‘**w**’. Essa mudança, chamada **apofonia**, é importante porque a junção com as desinências nominais ou verbais a produzem regularmente. É o caso de *capŭt* [a cabeça] que se apresenta sob a

forma *capītis*, no genitivo, (*capūt+is* > *capītis*) por causa da diferença de posição do *ũ* que passa da sílaba final fechada do nominativo a uma sílaba interna aberta.

Não citaremos todas as mudanças que se produzem dentro do sistema fonético latino. Limitar-nos-emos às que se aplicam às palavras dentro da flexão. No entanto, quando se fizer necessário, explicaremos porque certas modificações não se produziram ou não seguiram os padrões habituais.

4-3- Descrição das modificações fonéticas das vogais.

Trataremos separadamente das vogais longas, das vogais breves e dos grupos de vogais, isto é, os ditongos e os hiatos.

4-3-1- As vogais longas.

- As vogais longas são as mais estáveis. Sua duração evita em geral a mudança de timbre. No entanto elas podem ter evoluído em posição interna quando provenientes de um ditongo.
- As vogais longas se abreviam frequentemente em sílaba final: o nominativo do tema *rosā-* depois do alongamento do *-a* em *rosā* [a rosa] conheceu a abreviação > *rosă*, *amābām*, primeira pessoa do singular do imperfeito do tema *amā-*, [amar] acrescido da marca **b** do imperfeito, **ā** do passado e da desinência pessoal **m**, *amā+b+ā+m* passa de *amābām* a *amābām*. No entanto mantém-se longa quando a palavra termina por *-s*: *amābās*, na segunda pessoa do singular. Mas, quando proveniente de contração ou de ditongo, não sofrem abreviação.
- Abreviam-se também diante de outra vogal: o tema *rē-* (de *rēs* [a coisa]), com a desinência de genitivo *-ī*: *rē+ī* > *rěi*; mas, a longa se mantém se se encontra entre duas vogais: o tema *diē-* (de *diēs* [o dia]), com desinência de genitivo, *diē+ī* > *diēi*.
- Uma vez abreviadas, comportam-se como vogais breves.

4-3-2- As vogais breves.

Dependendo da sua posição dentro da palavra, elas sofrem diversas alterações importantes, conseqüentes ao ato de fala: são a síncope ou queda da vogal, a apofonia ou mudança de timbre.

4-3-2-1- Em sílaba final aberta

- Mudanças qualitativas: todas as vogais breves menos o **a** sofrem apofonia em **-ě**.

T.³⁵capĭ- > *capě* [toma], imperativo, T. dominŏ- > *domině* [dono] vocativo),

T. maří- > *marě* [mar], nominativo e acusativo neutro singular

- Mudanças quantitativas: a vogal breve pode cair nos temas nominais:

T. animafĭ- > *animal* [animal], T. puerŏ- > puerě > *puer* [criança] (vocativo);

nas conjunções: *atquě* > *ac* [e], *neque* > *nec* [nem], levando a outras reduções.

4-3-2-2- Em sílaba final fechada

- **ŏ->-ŭ**- dominŏs > *dominiŭs* [dono] nominativo

- **ě** diante de **l+consoante**: **ě > ŏ > ŭ** (mantido **ŏ** depois de **u=w**) (*uělle*, verbo [querer]: T. uěl- : *uŭlt*, ele quer, escrito *uŏlt*)

- a vogal breve pode cair o que determina outras alterações.

Entre r e s: Temas em -ŏ-: puerŏ-s > puers > puerr > *puer* [criança];

agrŏ-s > agrs > agrr > agr > *ager* [campo] e a vogal de ligação **ĭ** > **ě** desfaz o encontro g+r impossível em fim de palavra; ĭmbrĭ-s > imbrs > imbrr > imbr > *imber* [inverno] (epêntese seguida de apofonia)

Nos temas em -i- quando a vogal da sílaba anterior é longa: ūrbĭ-s > *ŭrbs* [cidade]

4-3-2-3- Em sílaba interna

- A maioria das vogais breves sofrem apofonia em **ĭ**

Mas:

- diante de **m**, **-ŭ**- pode ou não passar a **-ĭ**-: *maxŭmus* > *maxĭmus* [muito grande] (as duas formas coexistem) mas na primeira pessoa do plural, quase sempre se produz a apofonia: leg-ŭ-mus > *legĭmus* [lemos]; no entanto, dois verbos e seus compostos conservam o **u**: *sumus* [somos] e *uolumus* [queremos].
- **ě** diante de **l** velar: **ě > ŏ** : T. uěl- > *uŏlui* [quis], de *uělle*, querer, (o **l** de *uelle* é palatal assim como o de *uělim* [quereria])

35 Usaremos a partir de agora o símbolo "T." para indicar o tema da palavra considerada ou o tema seguido do ítem.

- diante de **n**, a vogal de ligação **ō** > **ũ**. É o caso de todas as terceiras pessoas do plural do presente do indicativo: *leg-ō-nt* > *legũnt* [leem]-
- **ō** primitivo ou vindo de **ě** diante de l+consoante: > **ũ**. Para distinguir o **u** do **w** conserva-se a grafia **uo-**, mas é pronunciado **uu-** : *uōlpes* é *uūlpes* [raposa] (encontramos as duas grafias nos textos).
- Em todas as posições **ĩ** diante de **r** sofre apofonia em **ě**: *capĩre* > *capěre* [pegar].

4-4- Os ditongos:

Chama-se ditongo a produção de dois sons pronunciados em uma só emissão de voz. Segundo Juret, "o ditongo é um timbre em movimento". É uma espécie de deslocamento do som vocálico de uma posição de abertura, para a de fechamento; o ponto extremo do ditongo é a posição **u/i**, as semivogais: a vogal é protática e a semivogal é hipotática (apud MURACHCO, 2001, p. 49). Resultam em vogais longas quando se contraem.

Os ditongos recebem um tratamento diferente quando influenciados pelo acento de intensidade inicial.

4-4-1- Efeito do acento de intensidade inicial.

Os ditongos evoluíram em vogal longa:

- **ēi** > **ē** > **ĩ** (*sibēi* > *sibĩ* -dativo singular do pronome reflexivo da 3ª pessoa)
- **āi** > **ēi** > **ē** > **ĩ** : *rosāis* > *rosĩs* dativo e ablativo plural de *rosa*, [rosa] (mas o genitivo *rosae* de *rosa* vem de uma forma *rosai*, com *āi* dissilábico, posterior à transformação de **āi** em **ĩ**)
- **ōi** > **ēi** > **ē** > **ĩ** : *uiroĩ* > *uirĩ*, nominativo plural de *uir* [varão]
- **ōu** > **ō** > **ũ** : *senatōus* > *senatūs*, genitivo singular [do senado]

4-4-2- Modificações independentes do acento de intensidade inicial

- **ēi** > **ē** > **ĩ** : (*ceĩuis* > *cĩuis* [cidadão])
- **āi** > **āe** > **ē** aberto (grafia **ae** conservada por que o latim não possuía signo para marcar o **ē** aberto, ex: *scēna* e *scaena* [cena], - palavra de origem grega com **ē** longo-, e *caelum* [ceu].

(o genitivo de *rosa* é de formação tardia; de *rosās*, veio a ser *rosāī* por analogia com *dominōī*, *rosāī* > *rosae*)

- *oi* > *oe* > *ō* > *ū*, (*oe* às vezes se conserva: T. *poina*- > *poena* [castigo] e *pūnire* [castigar])
- *eu* > *ou* > *u*: **breuma* > *bruma* [inverno]
- *eu* se conserva quando o primeiro elemento é longo: existem *nēue* e *nēu* [e não], *sēu* e *sīue* [ou se]
- *ou* > *ō* > *ū* : *lōucos* > *lūcus* [bosque sagrado]
- *au* não muda na língua literária mas no Baixo Império quando seguido de uma sílaba que contem *u*, *au* > *ā*, e em certas formas dialetais *au* > *ō*.

4-4-3- Casos particulares de encontro de vogais:

4-4-3-1- O hiatus

O hiato é um vácuo, um vazio gerado pelo encontro de duas vogais: produz uma cacofonia que as línguas têm tendência a eliminar, pela elisão de uma das vogais ou pela contração.

- Vogais de mesmo timbre se contraem em uma única vogal longa ou em um ditongo. (Em muitos casos a analogia restabeleceu formas não contratas).
- *i* e *u* seguidos de outra vogal ou *ū* seguido de *ū* não apresentam contração:
capī-ā-m > *capiam* [pegarei]; *audī-ā-m* > *audiam* [ouvirei], *metū-ō* > *metuō* [temo] e *metuunt* [temem].
- No entanto, na pronúncia de *i* vogal seguido de *o*, *a*, *u* aparece a semivogal yod epentética que foi às vezes marcadas por um segundo *i*: *filius* [filho] se ouvia **filiyus*, nunca escrito, mas encontram-se as formas *eiūs* e *eius* do demonstrativo *is*, *cuiūs* e *cuius* do relativo.

4-4-3-2- A elisão

Fora de situações contextuais em que uma palavra que termina por uma vogal precede outra que começa por uma vogal o que provoca a elisão de uma delas, a junção de um tema vocálico com uma desinência também vocálica provoca a elisão de uma das vogais.

- na flexão do tema verbal em -ā- onde a língua privilegiou a marca da flexão, na primeira pessoa do presente do indicativo singular amā-ō > *amō* [amo] e no eventual amā-ē-m > *amēm* [que eu ame], mas *deleō* [destruo]
- no dativo singular dos temas em ō, o ĭ da desinência é absorvido pela vogal longa: dominō-> dominō-+ĭ-> dominōī > *dominō* [para o dono]

5- AS SEMIVOGAIS:

Ocupando uma posição intermediária entre as vogais e as soantes, as semivogais y (yod) e w (waw) são sons instáveis. Podem vocalizar-se e assumir o som das vogais i e u respectivamente ou tornar-se soantes.

5-1-São soantes

5-1-1- o waw (u)

- é sempre soante em começo de palavra quando seguido por uma vogal. Como vimos em 3-2-2-, a grafia costuma diferenciar o som vogal do som sonântico quando formam uma sílaba: *uult* e *uolt*.
- é soante entre duas vogais: *uiuere* [viver].

5-1-2- o yod (i)

- em começo de palavra e seguido por vogal costuma ter som sonântico, *iacio* [lanço], *ius* [o direito] mas em algumas palavras é vogal nessa posição; são sobretudo nomes próprios *Iason* [Jasão], *Iacchus* [Iaco], *Iōnia* [Jônia], *Iulus* [Iulo], *iens*, particípio do verbo *ire* [ir], resultado da evolução fonética seguinte: ey-ē-ns > ēī-ē-ns > *iens* [indo].

5-2- São vogais

- O i e o u são vogais diante de consoante ou soante em começo e no meio de palavra: *iter* [caminho], *magister* [mestre], *murmur* [murmúrio]
- quando resultam da contração de um ditongo: *senatow-s* > *senatūs* [senado], *ceyuey-s* > *ceīueī-s* > *ciuis* [cidadão], ou o tema ey- do verbo *ire* [ir] que se contrai da maneira seguinte: ey-s > *is* [vais], ey-se > *īre*

5-3- Síncope entre duas vogais

O yod e o waw podem cair entre duas vogais.

- É o que acontece na flexão do verbo de tema ey- *ire*: ey+ō > *eo* [eu vou] e no eventual ey-ā-m > *eam* [que eu va]
- A sílaba formada por w + a vogal -i- em posição interna sofre frequentemente síncope, em alguns nomes *dius* de *diuus* [divino], *ditiae* de *diuitiae* [riquezas] e em particular no aoristo/perfectum dos verbos: amā-u-īs-sē-m > *amauiissem* e *amassem* [amaria], amā-u-īs--ŭ-nt > *amauerunt* e *amarunt* [amaram].

5-4- A epêntese:

É a introdução no meio da palavra de um som que dissocia um hiato ou um encontro de soantes ou de consoantes: *filius* (As vogais, § 4-4-3-1) pronunciado *filiyus³⁶.

6- SOANTES E CONSOANTES.

Tanto umas quanto outras podem sofrer diversas alterações dentro da palavra como dissimilação ou ao contrário assimilação, ou sofrer síncope ou produzir uma epentese; mas o que interessa aqui são as influência que sofrem em final de palavra na junção do tema com a desinência.

6-1- Os fonemas.

- Já vimos os dois tipos de sons da soante **L**, - **palatal** diante de -i ou quando geminado, velar nas outras posições, e do **N** que nunca nasaliza a vogal, nem palataliza o grupo **gn**.
- No entanto sublinhamos que o **N** não se mantém em fim de palavra a não ser em algumas palavras neutras.
- Insistimos também sobre o comportamento do **S intervocálico**: o **S** sofre o fenômeno chamado **rotacismo**, isto é, torna-se **R**, cada vez que se encontra entre duas vogais. O rotacismo deu às palavras latinas, tanto na flexão nominal quanto na flexão verbal, a fisionomia que conhecemos. De fato age sobre todos os temas nominais em -s- e sobre toda a flexão verbal: *amāre* infinitivo proveniente de amā-se, *amarem* proveniente de amā-sē-m;

36 As vogais de ligação como o **e** de *ager* ou o **ī** de *legīt* também são epêntese.

a isso se acrescenta a apofonia da vogal **ĩ** em **ě** quando ela precede o **s** > **r**: *capĩ-se* > *capěre* [tomar], ou *leg-ĩ-se* > *legěre* [ler], estando o **ĩ** vogal de ligação na mesma posição que o **ĩ** do tema *capĩ-*.

Só não sofre o rotacismo o **s** que provém de **s** geminado e o de palavras introduzidas posteriormente ao 3º século a.c.

- O **M** em posição final era pouco nítido, e houve proposta de grafá-lo deitado para manifestar sua pouca presença fonética.
- As consoantes labiais **B** e **P** não se encontram em posição final nem a gutural **G**.
- A dental **D** cai em fim de palavra depois de uma vogal longa: é o caso do ablativo dos temas em vogal, pois a vogal do tema ou é longa ou se alonga no ablativo:
T. *dominŏ-*, ablativo *dominŏ-d* > *dominŏd* > *dominŏ*; T. *rosă-*, ablativo *rosă-d* > *rosā*;
T. *ciuĩ-*, ablativo *ciuĩ-d* > *ciuĩ* [cidadão]

6-2- Encontro de fonemas consonânticos e sonânticos.

Um tema nominal ou verbal pode terminar por qualquer soante ou consoante; nos temas nominais a desinência **-s** do nominativo singular determina encontros que se resolvem de maneira diferente dependendo do local onde são emitidas. Os temas verbais em geral usam a vogal de ligação entre tema e desinência.

- **com as labiais: b+s > -bs**: *urbs* [a cidade]; **p+s > -ps**: *princeps* [o príncipe]
- **com as velares: c+s > -x** (de fato uma letra que representa os dois sons) *duc+s* > *dux*, [o chefe]; **g+s > x**: *leg+s* > *lex* [a lei]
- **com as dentais** há assimilação: **t+s > ss** e **d+s > ss** que se simplifica em **s**:
uirtut-+s > *uirtuss* > *uirtus* [a virtude]; **d+s > ss > s**: *ped+s* > *pess* > *pes*, o pé.
- **com as soantes** é o **s** que se assimila: **r+s > rr > r**: *puerŏ+s* > *puers* (com a queda do **ŏ**) > *puerr* > *puer* [a criança]

nos temas verbais *fer-* e *uel-* e seus compostos os sufixos modais comportando um **-s** produzem as assimilações fonéticas seguintes: *fer-* se > *ferre* [portar], *uel-* se > *uelle* [querer], *ma(gis)-uel-* se > *malle* [preferir] e *non-uel-* se > *nolle* [não querer] depois das contrações *magis-uel-* em *mal-* e *non-uel-* em *nol-*

7- CONCLUSÃO

As modificações fonéticas explicadas e descritas nos seus detalhes parecem numerosas e complexas. Na realidade, costumam ser fáceis de apreender porque se repetem regularmente cada vez que encontramos uma situação fonética idêntica. Não dependem nem da natureza da palavra, nem do seu uso no enunciado. São sistemáticas, até mecânicas, mas explicam como e porque em situação funcional parecida os resultados diferem; por exemplo porque temos um infinitivo *esse* e um infinitivo *amare* ou um infinitivo *audire* e outro *capere* quando todos têm a mesma formação e a mesma funcionalidade na frase. A aplicação dessas alterações diminui em muito a necessidade de decorar formas e permite reconstituí-las e entendê-las. Um resumo dará uma visão mais prática das modificações fonéticas mais usadas nas flexões.

8- RESUMO DAS MODIFICAÇÕES FONÉTICAS

Indicamos os parágrafos onde são desenvolvidos os itens do resumo.

1- As vogais

1-1- só as vogais breves sofrem apofonia (modificação de timbre). § 4-3-1

1-2- em posição final e em sílaba aberta todas as vogais breves (menos o **a**) **sofrem apofonia em -ě** : capī > capě [toma], dominō > domině [dono]. § 4-3-2-1

1-3- em posição final e em sílaba fechada -ō->-ŭ- § 4-3-2-2

1-4- diante de -l- velar -ě-> -ō-/ -ŭ- uelt>uolt/uult § 4-3-2-2

1-5- em sílaba final a vogal breve entre r e s geralmente cai § 4-3-2-2

1-6- em sílaba interna toda vogal breve sofre apofonia em ĭ § 4-3-2-3

1-7- diante de m -ŭ- pode ou não passar a -ĩ-: maxŭmus > maxĭmus, mas legŭmus > legĭmus §4-3-2-3

1-8- em todas as posições ĭ diante de r sofre apofonia em ě § 4-3-2-3

1-9- Vogal de ligação: quando necessário, a língua usa vogal de ligação: § 4-1-2

-ĩ- na maioria dos casos, (T. leg-, ler: leg-ĩ-s > *legis*)

-õ- > -ũ- diante de **-n** (s-õ-nt > *sunt*, leg-õ-nt > *legunt*) ou às vezes diante de **m** (s-ũ-mus > *sūmus*)

mas **-ũ- > -ĩ-** (leg-ũ-mus > leg-ĩ-mus > *legimus*,) ou as duas formas coexistem (*maxumus* e *maximus*)

2- Encontro de vogais: são os ditongos que se formam quando é acrescentada uma desinência vocálica a um tema em vogal.

2-1--õ- + -i > oĩ > eĩ > i (dominõ-i > *dominoĩ* > *dominĩ*) § 4-4-1

2-2--õ- + -ĩ-> õ (dominõ-ĩ > *dominõ*) § 4-4-3-2

2-3--a- + -i- > ae (rosai > *rosai* > *rosae*) § 4-4-2

2-4--e- + -i- > eĩ > ĭ, (locativo de T. Cartagõn- > *Cartagĩn-eĩ* > *Cartagĩnĩ*) § 4-4-2

2-5- ā+õ > õ ; ā+ē > ē quando õ ou ē marcam a pessoa ou o modo § 4-4-3-2

3-Semivogais: y (yod), w (waw) representadas por **i** e **u** § 5-2

3-1- vocalizam-se: tema ey- do verbo *ire*: ey-s > *eĩ-s* > *is*, senatow-s > *senatus*

3-2- quando entre duas vogais

caem: tema ey- de *ire* : ey+õ > *eo*; *amauiissem* > *amassem* § 5-3

ou são soante: *diuitiae* [as riquezas]

3-3- em começo de palavra, é soante quando seguida por vogal, vogal quando seguida por soante ou consoante. § 5-1

4- Soantes § 6

4-1- -S- Quando **-s-** se encontra entre duas vogais sofre rotacismo, isto é passa a **-r-**. Só não acontece com palavras introduzidas tardiamente na língua ou quando provém de um s geminado que se simplificou. § 6-1

4-2- -N final só se mantém em algumas palavras neutras. § 6-1

4-3- -L é velar em sílaba final, diante de uma consoante ou de -ě breve, diante de -a, -o, -u, -ē; palatal diante de -i ou quando geminado. § 6-1

5- Consoantes

5-1- -D- final cai depois de uma vogal longa. *dominō-d* > *dominō* § 6-1

6- Encontro de consoantes e soantes § 6-2

6-1- labial: *b+s* > **-bs:** *urbs* [cidade]; *p+s* > **-ps:** *princeps* [príncipe]

6-2- velar: *c+s* > **-x:** *duc+s* > *dux* [chefe]; *g+s* > **-x:** *leg+s* > *lex* [lei]

6-3- dental: assimilação com o s: *t+s* > **ss** > **s:** *uirtut-+s* > *uirtuss* > *uirtus* [virtude];

d+s > **ss** > **s:** *ped+s* > *pess* > *pes* [pé].

6-4-assimilação do s com l e r : *r+s* > **rr** : *fer+se* > *ferre* [portar]

- *l+s* > **ll** : *uel-se* > *uelle* [querer]

O ENUNCIADO

Até agora nos detivemos sobre a palavra como elemento isolado, e tentamos entender sua formação, as dificuldades fonéticas criadas por encontros de sons difíceis de serem emitidos juntamente, e as conseqüentes modificações impostas pela pronúncia.

Ora, as palavras não existem isoladamente a não ser dentro de listas de vocabulário ou no dicionário. São o instrumento da comunicação entre os seres humanos que usam a mesma língua, e elas se organizam harmonicamente dentro do discurso. Não esqueçamos, e isto tem conseqüências importantes, que o discurso, primeiramente oral, se dá necessariamente entre duas pessoas: EU que falo, TU que ouves, isto é, num ato em que alternativamente EU e TU somos emissores e receptores de mensagem, não sendo a escrita outra coisa que a reconstituição gráfica -e bastante aproximativa- desse primeiro aspecto.

Todo ato de fala faz intervir duas pessoas capazes alternativamente de emitir uma mensagem num código determinado e de decifrar esse mesmo código. Por tão sutil que seja essa mensagem no seu significado final, os meios de transmiti-la devem ser de uma relativa simplicidade ou obviedade para os dois interlocutores. Se a complexidade da língua exigisse uma reflexão demorada em cada fase do enunciado, o valor da mensagem perder-se-ia no meio do caminho.

A dificuldade de compreensão de uma língua [nunca é a própria, a em que aprendemos a falar] vem de que começamos a aprendizagem pelo fim, isto é pela descrição de um sistema de formas e de regras, que não deixa perceber o valor profundo dos signos e das relações que permitem a expressão.

Na aprendizagem das línguas antigas especialmente, é costume sublinhar a diferença entre elas e as línguas modernas.

De fato, como o grego, como o sânscrito, o latim, é uma língua cujas relações sintáticas são expressas pela flexão dos nomes. Sem insistir sobre o fato, não podemos deixar de dizer que existem também formas nominais flexionadas em várias línguas modernas: genitivo do inglês ou do alemão, por exemplo para o substantivo; mas também pronomes pessoais do português e do francês: “eu” e “je” sujeitos, “me” e “te” objetos (nas duas línguas), e a riqueza dos pronomes da terceira pessoa em que muitos casos da flexão são representados: “ele, ela, eles, elas” “il, elle, ils, elles” sujeito, “o, a” “le, la” e seus plurais objetos, “lhe” e “lhes” dativo português, “lui, leur” dativos franceses (“leur” de fato foi

assimilado a um dativo mas é a transformação fonética do genitivo plural de *illorum* – e isso não deixa de ser válido semanticamente) e esses casos não incomodam ninguém; aliás as gramáticas nem os admitem como casos, mas os apresentam como formas independentes dos ditos pronomes. Citamos isto como amostra de uma das dificuldades que se encontram na passagem de uma língua para outra quando o significado das formas não é claramente evidenciado. Os verbos, em todas as línguas neolatinas, apresentam uma flexão aparentemente muito complexa, porém, essas formas que evoluíram a partir do latim, são de fato menos aleatórias do que aparentam; tampouco é aleatória a flexão dos verbos latinos ; ao contrário, tanto a forma quanto o uso nos parecem perfeitamente lógicos e funcionais.

O latim apresenta dois tipos de flexão: a flexão nominal e a flexão verbal, cada uma determinando um certo tipo de significado dentro da frase. Isoladamente nenhum nome diz alguma coisa de si mesmo, só é signo de algo; vem a ser significante quando se compõe com outras palavras, como o afirma Aristóteles (Περὶ ἑρμηνείας, 16b,23): “Isso (a palavra isolada) não é nada, mas significa com alguma composição, que não é possível pensar sem os elementos da composição. O discurso é voz significativa de que as partes têm algum significado em separado como ato de fala mas não como afirmação.”³⁷ A afirmação é a base da comunicação, do que se diz para alguém; o significado surge quando se juntam nomes e verbos, quando se fala de alguma coisa, designada por um substantivo ou um equivalente desse, o sujeito, e que dizemos alguma coisa dele, o predicado, necessariamente formado de um verbo, ou um equivalente, eventualmente acompanhado de complementos. Esse conjunto, susceptível de múltiplas variações mas nunca preterido, é o que forma o enunciado, o elemento mínimo de possibilidade de comunicação. Para ser entendido, o discurso tem de organizar-se logicamente em torno dos dois elementos essenciais, sujeito e predicado, para constituir a expressão de um pensamento e formar a frase. Todos os elementos da frase são ligados por relações lógicas e cada língua tem seus meios próprios para manifestar essas relações.

O português -e em geral as línguas modernas- usa dois tipos de meios com essa finalidade: a ordem das palavras e as preposições. As relações “sujeito”, “complemento de objeto” são indicadas em geral pela sua posição em relação ao verbo: o sujeito antecede o verbo e o objeto o segue, quando ele é substantivo. As preposições indicam as outras relações.

37 αὐτὸ μὲν γὰρ οὐδέν ἐστιν, προσσημαίνει δὲ σύνθεσιν τινα, ἣν ἄνευ τῶν συγκειμένων οὐκ ἔστι νοῆσαι. Λόγος δὲ ἐστὶ φωνῇ σημαντική, ἥς τῶν μερῶν τι σημαντικόν ἐστὶ κεχωρισμένον, ὥς φάσις ἀλλ' οὐχ ὡς κατάφασις.

O pronome, substituto do substantivo, assinala sua função por meio de formas específicas, que são uma verdadeira flexão.

O latim expressa as mesmas relações pelo meio de desinências. Pouco importa a posição do sujeito ou a do objeto em relação ao verbo; o que caracteriza um como sujeito, outro como objeto, é a desinência. A desinência é um sufixo acrescentado ao tema nominal, sufixo significante, pois ele indica o caso, isto é a relação desse nome com as outras palavras da frase. São nomes e, como tais, afetados pela flexão nominal, os substantivos, os adjetivos e os pronomes.

Se a relação funcional dentro da frase é expressa pela desinência nominal, diversos sufixos acrescentados ao tema verbal expressam por sua vez os diversos valores da ação: as desinências indicam a pessoa que a realiza, os sufixos modais, a intenção do falante em relação a essa ação, os sufixos temporais situam a ação dentro da cadeia do tempo. O aspecto verbal é marcado por sufixo ou por variações específicas do tema.

Deter-nos-emos sobre cada um dos significados expressos por esses sufixos, tanto nominais quanto verbais e veremos que a simplicidade de meios usados pela língua não impede uma real riqueza de nuances de expressão.

A FLEXÃO NOMINAL

1- GÊNERO E NÚMERO

Além do seu conteúdo semântico e das relações sintáticas que assume no enunciado, o que diferencia o nome do verbo no latim e nas línguas neolatinas é sua capacidade de comportar um gênero, masculino, feminino ou neutro, representado na sua forma.

Quando o ser humano começou a comunicar por meio da palavra, ele deve ter percebido dois tipos de seres: os seres animados, que se movem por si mesmos, (e sabemos quanto essa noção de movimento próprio foi ligada à existência da alma pelos filósofos gregos), e os outros, objetos inanimados, sem movimento próprio, sem vontade, sem apetites. Os primeiros podem ser os agentes de uma ação. Os segundos não podem. Não é de estranhar então que só os seres animados tenham uma forma específica para designá-los como sujeitos da ação. De fato, a visão mais imediata é a da ação realizada por um agente, na voz ativa enquanto a idéia de passivo é abstrata; não é mais o sujeito-agente que está em pauta, mas o objeto-agido, e esse suporta a ação realizada por outro; é uma forma metafórica de expressão. Até a noção de verbo-cópula deve ter aparecido mais tardiamente na comunicação, como se evidencia nas numerosas frases latinas e gregas onde o verbo de ligação é inexistente, por não se apresentar como necessário, sendo a ideia perfeitamente compreensível pela justaposição do substantivo e de seu atributo.

Por outra parte, entre os seres animados foram percebidos dois tipos de seres, e isso, na origem pelo menos, relacionado ao sexo, o masculino e o feminino. As características do feminino, como por exemplo a capacidade de gerar, levaram a sentir tudo que produz como sendo do gênero feminino: em latim os nomes de árvores são femininos. Por associação ou metáfora muitos objetos, normalmente assexuados, acabaram sendo sentidos como fazendo parte do gênero animado; mas não percebemos mais as relações que os antigos faziam entre eles e o gênero atribuído.

Em latim então os seres são ou do gênero masculino, ou do gênero feminino, ou não têm gênero: é o que chamamos neutro, *neutrum* [nem um nem outro], não pertencem nem ao gênero masculino nem ao feminino.

O neutro não tem flexão própria. Não tem nominativo porque não podia ser sujeito-agente, e manifestando-se só como objeto, também não tem forma de acusativo; nesses dois

casos apresenta-se sob a forma do tema puro, às vezes com um ajuste por motivos fonéticos. Os outros casos são expressos pelas mesmas desinências que as dos seres animados.

São neutros, então, nomes de objetos como *templum* [o templo], *caput* [a cabeça], *mare* [o mar], nomes de noções abstratas, como *ius* [o direito], *tempus* [o tempo].

Nos substantivos, raramente o gênero é expresso pela forma do tema, fora de alguns sufixos que diferenciam o feminino e o masculino: *genitor* e *genitrix* (sufixo –tor- masculino, -tric-, feminino) [o genitor, a genitora], ou o yod acrescentado a um radical que marca como feminina a palavra derivada de particípio, patient-ya > *patientia* [a paciência]³⁸. Os adjetivos e os pronomes podem marcar o gênero no tema.

Dos três números, singular, plural, dual, que existem no indo-europeu, no grego e no sânscrito, o latim só conservou os dois primeiros. O dual desapareceu do latim. Explica-se tanto a existência desse dual, já que, nos seres animados, a natureza costuma apresentar o par, o casal, e na comunicação também o par de interlocutores EU e TU, quanto seu posterior desaparecimento, já que dois é mais que um e o plural contém essa noção ao opor a unidade à pluralidade.

Desinências específicas marcam o plural nos nomes dos seres animados ou assimilados a eles. O ser inanimado não tem realmente plural, quem sabe por não ter sido sentido como uma individualidade, como o supõe Chaignet (1875 p. 80-81), apoiando-se sobre a frequência com a qual o grego usa o verbo no singular com um sujeito neutro plural. “As coisas, diz, não são mais que massa, multidão indistinta e confusa que escapa ao número.”³⁹ O resultado é que o neutro, para expressar a quantidade, usa a marca do coletivo nos casos nominativo e acusativo.

2- OS TEMAS NOMINAIS.

Qualquer fonema pode terminar um tema nominal. Ora a última sílaba do tema nominal e particularmente o último fonema na junção com a desinência vão sofrer modificações fonéticas específicas, o que nos obriga a estudá-los separadamente.

38 Esse sufixo yod marca o feminino dos particípios, e a forma “-yă > -iă” nos nomes indica a qualidade do que expressa o verbo: *patientia* [paciência] é a qualidade do que suporta, *audacia* [audácia], a qualidade do que ousa, *essentia* [essência], a qualidade do que é, etc.

39 Les choses... ne sont qu’une masse, une multitude indistincte et confuse qui se dérobe au nombre.

- Temas em vogal breve **-ō-** (dominō-) em substantivos masculinos e neutros essencialmente, com alguns substantivos femininos, ou **-ă-** (rosă-), em substantivos essencialmente femininos, com alguns masculinos. Esses temas especializaram-se da seguinte maneira nos adjetivos e nos pronomes: ao tema em **-ō-** pertencem os gêneros masculino e neutro, enquanto os temas em **-ă-** expressam o feminino: tema bonō- forma o masculino *bonus* [bom] e o neutro *bonum* no nominativo singular, tema bonă- forma o feminino *bona* [boa] no mesmo caso.
- Temas em vogal longa **-ē-** (diē-) com substantivos femininos e alguns masculinos.
- Temas em semivogal **-ī-** / **-ī-** < **-ey-** (ceiuey-> ciuī-) esses temas apresentam todos os gêneros e formam substantivos, adjetivos e pronomes.
- Temas em semivogal **-ū-** < **-ow-**, a longa representando a redução do ditongo depois da vocalização da semivogal (manow- > manōu- > manū-).
- Temas em consoantes e em soantes: veremos que no nominativo singular esses temas recebem um tratamento diferenciado por causa do contato com a soante da desinência. Esses temas têm representantes em todos os gêneros. Formam tanto substantivos quanto adjetivos.

3- GENERALIDADES SOBRE OS CASOS

Se admitirmos que em todas as relações a não ser a do sujeito a língua na sua origem indicava relações concretas, essencialmente espaciais, e que essas relações se expressaram primeiro de maneira simples e constante, aceitaremos que houve provavelmente, no começo da formação da língua, sufixos idênticos para expressar relações do mesmo tipo, diferentes no entanto de uma relação para outra.

O indo-europeu e o sânscrito evidenciam oito casos, o latim seis e o grego cinco. Será que as relações expressas por certos casos ou se tornaram inúteis ao longo da história da língua ou não foram mais sentidas e os casos se confundiram perdendo grande parte de seu valor semântico? Não é o que se nos aparenta através da sugestão de Quintiliano⁴⁰. Que aconteceu então? É mais provável que as desinências tenham sofrido modificações fonéticas diversas, por uma parte em si mesmas, por outra parte ao associar-se aos diversos temas. A

40 citado p. 8 deste trabalho

comparação dos casos dativo e ablativo o comprova: o dativo grego expressa relações que não têm nada que ver com dativo e que são expressas em latim pelo ablativo com o qual também não têm nada que ver.

Num primeiro momento nos propomos dar um panorama do significado de cada caso e indicar brevemente a desinência que o caracteriza. Estudaremos a seguir cada caso; observaremos para cada um as derivações de significados adquiridas apoiando-nos sobre exemplos e pensamos encontrar uma permanência de fato das desinências sob a diversidade aparente das formas, cuja variação se explica pelas transformações fonéticas sofridas ao longo do processo histórico-evolutivo da língua.

Parece-nos que o latim tem também oito casos como o sânscrito e o indo-europeu, e que, ao perceber a relação essencial que expressam, podemos a seguir entender como passaram a expressar todas as relações lógicas implicadas pelo discurso pelo jogo da metáfora ou da analogia.

Dissemos oito casos; o vocativo no entanto não é um caso realmente. É um chamamento, quase uma interjeição. Não faz parte da lógica da frase e por isso não tem desinências próprias: no grego é o próprio tema da palavra, no latim nos temas em **-ō-** e **-ā-** é o próprio tema, nos outros, é igual ao nominativo, o que não surpreende.

De fato, o nominativo é o caso da nomeação: como tal indica de que se fala, quem ou o que faz ou sofre a ação indicada pelo verbo, enuncia a palavra isolada. É normal que o vocativo use a forma da nomeação quando não tem forma independente.

A desinência do nominativo no singular é **-s**; no plural, a desinência da língua primitiva tinha a forma **-as** que motivos fonéticos resolveram em **-ī** nos temas em vogal, em **-ēs** < **-ēs** nos outros. (CHAIGNET, 1875, p. 82 et sequentia)

O acusativo expressa a direção do movimento sugerido pela ação. É o complemento de objeto do verbo transitivo: a ação realizada pelo sujeito passa (ou transita) pelo verbo e se completa no objeto, que é o fim, o término do ato verbal. Indica também o lugar para onde se dirige a ação expressa por verbo de movimento, pois “o lugar para onde” é o término do ato verbal e o acusativo é a forma lógica, orgânica de sua expressão. Sua desinência é **-m**, no singular, **-ns** no plural, pelo mero acréscimo de um **-s** à forma do singular, segundo Chaignet (1875, p. 111).

Nesses dois casos os neutros não têm desinência, são o próprio tema; e o **-m** do singular dos neutros dos temas em **-ō-** é uma soante que protege o **-ō-** breve da modificação fonética normal ($\ddot{o} > \ddot{e}$). O plural usa para todos os temas a desinência **-ǻ**, marca do coletivo indo-europeu, condizente com o sentimento da ausência de individualidade das coisas.

O genitivo expressa a idéia de geração, a relação entre o ser engendrado e o ser gerador, daí a idéia de origem e de possessão. Chaignet (1875 p. 29, nota 1) explica essa derivação da maneira seguinte: “Sendo a idéia da relação estabelecida entre o gerador e o ser engendrado a idéia da mais íntima possessão, pôde-se passar facilmente da idéia de proveniência, de causa geradora, à de possessão e a todas as outras relações análogas.”⁴¹ Examiná-las-emos com o estudo detalhado dos diversos casos.

A desinência do genitivo singular no indo-europeu parece ter sido **-oso** ou **-osyo** que adquiriu as formas **-sya**⁴² ou **-as** no sânscrito, **-oio** no grego homérico. As vicissitudes fonéticas levaram às formas aparentemente diversas das desinências dos genitivos latinos: nos temas em vogal, **-ō-**, **-ǻ** e **-ē-**, a desinência foi mais afetada e se apresentou, no latim clássico, sob forma de **-ī**; para os outros temas, sob forma **-ōs > ūs** e de **-ēs > -īs**. O genitivo plural tinha a desinência **-ōm** que, em latim, passou a **-sōm** nos temas em vogal, a **-ōm** nos temas em consoante e semivogais e sofreu as modificações fonéticas subseqüentes que exporemos mais adiante.

O dativo é o caso da dação, da atribuição, com uma idéia de igualdade. A desinência primitiva era **-āi**; o alongamento do **ō** nos temas em **-ō-** se explicaria pela fusão do primeiro elemento da desinência com a vogal do tema **e**, a seguir, sendo breve o **i**, teria sido absorvido pela longa. Nos outros temas **-āi** passou a **-ēi**, a **ē** fechado e evoluiu para **-ī** depois de redução.

O ablativo indica o ponto de partida da ação. Seu significado não pode ser confundido nem com o instrumental nem com o locativo cujos valores são totalmente diferentes. As leis fonéticas confundiram esses casos do ponto de vista da forma, mas essa confusão não foi

41 L'idée du rapport établi entre le générateur et l'être engendré étant l'idée de la plus intime possession, de l'idée de la provenance, de la cause génératrice, on a pu passer facilement à celle de possession et à tous les autres rapports analogues.

42 Y representa a semivogal yod

completa já que formas próprias de locativo se encontram na língua, nos nomes de cidade em particular.

No singular a desinência de ablativo original parece ter sido **-at**, o **a** caiu alongando a vogal do tema e o **t** se sonorizou em **d**, que caiu depois de vogal longa, na língua clássica; os temas em consoante modificaram o **a** primitivo em **ē** abreviado depois da queda do **d**.

O instrumental designa essencialmente o objeto que permite a realização da ação. Por metáfora passa a ter numerosos significados afins, sempre ligados de alguma forma ao significado primitivo. No entanto, apresenta na língua primitiva duas formas “que respondem provavelmente, como o supõe Scheilcher, a duas funções diferentes: uma expressando a ligação como faz a preposição ‘com’, a outra, tendo o sentido de instrumental e de meio, significado pela preposição ‘por’.”⁴³ (CHAIGNET, 1875, p. 79, nota 1).

A desinência primitiva parece ter sido **-â**, que passou a **-ē**, e depois a **-ě** em latim; nos temas em soante e consoante essa evolução a deixou idêntica às desinências de ablativo; nos temas em vogal assimilou-se à vogal do tema adquirindo também a mesma aparência que as desinência do ablativo; no entanto parece ter havido também a desinência **-bhi**, com aspiração, sugerida pelas formas do plural e por algumas formas de pronomes.

O locativo indica o lugar onde se está, ou dentro do qual a ação se realiza. É o lugar estático, sem movimento para fora ou para dentro. A desinência parece ter sido **-ī** na língua primitiva, e se conservou no latim e no grego tal qual. Esse **-ī** pode ter-se enfraquecido e ter sido absorvido por **ō** ou **ā** alongado analogicamente aos outros casos concretos (dativo e ablativo), ou ter formado ditongo, ou ter sido pronunciado mais aberto e sofrido apofonia em **-ě** (normal em sílaba final aberta); esses fatos podem ter levado à confusão com as formas de ablativo, porém sem que o locativo perca seu significado.

A desinência do indo-europeu para o dativo e o ablativo plurais vem de uma forma **bhyams** de origem adverbial assim como a desinência de instrumental que apresentava a forma **bhis**; o locativo podia apresentar essa mesma desinência em concorrência com uma desinência **-su** sugerida pelo locativo do sânscrito. Sofreram modificações fonéticas

43 Répondant sans doute, comme Schleicher le suppose, à deux fonctions différentes: - l'une, exprimant la liaison comme le fait la préposition *avec*, - l'autre, ayant le sens de l'instrument et du moyen, signifié par la préposition *par*.”

importantes que levaram às formas conhecidas: **-is** para os temas em vogal breve, **-bus** para todos os outros. Veremos as particularidades dessa evolução ao estudar as formas desses casos.

ESTUDO DOS CASOS: SIGNIFICADO E FORMA

A forma que os casos apresentam no enunciado não pode ser separada do que significam: tal desinência significa nominativo ou acusativo ou genitivo, implica que na oração a palavra tem uma relação determinada com as outras palavras da frase, expressa um pensamento inteligível capaz de ser apreendido pelo interlocutor. Forma e significado são intimamente ligados e não há arbitrariedade nessa ligação. Cada caso representa um tipo de relação que a língua por analogia ou metáfora estendeu a fim de dar conta dos diversos matizes do pensamento e de todas as funções que podem existir dentro da frase. Usam-se casos idênticos para sinalizar as relações do substantivo com os adjetivos qualificativos e determinantes: aposto, atributo ou predicativo, epíteto ou adjunto adnominal se expressam com o mesmo caso do substantivo (ou seu equivalente) com o qual se relacionam e formam uma unidade lógica.

Do ponto de vista da forma, na flexão nominal, uma das dificuldades que enfrentamos é conseguir estabelecer o verdadeiro tema de algumas palavras. Pois ao longo da história da língua o próprio tema sofreu modificações fonéticas, e certas analogias criaram dúvidas quanto ao tema original; assim existem confusões entre certos temas em semivogal *y* e temas em consoante ou soante, por exemplo, *canis* [o cão], o tema *can-*, em soante, é às vezes encontrado flexionado como um tema em *y*; certos temas em *ē* têm um equivalente em *ǣ*, como *materiēs* e *materiǣ* [a matéria] etc. No entanto, uma vez estabelecido o tema –inclusive com suas variantes–, a flexão se organiza com simplicidade e as formas de todos os casos se deduzem sem maiores problemas.

Para a necessidade da exposição, separaremos o estudo de cada caso e, para cada um, exporemos em primeiro lugar seu valor, em segundo lugar a forma que expressa esse valor.

NOMINATIVO: *nominatiuus casus*, ὀνομαστική πῶσις.

A apresentação clássica dos nomes quer nas gramáticas, quer na entrada dos dicionários se faz pelo nominativo, o que levou os estudiosos a considerá-lo como a forma-referência, negando-lhe às vezes o valor de caso. No entanto, lemos em A. Meillet et J. Vendryes (1953, p. 166, § 254):

O que caracteriza a ‘palavra’ indo-europeia é o fato de que ela porta em si mesma a marca do papel que desempenha na frase. Afeta formas diferentes segundo o uso que dela se faz. Não há em indo-europeu palavra que significa ‘lobo’; só há formas como *lupus*, *lupum*, *lupī*, *lupō*, etc., das quais nenhuma tem mais direito que outra de ser considerada a forma mesma da palavra. Se decidirmos por convenção designar a palavra por seu caso sujeito, *lupus* é investido de um privilégio cômodo, mas que não é fundamentado em absoluto no direito.”⁴⁴

De fato, o nominativo é um caso como os outros porque exerce uma função dentro da frase e porque essa função é marcada por uma desinência. As funções do nominativo são simples: é essencialmente o caso do sujeito e das relações do sujeito. Os estóicos o nomearam ὀρθή πῶσις, caso reto, imagem do sujeito erguido, agente da ação.

No entanto a desinência –s do nominativo singular, justamente o caso que dá entrada às palavras no dicionário, provoca numerosas modificações fonéticas ao associar-se ao tema, criando dificuldades de apreensão da flexão nominal; como qualquer som pode apresentar-se no fim do tema, a presença do –s da desinência determina consideráveis problemas fonéticos, complicados às vezes por analogias ou evoluções corrompidas. Cremos que ajudaria registrar o tema dos nomes. Quanto a nós, referir-nos-emos sempre ao tema.

1- SIGNIFICADO.

É o caso da nomeação, como seu nome o indica. É usado para designar e identificar algo. É o caso do nome na sua expressão referencial. Por isso é usado nas listas, nos títulos. Mas sobretudo nomeia aquilo de que se está falando, isto é, o sujeito de uma frase, *subiectum*, tradução literal do grego ὑποκείμενον: o que jaz sob, isto é, o que está sob a vista, aquilo de

⁴⁴ Ce qui caractérise *le mot* indo-européen, c’est qu’il porte en lui même la marque du rôle qu’il joue dans la phrase. Suivant l’emploi auquel il sert, il affecte des formes différentes. Il n’y a pas en indo-européen de mot signifiant *loup*; il n’y a que des formes telles que *lupus*, *lupum*, *lupī*, *lupō*, etc. dont aucune n’a de titre à passer plutôt que les autres pour la forme même du mot. Si l’on décide par convention de désigner le mot par son cas sujet, *lupus* est investi d’un privilège commode, mais qui n’est nullement fondé en droit...

que se trata. É o elemento principal da frase com o verbo flexionado, o predicado, que diz alguma coisa dele.

2- USO DO NOMINATIVO.

2-1- Sem verbo:

Nos títulos de obras, inscrições, relações, listas:

Comentarii de Bello Gallico. (César)

Comentários sobre a Guerra da Gália.

Nas enumerações:

Clamor Senatus, querellae, preces, socer ad pedes abiectus. (Cic., Sest., 74)

O clamor do Senado, as queixas, as súplicas, o sogro lançado aos pés.

Em máximas:

Spes praemii solacium laboris. (Sén., De Mor., 56)

Esperança do prêmio, consolo do trabalho.

Como aposto:

Si mea uoce perterritus ire in exilium animum induxeris... (Cic., In Cat., 1,9,22)

Se, apavorado por minhas palavras, induzires tua alma a ir ao exílio... (aposto ao sujeito do verbo -2ª p. do sing.)

2-2- Com o verbo:

O sujeito de um verbo finito, isto é, flexionado está sempre no nominativo. Não se pode falar de concordância do sujeito e do verbo como sendo uma regra automática e artificial; resulta na realidade da relação lógica que se estabelece entre esses dois elementos, como Meillet (1953, p. 598, § 874) observa:

Onde se trata de seres múltiplos, o nome sujeito e o verbo predicado estão naturalmente no plural, mas independentemente um do outro e sem que tenhamos o direito de supor uma ‘concordância’... Isto resulta sempre do caráter de autonomia da palavra indo-européia: cada elemento da frase tem por si mesmo a forma que exige o sentido a exprimir.⁴⁵

45 Là où il est question d'êtres multiples, le nom sujet et le verbe prédicat sont naturellement tous les deux au pluriel, mais indépendamment l'un de l'autre et sans qu'on ait le droit de supposer un 'accord'... Cela résulte

2-2-1- Como sujeito da frase

Senatus haec intellegit, consul uidet; hic tamen uiuit. (Cic. Cat., I,2)

O senado entende isso, o cônsul o vê; este no entanto vive... (sujeito singular > verbo singular).

Senatus populusque romanus intellegit. (Cic. Fam., 5,8,2)

O senado e o povo romano entendem. (O senado faz parte do povo romano e forma com ele uma entidade única, singular).

Haec fremunt plebes. (T. Liv. III,38,11)

A plebe grita isso. (a plebe é um conjunto de pessoas; o significado é plural).

Ignis aurum probat, miseria fortes uiros. (Sén., De Prov., 5,8)

O fogo põe a prova o ouro, a miséria os homens corajosos. (o segundo verbo, idêntico, não é repetido)

2-2-2- Como predicativo:

Apud Heluetios longe nobilissimus fuit et ditissimus Orgetorix. (Ces. Bel.Gal.1,2,1)

Entre os Helvécios foi de longe Orgetorix o de mais alta estirpe e o mais rico. (adjetivos predicativos do substantivo sujeito *Orgetorix*)

Dulce et decorum est pro patria mori. (Hor., Od., 3,2,13)

É doce e honroso morrer pela pátria. (adjetivos neutros predicativos do infinitivo sujeito, *mori*)

Illud erat miserum solacium. (Cic. Verr. 3, 199)

Aquilo era uma triste consolação. (predicativo de um demonstrativo neutro, *illud*)

Nos numerus sumus (Hor., Ep., 1,2,27)

Nós somos número. (predicativo singular de um sujeito plural, *nos*, em função do significado do predicativo)

2-3- Nominativo e vocativo

2-3-1- Nominativo em vez de vocativo:

Às vezes o nominativo confunde-se aparentemente com o vocativo, no entanto trata-se de uma exclamação em que a pessoa nomeada não é objeto de um chamamento; é objeto de uma interpelação:

O conseruandus ciuis! (Cic.,Phil., 13, 37)

Ó cidadão que deve ser poupado! (É uma interpelação, não requer a presença efetiva da pessoa)

O festus dies! (Ter.Eun 560)

O dia festivo.

2-3-2- Aposição a um vocativo

Encontramos o nominativo em aposição a um vocativo, quando sublinha uma propriedade daquilo que é chamado:

Mi Libane, ocellus aureus. (Plaut, Asin, 691)

Ô meu querido Líbano, menina de ouro dos meus olhos.

Audi tu, populus Albanus. (Tito Lívio, 1,24, 7)

Ouve tu, povo albano.

O pronome *tu* com o verbo no imperativo marca a chamada de atenção: é um vocativo

Abin a me, dignus domino seruus! (Plaut., Amph., 857)

Vai-te para longe de mim, escravo digno do dono.

Nas duas expressões, a segunda pessoa do singular expressa pelo verbo ou pelo pronome *tu* figura uma interpelação no vocativo ao qual é apostrofo o nominativo.

3- FORMA.

Reconhecemos o nominativo por sua forma, isto é, pela desinência que o caracteriza.

3-1- Nominativo singular

Essa desinência apresenta alguma dificuldade: será que, como o sugere Chaignet,⁴⁶ a desinência do nominativo singular dos temas do gênero animado é constantemente **-s**, ou certos temas nunca tiveram realmente desinência e a única marca seria o alongamento da vogal da sílaba final? (apud CHAIGNET, 1875 p. 11-29)

De fato **-s** figura em quase todos os temas, mas pode ter sido dissimulado por acidentes fonéticos. Segundo o tema ao qual se junta e dos sons vizinhos à última sílaba, essa pode ter sofrido influências fonéticas diversas.

Precisamos estudar então os temas quanto a sua terminação e, a seguir, as mudanças que cada um pode apresentar na sua junção com a desinência.

Já vimos que existem temas em vogais breves **-ǫ-** e **-ǣ-**, em semivogais **-i-** (y) e **-u-** (w), em **-ē-** longo, em **soante** e em **consoante**. Podem designar seres animados, masculinos e femininos, ou inanimados, isto é, neutros.

Dependendo do gênero, da terminação do tema e dos sons que a precedem teremos tratamentos diferentes porque teremos encontros fonéticos diferentes nos quais as leis da fonética serão geralmente respeitadas.

3-1-1- Os temas em **-ǫ-**

Temos de examinar como se apresenta a última sílaba nos temas em **-ǫ-** do gênero animado; na maioria dos casos, o **-s** desinencial se acrescenta ao tema provocando a apofonia do **ǫ** em **ǔ**, normal em sílaba final fechada: *dominǫ-s* > *dominus* [o dono]. No entanto, quando a última sílaba do tema começa por **r** ou por um grupo formado de oclusiva mais **r**, a vogal breve cai entre **-r-** e **-s**, deixando em contacto as duas soantes, o que provoca assimilação e a seguir simplificação: *puerǫ-s* > *puers* > *puerr* > *puer* [a criança]; mas no caso do grupo oclusiva mais **r** (*-grǫ-/crǫ-/trǫ-*, etc), a língua introduz uma vogal de ligação que diante de **r**

⁴⁶ É o que se desprende do que expõe sobre a flexão do nominativo.

é necessariamente ě: agrŏ-s > agrs > agrr > agr > *ager* [o campo], nostrŏ-s > nostrs > nostrr > nostr > *noster* [nosso].

Mas, a vogal não cai depois de um antigo s que sofreu rotacismo, omesŏ-s > umerŏs > *umerus* [húmero], depois de uma sílaba que contém uma vogal longa ou um ditongo: austērŏ-s > *austērus* [áspero], taurŏ-s > *taurus* [touro], nem nos dissilábicos cuja primeira sílaba é breve, ěrus [dono], fĕrus [selvagem], mĕrus [puro]⁴⁷.

Alguns temas em -lŏ- podem receber o mesmo tratamento: famŭlŏ-s > *famulus* ou *famul* [o criado]⁴⁸.

A maioria desses temas são masculinos, mas existem alguns temas femininos em ŏ, por exemplo os nomes de árvores: malŏ-s > *malus* [a macieira].

Os neutros protegem a última sílaba por um -m, e não intervém outra modificação fonética a não ser a apofonia de ŏ em ŭ, normal em sílaba final fechada: templŏ-m > *templum* [o templo]. Três substantivos neutros de tema em ŏ terminam por -ŭs, *pelăgŭs* [o alto mar], empréstimo do grego, *uĭrŭs* [o veneno], *uolgŭs/uulgŭs* [a multidão, o vulgo]; este último no entanto pode ser de gênero masculino ou apresentar-se também sob a forma *uolgum*.

3-1-2- Os temas em -ă-

Os temas em -ă- não apresentam na época clássica o -s desinencial; pode ter existido e nesse caso caiu, alongando a vogal final, ou pode nunca ter existido, sendo o alongamento da vogal a única marca do nominativo; qualquer que tenha sido o nominativo original, na época clássica o a longo do nominativo se abreviou e deu a forma conhecida: *rosă* [a rosa], deixando o nominativo idêntico ao tema. A maioria desses temas são do gênero feminino, mas temos alguns masculinos, *incolă* [o habitante], *poetă* [o poeta]. Esses temas não apresentam palavras do gênero neutro.

47 A palavra *uĭr* < *uĭrŏs*, o varrão sofreu provavelmente analogia com *pater*, pai, *mater*, mãe, etc. No entanto a permanência de ĭ diante de r deixa suspeitar uma antiga raiz em ĭ, como em *uĭs*, a força. (apud ERNOUT, 1932, p. 4069.)

48 Com influência dialetais, encontramos também *famĕl*, *figĕl* < *figŭlus*, o oleiro, *mascĕl* < *mascŭlus*, masculino.

3-1-3- Os adjetivos de tema em vogal.

Os adjetivos de tema em vogal têm o tema em **ō** para o masculino e o neutro, o tema em **ā** para o feminino e sofrem as mesmas modificações fonéticas que os substantivos: *formosō-*, *pulchrō-* são temas de masculino e de neutro, *formosā-*, *pulchrā-* de feminino: *formosō-s* > *formosus*, masculino, *formosō-m* > *formosum*, neutro [formoso], *formosā-* > *formosā*, feminino [formosa]; *pulchrō-s* > *pulchrs* > *pulchrr* > *pulchr* > *pulcher*, masculino, *pulchrō-m* > *pulchrum*, neutro [bonito], *pulchrā-* > *pulchrā* [bonita].

3-1-4- Os temas em -ē-

Os temas em vogal longa **-ē-** acrescentam normalmente o **-s** no fim do tema: *diē-s* > *diēs* [o dia], *rē-s* > *rēs* [a coisa]. Não há neutro em vogal **-ē-**.

Não há adjetivos de temas em **-ē-**.

3-1-5- Os temas em soante

3-1-5-1- Temas em -l, -r, -s do gênero animado

Os temas em soante não apresentam a desinência **-s** do nominativo singular, ou porque nunca tiveram, ou por que o **-s** se assimilou à soante. É o caso notadamente dos temas terminados por **-l**, **-r** e o próprio **-s**, tais como *consūl-s* > *consūll* > *consūl* [o cônsul], *auctōr-s* > *auctōrr* > *auctōr* [o autor], *cinīs-s* > *cinīss* > *cinīs* [a cinza]; no entanto muitos temas em **-s** apresentam também um nominativo em **-r** por analogia com o resto da flexão, onde o **s** passa a estar entre vogais e sofreu o fenômeno de rotacismo: o tema *honōs-*, se encontra no nominativo tanto sob a forma *honōs* quanto sob a forma *honōr* [a honra] e o tema *flos-* tem os nominativos *flōs* [a flor] e *flor*, todos os adjetivos no comparativo passam do sufixo **-iōs** a **-iōr**. Os monossílabos conservam o **s** em geral, como *mūs* [o rato], *mōs* [o costume], assim como algumas palavras isoladas: *Cerēs-s* > *Cerēs* [Ceres] ou os adjetivos *pūbēs-s* > *pūbēs* [púbere], *uetūs* [velho].

Temas do tipo *pater* [o pai] parecem provir de um tema *patr-* com a introdução de uma vogal de ligação que sofreu primeiro alongamento como em todos os nominativos do gênero animado e se abreviou depois foneticamente.

3-1-5-2- Os temas neutros em –r e –s.

Os temas neutros não têm desinência mas, quando a última vogal do tema é longa, ela se apresenta breve no nominativo singular exceto em alguns monossílabos.

- Nos temas em –r

A última vogal do tema não sofre apofonia em nenhum momento da flexão. Tema *nectār-* > nominativo *nectār* [néctar], *ūbēr-* > *ūbēr* [seio], *marmōr-* > *marmōr* [mármore], *murmūr-* > *murmūr* [murmúrio]. Só *uēr* [a primavera] tem uma longa em toda a flexão.⁴⁹

- Nos temas em –s

A última vogal do tema pode ser longa ou breve.

- Quando é longa se abrevia no nominativo singular, por exemplo nos comparativos dos adjetivos: *iustiōs-* que dá o nominativo masculino/feminino *iustiōr*, é *iustiōs* > *iustiūs* [mais justo] no nominativo singular neutro, no resto da flexão conserva a vogal longa.

- Quando a vogal do tema é breve, *ō* sofre normalmente apofonia em *ū* no nominativo singular mas, no resto da flexão, pode conservar-se sem modificação ou sofrer apofonia em *ě* em consequência do rotacismo do –s- intervocálico; assim temos *opōs-* > *opūs* [a obra], cuja vogal predesinencial sofre apofonia (*opěra* no nominativo plural), mas *corpōs-* > *corpūs* [o corpo] que conserva o *ō* em toda a flexão (*corpōra* no nominativo plural).

Algumas palavras-raiz conservam a longa de origem: *iūs*, o direito, *iūs* [o molho], *pūs* [o pus], *crūs* [a perna], *ōs* [a boca], *fās* [a justiça divina]. A longa de *rūs* [o campo] tem outra origem, o tema é **rewōs*, o *ū* resulta de contração.⁵⁰

49 Dois substantivos neutros *fel* < *fell-* e *mel* < *mell-* < *melt* < *melit-*? apresentam temas com dois “L” que se reduziram, tendo sofrido o segundo analogia com o primeiro, com o qual fazia oposição.

50 *Fār* é um tema terminado de fato por –s em que o s sofreu assimilação ao r: *fars-* > *farr* > *fār* [trigo], genitivo *farris* < *farsis*

3-1-5-3- Adjetivos de temas em soante

Poucos adjetivos têm temas em soante. Além dos já citados *pubēs* e *uetūs* temos *paupěr* [pobre], *meměr* [que se lembra], *uiğıl* [vigilante], *uběr* [fecundo], que têm a mesma forma para os três gêneros no singular, e o tema *celěr-*, masculino *celěr*, neutro *celerě* [rápido], feminino *celerīs* [rápida]⁵¹.

3-1-5-4- Temas em nasal

Os temas do gênero animado terminados por nasal tiveram diversos tratamentos.

- O único tema em **-m**, *hiem-*, recebe normalmente o **-s** do nominativo: *hiēm-s* > *hiěms* [o inverno].
- Nos temas do gênero animado terminados por **-ēn**, o **-n** absorve o **-s** da desinência: *liēm-s* > *liěn* [o baço], *rēm-s* > *rěn* [o rim] (geralmente encontrado no plural). Mas dois temas têm no nominativo a vogal breve, provavelmente por serem neutros na origem e terem mudado de gênero: *flāměn* [o flâmine], *pectěn* [o pente], além de temas compostos com *cāno* [eu canto], tais como *corni-cěn* > *cornicěn* [o corneteiro], *os-cěn* > *oscěn* [o óscen].
- Um tema em **-īn** em que o **s** absorveu o **n**, alongando a vogal: *sanguīn-s* > *sanguīs* [o sangue].

- Os temas neutros em **-ěn**:

Como é normal, não apresentam desinência e conservam a vogal breve do tema no nominativo: *inguěn* [a virilha], *unguěn* [a gordura], *noměn* [o nome]. A maioria é formada pelo sufixo **-měn**⁵²: *fluměn* [o rio], *agměn* [a marcha, o exército].

⁵¹ O feminino pode ser um tema em yod (sufixo que marca o feminino por exemplo nos participios).

⁵² O sufixo **-měn** pode ser de instrumental ou de perfectum

- Os temas terminados por -*ōn* ou por -*ōn*

Eles ou absorveram o -s da desinência ou nunca tiveram essa desinência; perderam a nasal no nominativo, e houve o alongamento compensatório da vogal final nos temas em vogal breve: *homōn*-s > *homō* [homem], *praedōn*-s > *praedō* [o assaltante].

Os temas em *ōn* apresentam apofonia do *ō* em *ī* no resto da flexão como *homōn*-s > *homō* [o homem] (nominativo plural *homīnes*). Um único tema sofre síncope do *ō* interno: entre *r* e *n* o *ō* cai e temos *carōn*- > *carō* [carne] no nominativo singular, mas o resto da flexão apresenta o tema sob a forma reduzida da raiz *carn-* (*carnis* do genitivo por exemplo). Não há neutros terminados por -*on*.

3-1-6- Os temas em consoante.

Os temas em consoante apresentam todos o -s na desinência.

3-1-6-1- Os temas em gutural compõe o -g- ou o -c- do tema com o -s desinencial e terminam pela consoante dupla -x: *reg*-s > *rex* [o rei], *duc*-s > *dux* [o chefe].

3-1-6-2- Os temas em labial acrescentam o s ao tema: *plēb*-s > *plebs* [a plebe], *princēp*-s > *princeps* [o príncipe].

3-1-6-3- Os temas em dental assimilam a dental e o -s, simplificando a seguir os dois s : *pēd*-s > *pess* > *pēs* [o pé], *uirtūt*-s > *uirtuss* > *uirtūs* [a virtude]

3-1-6-4- Os temas neutros.

O nominativo singular é o próprio tema com adaptações fonéticas quando necessário: *cōrd*- > *cōr* [o coração], *lāct*- > *lāc* [o leite], perderam a dental final. No resto da flexão os temas sofrem as modificações fonéticas de praxe.

3-1-6-5- Os adjetivos de tema em consoantes são raros:

particēp-s > *particeps* [que toma parte a], *princēp*-s > *princeps* [primeiro], *inōp*-s > *inops* [sem recursos],

compōt-s > composs > *compōs* [dono de], diuēt-s > diuess > *dīuēs* [rico], sospēt-s > sospess > *sospēs* [são e salvo], superstēt-s > superstess > *superstēs* [sobrevivente].

A forma é a mesma para os três gêneros; no entanto, o significado, ligado a seres animados não permite geralmente o neutro.

3-1-7- Os temas em semivogal.

Os temas em semivogal terminavam por **-ěy-** ou **-ēy-** e **-ow-**.

A semivogal vocalizou-se depois da vogal breve e o ditongo simplificou-se da seguinte maneira: **-ěy-** > **-ěi-** > **ēi** > **-ī/-ĩ-**, **-ow-** > **-ou-** > **-ū-**; no gênero animado, a essa vogal acrescenta-se normalmente o **-s** da desinência; assim temos *ceiuěy-s* > *ciueī-s* > *ciūīs* > *ciūīs* [o cidadão], e *manow-s* > *manou-s* > *manūs* [a mão].

No caso das palavras terminadas por **-ēy-**, a semivogal ou caiu ou foi absorvida pela vogal longa e essas palavras são terminadas pelo morfema **-ēs** (MEILLET, 1953, p. 80, §722.).

caedēy-s > *caedē-s* > *caedēs* [o crime]; encontra-se também a forma em **-is**, *caedis*.

3-1-7-1- Acomodações fonéticas nos temas em **-ey-** do gênero animado.

A sílaba final se apresenta normalmente em **-is**. Mas dois tipos de encontros fonéticos determinam acomodações nesses temas que os fizeram considerar exceções à regra.

No capítulo sobre a fonética vimos que os temas terminados por consoante seguida de **ĩ** e precedida de sílaba longa, tais como *mōrtĩ-*, *ārtĩ-* perdem o **-i-** do tema na junção com a desinência **-s**. Depois da queda do **ĩ** sofrem as mudanças costumeiras: *ārti-s* > *arts* > *arss* > *ārs* [a arte]; *mōrti-s* > *mōrs* [a morte]; *ūrbī-s* > *ūrbs* [a cidade]; *gēntĩ-s* > *gēns* [a família, a raça].

Vimos também que, como no nominativo dos temas em **-ō-** tais como *puerō-*, os temas terminados por uma oclusiva + **ri-** perdem a vogal breve: *imbri-s* > *imbrs* > com assimilação do **r** e do **s** e posterior introdução de uma vogal de ligação temos *imber*. É o caso de quatro substantivos e de alguns adjetivos masculinos: *imbri-s* > *imbrs* > *imbr* > *imber* [o aguaceiro], *lintri-s* > *linter* [a canoa], *utri-s* > *uter* [o odre], *uentri-s* > *uenter* [o ventre], *acri-s* > *acrs* > *acer* [agudo].

3-1-7-2- Os temas neutros em ey

Não havendo desinência no neutro, o **ī** final desses temas sofre ou apócope ou apofonia em **ě**. Às vezes as duas formas se encontram. Assim temos *mař-* > *mare* [o mar], e *animali-* > *animal* [ser animado], *praesepi-* > *praesepeř* [curral], mas podemos ter tanto *exemplar* quanto *exemplarě* [exemplo] do tema *exemplari-*.

3-1-7-5- Os adjetivos

Os adjetivos que figuram nesse tema são numerosos. Apresentam-se de três maneiras. Os mais numerosos acrescentam o mesmo **-s** desinencial no masculino e no feminino, o neutro não apresentando desinência, o **ī** sofre apofonia em **-ě**: tema *forti-*, masculino e feminino *fortis* [forte], neutro *fortě*, tema *facili-*, m. e f. *facilis*, n. *facile* [fácil].

Como nos temas nominais já vistos, os adjetivos cuja penúltima sílaba comporta uma vogal longa sofrem as mesmas modificações que os temas dos substantivos (*ūrbī-s* > *ūrbs*): *fēlici-s* > *fēlix* [feliz]. No singular, o neutro desses adjetivos pode ser idêntico ao masculino e feminino, e nesse caso conservam a mesma forma para o acusativo. Podem apresentar-se as três situações seguintes:

- as formas do masculino, feminino e neutro são idênticas e o neutro tem o **-s** do masculino no nominativo e no acusativo singular: tema *fēlici-*, acrescenta o **-s** do gênero animado, e dá *fēlix* [feliz]; *audāci-s* > *audāx* [audaz], masculino, feminino e neutro; *inērs* < *inērī-s* [incapaz], *atrōx* < *atrōči-s* [medonho], *concōrs* < *concōrdī-s* [unido cordialmente].

- do mesmo modo, alguns adjetivos que têm vogal breve na penúltima sílaba do tema, manifestam no entanto a mesma redução da sílaba final, quem sabe, por analogia:

hebēs < *hebēī-s* [rombudo], *perpēs* < *perpēī-s* [ininterrupto], *praecēps* < *praecipīī-s* [precipitado], *anceps* < *ancipīī-s* [de duas cabeças]⁵³, etc.

- Alguns poucos têm uma forma diferente para o masculino, o feminino e o neutro, como o tema *acri-*, masculino *acri-s* > *acrs* > *acěr*, feminino *acris*, sem redução, neutro *acrě*, com apofonia do **ī** [agudo, aguda].

⁵³ O nominativo singular desses dois últimos pode ter sofrido analogia com *princeps*, derivado da raiz *cap-* enquanto são compostos do substantivo *caput* [cabeça]

3-1-7-6- Os participípios presentes.

São adjetivos verbais; apresentavam dois tipos de tema: um tema em consoante terminado pelo sufixo **-nt-** para o masculino e o neutro e em **-nty-** para o feminino, o sufixo **-y-** marcando o gênero. O nominativo singular apresenta-se igual para os três gêneros: *amans* [que ama], com a formação do masculino *amant-s* > *amans*, do neutro *amant-* > *amans* por analogia com o masculino (a formação **-nt** em fim de palavra não é comum no latim), do feminino *amantī-s* > *amants* > *amans*. O resto da flexão sofreu influência dos dois temas e em geral se organiza como a dos temas em semivogal.

Não se costuma dar atenção ao tema das palavras; em consequência encontram-se na mesma declinação -a terceira- todas as formas que apresentam o genitivo em **-is**, isto é, todos os temas em consoante, em soante e em i. Esses últimos são classificados como parissilábicos por terem igual número de sílaba no nominativo e no genitivo. Mas, dados os acidentes fonéticos que acabamos de encontrar, os que -sendo de tema em i- não têm igual número de sílaba no nominativo e no genitivo passam a ser classificados como falsos imparissilábicos. Ao contrário os temas em soante ou consoante, imparissilábicos em geral, apresentam alguns temas aos quais a consciência lingüística forneceu uma vogal de ligação e se tornaram parissilábicos sem ser temas em i; são chamados falsos parissilábicos. É o caso dos temas *can-*, *juuen-* aos quais a língua acrescentou um **-ī-** antes do **-s** da desinência *can-ī-s* > *canīs* [o cão], *iūuen-ī-s* > *juuenīs* [jovem]. Essas denominações têm a capacidade de criar confusões e dificuldades quando o conhecimento do tema da palavra esclareceria o suficiente as formas que elas adquirem na flexão e simplificaria essas classificações meramente descritivas.

3-1-7-6- Os neutros dos temas em **-ow-**

Os temas terminados pela semivogal **-ū-** são o próprio tema, *genū-* > *genū* [o joelho].

Não existem adjetivos de tema em **-ū-**.

3-2- Nominativo Plural

A desinência do nominativo plural dos nomes que se referem ao gênero animado era -**ēs** < -**as** no indo-europeu. Todos os temas parecem ter apresentado alguma vez essa desinência⁵⁴. No entanto sofreram modificações fonéticas importantes nos temas em -**ō-** primeiro e a seguir, por analogia, nos temas em -**ă-**. Os neutros marcam a pluralidade com o -**ă** do coletivo, como já vimos.

3-2-1- Os temas em vogal breve.

3-2-1-1- Os temas em **ō**:

Apresentam a desinência -**ī** remanescente de modificações sofridas pela desinência -**ēs**, com perda do -**s** final: *dominō-ēs* > *dominōe* > *domineī* > *dominī*.⁵⁵ Os temas terminados por -**iō-** como *filiō-* (*filius* [o filho] no nominativo singular) conservam geralmente os dois **i** no nominativo plural: *filiō-i* > *filiēi* > *filī*.

3-2-1-2- Os temas em **ă**:

Mostram algumas vezes uma final em **ās**, remanescente da contração de **ă+ēs**, adotaram por analogia com os temas em **ō** a desinência **ī**, com as modificações fonéticas seguintes: *rosă-ī* > *rosāi* > *rosae*. O fato de que muitos adjetivos são de temas em vogal nos quais como foi dito o masculino e o neutro têm tema em -**ō-** e os femininos tema em -**ă-** deve ter contribuído a formação analógica desse nominativo.

3-2-1-3- Os temas neutros em **ō**

Acrescentam o -**ă** do coletivo ao tema e o **ō** do tema sofre síncope : *templō-ă* > *templă*.

54 (apud ERNOUT, 1953, p. 31, Nota., e CHAIGNET, 1875, p. 82 et seq.). Chaignet supõe que o -**ēs** do plural se teria acrescentado à forma do singular dos temas em -**ō-** e -**ă-** com queda do **s** intervocálico e, depois da ditongação, com a queda do -**s** final: *dominōs-ēs* > *dominō-ēs* > *dominōe* > *dominī*

55 Encontram-se em alguns dialetos latinos nominativos plurais com desinência -**eis**, -**es**, -**is**. (ERNOUT, 1953, p. 31, nota.)

3-2-2- Todos os outros temas do gênero animado apresentam a desinência -ēs < -ěs⁵⁶

3-2-2-1- nas palavras de tema em -ē longo:

o ē do tema e o ě da desinência se assimilaram: diē-ěs > *diēs* [os dias].

3-2-2-2- nas palavras de tema em semivogal -y-:

Houve a queda do yod entre vogais e a contração dos dois ě com o consecutivo alongamento: cēiuey-ěs > ciuě-ěs > *ciuēs*, [os cidadãos].

3-2-2-3- nas palavras de tema em semivogal w:

O ě e o ū se assimilaram: fructow-ěs > fructou-ěs > fructū-ěs > *fructūs* [os frutos]

3-2-2-4- Os temas neutros em semivogais:

Acrescentam sem problema a desinência -ǣ do coletivo: mař-: mař-ǣ > *mařǣ* [os mares], genū-: genū-ǣ > *genǣ*, [os joelhos].

3-2-2-5- Os temas em consoante e em soante:

Apresentam a desinência -ēs; é provável que a similitude da flexão com os nomes em semivogal y tenha permitido um ē longo analógico. Acrescenta-se normalmente a desinência ao tema, não havendo qualquer problema fonético nessa junção. Mas o encontro do tema com uma desinência que começa por uma vogal e o aumenta de uma sílaba na palavra modificam a posição das vogais internas e das soantes predesinenciais, e leva as acomodações fonéticas esperadas.

libertat-ěs > libertat-ēs > *libertatēs* [as liberdades];

praedōn-ěs > praedōn-ēs > *praedōnēs* [os ladrões]

- Apofonia da vogal breve em posição interna:

A vogal breve do tema sofre apofonia em todos os casos menos no nominativo e no vocativo singular porque se encontra em sílaba interna, depois do acréscimo da desinência:

⁵⁶ O e longo é proveniente de um -e breve que se alongou por analogia com as palavras em semivogais e evitou a transformação normal de -ě em -ī diante de -s

homŏn-ēs > homŏn-ēs > *homīnēs* [os homens]; todo o resto da flexão apresenta a mesma situação fonética, e a flexão se organiza então sobre o tema modificado homŏn-.

- Nos temas em –s-

O **s** sofre rotacismo em todos os casos menos no nominativo singular e eventualmente a vogal que o precede sofre apofonia em **ě**:

labŏs-ēs > labŏs-ēs > *labŏrēs* [os trabalhos]

cinŏs-ēs > cinŏrēs > *cinērēs* [as cinzas]

- Plural dos nominativos dos temas neutros em soante e consoante.

Encontramos as mesmas situações fonéticas: aumento de uma sílaba e desinência vocálica que determinam as mesmas modificações

- Apofonia da vogal breve em posição interna

Tema caput-: capŭt-ă > *capŭtă* [as cabeças] (apofonia do ŭ em sílaba interna)

Tema flumĕn-: flumĭn-ă > *flumină*, [os rios] (apofonia do ě em sílaba interna)

Como vimos no capítulo consagrado à fonética, o **ŏ** dos temas neutros em -ŏs- passando a uma posição interna pode sofrer apofonia em **ě** ou não sofrer modificação.

Tema corpŏs-: corpŏs-ă > *corpŏră*, [os corpos] (rotacismo do **s**, sem apofonia do **ŏ**)

Tema opŏs-: opŏs-ă > *opĕră* [as obras] (rotacismo e apofonia da vogal breve em **ě** diante de **r**)

Tabela 1 Quadro sinóptico das formas do nominativo no singular e no plural.

	tema		singular				plural		
	tema em		ō- e -ă-						
masc.	dominō-	s	dominōs		dominūs	i	dominōī	>	dominī
fem.	puerō-	s	puerōs	>puers>	puer	i	puerōī	>	puerī
	agrō-	s	agrōs	>agrs>agr>	ager	i	agrōī	>	agrī
neutro	templō-	m	templōm		templūm	ă	templōă	>	templă
m.f.	rosă-		rosă	>rosă	rosă	i	rosăī	>	rosae
	tema em		ē-						
m.f.	diē-	s			diēs	ēs	diēēs	>	diēs
	tema em		consoante /soante						
masc.	uirtut-	s	uirtuts	>uirtuss>	uirtus	ēs	uirtutēs	>	uirtutēs
fem.	leg-	s	legs	>	lex	ēs	legēs	>	legēs
	soror-	s	sorors	>	soror	ēs	sororēs	>	sororēs
	patr-	s	patrs	>patr>	pater	ēs	patrēs	>	patrēs
	exsul-	s	exsuls		exsul	ēs	exsulēs	>	exsulēs
	honōs-	s	honōss	>honōs>	honōs/honōr	ēs	honōsēs	>	honorēs
	cinīs-	s	cinīs	>cinīs>	cinīs	ēs	cinīsēs	>	cinērēs
	praedōn-		praedō(ns)	>praedō>	praedō	ēs	praedōnēs	>	praedōnēs
	homōn-		homō(ns)	>homō>	homō	ēs	homōnēs	>	homīnēs
	hiem-	s	hiems	>	hiems	ēs	hiemēs	>	hiemēs
neutro	flumēn-		flumēn	>	flumēn	ă	flumēnă	>	flumīnă
	tempōs-		tempōs	>	tempūs	ă	tempōsă	>	tempōră
	genōs-		genōs	>	genūs		genōsă	>	genēră
	capūt-		capūt	>	capūt	ă	capūtă	>	capītă
	Tema em		semivogal --ey-						
masc.	ciuēy-	s	>ciuī-s	>ciuīs>	ciuīs	ēs	ciuēyēs	>	ciuēs
	caedēy-	s	>caedē-s	>caedēs>	caedēs	ēs	caedēyēs	>	caedēs
fem.	mōrtēy-	s	mōrtīs	>mōrts>	mōrs	ēs	mōrtēyēs	>	mōrtēs
	imbrī-	s	imbrīs	>imbrs>	imbrē	ēs	imbrēyēs	>	imbrēs
neutro	marēy-		marī	>	marē	ă	marīă	>	marīă
	animalēy-		animalī	>	animal	ă	animalīă	>	animalīă
	calcarēy-		calcarī	>	calcar	ă	calcarīă	>	calcarīă
			semivogal -ow > ū						
m.f.	fructū-	s	<fructow-	>fructūs>	fructūs	ēs	fructuēs	>	fructūs
neutro	genū-		genow	>	genū	ă	genūă	>	genūă

VOCATIVO *uocatiuus casus*, κλετική πτώσις

I- SIGNIFICADO

Como seu nome indica, o vocativo *-uocatiuus casus*, de *uocare* (chamar)- chama a atenção do interlocutor. É um chamamento e normalmente se dirige a uma pessoa, no singular; é uma forma da oralidade no diálogo entre Eu e Tu. O vocativo não é propriamente um caso porque não faz parte da economia da frase, e de fato não tem desinências próprias. Chamar a atenção de alguém usando o seu nome é também nomeá-lo: é um significado muito próximo do do significado do nominativo que permite que o vocativo use em quase todos os temas as mesmas formas a não ser nos temas em **-ō-** e **-ā-**, no singular, onde se apresenta como o próprio tema, sem desinência. Todas as formas do plural e do neutro são as do nominativo. De fato, o plural e o neutro são uma extensão metafórica do significado do vocativo; não pertencem ao diálogo. São usados nas exclamações, nos discursos em que o orador se dirige a uma assembléia. Não têm o valor original de chamamento.

O vocativo não tem função na frase em relação aos verbos ou aos substantivos. No entanto é um elemento importante do enunciado oral e apresenta algumas formas próprias. Como a maioria das suas formas são as do nominativo, estudamos o vocativo logo depois desse caso por causa da proximidade formal e, às vezes, expressiva. Pois o vocativo pode ter um valor exclamativo, expressivo, com teor emotivo, significados que vimos também no nominativo. A partícula **ō** lhe sublinha às vezes o valor expressivo.

Quando vem acompanhado de epíteto ou aposto, geralmente só o epíteto adota também a forma do vocativo por formar com o substantivo uma unidade inseparável, enquanto o aposto é expresso pelo nominativo.

2- USO DO VOCATIVO.

2-1- O vocativo chama a atenção do interlocutor.

2-1-1- Em discursos para sublinhar a quem se dirige o orador.

Quo usque tandem abutere, Catilina, patientia nostra? (Cic., Cat., I,1)

Até quando abusarás de nossa paciência, Catilina?

2-1-2- No diálogo, é uma chamada de atenção

“- *Filia mea, salve.*

- *Salve, mi pater insperate.*” (Plt., Rud. 1173-1175)

“- Bom dia, minha filha.

- Bom dia, meu pai inesperado.”

“- *Qui possum, quaeso, facere, quod quereris, lupe?*” (Fedro Fab.)

“- Em que posso fazer, por favor, aquilo de que te queixas, lobo?”

2-1-3- Em epístolas, imitando um diálogo.

Vale, mi Tiro, uale et salve. (Cic., Fam., XVI.4)

Boa saúde, meu Tirão, boa saúde e até logo.

2-2- Expressão da afetividade.

Pode expressar, além da mera interpelação, diversos sentimentos

2-2-1- o afeto, como na frase precedente ou o vitupério:

Male dicere audes, fons uiti et periuri! (Plt., Pers., 848)

Ousas falar mal, fonte de vício e perjúrio!

2-2-2- Pode vir precedido de interjeição, *ō* [ó] a maioria das vezes, mas também de *heus, eho* [olá, oh!],:

O canis, merito iaces (Fedr., 28, 9)

Ó cão, merecidamente estás morto.

Heus! Tu, Rufio (Cic., Mil., 60)

Olá, tu, Rufião!

2-2-3- Vocativo nas exclamações e imprecções como recurso oratório. Nesse caso, o nominativo também é possível, como vimos.

O tempora! O mores! (Cic. Catil., I,2)

Ó tempos! Ó costumes!

O fortunate adulescens! (Cic. Arch., 24)

Ó moço afortunado!

2-2-4- A posição do vocativo: pode estar em qualquer posição, em particular quando expressa algum sentimento.

Ego uero tibi istuc, mi Antoni, remitto (Cic. At: 14.13.B3)

Mas eu, meu caro Antonio, passo-te isto.

2-2-5- Vocativo com aposição no nominativo

Mi Libane, ocellus aureus! (Plaut., Asin., 691)

Meu caro Líbano, menina de ouro dos meus olhos

3- FORMA DO VOCATIVO.

Por não representar uma função, o vocativo não é caso, isto é, não tem desinência própria. Só nos nomes de tema em -**ŏ-** e -**ă-**, no singular do gênero animado, ele se apresenta como o próprio tema, com as modificações fonéticas condizentes. Mas, intimamente ligado ao nominativo, usa de fato as desinências do nominativo com todos os outros temas.

3-1- No singular

3-1-1- temas em -**ă-**.

O **ă** final sempre foi breve no vocativo e, em consequência da abreviação da vogal longa da sílaba final do nominativo, é igual ao nominativo.

tema *rosă-*, vocativo *rosă* [rosa!]

3-1-2- temas em -**ŏ-** do gênero animado.

- Ele é o próprio tema, mas o **ŏ** sofre apofonia em -**ě**: tema *dominŏ-* > *domině*, [senhor!]

- temas terminados por -**rŏ-**;

em geral o **ě** sofre síncope : *puerŏ-* > *puerě* / *puer* [menino!]

- temas terminados por -iŏ-: há assimilação do -ě e do -i- tema filiŏ- > filiě > filiĩ > *fiĩ* [filho!]
- O adjetivo possessivo da primeira pessoa do singular no masculino singular sofre o mesmo processo com a contração dos dois e em ĭ: meŏ- > meě > *mĩ* (*mĩ Tiro* [meu caro Tirão])

3-1-3- tema em consoante e semivogal: o vocativo é igual ao nominativo

3-1-4- Todos os temas neutros têm o vocativo igual ao nominativo. Na origem designando coisas, o neutro não podia fazer parte do diálogo; o vocativo neutro é metafórico.

2- O vocativo plural.

As formas dos vocativos plurais são todas idênticas às do nominativo plural.

ACUSATIVO, *accusatiuus / causatiuus casus*, ἀιτιατική πῶσις.

Como sublinha Murachco (2007, vol. 1, p. 97) a tradução latina do termo grego parece não corresponder à real intenção de quem nomeou o caso. “Se derivarmos ἀιτιατική do verbo ἀιτέω *eu procuro, busco, exijo*, poderemos explicá-lo satisfatoriamente. A derivação de ἀίτια ‘causa’, por ser abstrata, não é suficiente e destoa do conjunto das denominações dos outros casos que são concretas.”

1- SIGNIFICADO.

De fato todos os significados do acusativo têm como ponto de partida a relação concreta do movimento em direção a algo, da procura; seja essa procura a do verbo transitivo que vai à busca da complementação de seu significado, seja a meta do movimento em direção a algo, coisa ou lugar, seja a designação da extensão no espaço -que sugere um movimento para frente- e, por metáfora, a da extensão temporal. Este campo semântico é vasto; permitiu a extensão do uso do acusativo à expressão de relações diversas nas quais o movimento não é mais evidente mas continua implícito. Estudaremos essa questão em seguida. Mas em primeiro lugar tentaremos definir a noção de verbo transitivo e de complemento de objeto direto.

1-1- A transitividade.

1-1-1- O verbo

A denominação de verbo transitivo em oposição à de verbo intransitivo é semântica: significa que o ato expresso pelo verbo usa o verbo como uma passagem para acabar de se realizar sobre algo que é externo ao sujeito; a ação fica sendo incompleta sem a expressão do objeto sobre o qual ela se realiza. Na expressão “eu leio um livro”, a ação de ler só adquire todo o significado que quero lhe dar quando indico o objeto sobre o qual se realiza a leitura.

O mesmo verbo pode ser usado intransitivamente, isto é, sem a expressão de um objeto; indicará também um processo, mas, o designará como absoluto, como por exemplo quando se diz: “eu ando”, “eu penso”. De fato, quase todos os verbos transitivos podem ser usados para designar o processo em si, tornando-se então intransitivos. Do mesmo modo, vários verbos que indicam normalmente o processo em si, intransitivos então, podem ser

usados como transitivos, por exemplo quando o objeto sobre o qual porta a ação é contido no próprio significado do verbo: “Vivo uma boa vida” em que o verbo e o complemento têm a mesma raiz ou “andei um longo caminho para chegar até aqui” em que andar e caminho estão no mesmo campo semântico; a intenção aqui é de qualificar a vida que se leva ou o caminho percorrido e não o ato de viver ou de andar, o que se daria com advérbio.

1-1-2- A relação objeto direto/acusativo.

Ao contrário da afirmação meramente descritiva de que o complemento de um verbo transitivo se constrói diretamente, isto é, sem preposição e que é representado em latim pelo acusativo, consideramos a relação semântica seguinte: o verbo transitivo, porque tem um significado incompleto, parte à busca de seu complemento e o acusativo, porque diz o ponto de chegada do movimento, é necessariamente o caso que será usado para expressar esse complemento. Concordamos que “a relação estabelecida (pelas gramáticas) entre o acusativo e o verbo resulta de um desenvolvimento secundário; o indo-europeu não conhecia a ‘recção’”, como diz Meillet (1953, p. 549, §816a). De fato, o verbo não “rege” o acusativo, ou algum outro caso: é a coincidência da intenção da ação expressa pelo verbo com o significado do caso que impõe o uso de um caso determinado. Se a idéia de regime do verbo se impôs quando se perdeu a noção de caso e as relações que o caso expressava tiveram de ser expressas por preposições, as línguas flexionadas como o latim tinham ainda muito presente o significado da maioria dos casos e não havia confusão a respeito de seu uso. Quando “acontece um complemento estar em um caso diferente do acusativo...”⁵⁷, isso significa que a relação que está sendo expressa não pertence ao campo semântico (à natureza, diria Quintiliano) do acusativo. Os verbos têm um certo significado, os casos expressam uma certa relação. O significado do verbo leva necessariamente seu complemento ao caso que permite expressar a idéia que o ato verbal contém. Esse movimento não é arbitrário; é semântico.

No acusativo existe sempre a idéia de movimento, tanto no complemento do verbo transitivo quanto no complemento de um verbo de movimento. É o fim, o término do ato verbal.

⁵⁷ La relation établie entre l'accusatif et le verbe résulte d'un développement secondaire; l'indo-européen ne connaissait pas la 'rection'. Il arrive qu'un complément soit à un autre cas que l'accusatif.

2- USO DO ACUSATIVO.

Por expressar a idéia de movimento para frente e porque todo ato, ou quase, apresenta de alguma maneira a noção de movimento em direção a algo, o acusativo ocupou em latim um campo semântico muito extenso. Seus usos são numerosos; segue muitas preposições de significado espacial na origem; presta-se à expressão de muitos matizes. Pela freqüência de seu uso, as línguas neolatinas usaram suas formas na constituição da maior parte do léxico nominal.

2-1- O acusativo ilativo ou de direção

Estudaremos em primeiro lugar seu valor ilativo, o mais concreto, de “lugar para onde” e as extensões desse sentido no espaço e no tempo. Por expressar uma noção física o acusativo de direção é geralmente usado com preposição apesar de o acusativo bastar para indicar esse movimento; de fato a preposição é dispensada algumas vezes quando a meta do movimento é evidentemente um lugar; isso não é obrigatório mas é habitual com um nome de cidade ou de ilha pequena, com os substantivos *rus* [o campo] e *domus* [a casa].

2-1-1- Expressão do lugar para onde

- Sem preposição:

Eo Romam. [nome de cidade]

Vou a Roma.

Pomponi domum uenisse dicitur. (Cic., Off., 3,112)

Diz-se que veio à casa de Pompônio.

Rus homines eunt. (Plaut., Capt., 78)

Os homens vão para o campo.

Rhodum uenimus (Plat., Merc., 93) [nome de ilha pequena]

Vimos a Rodes

Com preposição

Ut ueni ad urbem. (Cic., Fam., 9,12,2)

Quando cheguei à cidade.

In senatum uenit. (Cic., Cat., 1, 2)

Ele vem ao senado.

Ibit aut in Asiam aut in Ciciliam. (Plt., Trin., 599) [Nome de país e de ilha grande]

Irá ou à Ásia, ou à Sicília.

2-1-2- Expressão da extensão

- Espaço percorrido

Neminem esse qui possit...triduo septingenta milia passuum ambulare. (Cic., Deot., 42)

Não há ninguém que possa em três dias andar setecentas milhas.

- Distância:

Hic locus ab hoste circiter passus sexcentos aberat. (Ces., B.G., 1,49,2)

Este lugar distava do inimigo aproximadamente seiscentos passos.

- Dimensão de um objeto

Aggerem, latum pedes trecentos et triginta, altum pedes octoginta exstruxerunt. (Ces., B.Gal., 7,24,1)

Levantaram um terraplino largo de trezentos e trinta pés, alto de oitenta pés. (Uma medição é um espaço percorrido de um ponto a outro)

2-1-3- Expressão do tempo.

O tempo é uma metáfora do espaço; não é mensurável em si; é perceptível a partir do espaço percorrido por algum objeto, o sol para o dia e a noite, a areia da ampulheta para as horas, etc.

- a duração.

Bestiolae quaedam unum diem uiuunt. (Cic., De or., 2,216)

Certos animaizinhos vivem um dia.

- a datação.

Demosthenes abhinc annos prope trecentos fuit. (Cic.,Diu., 2,118)

Demóstenes existiu há trezentos anos.

2-1-4- Acusativo de relação.

Metaforicamente, é ligado à idéia de extensão: indica que a idéia expressa pelo verbo - como o veremos no uso com certos verbos transitivos- ou a qualidade de um adjetivo qualificativo se estende a alguma coisa.

Perculsae corda tua ui (Luc.,I,13)

Ferida por tua violência em quanto ao coração, ou com o coração ferido por tua violência. (indica a parte afetada)

Docte sermones utriusque linguae. (Hor. Od. III,8,5)

Tu, instruído dos discursos de uma e outra língua. [em relação aos discursos...] (indica a que se estende o conhecimento)

É chamado às vezes “acusativo adverbial”. De fato alguns adjetivos neutros, tais como *primum* [em primeiro lugar, primeiramente], *iterum* [em segundo lugar], *multum* [muito], *tantum* [tanto], *facile* [facilmente], *nimum* [muito, bastante] que pertencem a essa acepção do acusativo são usados como advérbios.

2-1-5- O acusativo na exclamação

Pode parecer estranho termos o acusativo também na exclamação. No entanto, diferentemente do vocativo, não expressa um chamamento, mas, é “uma visão metafórica do movimento, que sentimos como uma relação.” (MURACHCO 2007, vol. 1, p. 103). Expressa um ato implícito, formulado apenas pelo gesto, carregado de valor afetivo.

Me, me, adsum qui feci, in me convertite ferrum...(Verg., En., IX,427)

Eu?! Eu?! eu que fiz, estou aqui, dirigi contra mim a lança. (a idéia é a de relação)”⁵⁸

58 apud MURACHCO, 2007, vol. 1, p. 103

me miseram! (Plt., Amph., 1056)

coitada de mim!

Vem geralmente acompanhado de interjeição, como *o* [ó], *edepol* [por Pollux], *ecastor* [por Castor], *Hercle* [por Hércules], etc.

Edepol diem hunc acerbum (Plt., Rud., 686)

Por Pólux, que dia cruel!

2-2- Complemento do verbo transitivo.

Um dos usos mais freqüentes do acusativo é de indicar o complemento do verbo transitivo; esse uso estende-se a diversas construções que podem ser-lhe assimiladas.

2-2-1- Complemento de objeto

Diuitias alii proponunt. (Cic., Lael., 20)

Outros preferem as riquezas.

Patrimonia sua profuderunt, fortunas suas obligauerunt. (Cic., Cat., II, 10)

Esbanjaram seu patrimônio, hipotecaram seus bens.

Horrent dolorem (Cic., Tusc., 5, 85)

Têm pavor da dor / Aborrecem a dor.

Neste último exemplo percebemos que a transitividade de um verbo pode não ser uma noção única: verbos ou expressões de significado próximo podem ser entendidos de modo diferente nas diversas línguas e até na mesma língua: na primeira expressão, a dor é a causa do pavor; na segunda, a ação de aborrecer completa-se no complemento do verbo.

2-2-2- O duplo acusativo.

A visão do português e a do latim podem diferir sobre o entendimento da transitividade dos verbos: o significado do verbo latino *rogare* é pedir, solicitar, consultar. O português diria “solicitar ou consultar alguém”, e “pedir algo”, e, numa mesma expressão, “pedir algo a alguém” ou “consultar alguém sobre algo”. O latim usa o acusativo tanto para a pessoa quanto para a coisa:

Rogare aliquem sententiam

Pedir a alguém a opinião, ou consultar alguém em relação a sua opinião.

Isto acontece com vários verbos entre os quais *docere* [ensinar], *celare* [esconder], *flagitare* [solicitar], etc:

Non enim te celaui sermonem T. Amp. (Cic., Fam., II, 16, 3)

Não te oculte o discurso de T. Ampo.

Esse duplo acusativo pode ser visto como um acusativo de relação e expressar a seguinte idéia: não oculte o discurso em relação a ti..

2-2-3- O acusativo de objeto interno.

Como vimos no começo do capítulo para o português, no latim também verbos habitualmente intransitivos podem completar-se em um objeto de mesma raiz ou de mesmo significado que eles. Evidentemente o caso desse complemento será o acusativo.

Tutorem uitam uiuere. (Cic., Verr., 2, 118)

Viver uma vida mais segura. (mesma raiz de uitam e uiuere)

Plagas minitaris mihi. (Plt., Capt., 963)

Me ameaças pancadas (mesma idéia no verbo e no seu complemento).

2-2-4- Complemento de verbos “impessoais”.

Nesses verbos o sujeito é propriamente interno ao verbo, como *deceat* [convém], *miseret* [ter compaixão], em que a idéia seria *decus deceat* (a decência obriga...) ou *miseria miseret* [a compaixão atinge...] e são chamados impessoais porque o sujeito não é nomeado. A pessoa atingida por esse sentimento se expressa normalmente no acusativo.

Eorum nos miseret. (Cic., Mil., 92)

Nós temos compaixão deles (a compaixão para com eles nos atinge)

Num senectutis suae eum paeniteret. (Cic., C.M., 19)

[Acaso se lhe afetaria o pesar pela própria velhice?] Acaso ele teria pesar por causa de sua velhice?

2-3– Uso do acusativo em outras relações

2-3-1- O Predicativo do complemento objeto direto

Alguns verbos que significam nomear, escolher, eleger, ver como, se completam com um objeto, evidentemente no acusativo, ao qual podem associar um predicativo. Por exemplo numa frase desse tipo: “O senado nomeou Otávio chefe do exército”, Otávio é o complemento de objeto de nomeou e chefe do exército é o predicativo de Otávio. Em latim tanto o complemento de objeto quanto seu predicativo estão no acusativo, o que é normal numa relação predicativa.

Iucundam senectutem efficere... (Cic., C.M., 2)

Tornar alegre a velhice (*senectutem* é o objeto de *efficere*, *iucundam* o adjetivo predicativo de *senectutem*)

Me seuerum uehementemque praebo. (Cic., Cat., 4, 12)

Mostro-me severo e rigoroso (*me* é objeto de *praebo*, *seuerum uehementem* adjetivos predicativos de *me*)

Cum gratias ageret quod se consulem fecisset. (Cic. De Or. 2, 268).

Como ele rendesse graças de que o tivesse feito cônsul [*se* é complemento de objeto de *fecisset*, *consulem* o substantivo predicativo desse complemento]

2-3-2- Sujeito da oração infinitiva.

O infinitivo é uma forma substantiva do verbo. Por uma parte como substantivo, ele pode ter todas as funções do substantivo, por outra parte como verbo, ele pode ser o núcleo de uma oração, ter sujeito e complementos: é o que chamamos oração infinitiva.

Na maioria das vezes a oração infinitiva é uma completiva, isto é, complemento de objeto de verbos tais como *aio*, *dico* [digo], *scribo* [escrevo], *audio* [ouço], *sentio* [sinto], *cognosco* [conheço], *scio* [sei], etc.

Na frase seguinte: *Poetam audiui scripsisse mulieres duas peiores esse quam unam* [Plaut., Curc., 591], [Ouvi um poeta ter escrito serem duas mulheres piores do que uma], o substantivo *poetam* é ao mesmo tempo complemento do verbo *audiui* e sujeito de *scripsisse*, e numa sucessão de infinitivas *mulieres* é complemento de *scripsisse* e sujeito de *esse*. Por

serem complemento do verbo, *poetam* e *mulieres* estão necessariamente no acusativo e assumem a dupla função de objeto de um verbo e de sujeito do outro. Todos os elementos que se ligam a esse sujeito - adjetivo epíteto, predicativo - estão também no acusativo.

Ne Nicobulum me sinas conuenire. (Plaut., Bacch., 175)

Nem permitas a Nicobulo vir a mim. (*Nicobulum* é ao mesmo tempo complemento do verbo *sinas*, e sujeito do verbo *conuenire*)

Volasse eum non iter fecisse diceres. (Cic., Phil, 10,11)

Dirias ele ter voado e não ter percorrido um caminho. (*eum* é complemento do verbo *diceres*, e sujeito dos verbos infinitivos *uolasse* e *fecisse*)

Caede te contentum esse dicebas. (Cic., Cat, 1,3,7)

Dizias (tu) seres satisfeito com o assassinato. (*te* representa o sujeito de *dicebas*, e é sujeito do verbo infinitivo *esse*, admite um predicativo *contentum*)

3- FORMA DO ACUSATIVO

3-1- As desinências.

A desinência do acusativo singular é **-m**, à do acusativo plural é **-ns** para todos os temas nominais do gênero animado; os temas neutros não têm desinência própria e são iguais aos nominativos adotando a mesma desinência de coletivo **-ă**.

O **-m** do acusativo singular aplica-se ao tema, modifica o **-ō-** do temă em **-ŭ-**, e nos temas em consoante desenvolve um **-ě-** entre a consoante do tema e o **-m** da desinência. O **-ns** do plural perde o **-n-**, desenvolve um **-ě-** > **-ē-** antes do **-s** nos temas em consoante; com a queda **-n-**, nos temas em vogal, alonga a vogal que o precede. Analogias tenderam a unificar a flexão do acusativo nos temas em consoante, soante e **-i**.

3-2- Singular.

3-2-1- Temas em -ō-: dominō**-m** > dominŏm > dominŭm

3-2-2- temas em -ă: rosă**-m** > rosăm

3-2-3- temas em consoantes e soantes:

Em contato com a consoante ou a soante do tema o **-m** desenvolve a vogal **-ě-**:

libertat-m > libertat-ě-m > libertatěm;

leg-m > leg-ě-m > legěm;

consul-m > consul-ě-m > consulěm;

soros-m > soros-ě-m⁵⁹ > sororěm;

patr-m > patr-ě-m > patrěm, etc.

3-2-4- temas em semivogal-ū e em -ē- longo:

a vogal do tema abrevia-se diante de **-m** desinencial: fructow-m > fructū-m > *fructŭm* [fruto];

nos temas em **-ē-** temos normalmente: diē-m > *diēm* [dia].

3-2-5- Temas em semivogal -i-:

Os temas terminados por **-i-** < **-ey-** fazem o acusativo acrescentando o **-m** ao tema: ceiey-m > *ceiuei-m* > *ciuim* [cidadão] depois da redução dos ditongos. Mas essa forma só permaneceu em algumas poucas palavras, geralmente do vocabulário técnico, marítimo, camponês ou médico.

Geralmente o tema terminava por um **-ī-** que só se conservou em *uim* [força]. Outros são *burim* [rabiça], *rauim* [rouquidão], *rumim* [], *cucumim* [], *sitim* [sede], *tussim* [tosse].

Nauim [navio], *puppim* [popa], *restim* [cabo], *febrim* [febre], *clauim* [chave] podem ter também um acusativo em **-ēm**.

É mais freqüente a apofonia do **-ī-** em **-ě-**, que pode provir de uma evolução fonética favorecida pela analogia com os temas em consoante. Assim, temos: *civī-m* > *civim* > *civěm*.

Os adjetivos conhecem só o acusativo em **-ēm**

3-3- Plural

A desinência do acusativo plural é, na origem, **-ns**, em que o **-n** se vocalizou ou desapareceu alongando a vogal anterior:

59. Fenômeno do rotacismo.

3-3-1- temas em vogal e semivogal -ū- do gênero animado

- temas em -ō: dominō-ns > *dominōs*
- temas em -ā: rosā-ns > *rosās*
- temas em -ē: diē-ns > *diēs*
- temas em -ow > -ū: fructū-ns > *fructūs*

3-3-2- temas em consoantes e soantes do gênero animado:

Em contato com a consoante ou a soante do tema -ns desenvolveu um -ě-; depois houve a assimilação e a síncope do -n- com o alongamento compensatório do -ě-

libertat-ns > libertat-ě-ns > *libertatēs*,

leg-ns > leg-ě-ns > *legēs*,

consul-ns > consul-ě-ns > *consulēs*,

soros-ns > soros-ě-ns > *sororēs*,

patr-ns > patr-ě-ns > *patrēs*.

3-3-3- temas em semivogal -i- < -ey- do gênero animado:

Os temas terminados por -i- fazem igualmente o acusativo acrescentando o -ns ao tema, com a mesma assimilação do -n- e conseqüente alongamento da vogal do tema: ciuī-ns > *ciuīs* [cidadãos]. Mas, a analogia com os temas em consoante e soante e com o nominativo plural, favoreceu a passagem de -ī- a -ē- na maioria das palavras de tema em -i-. Assim, temos civī-ns > *civīs* > *civēs*.

Na época clássica coexistem as duas formas *civīs* et *civēs*, com uma preferência de certos autores para a forma em -īs. Acontece o mesmo nos numerosos adjetivos formados com esse tema que usam as duas formas, com uma preferência pela terminação em -īs na época clássica.

Mas os nomes de tema em -i- que, pelos motivos que vimos, não têm o -i- no nominativo singular, tais como as terminadas por -ēs (*caedēs* [massacre]), por -er (*imber*

[chuva]), por um grupo de consoante e soante (*ūrbs* [cidade]) só apresentam o acusativo plural em **-ēs**.

3-3-4- Nas palavras neutras o acusativo plural é igual ao nominativo, ou seja, apresenta a desinência **-ă** de antigo coletivo.

GENITIVO *genitiuus casus*, γενική πτώσις

1- SIGNIFICADO

O genitivo foi considerado como o caso-origem, significativo da flexão, o caso que permitia distinguir as cinco declinações. Essa visão formal não dá conta do significado do genitivo e das relações que ele expressa no enunciado.

Partindo da idéia que os casos têm um significado concreto, preferimos pensar o genitivo como o caso da geração, da origem física de algo. Isso se verifica nas suas diversas acepções. A primeira delas, a filiação, marca a origem da pessoa, a que família ela pertence, quem é seu pai; “filho de” é uma noção marcada de alguma forma em quase todas as civilizações; é a primeira identificação do homem no âmbito social. Da relação entre o gerador e o ser gerado passa-se sem dificuldade a idéia de posse: nas sociedades patriarcais antigas, o filho pertence ao pai. Ora, essa ligação é também uma identificação: dizer de alguém que ele é filho de fulano o distingue de todos os que têm o mesmo nome; passamos então sem dificuldade à idéia de determinação. Por extensão o genitivo marca o complemento determinativo dos substantivos com todos os matizes que esse pode expressar. Seu emprego mais geral é completar um substantivo, mas, se assim o exige o significado, completa e determina adjetivos ou verbos

As ações também podem ter sua origem em algum fato: a causa pode expressar-se pelo genitivo, depois de verbos tais como condenar ou absolver.

Ao expressar a origem de alguma coisa, o genitivo indica também o todo de que se toma uma parte; é o que chamamos de genitivo partitivo encarregado de dizer a matéria, o preço, a quantidade. O ablativo é usado também para expressar essas idéias; de fato seu semantismo cobre o significado de ponto de partida que pode ser sentido também como a origem.

2- USO DO GENITIVO

2-1- O Genitivo de determinação

2-1-1- Expressão da filiação

Caeciliam Metelli (Cic., Diu., 1,104)

Cecília [de Metelo], filha de Metelo.

2-1-2- Expressão da posse

Pomponi domum venisse dicitur (Cic., Of., 3, 112)

Diz-se que veio à casa de Pompônio.

Paulinurus Phaedromi (Plat., Cur., 230)

Palinuro [de Fedromo], escravo de Fedromo.

2-1-3- Expressão da origem

Iniurias inimicorum in se commemorat (Ces., B.Gal., 1,7,1)

Relembra as injustiças dos inimigos contra ele. (que vêm de)

Serui mei perplacet consilium. (Plaut., Mer., 348)

Agrada-me muito a opinião do meu escravo.

2-1-4- Expressão da qualidade

Ceruus uasti corporis. (Fedr., 1,5,5)

Veado de grande corpo.

2-1-5- Expressão da delimitação

Fossam obduxit circiter passuum quadringentorum. (Ces., B.Gal., 2,8,3)

Mandou construir um fosso de quatrocentos passos aproximadamente.

2-1-6- Expressão da lembrança e do esquecimento

Uiuorum memini nec tamen Epicuri licet obliuisci. (Cic., Fin., 5,1,3)

Lembrei-me dos vivos, entretanto não é permitido esquecer-se de Epicuro.

2-2- O Genitivo partitivo

2-2-1- Expressão da parte

Eorum una pars. (Ces., B. Gal., 1,1,5)

Uma parte deles

Quis omnium mortalium non intellegit. (Cic., Verr.,5,179)

Quem entre todos os mortais não entende...

Horum omnium fortissimi sunt Belgae. (Ces.,B. Gal.,1,13)

De todos estes os mais fortes são os Belgas. (é uma forma de expressar o complemento do superlativo ou de expressões equivalentes)

2-2-2- Expressão da matéria

Auri quinque pondo abstulit. (Cic., Clu., 64)

Tirou o peso de cinco libras de ouro.

2-2-3- Expressão do conteúdo

Oppidum plenissimum signorum. (Cic., Verr.,1,53)

Cidade repleta de estátuas.

2-2-4- expressão do preço

Frumentum tanti fuit quanti iste aestimavit. (Cic., Verr., 3,194)

O trigo foi de tanto quanto esse avaliou.

2-3- Expressão da causa

Eos infamiae suae non pudet.(Cic., Verr.,pr., 35)

Eles não se envergonham de sua infâmia. (a infâmia é a origem da vergonha)

Pecuniae publicae est contemnatus. (Cic., Flac., 43)

Foi condenado [por causa do dinheiro público] por desvio do dinheiro público. (o desvio é origem da condenação)

3- A FORMAÇÃO E A FLEXÃO DO GENITIVO.

A gramática distinguiu cinco declinações a partir dos fonemas finais das palavras no genitivo singular: terminação **-ae** para a primeira declinação, **-i** para a segunda, **-is** para a terceira, **-ūs** para a quarta, **-ei** para a quinta. Mas essas diversas formas do genitivo do latim provêm de fato de uma desinência única do indo-europeu que parece ter se apresentado na

língua primitiva sob a forma **-ōs** ou **-ās**. Chaignet parte da forma **-as** e explica as diversas aparências dessa desinência como proveniente primeiro de um alargamento nos temas em vogal com a introdução de um yod entre o tema e a desinência (**-yas**) seguido pela metátese de **-yas** em **-sya** (**-sio** em latim); a queda do **s** intervocálico e da vogal final teria permitido a combinação da vogal do tema e do yod vocalizado o que se resolveu em **-ī**, característica dos temas em **-ō-** e a seguir de todos os temas em vogal. De fato em inscrições antigas acham-se formas como “popliosio”. A analogia tanto quanto a evolução fonética podem permitir explicar a forma relativamente recente dos temas em **-ā-** e em **-ē-**.

Parece-nos que a desinência primitiva **-yas** > **-yōs** daria conta dos genitivos da maioria dos adjetivos e pronomes demonstrativos, relativos, indefinidos que têm (às vezes em concorrência com outro tema) um tema em **-ō-** para o masculino e neutro e em **-ā-** para o feminino.

O genitivo plural tem, na origem, a desinência **-ōm** do antigo indo- europeu.

3-1- Genitivo singular

3-1-1-Temas em vogal **-ō-**

A modificação do sufixo original foi a mais profunda nesse tema e influenciou os outros temas em vogal. Algumas inscrições parecem ter a forma primitiva em **-osio**, mas transformações fonéticas levaram muito cedo (e não se tem registro desse estágio) à marca do genitivo em **-ī** resultante da fusão da vogal do tema e do **-ī** da desinência: Tema **dominō-**: genitivo (**dominō-ī**) > **domineī** > *dominī*.

Os temas terminados por **-yō-** apresentam um genitivo contrato em todo o período clássico vindo a apresentar-se na escrita com dois **i** só a partir de Augusto: **negotiō-ī** > *negotī* e só mais tarde *negotīi* [negócio, ocupação]

No entanto, todos os adjetivos não qualificativos e os pronomes cujo tema termina por **-ō-/ā-** parecem ter conservado uma forma mais antiga saída da desinência **-sya/-syo** do indo-europeu com a metátese **syō** > **yōs** > **-iūs**, sendo **-iūs** o último estágio da transformação fonética sofrida. Essa forma pode ter-se fixado a partir do genitivo do anafórico *is, ea, id* que

apresenta os dois temas **ey-** e **eyō-/eyǎ-** e cujo genitivo deve ter-se apresentado sob a forma seguinte:

Tema **ey-** > **eyyōs** > *eiū̃s* > *ēiū̃s* > *ēiū̃s* [dele]. Paralelamente o pronome interrogativo de tema **quey-** > *quei-* > **qui-** deve ter sofrido a mesma evolução: **qui-yōs** > *cuiū̃s* > *cuiū̃s* [de quem?] com a perda do apêndice labial do **q** diante de **u** vocalizado.

Os outros indefinidos que apresentam essa desinência têm todos o tema em **-ō/-ǎ-**. Podem ter sofrido a analogia com o anafórico *is*, o que explicaria a existência da forma. Citamos alguns: Tema **hō-/hǎ-** > genitivo **hoyōs** > *huiius* > *huius*, **istō-/istǎ-** > **istō-yōs** > *istius*, **totō-/totǎ-** > **toto-yōs** > *totius*, etc. Precisa sublinhar que os três gêneros apresentam a mesma forma, o que sugere que não houve a evolução posterior que sofreram os substantivos de tema em **-ō-**, **-ǎ-**, **-ē-** e os adjetivos qualificativos de tema em vogal.

3-1-2- Temas em vogal -ǎ

- primitivamente, tinham a terminação **-as** esperada com a contração dos dois **a**: **rosǎ+ǎs** > *rosās* (conservado em algumas inscrições e em alguns arcaísmos, como *pater familiās* [pai de família])

- depois por analogia com os temas em **-ō-** adotaram a desinência **-ī** com as modificações fonéticas cabíveis: **rosǎ+ī** > *rosāi* > *rosai* > *rosae*

3-1-3- Temas em vogal -ē:

- como para os temas em **-ǎ-** primitivamente a terminação **-as** se acrescentou à vogal longa: **diē+ǎs** > *diēs*

- depois foi adotada a desinência dos outros nomes em vogal: **diē+ī** > *diēi* > *diēi*.

3-1-4- Temas em consoantes e soantes.

O sufixo **-as/-ōs** do indo-europeu sofreu apofonia em **-ōs** > **-ēs** > **-īs**⁶⁰. **īs** veio a ser a marca clássica do genitivo desses temas.

60 -īs é a modificação normal da vogal breve diante de um -s em sílaba final fechada.

Tema: duc + ěs > ducĕs > *ducĭs*

T. homŏn-ĕs > homŏnĭs > *hominis* com a apofonia do ŏ interno em ĭ

T. cŏnsul-ĕs > *consulĭs*

3-1-5- temas em semivogais:

Nos temas em yod e nos temas em waw a vogal breve da desinência sofreu dois tratamentos diferentes.

3-1-5-1- Temas em semivogal -y: ao tema com o valor longo da vogal (sob forma de ditongo *-ei*) acrescenta-se a desinência do genitivo *-ĭs*:

ceivĕy+ĭs > *ceivēi+ĭs* > *civĭs* > *civĭs*, com a resolução do ditongo e posterior redução do *-ĭ* longo em *-ĭ* breve por analogia com os temas consonânticos⁶¹.

3-1-5-2- Temas em semivogal -w : ao tema com o valor longo da vogal (sob forma de ditongo *-ou*) acrescenta-se a desinência do genitivo *-ŏs* > *ŭs*:

fructow+ŏs > *fructouŏs* > *fructŭs* > *fructŭs*

3-2- Genitivo plural

A desinência do genitivo plural é *-sŏm/-ŏm*, que provém da desinência *-sam* da língua primitiva, (apud CHAIGNET, 1875, p. 93). A forma *-sŏm* se estabilizou para marcar o genitivo plural dos temas vocálicos, evoluindo depois para *-rŭm* da seguinte forma: o *-s-* intervocálico sofre rotacismo, e a vogal do tema com a vogal desinencial sofrem metátese de quantidade, isto é, a longa da desinência se abrevia enquanto a breve do tema se alonga. A forma *-ŏm* resultaria da queda do *-s-* na junção com os outros temas, resolvendo-se em *-ŭm*, segundo as leis da fonética. Formas antigas de genitivo plural dos temas em vogal apresentam *-ŭm* e não *-rŭm*.

61 Nos temas de tipo *caedĕy-* pode-se supor uma alternância vocálica *ē/ĕ* como parece mostrá-lo a presença de um nominativo: *caedis*

3-2-1- Temas em vogal :-:acrescenta-se a desinência **-sōm** ao tema :

Tema : dominō+sōm > dominōsōm > dominōrōm > *dominōrŭm*

Tema : rosā+sōm > rosāsōm > rosārōm > *rosārŭm*

Tema : diē+sōm > diēsōm > diērōm > *diērŭm*

3-2- 2- Temas em consoantes e soante: acrescenta-se a desinência **-ōm** ao tema :

Tema: duc + ōm > ducōm > *ducŭm*

3-2-3- Temas em semivogais : acrescenta-se a desinência **-ōm** ao tema⁶².

- semivogal -y: cēīvey+ōm > cīvīōm > *civīŭm*

- semivogal -ū : fructow+ōm > fructōūōm > fructūōm > *fructūŭm*

62 O que se considera como irregularidades em relação à flexão do genitivo plural é consequência do fato seguinte: o tema de certos nomes é ou duplo ou incerto de modo que a língua os considera ora como temas consonânticos ora como temas em semivogais: assim, *abelha*, tendo dois temas, **ap-** e **api-**, admite os genitivos plurais *apum* e *apium*.

DATIVO, *dativus casus*, δοτική πτώσις.

1- SIGNIFICADO

A *Ars Anonyma Bernensis* dá uma definição bem concreta do dativo. "O dativo demonstra que algo de fora se junta ou é acrescentado."⁶³ Essa definição abrange os significados essenciais do dativo ficando por conta da analogia os significados vizinhos. O dativo é o caso da atribuição, do ato de dar (*casus dandi* de Varrão), pois dar ou atribuir algo a alguém ou a alguma coisa é acrescentar a alguém ou a algo o que lhe é atribuído. O mesmo acontece numa mistura ou numa junção. Por analogia passamos à idéia de contigüidade no espaço que nos leva à contigüidade de aspecto, isto é à idéia de semelhança ou de afinidade. Metaforicamente agir no interesse de alguém também é acrescentar-lhe algo, daí o dativo expressar as idéias de utilidade, de ajuda e seus contrários. Passa-se então à finalidade, isto é, à expressão da intenção que determina o ato.

A designação do dativo como caso do objeto indireto é meramente descritiva; não expressa o significado do caso e leva a confusões. A diferença que as gramáticas fazem entre objeto direto e objeto indireto atém-se unicamente à presença ou ausência de uma preposição que ligue o complemento ao verbo, o que, no que compete ao latim, nem sentido faz, já que o latim não necessita de preposições para marcar as relações que existem entre os diversos elementos da frase. O uso de preposição para expressar o dativo existe unicamente nas línguas sem flexão, e, até nessas, os pronomes têm formas de dativo não preposicionado. Em latim, o dativo nunca é precedido de preposição pois a relação que expressa não é espacial. O dativo tanto pode ser complemento do verbo quanto de substantivos e adjetivos, por tanto que seja respeitada a relação semântica existente.

As relações de junção e de acréscimo que sugere a definição do dativo permitem entender os diversos significados do dativo e as extensões desse significado. Algumas das acepções do dativo podem ser expressas com o acusativo precedido de preposição; é uma escolha de quem fala, para marcar intenções que diferem um pouco das que expressa o dativo. *Ad* com o acusativo marca o movimento dirigido para uma finalidade:

Ad omnes casus subsidia comparabat. (Ces., B. Gall., IV, 31, 2)

Aprontava subsídios para quaisquer eventualidades

⁶³ *Ars Anonyma Bernensis*- séc. VIII-IX: "*Dativus aliquid extrinsecus addi demonstrat vel accedere.*" (MURACHCO, 2007, vol. 1, p. 108)

E na frase seguinte *in* com acusativo marca um movimento hostil enquanto *pro* sublinha a intenção de favorecer Ctesifonte.

Rogatus a Rhodiis legisse fertur orationem illam egregiam, quam in Ctesiphontem contra Demosthenem dixerat; qua perlecta petitum ab eo est postridie, ut legeret illam etiam, quae erat contra ab Demosthene pro Ctesiphonte dicta. (Cic., de Or., 3, 213)

A pedido dos ródios é levado a ler aquele belo discurso que pronunciara contra Ctesifonte visando Demóstenes; e depois dessa leitura, foi exigido dele o dia seguinte que lesse também aquele que fora pronunciado por Demóstenes em favor de Ctesifonte.

O dativo pode ter significados próximos; mas, a relação marcada pelo dativo é referente ao significado do termo ao qual é ligado ou se desprende do contexto; não sublinha as intenções favoráveis ou agressivas que presidiram à ação, como faz a expressão preposicionada.

2- USO DO DATIVO

2-1- Idéia de junção.

2-1-1- Expressão da atribuição

Fatorum arbitrio partes sunt uobis datae. (Fedr., 62, 10, 12)

Por deliberação dos fados, a vós são dadas estas partes.

2-1-2- Expressão do contato ou da contigüidade

Fletumque cruori miscuit. (Ov., Met., 4, 140-1)

E misturou o pranto ao sangue.

Qui finitimi Belgis erant. (Ces. B. Gal., 2, 2, 3).

os quais eram limítrofes dos belgas

2-1-3- Expressão da comparação

comparare alicui aliquem.

Comparar alguém a alguém.

Filius similis patri.

Filho parecido com o pai.

2-2- Idéia de acréscimo

2-2-1- Expressão do interesse

Non tibi sed patriae natus (Cic., Mur., 83)

Nascido não para ti mas para a pátria

Tolle mihi e causa nomen Catonis (Cic. Mur., 67)

Tire para mim do processo o nome de Catão.

2-2-2- Expressão da posse.

Huic filia unica est (Plaut., Aul., 23)

Este tem uma filha única. (A este é uma filha única – lhe é atribuído)

2-2-3- Valor afetivo

Quor perdis adolescentem nobis? (Ter., Ad. 61)

Por que nos põe o rapaz a perder.

2-2-4- Expressão do proveito, do agrado, da hostilidade

parere alicui

obedecer a alguém.

mihi placet

agrada a mim

Si quid peccat filius, mihi peccat. (Terence, Ad., 116)

Si meu filho peca em algo, ele peca contra mim

2-2-5- Expressão da destinação (ou finalidade)

Comitia consulibus creandis.

Comícios para nomear cônsules (para os cônsules que devem ser nomeados).

Castris locum delegit. (Ces., B., Ga., 3, 29, 1)

Escolheu um local para acampamento.

2-3- O duplo dativo.

Certas construções admitem dois dativos como complemento do verbo, um é complemento de atribuição, o outro, expressa a destinação do objeto atribuído:

Symphoniacos homines sex cuique amico suo Romam muneri misit (Cic., Verr.,5,64)

Mandou seis músicos a Roma como presente a certo amigo seu.

3- A FORMAÇÃO E A FLEXÃO DO DATIVO.

3-1- Dativo singular.

O dativo parece ter apresentado no indo-europeu a desinência **-ai** no singular. Essa desinência associada aos temas em vogal os modificou da seguinte maneira: a associação de **ō** e de **ā** à primeira vogal desinencial a alongou; os temas em **-ǎ-** combinaram a vogal do tema com a última vogal da desinência resultando em **-ae**; nos temas em **-ǫ-**, a breve do tema se alongou com a contração, o **ī** desinencial (que se subscreeu em grego) foi absorvido pela longa em latim. Os temas em **-ē-** hesitam entre a presença e a ausência do **-ī** desinencial.

Nos temas em consoante, em soante e em semivogal a desinência **-ai** deu **-eī** que se resolveu em **-ī**.

3-1-1- Temas em vogal -ǫ-: $\text{dominǫ} + \text{ai} > \text{dominō} + \text{ī} > \text{dominō}$

3-1-2- temas em vogal -ā-: $\text{rosā} + \text{ā} > \text{rosāi}$ (ditongo monossilábico) que se resolveu em **ē** longo grafado **ae**, $\text{rosāi} > \text{rosē} > \text{rosae}$

3-1-3- temas em vogal -ē-: a desinência acrescentada ao tema em vogal longa resultou em um ditongo monossilábico, que pôde ser entendido como um simples **ē** longo:

$\text{diē} + \text{ai} > \text{diēēi} > \text{diēī} > \text{diēī} / \text{diē}$

3-1-5- Temas em consoante e soante: a desinência primitiva evoluiu em **-eī** ditongo, a seguir em **ē** longo e fechado e depois em **ī**:

uirtut+ai > uirtuteī > uirtutē > *uirtutī* (certas formas fixadas pelo uso conservaram este dativo em -ē: *iurē civitī studere*, [interessar-se ao direito civil]).

3-1-6- Temas em semivogais:

civei+ai > civieī > *civī*

manow+ai > manueī > *manū* / *manū* (nos temas em -ū-, encontra-se a forma sem i, o i tendo sido absorvido pela vogal longa como para os temas em vogal)

3-1-7- Pronomes e adjetivos determinantes:

Muitos deles apresentam uma evolução diferente da dos temas nominais.

3-1-7-1- Nos pronomes pessoais:

A desinência do dativo sugere um sufixo de origem adverbial, que encontramos nos plurais de dativo, ablativo, instrumental e locativo. Esse sufixo seria **-bhyam**⁶⁴. (CHAIGNET, 1875, p. 102, nota 1) A evolução fonética (-yam>-iem>-ie> -ī/-ei) leva a -bī com a perda da aspiração: *tibī* [para ti], *sibī* [para si]; *mihī*, alguma vez reduzido a *mī*, [para mim], representa um sufixo equivalente mas precedido de gutural aspirada.

3-1-7-2- O anafórico *is* e os pronomes *quis* e *qui*

Eles tiveram a evolução seguinte: partindo dos temas **ey-** e **quey-** > **quoy-**⁶⁵ acrescentam a desinência **-ei** < **ai**, e temos *eyeī* > *ēī* / *eī*, *quoyei* > *quōī* > *quoi/cui*

3-1-7-3- Os demonstrativos e a maioria dos pronomes e adjetivos não qualificativos de tema em -ō/-ā-:

Acrescentam o **-ī** da desinência de dativo proveniente da evolução de -ai > -eī > -ī ao tema sem alongamento da vogal do tema que sofreu síncope: *istō-ī* > *istī*, *unō-ī* > *unī*, tanto para o tema em **-ō-** quanto para o tema em **-ā-**.

64. Esse mesmo sufixo forma advérbios locativos: *ibi* [aqui], *ubi* [onde]

65 Podemos pensar na confusão ou fusão dos dois temas

3-2- Dativo plural.

A formação do plural dos dativos de todos os temas tem como origem a mesma desinência indo-européia que o ablativo e se explica da mesma maneira. Por motivos fonéticos ou analógicos veio a apresentar a mesma forma que o instrumental e o locativo.

Para evitar repetições desnecessárias estudaremos conjuntamente as formas do plural.

ABLATIVO, INSTRUMENTAL E LOCATIVO

1- SEMELHANÇA E DIFERENÇAS.

O nome dos casos designa uma forma e uma relação; no entanto, por ter uma presença mais concreta, a forma ganhou proeminência sobre o significado da relação que representava dentro do enunciado. Assim a similitude das desinências do ablativo, do instrumental e da maioria das formas do locativo colocou esses três casos sob a mesma rubrica, a de “ablativo” para os três.

Diversas causas levaram à semelhança das formas: evoluções fonéticas, analogias, e, no plural, sufixos parecidos ou iguais. No entanto se houve (como pode ter acontecido) confusões nas formas, não havia confusões sobre o significado e o emprego de cada um dos casos.

A evolução fonética pode modificar substancialmente o aspecto sob o qual as formas se apresentam. Mas sob as semelhanças formais subsistem as diferenças semânticas que os falantes percebem e usam, conscientemente ou não. Percebe-se melhor como as diversas formas evoluíram para chegar ao aspecto que tinham na língua latina se as estudarmos junto. Por isso vemos o significado e o uso de cada um dos casos -ablativo, instrumental e locativo- numa primeira instância e, estudamos depois, aproximando-os para comparar, a evolução e a fisionomia que adquiriram em consequência dessa evolução. Juntamos ao estudo do plural a forma do dativo plural que lhes é formalmente parecida.

2- SIGNIFICADO DO ABLATIVO, *ablativus casus*

Seu nome não vem do grego, como o dos outros casos, pois o grego usa o caso que marca a origem, o genitivo, para denotar as mesmas relações, que se trate da origem sem movimento ou da origem entendida como ponto de partida do movimento. O nome de ablativo é latino e vem de *ablatus*, isto é, tirado, separado, extraído. A denominação *ablativo* é semanticamente correta, porque exprime o ponto de partida e a separação espacial ou temporal. Marca o afastamento, a separação, a origem, com movimento a partir de um ponto, tanto nas relações de lugar quanto de tempo e, metaforicamente, a privação, a comparação, etc.

É essa idéia de separação que encontramos no uso do ablativo para expressar o agente da passiva e no chamado ablativo absoluto. Preposições sublinhando a relação de afastamento ou de separação são freqüentemente usadas com o ablativo: são **a** ou **ab**, **ex**, **de**.

2-1- Expressão do ponto de partida de uma ação

2-1-1- lugar de onde se vem

- sem preposição:

Oppido fugit. (Ces., B.,G., 6, 37, 9)

Fugiu da cidadela.

- com preposição

Secernantur a nobis (Cic., Cat., 1, 32)

Separem-se de nós

Omnes Latini ab Alba oriundi (T.Liv. 1,52,2)

Todos os latinos oriundos de Alba.

2-1-2- Expressão do tempo

A expressão no ablativo refere-se ao percurso desde um momento origem até o tempo do enunciado.

A quanto tempore

Desde quando

Ex illo tempore

A partir daquele tempo.

2-1-3- Expressão da origem

O genitivo expressa a filiação como uma relação possessiva ou determinativa.

C. Gracchus, clarissimo patre, avo, maioribus. (Cic., Cat.1,4)

Caio Graco, de ilustríssimos pai, avô e antepassados.(saído de)..

2-2- Expressão da privação ou da separação.

Anima priuabo uirum (Plaut., Men., 905)

Privarei o homem da alma.

2-3- Expressão da comparação:

Comparar uma coisa a outra é tomar como ponto de partida o objeto sobre o qual cai a comparação.

Melle dulcior

Mais doce que o mel (doce a partir do).

2-4- Agente da passiva

A relação existente no verbo ativo entre o sujeito que realiza a ação expressa pelo verbo e o objeto sobre qual cai a ação se encontra invertida no verbo na voz passiva. No primeiro caso, o sujeito, isto é, aquilo de que se fala, é agente; no segundo caso aquilo de que se fala é de fato o objeto do verbo. Mas é dele que se fala, ele é sujeito gramatical: essa relação se expressa pelo nominativo, como é normal. Mas o sujeito do verbo e o agente da ação não coincidem: o agente então se encontra afastado de sua posição normal, ele faz a ação mas não é sujeito gramatical, não é dele que se fala. Esse distanciamento quebra a sucessão costumeira e lógica dos elementos da frase que apresenta normalmente o sujeito agente cumprindo a ação expressa pelo verbo. O latim expressa essa relação do agente -elemento motor- com o verbo passivo pelo ablativo precedido da preposição *ab* (*a* diante de consoante) [por], que marca o ponto de partida da ação.

A patre exheredatus est. (C.Nep.,2,1,2)

Foi deserdado pelo pai.

2-5- Ablativo absoluto

Aqui também se justifica o uso do ablativo. Apresenta-se como uma unidade semântica que se compõe geralmente de um particípio com seu sujeito e que expressa uma circunstância da ação, tempo, causa etc.. Não se relaciona com nenhuma palavra da frase, e se destaca, como desligada, como um aparte ou um acréscimo. O verbo pode não ser expresso, particularmente quando seria o verbo *esse* [ser] que não tem particípio em latim.

His rebus cognitis (Ces., B.Gal., 5,11,1)

Conhecidos estes fatos...

Cum Superbo regnante in Italiam uenisset... (Cic. Tus.,1,38)

Como ele tivesse vindo à Itália, reinando Tarquínio o Superbo, ... (sob o reinado de Tarquínio o Superbo).

Me auctore

Eu sendo o autor.

3- SIGNIFICADO DO INSTRUMENTAL

Quintiliano pedia para distinguir, sob a identidade das formas, os significados respectivos do ablativo e o do instrumental. Faltava-lhe o termo técnico; mas atinha-se ao sentido e percebia a diferença que separava os dois casos. Enquanto o ablativo expressa o ponto de partida do ato verbal, o instrumental designa o objeto (eventualmente a pessoa) pelo qual passa a ação expressa pelo verbo.

Pode marcar o lugar por onde se realiza o ato verbal, respondendo a questão *qua?* [por onde] do latim. Indica essencialmente o meio ou instrumento que permite a realização da ação. Por extensão do seu significado, passa a designar o modo, a maneira, e o acompanhamento; em geral é usado sem preposição.

3-1- O instrumento pelo qual passa o ato verbal

3-1-1- O instrumento:

Ut igni cremaretur.(Ces., B. Gal.,1,4 1)

Que fosse queimado com fogo

Pulsabant ariete muros (Verg., En., XII,706)

Golpeavam os muros com um aríete

Utor libris

Uso livros.

3-1-2- Idéia de meio (intermediário da ação)

Volnus accepit eoque interiit. (Cic., At.,5,20,3)

Recebeu um ferimento e morreu dele

Timore profectus est.

De medo foi embora

Horridiores sunt in pugna aspectu. (Ces., B.Gal.,5,14,2)

São terríveis em combate pelo aspecto.

3-1-3- Idéia espacial e temporal (o itinerário é um intermediário do ato)

Porta Nomentana uenit

Veio pela Porta Nomentana

Multo breuiore itinere illi ab Hiberum peruenire possent (Ces., B. Ciu.,I,63,2)

Poderiam chegar ao Ebro por um caminho muito mais curto

Tribus diebus venit

Veio em três dias (em quanto tempo se realiza a ação)

3-1-4- A causa

... uti opinionem et amicitiam populi romani tuti essent possint. (Ces., B. Gal.,IV,16,7)

... que possam estar em segurança pela opinião e pela amizade do povo romano

3-2- Idéia de modo**3-2-1- A maneira**

Uiden tu hunc quam inimico uoltu intuitur? (Plt., Capt., 557)

Tu vês quanto este está olhando com cara inimiga?

3-2-2- Idéia da medida, do quanto (preço):

Villa abundat porco, haedo, agno, gallina, lacte, melle. (Cic., C.M.,56)

O sítio tem abundância em porco, cabrito, carneiro, galinha, leite e mel.

Lis quinquaginta talentis aestimata est. (C.Nep.,22,4,1)

A multa foi avaliada a quarenta talentos.

3-2-3- Idéia da qualidade, do ponto de vista

Mutilaeque sunt cornibus. (Ces.,B.Gal.,6,27,1)

São mutilados quanto aos chifres

3-3- O acompanhamento

O antigo instrumental sociativo indica a idéia de acompanhamento, com ou sem preposição.

Comitatus Achate. (Verg., En.,1,312)

Acompanhado de Acates.

Cum omnibus copiis exirent. (Ces., B.Gal.,1,2,2)

Partissem com todas as tropas.

4- SIGNIFICADO DO LOCATIVO

Quando Quintiliano pede para o professor distinguir o significado do instrumental do significado do ablativo sob a identidade das duas formas, não se refere em nenhum momento ao locativo. No entanto não se pode negar a diferença de significado que existe entre os três casos. Se Quintiliano não a considerou é que para ele o locativo não era confundível com um ablativo. De fato, por uma parte existem formas próprias e consagradas de locativo, evidentemente em palavras que indicam lugar ou tempo, e que são geralmente consideradas como sobrevivências de um estágio arcaico da língua, por outra parte, quando a forma se confunde com o ablativo e o instrumental, o locativo vem acompanhado de preposição; mas mesmo assim dispensa a preposição diante do nome de ilhas pequenas e na expressão do tempo.

O locativo indica o lugar, mais precisamente o lugar onde se está, onde se desenvolve a ação. O tempo é sentido em função do espaço; é percebido como um desenrolar de acontecimentos sucessivos do qual fazemos parte, de alguma forma é uma metáfora do espaço. O locativo marca também o tempo em que está se realizando a ação. Sendo menos concreto o significado, geralmente o tempo não é usado com preposição qualquer que seja a forma empregada.

Por motivos fonéticos, a forma em **-ī** do locativo singular foi confundida, na flexão de temas em vogal com o genitivo no singular (Ephesō-ī > *Ephesī* [em Éfeso]; Romā-ī > *Romae* [em Roma]) ; nos temas em consoante, confunde-se com o dativo (rus-ī > *ruī* [no campo]), no plural com o ablativo e o dativo (Athena-is > *Athenis* [Em Athenas]). Esta disparidade mesma atesta que é uma forma independente e inconfundível com as que lhe são similares. Pois ninguém confunde os nominativo e vocativo plurais dos nomes em **-ō-** com o genitivo singular do mesmo tema, apesar da similitude da forma: todos eles terminam em **-ī**, mas não são sentidos como pertencendo ao mesmo caso!

É evidente que o uso do locativo é limitado por seu próprio significado de lugar onde se está ou de tempo estático.

Veremos que por motivos fonéticos ou por confusão das desinências o locativo se expressa sob duas formas, às vezes concorrentes; uma delas termina com a desinência **-ī** e é afetada a um certo tipo de palavras, a outra é igual às formas de ablativo e de instrumental.

A associação de desinências de "ablativo" a formas evidentes de locativo na junção de um substantivo e de um adjetivo sugere que o locativo teve duas evoluções fonéticas paralelas que criaram confusão de formas e não identificação semântica. Não é um uso comum. Geralmente as palavras no locativo com desinência **-ī** se encontram isoladas⁶⁶, isto é, não determinadas por adjetivos ou complementos. Mas todas as associações são possíveis senão frequentes.

4-1- Locativo em -ī. É sempre usado sem preposição para indicar o lugar ou o tempo em que se desenrola a ação.

4--1-1- Expressão do lugar onde se desenrola a ação

Usa-se com nomes de cidade ou com certos nomes de lugar.

- Nomes de cidade:

Romae: em Roma

Tusculi: em Túsculo

Carthagini: em Cartago

⁶⁶ Por isso os substantivos com a forma *i* do locativo são consideradas como sobrevivências ou como formas adverbiais.

- Nomes de lugar: esses locativos passaram a ser considerados formas adverbiais.

domī, em casa

rurī, no campo

peregrī (Plt. Amph,5), em país estrangeiro

- Os advérbios *ubi?* [onde?], *ibi* [aqui, nesse lugar], *hīc* [aqui], *istīc*, *istī* [aí], *illīc* [lá]⁶⁷, são locativos.

- No entanto não parece ter sido um uso absolutamente restrito: encontra-se em Cícero essa forma de locativo com nome de país:

Graeciae, sicut apud nos, delubra humanis consecrata simulacris. (De Rep.,3,14)

Na Grécia, como entre nós, há santuários consagrados a imagens humanas

4-1-2- O tempo:

temperī: neste tempo

herī: ontem

lucī: de dia

4-2- Locativo com desinência idêntica à de ablativo e de instrumental

4-2-1- Valor local: pode ser usado com e sem preposição

- usado sem preposição: com nomes de valor topográfico: *locō* [neste lugar], *regione* [nesta região]

Alieno loco cum equitatu Heluetiorum proelium committunt. (Ces., B. Gal., I,15, 2)

Em lugar desfavorável travam combate com a cavalaria dos Helvécios.

Totis castris testamenta obsignabantur. (Ces., B. Gal., I,39,5)

Em todo o acampamento testamentos eram assinados.

67 *Hic, istic, illic* podem ter valor temporal [nesse tempo, naquele tempo].

- usado com preposição (é o caso mais freqüente):

Iamque esse in agris frumenta matura. (Ces., B. Gal., 1,40,11)

E já estão nos campos trigo maduro.

4-2-2- Valor temporal: indica o momento em que acontece a ação.

- usado sem preposição

Tertiā horā: Na terceira hora

Mediā aestate: Na meia idade

- usado com preposição

In principiō: No começo;

In primō ingressū: Na primeira abordagem

4-2-3- Pode ser usado em sentido figurado, metafórico:

In mediocribus oratoribus habitus. (Cic., Br., 100)

Tido entre os oradores médios..

4-3- Locativo expresso por um substantivo com complemento determinativo ou com epíteto.

Quando um substantivo que indica lugar ou tempo estático é usado com um adjetivo determinativo, com um adjetivo qualificativo ou com um complemento nominal, esteja ou não usado com preposição, a forma habitualmente empregada é a forma similar à do ablativo. Mas não parece ter havido regras absolutas a esse respeito e se encontram todas as variedades de associações.

4-3-1- Uso geral:

Às expressões como *domī* [em casa], *Romae* [em Roma], *ruī* [no campo] opõem-se às expressões *in domo patris* [na casa do meu pai], *in urbe Romā* [na cidade de Roma], *in amoeno rure* [no campo agradável]

4-3-1-1- Locativo em *ī* com adjetivo e substantivo de desinência equivalente como *diē quintī* [no quinto dia].

Proxumae uiciniae habitat. (Plt., Bacch, 205)

Mora na vizinhança próxima.

Vidisse hic proxumae uiciniae (Plt., Glor., 273)

Ter visto aqui, na vizinhança próxima]

Vidi uirginem hic uiciniae (Ter., Ph., 95)

Vi a moça aqui na vizinhança.

4-3-1-2- Locativo associando as duas formas

Primō lucī (Cic., Of., III, 112)

Ao raiar do dia

Lucī clarō (Plt., Aul., 748)

Em pleno dia

5- AS FORMAS DO SINGULAR DO ABLATIVO, DO INSTRUMENTAL E DO LOCATIVO

5-1- ABLATIVO: a desinência do ablativo indo-europeu era **–at**.

5-1-1- Temas em vogal e semivogal

Acrescentado aos temas em vogal e semivogal, o **–a** caiu alongando a vogal do tema, o **–t** final mudou em **–d**, o que é freqüente em latim; o **–d** final cai depois de vogal longa, o que deu as formas que conhecemos: *dominō* < *dominōd*, *rosā* < *rosād*, *rē* < *rēd*, *manū* < *manūd*, *marī* < *marīd*, etc.

5-1-2- Os temas em consoante e soante

Os temas em consoante e soante devem ter recebido a desinência completa; no entanto dois fenômenos podem ter agido: o **t** final – vindo de **–at** – pode ter caído em consequência de

uma pronúncia mais fraca e, a seguir, a vogal desinencial **-ǻ** em fim de palavra sofreu apofonia em **-ě**; além disso, a similitude das formas de plural permitiram um **ě** analógico com o instrumental. Temos então os ablativos *princĕp-ě* > *príncipě*, *tempös-ě* > *tempöřě*.

5-1-3- A forma do ablativo dos temas em **-i-**

Por sua vez, os temas em **-i-** adotaram parcialmente a desinência dos temas em consoante e temos duas formas possíveis de ablativo nesses temas.

-Têm sempre o ablativo em **-ī:**

- Os substantivos que conservam o **-i-** do tema no acusativo singular.
- Todos os substantivos neutros desse tema.
- Todos os adjetivos desse tema.

- Têm sempre o ablativo em **-ě**

Os substantivos masculinos e femininos que, por motivos fonéticos, não apresentam o **-i-** do tema no nominativo singular tais como *caedēy* > *caedě* (nominativo *caedēs*), *urbī-* > *urbě* (nominativo *urbs*)

- As duas formas de ablativo são possíveis nos outros temas do gênero animado como *ciuī-* > *ciuě* / *ciuī*

5-2- INSTRUMENTAL: a desinência de instrumental era **-ē**. Encontramo-la nos temas de adjetivos que formaram advérbios de modo. Predominou sobre o **-ǫ-** do tema: assim em temas em **-ǫ-** temos *certǫ-ē* > *certē*.

A semelhança dessa desinência com a dos ablativos de tema em soante e consoante favoreceu a confusão das formas assim como o fato de que as desinências do plural se confundiram totalmente pelo jogo da fonética.

5-3- LOCATIVO.

A desinência de locativo era **-ī**. Combinou-se normalmente com os temas em vogal breve: com o **-ă-** do tema em *Romă-* por exemplo dando *Romae* [em Roma], com o **-ŏ-** de *humŏ-* dando *humŏi* > *humei* > *humī* [em terra].

Com os temas em consoante e soante, o **-ī** devia sofrer apofonia em **ě**; é o que provavelmente aconteceu com frequência. Mas os temas em yod conservavam o **i**, depois de alongá-lo em combinação com o **-i-** do tema, assim *marī-ī* resolvia-se em *marī* [no mar]; a analogia poderia explicar essa forma nos temas em consoante.

Pode supor-se também uma desinência **-ei** concorrente com a desinência **ī**. Isso explicaria o alongamento da vogal do tema e a queda posterior do **ī**, como aconteceu nos temas em **ē**: *diē-ī* > *diē* [no dia] ou no dativo dos temas em **-ŏ-**:

templŏ+ei > *templŏi* > *(in) templō* [no templo].

Qualquer que seja a desinência de locativo aplicada aos temas, a evolução fonética aproximou suas formas das do ablativo e do instrumental: nos temas em **i** acabou sendo **-ī-** para os dois; nos temas em soante e consoante o **ī** sofreu apofonia em **ě**, se assemelhando ao instrumental e ao ablativo, nos temas em **ŏ** pode ter havido duas formações uma em **-ī**, outra em **-ei** que podia se resolver com o alongamento da vogal do tema e a queda da vogal breve **-ī**, o que deixava o locativo desses temas com a mesma forma que o ablativo e o instrumental. A analogia daria conta de formas como *(in) insulā* [na ilha]. Posteriormente podem ter-se criado confusões sobre as formas desse caso a ponto de considerar que suas formas eram assimiláveis ao ablativo e ao instrumental, e flexionou-se o locativo de dois modos distintos, um permanentemente igual ao ablativo e precedido de preposição, outro com a forma original sem preposição.

6- AS FORMAS DO PLURAL DO ABLATIVO, DO INSTRUMENTAL, DO LOCATIVO E DO DATIVO

O plural do dativo e do ablativo era marcado por um sufixo de origem adverbial **bhyams**; o instrumental por um sufixo **bhis** que serviu também para o locativo em concorrência com uma desinência **-su**.

Por modificações sucessivas **bhyams** passou a **-bhyas**, depois a **-bhis** ou a **-bhas**. Perdeu a aspiração, resolvendo-se em **-bis** ou em **-bus** (*bhas* > *-bōs* > *-būs*) para a maioria dos temas. Temos alguns poucos exemplos da desinência **-bis** nos pronomes pessoais (*nobis*, *uobis*), sendo a forma **-bus** a mais geral. Nos temas em vogal breve, a evolução não permite mais reconhecer o ponto de partida: o **bh** aspirado caiu entre as vogais, o que resultou na desinência **-īs**.

A desinência **-su** do locativo plural pode ter resultado também na desinência **-is**.

A consequência dessas evoluções foi uma identidade de formas para o plural do dativo, do ablativo, do instrumental e do locativo que acabou criando confusão ao assimilar ablativo, instrumental e locativo, tanto no plural quanto no singular.

6-1- Temas em vogal breve

A desinência é **-īs** (excepcionalmente, os temas femininos em **-ā** podem ter, para evitar confusões de gênero, uma forma em **-bus**, *deabus* [para as deusas]).

- temas em **-ā**: *rosā+īs* > *rosāīs* > *roseīs* > *rosīs*

- temas em **ō**: *dominō+īs* > *dominōīs* > *domineīs* > *dominīs*

6-2- Os outros temas: a desinência é **-bus**.

6-2-1- A desinência acrescenta-se diretamente ao tema:

- Temas em **-ē**:: *rē-bus* > *rēbus*; *diē-bus* > *diēbus*

- Temas em semivogal **-i**:: *civī-bus* > *civībus*

- Temas em **-ū**: nos temas em **-ū**-, o **-ū**- do tema sofre freqüentemente apofonia em **i** ao receber a desinência. De fato, como assinalamos na fonética, o **-u** e o **-i** não tinham uma

pronúncia fortemente diferenciada e podem ter sofrido analogia com os outros temas: manū-bus > manŭbus > *manĭbus*; mas tribū-bus > *tribŭbus*

6-2-2- Temas em consoante e soante: desenvolvem uma vogal de ligação -ĭ-:

- libertat-bus > libertat-ĭ-bus > *libertatĭbus*.

ESTUDO COMPLEMENTAR À FLEXÃO NOMINAL

Os nomes de um enunciado formam mensagem inteligível quando são afetados por desinências que lhes determinam o caso, isto é, a relação que cada um tem referentemente aos demais. Forma e significado são as duas faces de um processo único: no ato de fala, o locutor tem a mensagem presente na mente, organizada logicamente, na sucessão necessária de sons que formam palavras cuja relação estabelece a inteligibilidade do discurso; e ele sabe, porque fala latim, que essas relações se expressam por casos cujo significado ele conhece perfeitamente; ele possui também as formas que permitem a enunciação dessas relações.

Os casos, apesar de poder indicar muitas relações por meio das formas em si ou por meio da associação dessas formas com preposições, são na realidade pouco numerosos e vimos que a metáfora ou a analogia podem estender-lhes o sentido, permitindo que cubram todo o campo nocional; mas ao ser enunciadas, as formas que adotam são submetidas a mudanças fonéticas que se estabeleceram ao longo da história da língua.

Algumas palavras, além de submetidas às mudanças ocasionadas pela junção das desinências, apresentam problemas fonéticos que lhes são próprios por causa do acréscimo de sufixos diversos, ou da incerteza que a língua manifestou na escolha de um tema determinado. Alguns substantivos flexionam sobre dois temas, vizinhos mas não iguais. Os adjetivos podem receber sufixos para expressar a comparação. Pronomes e adjetivos determinativos fixaram formas mais antigas que as formas apresentadas pela evolução posterior dos substantivos. Assim, a variedade no aspecto final das formas esconde a constância dos meios empregados pela língua para comunicar.

Pretendemos expor a seguir as palavras que não foram contempladas no estudo dos casos por apresentar alguma divergência na formação do tema ou na flexão.

Pronomes e adjetivos determinativos nos merecem uma atenção especial por sua importância no enunciado e pela originalidade da evolução de suas formas.

Enfim, parece-nos útil resumir sob forma de tabela o que foi explicado em detalhe, a fim de apresentar um quadro geral das formas da flexão e das variações que podem comportar. É o que faremos no fim dos capítulos sobre a flexão nominal.

1- TEMAS DE SUBSTANTIVOS AFETADOS DE MODIFICAÇÕES ESPECÍFICAS

1-1- Variações nos temas de substantivos neutros.

Alguns substantivos neutros apresentam um tema nos nominativo, vocativo e acusativo singulares e outro no resto da flexão.

Não se pode explicar essa diferença por modificações fonéticas mas por analogias: os temas de *iēcŭr* [fígado] (com alternância da primeira vogal *iōcŭr*), de *ītēr* [caminho], de *fēmŭr* [coxa], apresentavam alternância **-n/-r**, com os genitivos⁶⁸ respectivos **iecinis*, **itinis*, *feminis*; a analogia com o nominativo criou *iecoris*, *femoris*, *iteris*. Os genitivos clássicos *iecinoris/iocinoris*, *itineris* resultam da contaminação desses dois genitivos sobre os quais foram reconstruídos tardiamente os nominativos *itiner* e *femen*. A flexão clássica é *iēcŭr*, *fēmŭr* e *ītēr* para o nominativo, e os temas *iecinor-*, *femor-* e *itiner-* para os outros casos. (nominativo plural: *iecinora*, *femora*, *itiner*)

1-2- Variações nos temas de substantivos do gênero animado.

1-2-1- Tema *uī-* [força]: é um tema feminino em semivogal longa. O singular e o plural apresentam dois temas diferentes.

No singular *uī-* conserva a vogal longa: *uīs* (nominativo), *uim* (ac.), *uis* (gen.), *uī* (para os outros casos).

No plural, o tema compôs-se da maneira seguinte: acrescenta-se a desinência **-ēs** ao nominativo singular sem queda do *s* intervocálico que sofreu rotacismo e, por analogia com o singular, o tema foi aumentado da semivogal: *vīs-ey-ēs* > *uisēiēs* > *uirēs* > *uirēs*, com *uirium* para o genitivo e *uiribus* para os outros casos.

1-2-2-Substantivo e adjetivo *senex*, [o velho]. O tema de *senex* era um tema em **-ō-**: *senō-*. Por uma parte recebeu um sufixo **-ko-**, que subsistiu só no nominativo e no vocativo singular, por outra parte passou para a flexão em soante sob a influência de *iūuenis*, com o qual ele

68 O genitivo é a referência que dá o dicionário. De fato, a forma que adquire o tema depois da junção da desinência é a mesma para todos os casos menos o nominativo e o vocativo dos gêneros animados e o acusativo dos neutros. (Ver o estudo das formas do nominativo, p56 et seq.)

formava um par antônimo: *senex* no nominativo e no vocativo singular tem o tema *sen-* para todos os outros casos.

1-2-3- O substantivo próprio *Iuppiter* [Júpiter] representa a antiga palavra do indo-europeu **deiws* à qual se aglomerou o substantivo *pater* no nominativo e vocativo. Modificações fonéticas diversas levaram **deiws* às formas *diēs* [o dia], *dītis* [divino], *diuitiae* [as riquezas] e ao tema *yow-* > *iou-*, sendo *iu-* a redução de *iou-* antes de *pāter* cujo -ā- enfraqueceu em *ī* em posição interna. O resto da flexão se organiza sobre tema sonântico: *Iou-*. Temos um nominativo e um vocativo *Iūppiter/Iūpiter*, e uma flexão de tema em soante para os outros casos: *Iouem, Iouis, Iouī, Iouě*.

1-2-4- Outros temas terminados pela semivogal -w- tratados como temas em soante:

- ***Bōs*** [o boi] de um tema **gwōw-* > *bou-* No nominativo singular, o acréscimo do -s desinencial ao tema vocalizou o w; a forma fonética seria **būs*; a forma *bōs* parece dialectal. O genitivo plural e os dativo, instrumental e ablativo são formas contratas do tema depois da vocalização do w: *bou-um* > *boum*, no genitivo e *bou-bus* > *būbus* e *bōbus* nos outros casos. O resto da flexão é a das soantes: no singular, *bouem* (ac.), *bouis* (gen.), *bouī* (dat), *bouě* (ab. e inst.), no plural, *boues* (nom. e ac.)
- ***Sūs*** [o porco] e ***grūs*** [o grou] apresentam uma flexão parecida, o primeiro sobre o tema *sū-*, o segundo sobre o tema *grū-*. (*sūs, suem, suis, suī, suě*, singular; *suēs, suēs, suum, sūbus*, plural)

1-2-5- O substantivo *domus* [a casa] flexiona sobre dois temas: um tema em -ō-, *domō-* e um tema em semivogal, *domū-* que se repartem diferentemente no uso.

	Singular		Plural	
	Tema <i>domō-</i>	Tema <i>domū-</i>	Tema <i>domō-</i>	Tema <i>domū-</i>
Nom.Voc.	<i>domus</i>			<i>domūs</i>
Acusativo	<i>domum</i>		<i>domōs</i>	<i>domūs</i>
Genitivo	<i>domī</i>	<i>domūs</i>	<i>domōrum</i>	<i>domuum</i>
Dativo	<i>domō</i>	<i>domūī</i>		
Ablat.Inst.	<i>domō</i>	<i>domū</i>		
Locativo	<i>domī</i>			

2- OS ADJETIVOS QUALIFICATIVOS.

2-1- Valor semântico dos adjetivos qualificativos.

São adjetivos que denotam uma qualidade que pertence ao substantivo. O uso do adjetivo qualificativo permite determinar uma característica que diferencia um objeto e o individualiza em oposição a outros do mesmo tipo ou expressar a qualidade que interessa o falante no momento mesmo da fala. Por isso, é muitas vezes carregado de valor emocional: apresenta o ponto de vista de quem fala sobre algo; se o aspecto externo, quadrado ou redondo, preto ou vermelho, alto ou baixo podem ser valores objetivos, nada impede que o que parece belo a fulano seja visto por sicrano como feio, ou que algo útil para um seja inútil para outro. A variedade de acepções dos adjetivos qualificativos é grande. Não é nossa intenção enumerá-las. O que nos importa aqui é apontar duas coisas: a primeira é que uma qualidade pode vir a designar um ser humano, uma coisa ou uma idéia; *iuuenis* [jovem] e *senex* [velho] tanto em latim quanto em português são adjetivos e substantivos; *malum* [mau e o mal], *bonum* [bom e o bem], no neutro singular ou plural, de adjetivos se tornam substantivos passando da expressão de uma qualidade atribuída a alguém ou a algo à representação substantiva do que possui essa qualidade.

Ora, como o ser humano reage sempre ao mundo exterior, o mentaliza e estabelece comparações, os adjetivos são afetados pela expressão da escala de valores que a confrontação da mesma qualidade atribuída a dois objetos exige. Na impressão que recebemos, um objeto terá vantagem sobre o outro ou será igual ou lhe será inferior, ou também ultrapassará em relação a uma qualidade todos os objetos da mesma categoria. A língua usou dois meios de expressão para fazer essa comparação: o advérbio que indica o grau mais o menos alto da qualidade ou sua igualdade, e um sufixo que usou unicamente para marcar o grau mais alto, isto é, o comparativo de superioridade -o sufixo usado é **-ios** cuja flexão pertence aos temas em soante-; e, para marcar que a qualidade do objeto supera a de todos os objetos de mesmo tipo, usou sufixos que se compuseram uns sobre outros. De fato, a ênfase se desgasta no uso; todas as línguas conhecem esse fenômeno que enfraquece a noção de grandeza a medida que vai sendo expressa e leva a língua a aumentar sempre de algum ponto a expressão anterior da admiração.

Essa composição é um aporte interessante na expressividade do enunciado, mas necessitou de alguns ajustes fonéticos.

2-2- Os temas e a flexão dos adjetivos qualificativos.

Os adjetivos qualificativos apresentam três tipos de temas cuja flexão segue a flexão dos nomes. Só os temas em vogal diferenciam-lamente o masculino e o neutro do feminino no próprio tema. Evidentemente todos sofrem as mesmas modificações que os substantivos quando temos os mesmos encontros fonéticos.

2-2-1- Temas em vogal:

São temas em **-ŏ-** para o masculino e o neutro, em **-ă-** para o feminino: *bonus*, masculino, *bonum*, neutro (T. bonŏ-), *bonă*, feminino (T. bonă-) [bom]

Flexionam como os substantivos de mesmo tema e de mesmo gênero. O masculino no nominativo singular pode sofrer as acomodações fonéticas descritas na página 56: *pulchěr*, masculino, *pulchrum*, neutro (T. pulchrŏ-), *pulchra*, feminino (T. pulchră-), [belo], *tener*, masculino, *tenerum*, neutro (T. tenerŏ-), *tenera*, feminino (T. teneră-) [tenro]

2-2-2- Temas em consoantes e soantes:

O tema é o mesmo para os três gêneros.

- Podem apresentar a mesma forma no nominativo singular como *inops*, masculino, *inops*, feminino, *inops*, neutro (T. inŏp-): O acusativo neutro tem a mesma forma que o nominativo: *inops* neutro é tanto nominativo quanto acusativo, contra o masculino e feminino *inŏpem* do acusativo singular.
- ou diferenciar os três gêneros no nominativo-vocativo singular como *celěr*, masculino, *celerě*, neutro, *celeris*, feminino

2-2-3- Temas em semivogal. (Não há adjetivos em -ū-)

Os temas em semivogal -i- podem, no nominativo singular,

- apresentar a mesma forma para os três gêneros: *felīx*, masculino, *felīx*, feminino, *felīx*, neutro (T. felīcī-) [feliz]
- ter uma forma para o masculino e o feminino e outra para o neutro: *fortīs*, masculino, *fortīs*, feminino, *fortě*, neutro, (T. fortī-) [forte],

- ter uma forma diferente para cada gênero: *acĕr*, masculino, *acrĭs*, feminino, *acrĕ*, neutro, (T.acrĭ-) [agudo].

Observação sobre a flexão: Os adjetivos de tema em **i**, masculinos ou femininos, apresentam sempre o acusativo singular em **-em** (*felicem*) e conservam nos três gêneros o ablativo singular em **-ī** (*feliċī*).

2-3- A expressão do grau dos adjetivos:

Os adjetivos qualificativos têm capacidade de expressar o grau mais ou menos alto da qualidade atribuída a um objeto.

O objeto comparado está no ablativo:

Quis clarior in Graecia Themistocle? (Cíc., Lael.,42)

Quem foi mais famoso na Grécia que Temístocle.

ou, introduzido por *quam*, tem o mesmo caso que o primeiro elemento da comparação porque é entendido como parte de uma oração equivalente:

Melior tutiorque est certa pax quam sperata uictoria. (Liv., 30,30)

Melhor e mais segura é uma paz garantida que uma vitória esperada. (que uma vitória esperada é boa e segura: *quam sperata uictoria est bona tutaque*)

Os sufixos de comparativo e de superlativo aplicam-se à forma desprovida de acréscimos, às vezes diretamente à própria raiz: assim é sobre *sen-* e não sobre o tema de nominativo *sen-ec-*[velho] que se aplica o sufixo, sobre *iun-* e não sobre *iuen-* [jovem], sobre *mag-* e não sobre *magnō-* [grande], etc.

2-3-1- Sufixo de comparativo:

Só o comparativo de superioridade tem um sufixo específico. Os comparativos de igualdade ou de inferioridade expressam-se pela forma normal do adjetivo e por uma perífrase; em português a igualdade se expressa por “tão...quão” a inferioridade por “menos...que...”, a superioridade por “mais...que”. O latim usa expressões idênticas “*tantum... quantum...*” e “*minus... quam...*” mas para o comparativo de superioridade pode usar tanto “*magis...quam*” quanto o sufixo **-yōs > -iōs**. Esse sofre dois tipos de alterações:

- sendo terminado pela soante **-s**, sofre as alterações dos temas terminados por **-s** e temos para o masculino e o feminino a evolução **-iōs > -iōr- (-iōr no nominativo singular)** ⁶⁹

- o neutro abrevia a última vogal e temos **-iōs > -iōs > -iūs** para os nominativo, vocativo, acusativo singulares.

Gênero animado: **-iōs > -iōr-**: *iustus, iusta > iustiōr* (mas *iustiōrem*) [mais justo];

senex < sen-ec-, comp. sen-iōs > *senior* [mais velho], *magnus* < mag-nō-, comp. mag-iōs > *maior* [maior]

Neutro: **-iōs > -iōs > -iūs**: *iustum > iustiūs*; mag-nō-m, mag-iōs > *maius*

- alguns adjetivos não têm comparativo -nem superlativo- mas a língua lhes associou outros adjetivos cujo significado era próximo e marcava o grau: *bonus* [bom] apresenta um comparativo *melior* [melhor], *malus* [mau], *peior* [pior] e *paruos/paruus* [pequeno], *minor* [menor].

2-3-2- O superlativo:

O superlativo é uma hipérbole; marca a qualidade do adjetivo no seu grau mais alto, acima de todos os objetos do mesmo tipo. Seu significado é tanto relativo quanto absoluto: *iustissimus* significa “o mais justo” e “muito justo”.

Vir amplissimus P. Scipio, pontifex maximus, Tiberium Gracchum priuatus interfecit.
(Cic., Catil. ,I,3)

Homem da maior importância, P. Cipião, pontífice máximo, como simples cidadão, matou Tibério Graco

O latim acumulou sufixos para provocar uma admiração ou um espanto cada vez mais intenso. Assim a partir de um primeiro sufixo encontramos com frequência outros sufixos de reforço.

Os sufixos formadores do superlativo são: **-mō- -tō- e -sō-, -is-** que ora são usados sozinhos, ora se acumulam na mesma palavra:

- sufixo **-mō-** (raro sózinho): *sum-mō-s > summūs* [mais alto], *minimus* [menor] serve de superlativo a *paruos*

- sufixo **-tō- + -mō-** : *opī-tō-mō-s > optīmūs* [ótimo], serve de superlativo a *bonus*

⁶⁹ Vogal longa em sílaba final se abrevia menos diante de s

- sufixo **-sǫ-** + **-mǫ-** > **-sǫmǫ-**: pes-sǫ-mǫ-s > *pessǫmǫs/pessǫmǫs* [péssimo] serve de superlativo a *malus*.
- mag- (de magnus) mag-sǫ-mǫs > *maxǫmǫs/ maxǫmǫs* [máximo, muito grande]..
- facil-: facil-sǫ-mǫ-s > facilǫmǫs > *facillǫmǫs* [muito fácil] com assimilação –ls> ll
- pulchrǫ-: pulchrǫ-sǫ-mǫ-s > pulchrǫmǫs > *pulcherrǫmǫs*, [muito belo] onde temos assimilação das soantes e uma vogal de ligação para desfazer um encontro foneticamente impossível.
- sufixo **-is** + **-sǫ-** + **-mǫ-** : iustǫ-is-sǫ-mǫ-s > *iustǫssǫmǫs*. [muito justo]

2-4- Formação de adjetivos no comparativo e no superlativo sobre advérbios

A língua usou o sufixo de comparativo e o de superlativo para criar adjetivos a partir de advérbios que significam em geral uma relação de lugar ou de tempo. Citaremos alguns exemplos dessa criação: *extra* [fora] deu os adjetivos *exterior* [exterior] com o sufixo de comparativo e *extrēmus* [extremo] com o sufixo do superlativo; de *infra* [abaixo de], temos *inferior* [inferior], e *infimus* [ínfimo]; de *post* [depois], temos *posterior* [posterior], e *postrēmus/postumus* [último e póstumo] etc.

3- PARADIGMAS DA FLEXÃO NOMINAL

O enunciado se constrói a partir de significados: queremos dizer alguma coisa, apresenta-se na nossa mente a palavra disponível no vocabulário correspondente à imagem presente, e a forma casual que expressa as relações necessárias para a efetivação da mensagem. Vimos que as desinências denotam os casos e que na junção com o tema determinam acidentes fonéticos diversos apesar de ter a mesma forma na origem.

Essa evolução nos parece necessitar um resumo que contemple por um lado as desinência originais e por outro lado a forma final dos temas. A apresentação sob forma de tabela a destaca melhor.

Em primeiro lugar exporemos a evolução das desinências no indo-europeu, como as consideramos na nossa exposição dos casos, a seguir sua evolução na junção com os temas e as formas da flexão dos substantivos e dos adjetivos qualificativos

O dicionário ao mesmo tempo que o significado nos dá o singular do nominativo e do genitivo das palavras. O nominativo, como vimos, é a forma casual que sofreu as mais profundas modificações fonéticas, não permite por si só determinar um paradigma; preferimos partir do tema que o caracteriza melhor. O genitivo ou apresenta o tema sem as alterações do nominativo e permite deduzi-lo (*ager* nominativo tem *agrī* como genitivo de onde o tema *agrō-*; *imber* nominativo tem *imbris* no genitivo de onde o tema *imbrī-*) ou apresenta as modificações internas que subsistem em todos os casos com exceção do nominativo singular -e do acusativo singular dos neutros- (tema *homōn-*, nominativo *homō*, mas genitivo *homīnis*; tema *cinis-*, nominativo *cinis*, genitivo *cineris*; tema neutro *capūt-*, nominativo e acusativo *capūt*, genitivo *capītis*). Indicamos quando necessário as diferenças de flexão que apresentam palavras de tema equivalente devido a seu tratamento fonético.

Os pronomes e os adjetivos determinativos apresentam algumas diferenças em relação aos substantivos; veremos o significado e apresentaremos sua flexão.

1- AS DESINÊNCIAS E SUA EVOLUÇÃO.

Tabela 2: Evolução das desinências do indo-europeu até o latim.

Casos	Gênero animado			
	Desinência	Evolução	Temas em vogal	outros temas
Singular				
nominativo	-s/0		-s/0	-s/0
vocativo	0		0	= nom.
acusativo	-m		-m	-m
genitivo	-as	1->sya > sio 2-> yōs	>i	>is/ōs
dativo	-ai		-ai	-ai>ei>-ī
ablativo	-at		-ad	-ad/-a>-ě?
instrumental	-ē		-(ē)	>-ě
locativo	-ī/-ei?		-ī	-ī
Plural				
nominativo	-as	>ēs	>ě	ēs
vocativo				
acusativo	-ns	> ṅs		
genitivo	-sam/am		>sōm	> ōm
dativo ablativo	-bhyams	> bhyas > bhas/bhis	>is	> bhas >bōs >bus/(bis)
instrumental	-bhis		>is	
locativo	-bhis/-su		>is	

0 significa ausência de desinência

Tabela 3: Desinência resultante nos temas em vogal

		Gênero animado		
Casos	Desinências	-ō-	-ǣ-	-ē-
Singular				
nom.	-s/ 0	-ō-s > -us	-ǣ > -ā > -ǣ	ē-s > -ēs
voc.	0	-ō > -ē	-ǣ	= nom
ac.	-m	-ō-m > -um	-ǣ-m > -am	ē-m > -ēm
gen.	-as -i	-ō-i > $\widehat{ei}$ > -ī	-ǣ-as > -ās -ǣ-i > $\widehat{ai}$ > -ae	-ē-as > -ēs -ē-i > -ēi
dat.	-ai	-(ō-a)ī > -ōi > -ō	-ai > -ae	-ē-ī > -ēi
abl.	-ad	-(ō-a)d > -ōd > -ō	-ǣ-ad > ād > -ā	-ē-ad > -ēd > -ē
inst.	-ē	-ō-ē? > -ō	ǣ-e (?) > -ā	-ē-ē > -ē
loc.	-ī	ō-ī > $\widehat{oi}$ > $\widehat{ei}$ > ī	-ǣ-i > -ae	-ē-i > -ēi
Plural				
nom.	-as -i	-ō-i > $\widehat{ei}$ > ī	-ǣ-as > -ās -ǣ-i > -ae	-ē-as > -ēs
voc.		= nom.	= nom	= nom
ac.	-ns	-ō-ns > -ōs	-ǣ-ns > -ās	-ē-ns > -ēs
gen.	-sōm	-ō-sōm > ōrōm > ōrum	-ǣ-sōm > -ārum	-ē-sōm > -ērum
dat.ab. ins.loc.	-is/-bus	-ō-is > $\widehat{eis}$ > -īs	-ǣ-is > -īs/ (-abus)	-ē-bus

Tabela 4: Desinência resultante nos temas em semivogais, soantes e consoantes

Gênero animado				
Casos	Desinências	-ěy- /-ēy-/-ī	Consoante/soante	-ow->-ū-
Singular				
nom.	-s/ 0	-ěy-s>- is -ēy-s>- ēs	-ī-s>- is -0	-ū-s > - ūs
voc.	= nom	= nom	= nom	= nom
ac.	-m	-ěy-m > - ēm / - īm -ēy-m > - ēm > - ēm- ī-m > -īm	-m>- ēm	-ū-m > - ūm
gen.	-īs -ōs	-ey-is > is	-īs	-ū-ōs > - ūs
dat.	-ī	-ey-ī > - ī	-ī	-ūī > - ūi
abl.	-ad	-ey-(a)d > īd>- ī >- ě	-ad?>- ě	-ūad > -ūd > - ū
ins.	-ē	-iē > -iě > -ī/ě	-ě	-ūē > -ūě > - ū
loc.	-ěi	-ey-ěi > - ī	-ī	- ūi
Plural				
nom.	-ēs	-ey-ēs > - ēs	-ēs > - ēs	-ūēs > - ūs
voc.		= nom	= nom	= nom
ac.	-ns	-ey-ns > - īs/-ēs	-ě-ns > - ēs	-ūns > - ūs
gen.	-ōm	-ey-ōm > -i-ōm > - ium	-ōm > -ōm > - ūm	-ūōm > - ūūm > -ūūm
dat.ab.ins.loc.	-bus	-ey- bus > - ibus	-ī-bus	- ūbus/-ibus

Tabela 5: Temas neutros:

Só no nominativo, vocativo e acusativo apresentam formas diferentes dos temas do gênero animado.

Nominativo, vocativo e acusativo têm a mesma forma.

Neutro					
Temas em		-ō-	-ey	Cons. Soante	-ū-
Casos	Desinências				
Singular					
nom. voc. ac.	0	-ō-m ¹ > - ūm	-ěy- > -ī- > - ě/0	-0	- ū
Plural					
nom. voc. ac.	-ā	-ōā > -ā	-ěy-ā > - īā	- ā	- ū-a>-ūa

1- esse m não é desinência

3-2- Paradigma da flexão nominal dos substantivos e dos adjetivos qualificativos

Tabela 6: Temas em vogal

Temas	Em -ō-		Em -ă-	Em -ē-
	Masc.fem.	Neutro	Masc.Fem	Masc.Fem
Singular				
Nominativo	dominūs	bellūm	rosă	diēs
Vocativo	dominē	bellūm	rosă	diēs
Acusativo	dominūm	bellūm	rosām	diēm
Genitivo	dominī	bellī	rosae	diēs/diei
Dativo	dominō	bellō	rosae	diēi/diē
Ablativo	dominō	bellō	rosā	diē
Locativo	(domi < domō)	belli/bellō	Romae/Romā	diē
Instrumental	dominō	bellō	rosā	diē
Plural				
Nominativo	dominī	bellā	rosae	diēs
Vocativo	dominī	bellā	rosae	diēs
Acusativo	dominōs	bellā	rosās	diēs
Genitivo	dominōrūm	bellōrūm	rosārūm	diērūm
Dat.Abl.Inst. Loc.	dominīs	bellīs	rosīs	diēbus

Acomodações fonéticas nos temas em -rō- e em -iō-

-no nominativo e vocativo singular:

temas em -rō-, puerō- e agrō- > *puer* e *ager*

- no vocativo singular:

temas em -iō-, filiō- > filiē > *filī* (meō- > *mī*)

- no genitivo singular:

temas em -iō-: contração dos dois i até o Império *supplicii* > *supplicī*

Tabela 7: - Temas em consoantes, soante e semivogal

Tema	libertat--	flumen-	ciuī-	puppi-	marī-	fructū-	genū-
Singular	masc. fem	neutro	masc. fem		neutro	fructūs	genū
Nom.	libertas	flumēn	ciuīs	puppis	marē	fructūs	genū
Voc.	libertas	flumēn	ciuīs	puppis	marē	fructum	genū
Acus.	libertatēm	flumēn	ciuēm/civīm	puppim	marē	fructūs	genū(s)
Gen.	libertaīs	flumīnīs	ciuīs	puppis	maris	fructui	genūi/genū
Dat.	libertaī	flumīnī	ciuī	puppī	marī	fructū	genū
Abl.	libertatē	flumīnē	ciuē/ciuī	puppī	marī	(fructi/ fructū)	(genū)
Loc.	Carthaginī/ Carthaginē	(flumīnī)/ fluminē		puppī	marī	fructū	genū
Inst.	libertatē	flumīnē	ciuē/ciuī	puppī	marī	fructū	genū
Plural						fructūs	genūā
Nom.	libertatēs	flumīnā	ciuēs	puppēs	marīā	fructūs	genūā
Voc.	libertatēs	flumīnā	ciuēs	puppēs	marīā	fructūs	genūā
Acus.	libertatēs	flumīnā	ciuēs/ciuīs	puppīs	marīā	fructūūm	genūūm
Gen.	libertatūm	flumīnūm	ciuūm	puppium	marīūm	fructibus	genibus
D.A.I.L.	libertaībus	flumīnībus	ciuībus	puppībus	marībus	fructibus	genibus

Acomodações fonéticas

- **nos temas em consoantes e soantes:** o nominativo singular de muitos desses temas apresenta problemas fonéticos que resumimos na tabela 1.(O tema já modificado é indicado pelo genitivo dado pelos dicionários). Alguns temas como *canis, is* [o cão], *juuenis, is* [o jovem] são temas em soante e não temas em semivogal.

- **Temas em –ey- > -i-:** os temas do gênero animado apresentam geralmente o nominativo singular em –is.

Mas podem apresentá-lo em –er (*imber*), em –ēs (*caedēs*), com síncope do –i- depois de vogal longa (*ūrbs*); esses temas nunca têm o ablativo singular em –ī nem o acusativo plural em –īs.

Os temas neutros têm sempre os ablativo, instrumental, locativo singulares em –ī

4- OS PRONOMES E OS ADJETIVOS DETERMINATIVOS.

Existem dois tipos de palavras que se costuma colocar sob a rubrica de pronomes. Só se justificaria de fato essa denominação para os que representam um substantivo já citado no enunciado. É o caso de muitos deles. Mas alguns são verdadeiros substantivos e designam por si mesmo algo ou alguém. Os pronomes pessoais da primeira e segunda pessoa pertencem a essa categoria.

4-1- Os pronomes pessoais e os possessivos adjetivos e pronomes

Os pronomes pessoais da primeira e segunda pessoa são substantivos de fato: os primeiros designam a pessoa que fala ou o grupo de pessoas em que está incluso quem fala, os segundos a pessoa ou as pessoas a quem se dirige o discurso. Não existe em latim pronome da terceira pessoa: esse seria verdadeiramente um pronome que substituiria um substantivo já citado; é usado quando necessário um pronome anafórico. A terceira pessoa apresenta só um pronome reflexivo.

Os pronomes da primeira e segunda pessoa são usados no nominativo quando se quer insistir sobre o sujeito:

Nos deorum immortalium templa, nos muros, nos domicilia sedesque populi Romani defendimus. (Phil., 8,8)

Somos nós que defendemos os templos dos imortais, nós que defendemos os muros, as casas e as sedes do povo romano.

Tu prae nobis beatus es. (Cic., Fam., 4,4,2)

Tu, em vista de nós, es feliz.

A flexão destes pronomes parece ter-se desenvolvido de um modo paralelo ao da flexão nominal: o nominativo do pronome da primeira pessoa tem um tema independente do tema dos outros casos, e o acusativo apresentava um *-d* (partícula de reforço de mesma origem que o *d* dos pronomes neutros?) que caiu depois da vogal longa. É frequente o uso de partícula de insistência de valor afetivo. Vimos a origem do dativo do singular e dos dativo, ablativo e instrumental do plural, quando estudamos esses casos.

Tabela 8: Flexão dos pronomes pessoais

Sing.	1ª pessoa		2ª pessoa		3ª pessoa: reflexivo
Nom./Voc		ěgŏ		tŭ/tŭ	
Acus.	mē-d*	mē >	tē-d >	tē	sē-d > sē/sēsē
Gen.		mēi (mī)		tŭi	suī
Dat	mīhei >	mihī	tībei	tībī	sībei > sībī
Abl.Inst	mē-d >	mē	te-d >	tē	sē-d > sē
Plur					
Nom.		nōs		uōs	
Acus.		nōs		uōs	sē/sēsē
Gen.	nostro-ōm >	nostrŭm/nostri	uostro-om >	uestrum/uestri	suī
Dat	nōbis	nōbis		uōbis	sībī
Abl.Inst	nōbis	nōbis		uōbis	sē

Os pronomes do singular e do plural não têm o mesmo tema: de fato “nós” não significa vários “eu” e “vós” não é vários “tu”.

A terminação -o de ego lembra a desinência da primeira pessoa do singular dos verbos.

Explicamos as formas do dativo do singular e dos dativo, ablativo e instrumental do plural junto com a flexão dos substantivos (p. 96 § 3-1-7-1 e p.109)

Estes pronomes podem vir acompanhados de partículas enclíticas de reforço: -met, -pse, -pte, -te.

Quis te uerberauit? - Egomet memet (Plaut. Amph., 607)

Quem te bateu? -Eu mesmo em mim mesmo.

Os adjetivos e os pronomes possessivos.

Os possessivos podem ser tanto adjetivos quanto pronomes, nesse caso designam ao mesmo tempo o objetos e seu possuidor.

Salutem accipio mihi et meis. (Plaut., Epid., 548)

Aceito tua saudação para mim e para os meus. (*meis* são as pessoas ligadas a mim)

Como os pronomes pessoais, também os possessivos podem ter partículas de reforço.

Suopte pondere (Cic., Nat., 1,69)

Por seu proprio peso.

Há uma notável unidade dentro do sistema do possessivo e a designação das pessoas dos verbos.

Tabela 9: Adjetivos e pronomes possessivos

	singular		Plural	
	pron. pessoal	possessivo	pron. pessoal	possessivo
1ª pessoa	mē	meus, mea, meum	nōs	noster, nostra, nostrum
2ª pessoa	tē	tuus, tua, tuum	vōs	voster /vester, vestra, vestrum
3ª pessoa	sē	suus, sua, suum	sē	suus, sua, suum

Convém notar que o pronome de terceira pessoa, tanto como o adjetivo possessivo existe só para o reflexivo. Nos outros casos usa-se o pronome *is, ea, id*.

4-2- O pronome *is, id, ea*.

É um anafórico, isto é, traz para a oração na qual está um substantivo ou uma expressão presente num enunciado anterior. Tem um valor demonstrativo pouco intenso e equivale muitas vezes a um pronome de terceira pessoa não reflexivo

Rubrius istius comites inuitat; eos omnis Verres certiores facit quid opus esset. (Cic., Ver., 2, 1, 66)

Rúbrio convida os companheiros desse; Verres garante a eles todos que seria necessário.

É usado frequentemente como antecedente do pronome relativo nessa acepção

Vtrum digniores homines existimasti eos qui habitant in prouincia quam nos qui aequo iure uteremur, an aliud Romae aequum est, aliud in Sicilia? (Cic., Ver., 2, 1, 118)

Qual dos dois? Julgaste mais dignos os homens, os que moram na província, que nós que usamos o mesmo direito, ou o mesmo direito é um em Roma, e outro na Sicília?

Is, id, ea formam sua flexão ora sobre o tema vocálico *eyō-/eyă-*, ora sobre o tema em semivogal *ey-*.⁷⁰ A presença desses dois temas dá uma certa complexidade à flexão desse anafórico, já que a aplicação das leis da fonética aos temas respectivos provocam modificações diferentes: queda do yod entre vogais (tema *eyō-*) ou contração em ditongo de *ey > ēi*.

⁷⁰ Na maioria dos pronomes neutros o nominativo e o acusativo singular acrescentam um **-d** ao tema. Esse **-d** preenche a mesma função fonética que o **-m** do neutro dos temas em **-ō-**, a de proteger a vogal em fim de palavra contra a apofonia em **-ē**: ver tema *istō-* > *istē* no nominativo masculino singular.

Tabela 10: Flexão de is, id, ea.

Tema	-ěy- / -eyō-	-ěy- / -eyō-	-ěy- / -eyā-
Sing	is	id	ea
Nom.	ey-s > ēi-s > is	ey-d > ei-d > id	eyā > ea
Acus.	eyō-m > ěm	id	eyā-m > eam
Gen.	ey-yōs > eiūs/eius	eiūs	eiūs
Dat	ey-ei > ēi/ēi	ēi/ēi	ēi/ēi
Abl.Inst	eyō-d > eyō-d > eōd/eō	eōd/eō	eyā-d > eyā-d > eād/eā
Plur			
Nom.	eyō-ī > eyēi > ēi/ī/ī¹	eyō-ā > ěa	eyā-i > ēae
Acus.	eyō-ns > eōs	ěa	eyā-ns > ēās
Gen.	eyō-sōm > ěm/ēōrum	ěm/ēōrum	eyā-sōm > ēarūm
Dat	eyō-is > ēis/īs/is	ēis/īs/is	ēis/īs/is
Abl.Inst	ēis/īs/is	ēis/īs/is	ēis/īs/is

1- Nas inscrições antigas se acha as formas eis/ieis/eis

4-3- Os relativos e os interrogativos; pronomes e adjetivos.

4-3-1- Os relativos

O pronome relativo é um anafórico como *is*. É usado geralmente no começo de uma oração chamada relativa que completa um substantivo ou um pronome antecedente do qual adota o gênero e o número. Dentro da oração que introduz assume o caso correspondente à função que o antecedente teria.

Bona ualetudo iucundior est iis qui e graui morbo recreati sunt quam qui nunquam aegro corpore fuerunt. (Cíc. Ad Quir. post red., 1)

Uma boa saúde é mais agradável aos que se recuperaram de uma grave doença do que aos que nunca tiveram o corpo doente. (*iis* dativo antecedente de dois relativos *qui*, sujeitos respectivamente de *recreati sunt* e *fuerunt*)

O pronome conjuntamente com a oração à qual pertence pode não ter antecedente: o conjunto designa então uma pessoa ou uma coisa por meio de um dos seus aspectos ou qualidades:

Qui a multis timetur multos timet. (Sên., de Mor., 61)

Quem por muitos é temido, teme muitos.

Os relativos podem expressar diversos valores e ser usados como adjetivos:

- a identidade: **qui, quod, quae**, quem, que (tema quō-/quā-)

- a qualidade: **qualis, quale**, qual (tema quali-)
- a dimensão, o valor (sing. e pl.): **quantus, um, a**, quanto, quão grande (tema quantŭ/quantă)
- a quantidade (pl.): **quot**, quanto relativo de identidade (indeclinável)

Hoc coepi mecum cogitare, quanta nos uitiorum nostrorum sequeretur obliuio. (Sên. Luc. 53,5)

Comecei a pensar isso comigo em quantos de nossos vícios o esquecimento nos acompanha.

4-3-2- Os interrogativos.

Os interrogativos são pronomes e são adjetivos. Como a interrogação quase sempre é feita para tomar conhecimento de algo que não conhecemos, na realidade, não costumam apresentar-se como pronome, substituto do substantivo. Podem interrogar sobre a identidade de uma pessoa, de um objeto, ou de uma idéia; a interrogação pode também inquirir sobre a qualidade, a quantidade, etc.

A não ser o interrogativo de identidade e seus compostos, as mesmas palavras que servem para o relativo são usadas na interrogação. Expressam:

- a identidade: **quis, quid, quae?** quem? o que? (tema quey-)

Ecquis, ecquid, ecqua/ecquae, há alguém que

Quisnam, quidnam, quaenam, pois quem?

- a qualidade: **qualis, quale?** qual? de que qualidade?
- a dimensão, o valor (sing.): **quantus, um, a?** quanto? quão grande? de que valor?
- a quantidade (pl.): **quot?** quantos?

Quid agis, mea salus? (Plaut., Most., 569)

Que fazes, minha vida?

Quis plurimum habet? qui minimum cupit. (Sên., de Mor., 46)

Quem tem mais posses? Quem tem menos desejos.

Quo de genere natus est? (Plaut., Capt., 277)

De que família nasceu? (adjetivo, no mesmo gênero, número e caso que *genere*)

Quae est maxima egestas? Avaritia. (Sên., de Mor., 57)

Qual é a maior pobreza? A avareza (*quae* adj. predicativo de *egestas*)

4-3-3-A flexão do relativo *qui*, *quae*, *quod* e do interrogativo *quis*, *quid*.

A proximidade das formas do relativo e do interrogativo levaram a analogias e *qui*, *quod*, *quae* e *quis*, *quid* confundiram em parte suas flexões respectivas:

- formas comuns remanescentes do tema em **-ey-/i-**: no singular, o acusativo masculino (quĩ-m > *quēm*), e no plural os dativo, ablativo, instrumental dos três gêneros (quey-bōs > *quībūs*)
- formas comuns remanescentes do tema em vogal: no singular, o ablativo e o instrumental masculino e neutro (quō-d > *quō*) e o feminino (quā-d > *quā*) e no plural o acusativo masculino (quō-ns > *quōs*) e feminino (quā-ns > *quās*), o genitivo masculino e neutro (quō-sōm > *quōrūm*) e o feminino (quā-sōm > *quārūm*)
- certos casos tinham duas formas possíveis, uma sobre o tema em **-ō** ou **-ā**, outra sobre o tema em **ey-** > **i-**: o genitivo (quo-yōs / quey-yōs > *quoiūs* / *cuiiūs* / *cuiūs*) e o dativo (quo-ei / quey-ei > *quoi/cui*). As formas *cuius* e *cui* são as mais frequentes; elas servem para os três gêneros.

Tabela 11: Flexão do relativo e do interrogativo

Sing	qui		quod		quae	
Nom.	quō-ī* >	quī	quō-d >	quōd	quā-ī ¹ >	quae
Acus.	quey-m >	quēm	quō-d >	quōd	quā-m >	quām
Gen.	quō-yōs > quey-yōs >	quoiūs cuiiūs/ cuiūs		quoiūs/cuiiūs/ cuiūs		quoius/cuiiūs/ cuiūs
Dat	quō-/quey-ei >	quoi/ cui		quoi/ cui		quoi/ cui
A.I.	quō-d >	quō		quō	quā-d >	quā
Plur						
Nom.	quō-ī >quei	quī	quō-ā-ī ¹ >	quae	quā-ī >	quae
Acus.	quō-ns >	quōs	quō-ā-ī ¹ >	quae	quā-ns >	quās
Gen.	quō-sōm >	quōrūm	quō-sōm >	quōrūm	quā-sōm >	quārūm
Dat	quō-īs > quey-bōs >	quīs/queis/ quībus	quō-īs > qui-bos >	quīs/queis/ quībus	quā-īs > qui-bos >	queis/quīs/ quībus
A.I.	quō-is > quey-bōs >	quīs/queis/ quībus	quō-is > qui-bos >	quīs/queis/ quībus	quā-īs > qui-bos >	queis/quīs/ quībus
Sing	quis		quid		quis/quae¹	
Nom.	quey-s >	quīs/quī	quī-d >	quīd	quī-s/quā-ī ¹ >	quis/quae
Acus.	quey-m >	quem	quī-d >	quīd	quā-m >	quām
Gen.	quō-yōs > quey-yōs >	quoiūs cuiiūs/ cuiūs		quoiūs/cuiiūs/ cuiūs		quoius/cuiiūs/ cuiūs
Dat	quey-ei >	quoi/ cui		quoi/ cui		quoi/ cui
A.I.	quō-d > quey-d > quīd >	quo/ quī		quo/ quī	quā-d >	quā
Plur						
Nom.	quey-ēs > quō-ī >quei	quēs/ quī	quō-ā-ī ¹ >	quā/quae ²	quā-ī >	quae
Acus.	quō-ns >	quōs		quā/quae	quā-ns >	quās
Gen.	quō-sōm >	quōrūm		quōrūm	quā-sōm >	quārūm
Dat	quo-is > quey-bos >	queis/quīs/ quībūs		queis/quīs/ quībūs		queis/quīs/ quībūs
Abl. Inst	quo-is > quey-bos >	queis/quīs/ quībūs		queis/quīs/ quībūs		queis/quīs/ quībūs

Observações: as formas usuais na época clássica estão em negrito.

As referências dentro do paradigma concernem:

- 1- o **-ī** que é uma partícula presente no nominativo dos demonstrativos (e que pode ser o sufixo **-ī** do locativo).
- 2- O nominativo, acusativo neutro plural de *quis* seria normalmente *quīā* que só se usa como conjunção [porque]

4-3-4-A flexão dos outros relativos e interrogativos.

- Os **interrogativos**: *ecquis*, *ecquid*, *ecqua/ecquae*, *quisnam*, *quidnam*, *quaenam* são compostos de *quis* com uma partícula: só o pronome flexiona, ficando invariável a partícula.
- Os relativos e interrogativos *qualis*, e *quantus* têm a flexão normal correspondente a seu tema: tema de *qualis*, *quali-*, de *quantus*, *quantum*, *quantō-*, de *quanta*, *quantā-*.
- *quot?* quantos? É invariável

4-4- Os indefinidos formados sobre *quis* e *qui*.

Os pronomes e os adjetivos indefinidos são usados para marcar a indefinição de quem fala a respeito de uma pessoa ou de uma coisa; alguns marcam que o falante ignora a identidade dessa pessoa ou coisa, outros que não interessa identificá-la.

Si qua tui Corydonis habet te cura, uenito. (Verg., Buc., 7,40)

Se alguma preocupação a respeito de teu querido Coridão te possui, vem. (não sabe qual a preocupação que pode ter o amigo; *qua=aliqua*)

Quidam socius et adfinis meus... (Cic., Quinct., 17,54)

Um certo aliado e vizinho meu...(uma pessoa que conheço mas não quero nomear)

Faber est quisque fortunae suae. (Caes., ap Sall.: de Ord. rep.,1)

Cada um é obrero de sua fortuna

4-4-1-Pronomes

- *Quisquis*, *quicquid/quidquid*, qualquer um, qualquer.
- *Aliquis/aliqui*, *aliquid*, *aliqua*,alguém (às vezes reduzido a *quis/qui*, *qua*, *quid*)
- *Quidam*, *quiddam*, *quaedam*, alguém, uma certa pessoa.
- *Quispiam*, *quippiam/quidpiam*, *quaepiam*, (quid-pe-iam), alguém
- *Quisque*, *quidque*, *quaeque*, e *unusquisque*, *unumquidque*, *unaquaeque*, cada um.
- *Quivis*, *quidvis*, *quaevis*, quem quiser, qualquer um
- *Quilibet*, *quidlibet*, *quaelibet*, quem gostar, qualquer um.
- *Quicumque*, *quodcumque*, *quaecumque*, quem for, qualquer um

4-4-2- Adjetivos: Todos esses pronomes podem ser usados como adjetivos e neste caso têm o nominativo neutro composto com *quod*.

4-4-3- Flexão

Esses pronomes e adjetivos flexionam como o interrogativo e o relativo. *Quisquis* flexiona as duas partes da composição, nos outros só *quis* é flexionado.

4-5- Os outros adjetivos e pronomes indefinidos

4-5-1- Pronomes

São usados só como pronomes dois indefinidos de significado negativo, um para negar a existência de objeto ou ideia, outro de pessoa:

- *Nihil/Nil* [nada] é neutro e só tem nominativo e acusativo
- *Nemo* [ninguém] se compõe de fato da negação e do substantivo *homo* (ne homōn-) formando o tema nemōn-, com o nominativo *nemō*, acusativo *neminem* e dativo *nemini*, (resultando da apofonia de ō em ĭ). O genitivo, o ablativo e o instrumental usam as formas de *nullus* (respectivamente: *nulliūs*, *nullō*); mas, no império se acham as formas refeitas *neminis* para o genitivo e *nemine* para o ablativo.

4-5-2 - Os outros indefinidos são pronomes e adjetivos

- *Alius, ud, a*, (de sentido próximo ao demonstrativo), outro
- *Alter, um, a*, outro dos dois
- *Uter, um, a*, qual dos dois
- *Neuter, trum, tra*, nem um nem outro
- *Uterque, utrumque, utraque*, um e outro
- *Alteruter, alterutrum, alterutra*, um ou outro
- *Alteruterque, alterutrumque, alterutraque*, um e outro
- *Utervis, utrumvis, utraque, uterlibet, utrumlibet, utralibet*, qualquer um dos dois
- *Unus, unum, una*, um
- *Ullus, um, a*, nenhum
- *Nullus, a, um*, ninguém, nenhum
- *Solus, um, a*, só
- *Totus, um, a*, todo, inteiro
- *Omnis, e*, todo, tudo, qualquer

4-5-3- Particularidades da flexão.

- Todos menos *omnis* que tem o tema em -i- (omnī-) tem um tema em -ō- para o masculino e o neutro e em -ă- para o feminino.
- Todos menos *omnis* apresentam o genitivo singular em -iūs (*nullius, totius*) e o dativo singular em -ī (*alī, soli*) (acha-se também formas da flexão de temas de substantivos em vogal para o dativo e genitivo singular).
- *Alteruter* e *alteruterque*, podem flexionar os dois elementos da composição: *altera utra, alterum utrum* e *altera utraque, alterum utrumque*.

4-6- pronomes e adjetivos compostos de *is*

4-6-1- *Idem, idem, eadem*, [mesmo, o mesmo, a mesma] é composto de *is* e da partícula enclítica **-dem**. Indica a identidade de um objeto, de uma pessoa ou de um fato com outro já citado.

post eandem patriam ac patrem memorat. (Pl., Men., 1090-1)

ele se lembra da mesma pátria e do mesmo pai.

A partícula **-dem** permanece invariável; *is* flexiona normalmente mas no acusativo **-m** diante de consoante se modifica em **-n-**: eum+dem > *eundem*, eam+dem > *eandem*

4-6-2- O pronome *ipse, ipsum, ipsa* [ele mesmo] é formado de *is* e da partícula **-pse** de insistência. Denota uma oposição entre a pessoa ou a coisa que está implicada e qualquer outra; sublinha o papel que desempenha por conta própria.

Virtus est per se ipsa laudabilis et sine ea nihil laudari poterit. (Cíc., de Orat., 2,343)

A virtude é louvável por si mesma e sem ela nada poderá ser louvado.

Summum bonum a uirtute profectum uel in ipsa uirtute situm est. (Cíc., Tusc., 2,46)

O supremo bem provém da virtude ou reside na própria virtude.

A flexão: Na origem, a primeira parte tinha a flexão de *is* e a última ficava invariável. Perdeu-se no entanto o sentimento da composição e a língua passou a flexionar *ipse* como um tema em -ō/-ă: *ipsō-* para masculino e neutro, *ipsă-* para feminino. No entanto o masculino não

recebeu a desinência de nominativo: *ipsō* > *ipse* favorecido pela forma em que a partícula era invariável; nem o neutro *ipsum* nem o feminino *ipsa* sofreram essa analogia. A influência de *is* agiu sobre os genitivo e dativo singulares: *ipsiūs* e *ipsī* para os três gêneros.

4-7- Os demonstrativos.

4-7-1- Significado

Os demonstrativos são pronomes e são adjetivos; são usados para destacar alguém ou algo dentro de um enunciado. Seu primeiro uso é no ato de fala onde ele sublinharia o gesto. No enunciado narrativo, coloca a pessoa ou a coisa numa relação com o lugar, com o tempo e com a pessoa que fala. É um recurso forte de atualização do discurso. O demonstrativo *hic* designa uma pessoa presente, próxima de quem fala, ou anuncia algo de que se vai falar; de forte teor demonstrativo, comporta em quase toda a flexão a partícula sufixal **-ce**, (*ecce* [eis aí]), que se reduz a **-c**. Os demonstrativos *iste* e *ille* podem apresentar a mesma partícula mas com menos frequência.

Esses três demonstrativos se referem na origem às três pessoas do verbo e à relação de maior ou menor proximidade no lugar e no tempo:

- ***hic, hoc, haec***, [este, isto, esta] é referente à 1ª pessoa e aos advérbios aqui, agora; insiste sobre a proximidade física da pessoa que fala.

Huic pauci deos propitios, plerique autem iratos putabant. (Cíc., Cael., 42)

A este, poucos pensavam que os deuses lhe eram propícios, muitos porém, que os deuses estavam irados contra ele.

Liber esto, si inuenis hunc meum fratrem esse (PL., Men., 1093-4)

Serás livre, se descubres que este é meu irmão. (presença e proximidade da pessoa de quem fala)

- ***iste, istud, ista***, [esse, isso, essa] é referente à 2ª pessoa e ao advérbio aí. Também, como em português, às vezes é usado com sentido pejorativo.

Primum tibi persuade me istaec non curare. (Cíc., At., 12 18a,2)

Em primeiro lugar, persuade-te que essas coisas não me preocupam. (as coisas de que falas)

Cum istoc mihi negoti nihil est. (Plaut., Curc., 465)

Com esse aí, para mim não há nada de negócio. (*istoc* afasta a pessoa de quem fala)

Hic tamen uiuit. Viuit? immo uero etiam in senatum uenit,... Nos autem fortes uiri satis facere rei publicae uidemur, si istius furorem ac tela uitamus. (Cic., Cat., 1,2)

No entanto, este vive. Vive? muito mais ainda ele vem ao senado. Mas nós, varões corajosos que somos, consideramos que fazemos bastante para a república se nos esquivamos da loucura e das armas desse aí.

Dirigidos à mesma pessoa, no mesmo lugar, cada demonstrativo recebe conotação diferente: *hic*, junto com o gesto, manifesta a presença impertinente de Catilina enquanto *iste* é carregado do desprezo de Cícero para com ele.

- *ille, illud, illa*, [aquele, aquilo, aquela] é referente à 3ª pessoa e ao advérbio lá. Usado às vezes como simples anafórico, pode também ser enfático.

Quanto et honor hic illo est amplior. (Cic., At., 9a,1)

Em quanto também esta honra é mais importante que aquela. (oposição entre o de que acaba de falar e o de que falou anteriormente)

Muta animalia humanis affectibus carent, habent autem similes illis quosdam impulsus. (Sên., De ira, I 6,7)

Os animais brutus carecem de afectos humanos, mas têm alguns impulsos semelhantes a aqueles (afectos de que acabo de falar)

Tunc ille Aeneas quem Dardanio Anchisae

alma Venus Phrygii genuit Simoentis ad undam? (Verg., En., 517-8)

Acaso es tu aquele Enéias que a poderosa Venus gerou do dardânio Anquises perto das ondas do Simois Frígio? (ênfase: Enéias muito conhecido)

4-7-2- Flexão dos Demonstrativos:

Os três demonstrativos têm temas em **ō-** para o masculino e o neutro e em **ǎ-** para o feminino. O genitivo e o dativo singulares apresentam a desinência **-ius** e **-ī** para os três

gêneros, como para a maioria dos pronomes e dos adjetivos determinativos. *Iste* e *ille* podem ter sofrido analogia com a flexão de *is* para essas duas formas. Por outra parte, a flexão dos substantivos e adjetivos qualificativos no entanto produziu também formas analógicas de dativo *istō* e *istae*, *illō* e *illae*. A presença da partícula **-c** não é constante na flexão.

Nos nominativos pode se apresentar o sufixo *-ī* do locativo, como reforço

Tabela 12: Flexão de *hic*

Sing	hō-	hic	hō-	hoc	hă-	haec
Nom.	hō-ī-ce >	hīc	hō-d-ce >	hōc	hă-ī-ce >	haec
Acus.	hō-m-c >	hūnc	hō-d-ce >	hōc	hă-m-c >	hānc
Gen.	hō-yōs >	huiiūs/huiūs		huiiūs/huiūs		huiiūs/huiūs
Dat	hō-ei-ce>	huic		huic		huic
Abl.Inst	hō-d-ce >	hōc		hōc	hă-d-ce >	hāc
Plur						
Nom.	hō-ī > hei>	hī	hō-ă-ī-ce >	haec	hă-ī >	hae (haec)
Acus.	hō-ns >	hōs	hō-ă-ī-ce >	haec	hă-ns >	hās
Gen.	hō-sōm-ce >	hōrŭm/hōrŭnc	hō-sōm-ce >	hōrŭm/hōrŭnc	hă-sōm-ce >	hārŭm/hārŭnc
Dat	hō-is >	his	hō-is >	his	hă-is >	his
Abl.Inst	hō-is >	his	hō-is >	his	hă-is >	his

Tabela 13: Flexão de *iste* e de *ille*: os dois apresentam mesma flexão: mostramos a flexão de *iste*.

Sing	istō-	iste	istō-	istud	istā-	ista
Nom.	istō-ī-ce >	istīc/istē	istō-d-ce >	istŭc/istŭd	istā-ī-ce >	istaec/istā
Acus.	istō-m-c >	istŭnc/istŭm	istō-m-c >	istŭnc/istŭm	istā-m-c >	istanc/istām
Gen.	istō-yōs-ce >	istiŭsce/istiŭs		istiŭsce/istiŭs		istiŭsce/istiŭs
Dat	istō-ei-ce > istōi >	istīc/istī (isto)		istīc/istī (isto)		istīc/istī
Abl.Inst	istō-d-ce >	istōc/ istō	istō-d-ce >	istōc/ istō	istā-d-ce >	istāc/ istā
Plur						
Nom.	istō-ī-ce >	istīc/istī	istō-ă-ī-ce >	istaec/istā	istā-ī >	istaec/istae
Acus.	istō-ns >	istōs	istō-ă-ī-ce >	istaec/istā	ista-ns >	istasce/istas
Gen.	istō-sōm-ce >	istōrŭnc/istōrŭm		istōrŭnc/istōrŭm	istā-sōm-ce>	istārŭnc/istārŭm
Dat	istō-is	istis		istis		istis
Abl.Inst		istis		istis		istis

O VERBO

Tanto ῥῆμα quanto *uerbum* saem da mesma raiz indo-europeia “wer” e a primeira acepção dessa raiz é o ato de fala, como o diz o verbo grego *ἔρω [eu falo, enuncio], com outra evolução fonética. O primeiro significado é então “palavra”. É o vocábulo que Aristóteles usou para designar o verbo; e Varrão traduziu a distinção entre ὀνόματα e ῥήματα por *uocabulum*, o nome entendido como substantivo, e *uerbum*, o verbo. Nas duas línguas essa ligação entre o verbo e o ato de fala sublinha a importância dada ao verbo dentro do enunciado.

Como dissemos anteriormente⁷¹ o verbo latino tira sua origem de raízes do indo-europeu. A essa raiz acrescentam-se diversos elementos significantes: prefixos diversos lhe estendem o campo semântico, vogais ou sufixos específicos podem determinar um certo aspecto do processo, outros sufixos expressam o modo, o tempo e a pessoa implicada.

O jogo desses acréscimos faz do verbo um elemento essencial da comunicação, sobretudo nas suas formas pessoais, isto é, as que portam as desinências, caracterizando o sujeito como eu, tu ou outro. São essas formas que Aristóteles considera como ῥῆμα. De fato os exemplos que aparecem no Περὶ ἑρμηνείας são todos de verbos flexionados. Sublinha que o verbo faz sentido tal como ele se apresenta e nenhuma parte dele pode ser isolada e manter algum significado. “Ῥῆμα δὲ ἐστὶ τὸ προσσημαῖνον χρόνον, οὗ μέρος οὐδὲν σημαίνει χωρὶς· ἐστὶ δὲ τῶν καθ’ ἑτέρου λεγομένων σημείων.” (ARISTÓTELES, De Interpretatione, 16b.6) [rhema⁷² é o que acrescenta tempo, do que nenhuma parte significa em separado: é signo do que é dito sobre outro.] Pois cada forma verbal constitui uma unidade semântica e só pode ser entendida no seu conjunto.

Essa unidade é o resultado de uma composição, na qual cada elemento acrescenta algum significado ao verbo e expressa uma ideia específica emitida por alguém para alguém apreender. Cada parte é denotativa e opõe essa expressão a todas as outras que provêm da mesma raiz. Não nos parece suficiente enunciar o significado de tal forma verbal tomada na sua unicidade, mas ao contrário nos parece importante analisar cada um dos elementos que constituem o verbo e estudar como e porque cada forma expressa valores específicos, que se

⁷¹ p. 17 et seq..

⁷² Doravante traduziremos Ῥῆμα, o que está dito, por Predicado.

somam uns aos outros, inteligíveis por todos os falantes da língua e suficientemente precisos para não deixar dúvidas enquanto ao significado da forma final.

À raiz aglutinam-se, então, diversos elementos que lhe acrescentam significado, cobrindo todos os pontos de vista sob os quais é evocada a ação. Nada é inútil. Tudo tem referente. E se certos significados parecem ter-se perdido, porque dois temas outrora distintos se fundiram, isso só se verifica do ponto de vista formal, e a forma, vindo a ser polissêmica, expressa duas maneiras diferentes de apreender a ação.

O primeiro elemento de significado, nós o encontramos nas modificações da raiz que determinam os temas aspectuais.

O ASPECTO E OS TEMAS ASPECTUAIS

A noção fundamental e raramente considerada no verbo é o aspecto. Por que fundamental? Porque o aspecto se inscreve essencialmente no tema, base de toda palavra. Seguido nisso pela maioria dos gramáticos, Ernout (1953, p. 114) nega a relevância do aspecto na língua latina:

Como se sabe, a expressão da idéia de tempo, presente, futuro, passado, nos seus diferentes momentos, é uma criação relativamente recente que se efetivou por processos diferentes em cada uma das línguas indo-europeias. O que indicavam os diferentes temas verbais do indo-europeu, é a ação ou o processo considerado na sua duração (presente), ou sem consideração de duração (aoristo), ou no seu acabamento (perfeito). A fusão em latim do aoristo e do perfeito e a criação de temas propriamente temporais deturparam essa situação; fora da oposição presente/perfeito que além disso não é constante, e nem sempre bem nítida, a noção de aspecto está ausente da conjugação do verbo latino. Para expressá-la o latim recorre a outros procedimentos, notadamente à prefixação; e frequentemente a um simples, imperfectivo (ou durativo), opõe-se um composto perfectivo (momentâneo). Mas a distinção entre simples e composto não tem obrigatoriamente esse valor; e quando ela existe, este fica muitas vezes indeciso.⁷³

1- A IDÉIA DE ASPECTO

De fato, o indo-europeu apresentava três aspectos nitidamente diferenciados e inscritos no próprio tema. O grego conservou essa distinção o suficiente para que reconheçamos dentro da flexão verbal um tema de infectum, um de aoristo e um de perfectum. Em latim, opor presente e perfeito, que são tempos, sem considerar as marcas evidentes de aspecto na formação dos diversos temas empobrece o entendimento do significado do verbo e não dá conta das formações ditas irregulares. Que a noção de tempo -presente, passado e futuro- se

73 Comme on le sait, l'expression de l'idée de temps, présent, futur, passé, à ses différents moments, est une création relativement récente qui s'est effectuée par des procédés différents dans chacune des langues indo-européennes. Ce qu'indiquaient les différents thèmes verbaux de l'indo-européen, c'est l'action ou le procès considéré dans sa durée (présent), ou sans considération de durée (aoriste), ou dans son achèvement (parfait). La fusion en latin de l'aoriste et du parfait, et la création de thèmes proprement temporels ont bouleversé cet état de choses. En dehors de l'opposition: présent/parfait qui n'est du reste pas constante, ni toujours bien nette, la notion d'aspect est absente de la conjugaison du verbe latin. Pour l'exprimer, le latin a recours à d'autres procédés, notamment à la préfixation; et souvent à un simple, imperfectif (ou duratif), s'oppose un composé perfectif (momentané). Mais la distinction entre simple et composé n'a pas forcément cette valeur; et quand elle existe, celle-ci reste souvent indéterminée.

tenha inscrito na forma verbal é um acréscimo de significado ao tema aspectual, não o substitui, e resgatar os significados dos aspectos dentro da língua nos parece um meio de entender melhor certas formações inclusive nas línguas neolatinas.

Aristóteles, no trecho já citado, insiste sobre o fato que o verbo significa também o tempo, χρόνος. A explicação que dá não diferencia os três aspectos de um modo claro, mas sugere a diferença entre diversos modos de entender o verbo.

Digo que acrescenta tempo, assim “saúde” é nome e “tem saúde” é predicado: pois acrescenta o significado de agora existir... Da mesma maneira também “teve saúde” ou “terá saúde” não são predicados, mas flexão do predicado: difere do predicado em relação a que o primeiro significa a mais o tempo que está presente, os outros o tempo que está em torno.⁷⁴ (ARISTÓTELES, De Int., 16b.6)

Ele toma o presente do indicativo como forma paradigmática e a identifica com o “agora”; esse tempo é o χρόνος ou seja o tempo contínuo, corrido, e o νῦν [agora] é o momento em que se vive, sentido do ponto de vista psicológico como continuidade, como permanência; além disso o νῦν figura como ponto de referência de todo enunciado, pois basicamente quem fala sou eu, estou num certo lugar (*hic*), num certo momento (*nunc*), e passado e futuro só são sentidos em função deles. Aristóteles opõe esse presente ao aoristo e ao futuro, sendo os dois temas de aoristo, e os dá como flexão do verbo. Insiste logo a seguir sobre o fato que no primeiro termo, “τὸ δ’ ὑγιαίνει”, o tempo está presente na forma em si. As outras expressões não indicam a ação no seu desenvolvimento; só dizem o tempo “πέριξ”, o tempo em torno, isto é, necessitam do contexto para significar algum tempo e esse tempo é o tempo periférico, inscrito na cronologia do enunciado e relativo ao “agora”. Pensamos que no primeiro caso Aristóteles tem o sentimento da continuidade do processo inscrita no infectum. Por isso o opõe ao aoristo e ao futuro que não sugerem a não ser a ação pura e simples, meramente citada, entendida na sua globalidade. Na Poética (1457a,14), volta a insistir sobre a característica do verbo que é composição significativa com tempo e opõe ao infectum presente um perfectum, que significa o tempo decorrido, acabado⁷⁵.

74 λέγω δ’ ὅτι προσσημαίνει χρόνον, οἷον ὑγίεια μὲν ὄνομα, τὸ δ’ ὑγιαίνει ῥῆμα· προσσημαίνει γὰρ τὸ νῦν ὑπάρχειν... ὁμοίως δὲ καὶ τὸ ὑγίανεν ἢ τὸ ὑγιαίνει οὐ ῥῆμα, ἀλλὰ πῶσις ῥήματος· διαφέρει δὲ τοῦ ῥήματος, ὅτι τὸ μὲν τὸν παρόντα προσσημαίνει χρόνον, τὰ δὲ τὸν πέριξ.

75 ῥῆμα δὲ φωνὴ συνθετὴ σημαντικὴ μετὰ χρόνου ...τὸ δὲ βαδίζει ἢ βεβάδικεν προσσημαίνει τὸ μὲν τὸν παρόντα χρόνον τὸ δὲ τὸν παρεληλυθότα. . [Predicado é um som composto, significante, com tempo...“está andando” e “acabou de andar” anunciam um o tempo presente, o outro o tempo decorrido]. (ARISTOTELES, Poet.1457a).

Ao estudar o perfeito latino, Mellet (1994, p. 82), mostra sob que ponto de vista se pode falar do processo.

Vários índices mostram que o perfeito latino fornece imagem global e compacta do processo. Assim o datador que precisa eventualmente a forma verbal vale para o conjunto do processo, acompanha-lhe o desenvolvimento do começo ao fim; tal percepção, homogênea, pode ter dado a impressão que o perfeito era usado para dar conta de acontecimentos pontuais (em oposição ao imperfeito reservado aos acontecimentos durativos). Mas existe nessa interpretação uma confusão evidente entre o acontecimento, realidade extra-lingüística, e o processo que lhe é a representação lingüística: um acontecimento pontual, qualquer que seja sua duração, pode sempre ser apreendido desde o seu interior enquanto um acontecimento que se estendeu no tempo pode ser apreendido globalmente...⁷⁶

Esse texto refere-se à diferença entre imperfeito e perfeito em que se destaca mais nitidamente a diferença de apreensão dos dois aspectos; com muita propriedade mostra que a idéia de duração ou de pontualidade do ato se refere ao acontecimento “realidade extra-lingüística” e não ao processo “representação lingüística”.

A prefixação que Ernout considera como possível indicação do aspecto não é mais que um acréscimo ao valor semântico do verbo; alguns sufixos têm o mesmo uso. Assim, o prefixo *per* num verbo como “*perago*” [levo até o fim], ou “*percurro*” [percorro], indicariam o aspecto infectum, já que insistem sobre o prolongamento da ação. Mas têm também forma de perfeito, o que parece contraditório. Em compensação “*pereo*” [vou-me embora inteiramente, de onde: pereço], “*perficio*” [acabo, perfaço] que expressam a ação acabada, se entendem no entanto sob qualquer aspecto; só acrescentam ao verbo simples o significado do prefixo [a través de, ao longo de] que chega a expressar a idéia de ação realizada do princípio ao fim, de um lado, e, de outro, ao abandonar a idéia de princípio, ganha o valor de acabamento, de conclusão da ação. Todos esses verbos apresentam de fato os três aspectos porque o aspecto não expressa a maior ou menor duração da ação do ponto de vista do acontecimento, mas a maneira como ela é apreendida e apresentada pelo falante.

O aspecto, então, é a visão que o locutor passa sobre o processo, que pode ser sentido como em desenvolvimento, realizado ou global. Sempre se trata do tempo interno do verbo e

76 Plusieurs indices montrent que le parfait latin fournit une image globale et compacte du procès. Ainsi le dateur qui précise éventuellement la forme verbale vaut pour l'ensemble du procès, il en accompagne le déroulement de son commencement à sa fin; une telle perception, homogène, a pu donner l'impression que le parfait était utilisé pour rendre compte d'événements ponctuels (en opposition à l'imparfait réservé aux événements duratifs). Mais il y a dans cette interprétation une confusion évidente entre l'événement, réalité extra-linguistique, et le procès qui en est la représentation linguistique: un événement ponctuel, quelle qu'en soit sa durée, peut toujours être appréhendé de l'intérieur tandis qu'un événement qui s'est étendu dans le temps peut être appréhendé globalement.”

é intrínseco à forma verbal. Por isso, até quando a forma não diferencia concretamente os diversos aspectos verbais -como por exemplo nas nossas línguas- esses não deixam de existir; quando queremos insistir sobre eles usamos perífrase: ‘estar + gerúndio’ para o infectum, ‘acabar de + infinitivo’ para o perfectum. O aoristo como é normal só se expressa pela forma em si. E uma análise mais minuciosa do significado do verbo dentro da frase nos levaria a reconhecer os diversos aspectos que subndem o que vemos muitas vezes como simples expressões do tempo relativo ao momento em que vivemos.

Consideremos um verbo que indica uma ação, como o verbo comer por exemplo. Temos consciência que não é a mesma coisa dizer “Eu comia”, “Aquele dia, eu comi frango” ou “Já comi”. Em cada um dos casos o que é posto sob o foco do enunciado não é o tempo cronológico em que se desenrola a ação: todas elas acontecem no passado. Não tem nada que ver com o “quando”; tem que ver com o “como” a ação se desenvolve. Tem que ver com o aspecto sob o qual o locutor quer apresentá-la. O que está em pauta é o processo: “Eu comia” mostra o processo em realização. A ação teve um começo, um ponto de partida, mas é sentida como um processo em aberto, sem nenhuma conotação de meta final. É o que chamamos “infectum”, não feito, inacabado; por extensão de significado, pode indicar a repetição da ação, pois dizer que uma ação se produz várias vezes é mostrar um processo não limitado no tempo.

As segunda e terceira expressões usam a mesma forma verbal. No entanto, não mostram a mesma idéia em relação ao processo expresso. Dada a similitude das formas, a diferença de significado só pode ser percebida necessariamente contextualizada. Aqui são expressões “aquele dia”, “já” que marcam o aspecto sob o qual é apresentada a ação. “Já comi” só pode ser entendido como um processo totalmente realizado, acabado, fechado, do qual se pode eventualmente deduzir um resultado; pois, quem enuncia essa afirmação diz também que está alimentado, satisfeito, porque acabou de comer. Dizemos por exemplo “Já acordei” que podemos entender como “Agora estou acordado”. É o aspecto que chamamos de perfectum, perfeito, acabado.

Apesar de a forma em si não dar nenhuma indicação específica, entendemos a expressão “Aquele dia, comi frango”, como ação isolada, sem nenhuma conotação especial, interna ao próprio processo, nem de duração, nem de acabamento. Simplesmente citamos essa ação e a apreendemos na sua totalidade: o tempo interno do processo é nulo, inexistente: é o aoristo, o aspecto que não se refere a nenhum tempo interno da ação, que simplesmente a cita.

Nas línguas neolatinas as formas de aoristo e de perfectum são geralmente confundidas, como em latim. Mas o francês dá um exemplo de uma forma de aoristo

individualizada: o “passé simple”. Foneticamente derivado do perfeito latino, é um tempo da narração no passado mas que contém o significado de aoristo: só expressa o processo na sua globalidade. O que provavelmente favoreceu a diferenciação dessa forma é a generalização nessa língua da expressão do perfectum por meio de formas compostas. O português apresenta também uma forma individualizada de aoristo na expressão do eventual futuro: “Se fizer sol amanhã sairei a passeio.” “Quem souber do paradeiro dessa pessoa, avise as autoridades.” Não há em todas essas expressões nenhuma conotação de duração ou de ponto de chegada da ação. Citam simplesmente o ato: são aoristos.

Estranho ao processo, o aoristo serviu comodamente em grego para expressar algum fato geral, de experiência comum, como provérbios ou verdades reconhecidas por todos: é o aoristo gnômico. As línguas modernas não o usam e o latim o usa pouco. No entanto há alguns exemplos desse uso:

Qui bene latuit, bene uixit. (Ov., Trist., 3,4,25)

Quem bem se esconde bem vive.

2- SIGNIFICADOS DOS DIVERSOS ASPECTOS

Contudo, a relação entre tema e significados aspectuais não é tão sistemática quanto as explicações precedentes podem ter sugerido. Algumas formas expressam sem discussão possível o aspecto ao qual pertencem, outras permitem interpretações flutuantes. O presente por exemplo pode ser usado para expressar um passado com valor aorístico, é conhecido como passado histórico. O futuro do indicativo apresenta tema de infectum em latim mas seu significado tem muitas vezes caracteres de aoristo. É assim que o perfeito latino tem tanto valor de aoristo quanto de perfectum. De fato, de uma visão global de um ato no passado (visão aorística) passa-se facilmente à idéia de um ato acabado, completamente realizado, e a seguir ao resultado desse ato (as duas etapas sendo visões de perfectum). É o que explica, parece, a confusão de formas que se deu desde o latim documentado por textos. Fora de contexto é impossível determinar o significado aspectual de um perfeito tanto em latim quanto em português. Outras formas de perfectum, em compensação, não deixam dúvidas. Ao estudar os modos e os tempos mostraremos essas interações. Por enquanto nos limitaremos a dar alguns exemplos que precisem os significados dos diversos aspectos na língua latina.

2-1- Infectum

No infectum, o que é sublinhado é o desenvolvimento do processo. A ação evocada é apresentada como contínua dentro de um espaço de tempo determinado pelo contexto.

No presente, o processo é concomitante à atualidade do falante e está produzindo-se dentro do mesmo espaço temporal da fala.

O tempora! o mores! Senatus haec intellegit, consul uidet; hic tamen uiuit. Viuit? immo uero etiam in senatum uenit, fit publici consili particeps, notat et designat oculis ad caedem unumquemque nostrum. (Cícero, Catil., I,2)

Ó tempos! Ó costumes! O senado percebe estas coisas, o cônsul as vê; este, porém, vive. Vive? Muito mais ainda, vem ao senado, torna-se partícipe do conselho público, nota e designa com os olhos para a morte cada um de nós.

Esta série de presentes se refere à atualidade do falante, com algumas nuances no entanto: uns (*notat, designat*) acontecem durante a própria fala de Cícero, outros (*intellegit, uidet, uiuit*) expressam uma continuidade em que as ações começaram antes da fala e permanecem acontecendo, outros enfim (*uenit, fit*) acabaram de acontecer mas pertencem à atualidade do evento. Em todas, o processo é visto no seu desenvolver.

Temos a mesma situação no imperfeito com um deslocamento do enunciado para o passado: o processo é visto na sua extensão e na sua permanência. Por isso é a forma predileta para as descrições:

Iis autem tabulis interiores templi parietes uestiebantur. (Cíc., Verr., 4,122)

As paredes internas do templo eram revestidas destes quadros.

Sic uita erat. (Ter., And.,62)

Assim era a vida.

O imperfeito mostra em geral um fato como contínuo e permanente:

Huic legioni Caesar confidebat maxime. (Cés., B.,Gal., 1,40,15)

César confiava muito nesta legião.

É bastante evidente numa narração em que se opõem os acontecimentos narrados no perfeito e os narrados no imperfeito:

Certe Fabricius Cornelium Rufinum, et alioqui malum ciuem et sibi inimicum, tamen, quia utilem sciebat ducem, imminente bello palam consulem suffragio suo fecit..
(Quint., Inst.Or. 12,1,44)

Fabício por certo deu abertamente seu voto para cônsul a Cornélio Rufino, por outro lado mau cidadão e inimigo pessoal, mas porque o sabia um comandante eficaz, sendo iminente a guerra.

As qualidades de comando de Cornélio Rufino são conhecidas de Fabício e são uma constante que ele considera num tempo que precede a decisão de voto, determina essa decisão e continua depois dessa, permitindo esperar um resultado positivo da guerra. Esse conhecimento é como uma tela de fundo sobre a qual se inscreve a decisão de votar a favor dele.

2-2- Aoristo

O perfeito do indicativo pode marcar o aoristo, isto é, a ação meramente citada, vista na sua globalidade. Refere-se ao passado. A ação pode acabar de acontecer ou fazer parte de um passado mais longínquo; pode tanto ser uma ação breve quanto uma ação que durou vários anos; o que importa e que não se deve confundir é que não se trata da duração do acontecimento mas da intenção contida no ato de fala.

Euax, aspersisti aquam! (Plaut., Bacch, 247).

Bravo, aspergiste água!

Romulus septem et triginta regnavit annos, Numa tres et quadraginta (Liv. I,21,6)

Rômulo reinou trinta e sete anos, Numa quarenta e três.

Nos dois exemplos, o perfeito visa à globalidade da ação, tanto na língua familiar quanto na narração, independentemente da duração do acontecimento citado.

2-3- Perfectum

O aspecto perfectum pode ser expresso pela mesma forma de perfeito que expressa a idéia de aoristo. Indica outro ponto de vista sobre a ação: a ação é apresentada com realizada, acabada.

Ratio, cum adoleuit et perfecta est, nominatur sapientia. (Cíc. De nat., 2,32)

A razão, quando se desenvolveu e se aperfeiçoou, é chamada sabedoria

Cum terram nox opacauit, tum caelum totum cernimus astris distinctum et ornatum...

(Cíc. De nat.deor., 2,37, 95)

Quando a noite acaba de escurecer a terra, então enxergamos o céu inteiro adornado e embelezado pelos astros....

Et hercule ita fecit uel plus etiam quam dixit (Cic., Lae.37)

E, por Hércules, agiu assim, ou mais ainda do que dissera.

...exercitum quem accepit amisit (Cic. Phil.IV,15)

Perdeu o exército que tinha recebido.

Todas as ações citadas marcam a ação no seu acabamento e eventualmente podem ser deduzidos resultados: a razão está desenvolvida e perfeita, a terra está na escuridão. Por sua vez, *accepit* e *dixit* indicam que a ação está completamente realizada antes da ação principal.

É especialmente nítido em alguns verbos como “*pereo*” [eu pereço]: o perfeito “*perii*” [pereci] acaba por significar o resultado “estou morto”.

É o único uso de alguns perfeitos: *memini*, pus na mente, então, lembro; *coepi*, me pus a fazer, então, começo; *noui*, do verbo *nosco* [tomo conhecimento], pouco freqüente a não ser nos seus compostos, com o significado tomei conhecimento então eu conheço; *odi*, odeio, cuja evolução semântica não é determinada.

Perseuera ut coepisti (Sên. Luc.4,1)

Persevera como comes/começaste

qui sustinet hamos,

Nouit quae multo pisce natentur aquae (Ov.-A. Am.,47-48)

Quem segura o anzol sabe quais águas sejam habitadas por muito peixe. (*nouit*: tomou conhecimento, então, sabe).

O mais-que-perfeito por sua vez indica sempre uma ação completamente acabada em relação a um momento dado.

Dixerat hoc ille, cum puer nuntiauit uenire ad eum Laelium. (Cic., Rep., 1,78)

Aquele tinha dito isso quando o escravo anunciou que Laelio vinha ter com ele.

Em conclusão, podemos dizer que se a noção de aspecto em latim não se inscreve de um modo categórico nas formas, ela existe no entanto no enunciado. É verdade que é fácil passar da noção de aoristo para a de perfectum; porém, cada uma tem seu valor e se confundem menos do que a recusa em admitir a existência do aspecto no significado do verbo levaria a supor.

3- OS TEMAS ASPECTUAIS

A raiz, elemento mínimo significante, carrega o significado virtual da palavra. Ela não é, em si, nem nome nem verbo. Geralmente constituída, na sua origem, de sons consonânticos ou sonânticos, ao se constituir como tema, recebe vogais. No sistema da flexão verbal é fácil constatar uma oposição constante, ou quase, entre dois tipos de temas: os temas de infectum e os temas de aoristo/perfectum. A vogal usada é um dos meios de expressá-la. Assim a raiz **lg-** recebe a vogal breve **-ĕ-** formando o tema de infectum **lēg-**, enquanto forma o tema de perfeito **lēg-** ao receber a vogal longa **-ē-**

O indo-europeu tinha formas diferenciadas para os três temas. Com a fusão dos temas de aoristo com os de perfectum, em latim, só temos a oposição formal entre temas de infectum e temas de aoristo/perfectum. Essa oposição, como vimos, pode limitar-se à escolha da vogal. Muitos outros meios, porém, podem indicar a que aspecto pertence o tema.

Geralmente são os temas de infectum e de perfectum que recebem alongamentos específicos. Os de aoristo costumam ser mais breves. No entanto, nem sempre é possível assegurar com certeza, visto a fusão dos temas de aoristo e perfectum, se um tema pertenceu na origem a um ou a outro.

3-1- Temas de infectum: A raiz recebe frequentemente aumentos de diversos tipos, que formam o tema do infectum.

3-1-1- Sufixo -y- : os temas em -i- são geralmente uma forma já modificada em que se acrescentou o sufixo -y- (yod) a um tema em -ī- ou a um tema em consoante ou soante para formar um tema verbal.

- (**cp**) : *cāp-y-o* > *cāpīō*. O tema do infectum, sobre o qual vão flexionar-se todos os tempos e modos do infectum é portanto *capī-*.

- (**audi**) : *audī-y-o* > *audī-ō* > *audīō*. Tema: *audī-*

3-1-2- Suffixo -sc- : forma incoativos.

ama-sc-o > *amasco* (ama-) [começo a amar]

uesper-a-sc-it > *uesperascit* (*uesper*) [faz-se noite]

cre-sc-o > *cresco* [cresço]

re-min-i-sc-or > *reminiscor* (men-) [lembro]

di-sc-o > *disco* (dek-) [aprendo]

3-1-3- Suffixo -t- : do infectum se estendeu a toda a flexão

pec-t-o > *pecto* [penteio]

plec-t-o > *plecto* [bato]

3-1-4- Suffixo -d- :

clau-d-o > *claudo* (clau-, de *clavis*, chave) [fecho]

ten-d-o > *tendo* (ten-) [estendo]

*sal-do⁷⁷ > *sallo* (sal-) [ponho sal]

3-1-5- Suffixo -n- :

cer-n-o > *cerno* (*krei-) [escolho]

con-tem-n-o > *contemno* (-tem-) [desprezo]

*tol-n-o > *tollo* (tol) [levanto, tiro]

Os sufixos formadores de verbos no infectum são numerosos. Citamos alguns como exemplo, mas nossa lista está longe de ser exaustiva.⁷⁸

3-1-6- Infixo -n- :

findo [fendo] (fid-)

frango [quebro] (frag-)

rumpo [rompo] (rup-)

linquo [deixo] (liqu-)

⁷⁷ Este sinal * indica formas das quais não se tem registro, refeitas.

⁷⁸ Apud ERNOUT, 1953, p. 124 et seq..

3-1-7- Redobro: alguns verbos latinos conservam no infectum o redobro em **-i-** que era marca freqüente do infectum nas línguas indo-européias.

bi-b-o > *bibo* [bebo] (b-)

gi-gn-o > *gigno* [gero] (gn-)

si-st-o > *sisto* [coloco, paro] (st-)

Todas essas extensões da raiz têm um valor semântico. Elas marcam que o infectum significa a permanência no ato verbal, ou seja o ato verbal visto na sua realização. Na maioria dos casos, estas marcas do infectum não subsistem no aoristo/perfectum.

3-2- Temas do perfectum-aoristo

O perfeito, dado o campo semântico que ele cobre, isto é, o do aoristo e o do perfectum propriamente dito, baseia sua flexão sobre dois tipos de temas: uns oriundos de aoristo, outros de perfectum.

3-2-1- Raiz-Tema:

São temas formados diretamente sobre a raiz. Representam antigos aoristos em geral⁷⁹. Caracterizam-se por uma alternância vocálica entre os temas de infectum e os temas de perfectum, ora alternância de quantidade ou de timbre, ora alternância de timbre e de quantidade. Os acréscimos do infectum costumam não se apresentar no aoristo/perfectum. Seguem-se alguns exemplos das diversas formações.

Tabela 15- Alternância de quantidade ⁸⁰

raiz	infectum	perfectum	significado
ed-	<i>ědo</i>	<i>ēdi</i>	como
lg-	<i>lēgo</i>	<i>lēgi</i>	leio
fg-	<i>fūgio</i> ¹	<i>fūgi</i>	fujo
wni-	<i>uēnio</i> ¹	<i>uēni</i>	venho
fd-	<i>fōdio</i> ¹	<i>fōdi</i>	furo
st-	<i>sēdeo</i> ²	<i>sēdi</i>	estou sentado
wd-	<i>uīdeo</i> ²	<i>uīdi</i>	vejo
wc-	<i>uīnco</i> ³	<i>uīci</i>	venço
rp-	<i>rūmpo</i> ³	<i>rūpi</i>	rompo
lqu-	<i>līnquo</i> ³	<i>līqui</i>	deixo
fd-	<i>fūndo</i> ³	<i>fūdi</i>	derramo

⁷⁹ Apud ERNOUT, 1953, p. 186 et seq..

⁸⁰ no infectum há alongamentos do tema: -y- em 1, -ē- em 2, infixação do -n- em 3

Tabela 16- Alternância de timbre e de quantidade

raiz	infectum	perfectum	significado
-g-?	<i>ǎgo</i>	<i>ēgi</i>	ajo
cp-	<i>cǎpio</i>	<i>cēpi</i>	pego
fc -	<i>fǎcio</i>	<i>fēci</i>	faço
yc-	<i>iǎcio</i>	<i>iēci</i>	lanço
cr-	<i>cerno</i>	<i>crēui</i>	escolho
frg-	<i>frango</i>	<i>frēgi</i>	quebro
gn-	<i>gigno¹</i>	<i>genui</i>	gero

Nota: *gigno* tem o grau 0 da raiz, *genui* o vocalismo e

Tabela 17 - Temas sem alternância de timbre nem de quantidade

raiz	infectum	perfectum	significado
stri-	<i>strīdeō></i>	<i>strīdi</i>	faço barulho
man-	<i>māndō</i>	<i>māndī,</i>	mastigo
weid-	<i>uīdeo</i> <i>uīsō</i>	<i>uīdī</i> <i>uīsī</i>	vejo procuro ver
fid-	<i>fīndo</i>	<i>fīdi</i>	fendo
*pō- > b-	<i>bībo</i>	<i>bībi</i>	bebo

Tabela 18 - Tema de aoristo marcado pela presença do **-s-** (sigma do aoristo indo-europeu).

Este **-s-** acrescido (aliás tardiamente) a raízes em consoantes e soantes determina modificações fonéticas.

raiz	infectum	perfectum	significado
fig-	<i>fīngo</i>	<i>fīngsi- > fīnxi</i>	moldo
dic-	<i>dīco</i>	<i>dīxi</i>	digo
dūc-/dūc-	<i>dūco</i>	<i>dūxi</i>	conduzo
rĕg-	<i>rĕgo</i>	<i>rĕxi</i>	dirijo
yeug-/yug-	<i>iungo</i>	<i>iunxi</i>	junto
flec-	<i>flecto</i>	<i>flexi</i>	curvo
flg-	<i>fulgeo</i>	<i>fulgsi > fulsi</i>	brilho
trk-?	<i>torqueo</i>	<i>torcsi > torsi,</i>	torço
ard-	<i>ardeo</i>	<i>ardsi > arsi,</i>	estou em fogo
sent-	<i>sentio</i>	<i>sentsi > sensi,</i>	sinto
clau-	<i>claudio</i>	<i>claudsi > clausi</i>	fecho
ges-	<i>gero</i>	<i>gessi</i>	gero
clep-	<i>clepto</i>	<i>clepsi</i>	roubo
scrib-	<i>scribo</i>	<i>scribsi > scripsi</i>	escrevo
tem-	<i>temno (contemno)</i>	<i>tempsi</i>	desprezo

-raiz em oclusiva: **g+s > -x-** e **c+s > -x-**

-raiz em oclusiva precedida de soante⁸¹:

soante + **g** ou **c** + **s** > soante + **s**

-raiz em dental e temas em **-s-**: assimilação (NIEDERMANN, 1953, §75;67,)

-raiz em labial: **b+s > -ps-**

-raiz em nasal: **p** epentético entre a nasal e o **s**.

Tabela 19- Temas **com redobro**: certos temas de perfeito conservaram a característica de perfeito do indo-europeu que é o redobro:

raiz	infectum	perfectum	significado
st-	<i>sto, sisto</i> ⁸²	<i>ste-t-i > steti,</i>	estou de pé, paro
spond-	<i>spondeo</i>	<i>spo-pond-i > spopondi</i>	prometo
cad-	<i>cado</i>	<i>ce-cid-i > cecidi,</i>	caio,
parc-	<i>parco</i>	<i>pe-perc-i</i>	contenho, poupo
pel-	<i>pello</i>	<i>pe-puli,</i>	rechaço
dek-	<i>disco</i>	<i>di-dic-i</i>	aprendo
ten-	<i>tendo</i>	<i>tetendi</i>	estendo
d-/da-	<i>do</i>	<i>de-d-i > dedi</i>	dou,
em composição	com prevérbio	<i>-didi</i>	
con-d-	<i>condo</i>	<i>condidi</i>	reúno

Estes redobros podem não existir quando eles têm um prevérbio.

3-2-2- Temas terminados por vogal:

formam o aoristo/perfectum em **-ui**:

amā- > *amāui*, audī- > *audiui*, delē- > *deleui*.

3-2-3- Formas particulares dos aspectos de alguns verbos.

Já vimos que por motivos semânticos alguns verbos se apresentam só no perfectum, com significado de presente do infectum, isto é, exprimem o resultado de um ato realizado.

Dois verbos, por causa de seu valor semântico original não podiam ter nem aoristo nem perfectum; são os verbos ser (*esse*, raiz-tema es-) e portar (*ferre*, raiz-tema fer-).

Esse significou primeiro “existir na permanência”; Platão, no *Timeu*, em 37e-38a, lhe recusa até a flexão do infectum em passado e futuro, pois só se pode entender o “ser” num

81 -lgs-/-lcs-/ rcs: grupo de três consoantes se reduz- (NIEDERMANN, 1953, § 100;102)

82 (si- é redobro do infectum)

eterno presente. No entanto, esse verbo por meio de extensões de significado passou a significar também “estar” e a ser usado como cópula: daí a necessidade de provê-lo de um aoristo e de um perfectum. O grego usou quando necessário o aoristo e o perfectum da raiz gn-, nascer; o latim usou uma raiz indo-europeia que significa brotar, crescer, *bhew- > bhū-, que deu φύω em grego. É sobre essa raiz que se formam os tempos e os modos dos aspectos aoristo e perfectum do latim: o tema fu- deu o perfeito *fui*, e existiu concomitantemente com formas do infectum no eventual, *fuam*, por exemplo, no infinitivo e particípio futuros *fore*, e *futurus*.

Veremos que essa mesma raiz *bhew- > bhū- serviu de sufixo temporal para formar o imperfeito e o futuro dos verbos de tema em -ā- e em -ē-.

Ferre: a raiz de *ferre*, *bher, [estar/ir portando] tem significado essencialmente durativo; não tem nem perfectum nem aoristo. Quando esse significado abarcou outras conotações, [carregar, suportar], usou o aoristo *tuli* da raiz *tol que tinha esse valor.⁸³

São respectivamente sobre os temas de infectum e de aoristo/perfectum que se organiza toda a flexão dos verbos latinos. Antes de estudarmos o significado e a forma dos modos e dos tempos, é preciso situar as vozes e as desinências.

83 A mesma raiz forneceu o supino e o particípio passado: *tlatum > latum com a queda do t diante de l em começo de palavra.

AS VOZES E AS DESINÊNCIAS

O aspecto está inscrito no tema verbal. A voz do verbo se manifesta por meio das desinências. Ela expressa a relação existente entre o sujeito e o ato verbal. O verbo indo-europeu apresentava duas vozes, a voz ativa e a voz média: nos dois casos o sujeito era agente da ação, mas, no segundo caso, a participação do sujeito na ação o situava tanto como agente quanto como paciente. A voz passiva deve ter-se desenvolvido a partir dessa ideia, situando o sujeito exclusivamente como paciente do ato verbal. De fato, em grego, apesar de usar quase sempre as desinências da voz média, o passivo e o médio conservam uma certa individualidade. Em latim e nas línguas modernas, a noção de voz média não é mais tão nítida. Porém, podemos reconhecer uma voz média diferenciada da voz passiva pelo significado, apesar de não o ser pelas formas.

1- A relação sujeito gramatical – predicado: Voz ativa, média, passiva.

Ao falar do nominativo, definimos o sujeito como sendo o elemento sobre o qual repousa o enunciado: é aquilo de que se diz alguma coisa, é o assunto, aquilo de que se predica algo. Essa relação entre sujeito e predicado pode apresentar-se de três maneiras: ou o sujeito cumpre a ação expressa pelo predicado, ou sofre essa ação realizada sobre ele, ou o sujeito faz e sofre ao mesmo tempo essa ação.

No entanto, dizer que existe relação entre sujeito e predicado não implica dependência de regência de um em relação ao outro. Nas línguas como o latim e o português, em que a pessoa verbal é suficientemente marcada pela desinência em praticamente toda a flexão, o sujeito não precisa ser expresso. A forma verbal por si só identifica a pessoa à qual se refere o ato verbal. Normalmente, a terceira pessoa faz referência a algo que já foi nomeado. E se o verbo e o sujeito estão um e outro no plural ou no singular, isto é, parecem concordar, é que semanticamente o ato verbal é realizado por um múltiplo, e o sujeito designa uma multiplicidade. Essa independência explica porque a concordância verbo-sujeito gramatical não tem nada de absoluto; o verbo pode tanto “concordar” com um dos sujeitos, quanto com a ideia de pluralidade contida no sujeito. Os verbos ditos “impessoais” são uma aplicação desse fato.

Persuasit maeror anxitude error dolor. (Ac., trag, 349)

A tristeza, a ansiedade, o erro, a dor convenceram. (o verbo está no singular apesar da multiplicidade de sujeitos)

Ego populusque romanus... bellum indico facioque (T.Liv.,1,32,13)

Eu e o povo romano declaro e faço a guerra. (destaque da primeira pessoa)

Omnis multitudo abeunt.(T.Liv.,24,3,15)

Toda a multidão se retira. (a idéia de pluralidade está em *multitudo*, é essa que o verbo assume)

É provável que a primeira situação de enunciação da ação tenha sido a ordem breve, tal como se apresenta na segunda pessoa do singular do imperativo ativo em que temos o tema nu do verbo sem marca pessoal, marca inútil já que o diálogo se realiza segundo o eixo imediato “eu” me dirijo a “tu”. Pouco a pouco, o verbo desenvolveu meios para expressar os diversos sujeitos agentes. Deve ter-se apresentado primeiro sob a forma ativa, e desenvolveu sufixos específicos referentes aos diversos agentes possíveis. A correspondência frequente entre as desinências e o termo que designa as diversas pessoas implicadas na enunciação –os pronomes pessoais- mostra a lógica intrínseca dessa formação. Voltaremos sobre esse assunto ao estudar as desinências.

1-1- A voz ativa

Costuma-se dizer que, na voz ativa, o sujeito faz a ação enunciada pelo verbo, o que se verifica na maioria dos verbos ativos, tais como comer, correr, olhar, pegar e muitos outros. Uma das características do verbo ativo é que a ação que expressa pode completar-se sobre um objeto, no acusativo em latim: o verbo com seu objeto formam uma unidade semântica que é o predicado. Porém nem todo verbo ativo admite normalmente um complemento, por exemplo “ir”, “correr”, “viver” em que a ação é sentida como completa sem acréscimo nenhum –são os chamados verbos intransitivos-. Nem sempre os outros por sua vez, digo os verbos transitivos, necessitam de complemento expreso para ser entendidos; expressam então a ação em si, de forma absoluta. O significado de “João come” e de “João come maçã” não é bem o mesmo: o ato não é exatamente o mesmo; no primeiro caso entendemos que João só se alimenta, o que poderia ser um sinônimo de comer; no segundo, é evocado o processo de comer, com uma representação muito mais concreta. O complemento de objeto atualiza o ato.

Outra característica da voz ativa é que o ponto de partida da ação, o seu motor, está no sujeito-agente: o ato depende de sua vontade, de uma decisão mais ou menos consciente: João decide comer, até coagido, cada um dos movimentos que levam ao ato de comer são realizados conscientemente por ele. A relação entre sujeito gramatical e verbo ativo implica a intenção do sujeito em agir. Isto se verifica na maioria dos casos que ligam um sujeito a um verbo ativo.

Estão na voz ativa, no entanto, verbos em que não parece ser o sujeito o motor da ação: quando digo, em português, “Eu sofro”, “Sinto algo”, será que a decisão de sofrer ou de sentir depende de uma decisão minha? São situações impostas de fora, ao que parece. O latim tem também na voz ativa verbos como *sentire* [sentir, perceber] e até alguns em que é manifesta a passividade do sujeito, como por exemplo o verbo *uapulare* [receber golpes, apanhar]. É possível que esse significado seja uma derivação semântica da qual perdemos o caminho, como o é o significado do verbo “apanhar” que tem o significado ativo de pegar ou alcançar algo e o significado passivo de receber golpes (apanhar de alguém). Outros verbos - como *patior* [eu sofro, suporto]- usam a forma que expressa justamente a ideia de ato que depende só parcialmente de intenção do sujeito, ou até que não depende em nada dele: são os verbos depoentes.

1-2- A voz média

O que o latim chama verbos depoentes é na verdade a voz média que encontramos no indo-europeu e no grego. Assim o verbo ‘sofrer’ se expressa por uma forma específica *pati* que se apresenta com as desinências que serviram também à expressão do passivo. Como as gramáticas só conhecem a voz ativa e a voz passiva, definem esses verbos “depoentes” como sendo verbos ativos com desinências passivas. É uma definição meramente descritiva que não contempla o significado dessa forma e não explica como certos verbos normalmente ativos, transitivos, podem, vez por outra, apresentar uma forma passiva quando têm um sujeito gramatical que realiza efetivamente o ato verbal.

O latim por meio da voz média dá conta dessa relação do sujeito com o processo verbal. Roques (1994, p. 138) mostra que a voz média não existe só em latim; em francês sobrevive em alguns verbos ativos cujos tempos compostos usam o auxiliar “être”, isto é, ser, e particularmente em toda a conjugação pronominal. Ele define o significado da voz média do modo seguinte: “O médio supõe que o sujeito frente ao acontecimento, no próprio acontecimento que o verbo expressa, alia em sua pessoa, sem separação, a dupla situação de

agente que conduz as coisas e de paciente que as coisas conduzem”⁸⁴. Tal definição aplica-se perfeitamente aos verbos em que a ação expressa pelo verbo se completa sobre o próprio sujeito; nós usamos nesse caso a forma pronominal: “Lavo-me” “Nos seus sonhos, ele se via descobrindo novas terras”. E Cícero na primeira Catilinária, reprovando os senadores, exclama-se:

Nos autem fortes uiri satis facere rei publicae uidemur, si istius furorem ac tela uitamus. (Cic., Cat., I,1)

Porém nós, homens cheios de coragem, nos vemos fazer o suficiente para o estado se evitamos a fúria e as armas desse.

A simples forma média do verbo ativo “*uidere*” expressa que a ação de ver se exerce sobre o sujeito “nos”; esse é implicado de vez na ação.

O médio, no entanto, não tem só esse valor reflexivo, ocasional com os verbos habitualmente ativos. Verbos pronominais do português (é dessa maneira que muitas línguas neolatinas expressam a ideia de médio), tais como “lembrar-se” ou “irritar-se” expressam ação que o sujeito não domina completamente: a lembrança, a cólera impõem-se à mente, não são atos plenamente voluntários, determinados pela vontade; esses verbos pertencem à voz média: *recordor* [recordo-me], *irascor* [irrito-me]; o sujeito é envolvido numa ação que não domina totalmente. É também essa noção de ser levado pelos acontecimentos em vez de dirigir-los que faz que verbos como nascer (*nasci*), morrer (*morri*), sejam verbos médios em latim; pois a decisão de morrer ou de nascer não nos pertence, na verdade: é um acontecimento no qual somos simplesmente implicados mas que não dirigimos. Outros verbos como seguir (*sequi*), temer (*uereri*) foram sentidos também como carregando esse significado. Outros, ao contrário, expressam a participação estreita do sujeito: dizemos que usamos algo, mas também que nos servimos de algo e, se o verbo abusar (*abuti*) não tem correspondente médio em português, o adjetivo formado sobre seu particípio passado não tem só significado passivo: “ele é abusado” significa habitualmente que abusa dos outros.

Quo usque tandem abutere, Catilina, patientia nostra? (Cic. Cat.I,1)

Até quando abusarás de nossa paciência, Catilina?

...quid consili ceperis quem nostrum ignorare arbitraris? (Cic. Cat.I,1)

...que decisão tomaste, quem de nós pensas (tens em mente) que a desconhece?

84 Le moyen suppose que le sujet en face de l'évènement, dans l'évènement même qu'exprime le verbe, allie en sa personne, sans en faire la séparation, la double situation d'agent ayant la conduite des choses et celle de patient que les choses conduisent.

No segundo exemplo *ceperis* tem um complemento de objeto direto evidentemente no acusativo: *quid*. De fato, como os verbos ativos, os verbos médios podem ser transitivos e intransitivos dependendo do seu valor semântico. Como podem ser transitivos, podem eventualmente ter um significado passivo:

'Vtor' et 'uereor' et 'hortor' et 'consolor' communia uerba sunt ac dici utroqueuersus possunt: 'uereor te' et 'uereor abs te', id est 'tu me uereris'; 'utor te' et 'utor abs te', id est 'tu me uteris'; 'hortor te' et 'hortor abs te', id est 'tu me hortaris'; 'consolor te' et 'consolor abs te', id est 'tu me consolaris'... (Gel. N.A..15,13,1)

Vtor [uso], *uereor* [temo], *hortor* [exorto], e *consolor* [consolo] são verbos comuns e podem ser ditos em um e outro sentido: *uereor te* [temo-te] e *uereor abs te* [sou temido por ti], isto é, *tu me uereris* [tu me temes]; *utor te* [uso-te] e *utor abs te*, [sou usado por ti], isto é, *tu me uteris* [tu me usas]; *hortor te* [exorto-te] e *hortor abs te* [sou exortado por ti], isto é, *tu me hortaris* [tu me exortas]; *consolor te* [consolo-te] e *consolor abs te* [sou consolado por ti], isto é, *tu me consolaris* [tu me consolas].

Nesse texto, Aulo Gélíio deixa nítida a possibilidade de usar os verbos médios como transitivos e de lhes dar um valor passivo também.

Essas observações reforçam a idéia fundamental da voz média, isto é, o verbo na voz média é um verbo que contém uma parte de ativo e uma parte de passivo: o sujeito é parcialmente agente intencional da ação, parcialmente levado por acontecimentos que não dependem de sua decisão. A parte relativa que pertence ao sujeito e a que lhe é externa só é determinada pelo significado de cada verbo. Isso pode explicar a razão pela qual a voz passiva tenha usado as mesmas desinências para se expressar.

1-3- Voz passiva

A ideia de passivo deve ter-se desenvolvido a partir da percepção de um ato em que o sujeito é ao mesmo tempo agente e paciente, e, isso, em proporção variável. A noção de passivo é uma percepção *a posteriori*, se se pode dizer; é uma visão abstrata da ação: consiste numa espécie de subversão da lógica do enunciado. O agente não é mais o assunto de que se vai predicar alguma coisa. A situação é invertida: é o objeto da ação que está sob a mira do enunciado, ele é o sujeito pois é dele que se trata, dele que se diz alguma coisa; no entanto, não é mais o motor voluntário e consciente da ação. Ao contrário é quem a sofre, é de fato o paciente. O agente da ação é afastado da posição privilegiada de sujeito e vem a ser um dos

elementos do predicado, o complemento de agente, como vimos, logicamente expresso pelo ablativo⁸⁵.

2- As Desinências

As desinências dos verbos flexionados dão dois tipos de informações: indicam o sujeito gramatical do verbo e sua voz.

As desinências informam o número: são diferentes para o singular e o plural, isto é, se a ação é realizada por uma ou mais pessoas. O indo-europeu tinha desinências específicas para designar o par, o dual. O latim só conservou a oposição entre o um e o múltiplo.

Por outra parte, informam a pessoa: temos desinências específicas para designar a pessoa que fala, isto é, eu, a pessoa a quem falo, tu, e a pessoa de quem falo, ele. São as três pessoas do singular, obviamente. O plural exige alguma precisão: a chamada primeira pessoa do plural designa não vários “eu”, é evidente, mas um conjunto de pessoas nas quais estou incluído. A segunda pessoa do plural designa um conjunto no qual a segunda pessoa do singular - tu - está incluída, ou um grupo ao qual me estou dirigindo. A terceira pessoa do plural designa realmente uma pluralidade de unidades das quais estou falando.

Por outra parte, dissemos que as desinências indicam a voz do verbo. Isso se verifica no infectum. No aoristo-perfectum só a voz ativa é marcada por desinências específicas. As vozes média e passiva usam perífrase composta do particípio em **-tus** e dos tempos do infectum do auxiliar *esse* [ser].

Tanto as desinências ativas quanto as médio-passivas⁸⁶ são razoavelmente constantes e relativamente pouco numerosas, o que as distingue do indo-europeu.

De fato, o indo-europeu tinha dois tipos de desinências: as primárias e as secundárias e isso para todas as vozes, as primeiras eram usadas para marcar um fato presente ou eventual, as segundas indicavam um fato geralmente passado ou irreal. O latim não conservou essas distinções, e as desinências dos verbos vêm de umas ou de outras e são as mesmas que servem para todos os tempos e todos os modos com exceção do imperativo e do indicativo perfeito.

Se deixarmos de lado essas últimas, notaremos uma coincidência interessante entre as desinências e a forma dos pronomes pessoais que designam a primeira e a segunda pessoa do

⁸⁵ Ver os casos: significado do ablativo, p. 101 § 2-4

⁸⁶ Tendo usado a voz passiva as desinências da voz média, umas e outras são idênticas, mas cada voz conserva no entanto seu significado e sua identidade: chamá-las-emos para identificá-las “desinências médio-passivas.”

singular⁸⁷. O sujeito de terceira pessoa é sempre um substantivo e seus equivalentes ou um termo que tem o mesmo valor, infinitivo ou oração completiva; não existe um pronome pessoal específico de terceira pessoa. Veremos a seguir que o pronome demonstrativo serviu-lhe de desinência.

2-1- Desinências ativas

2-1-1- Caso geral

A desinência da primeira pessoa do singular é ora **-ō**, ora **-m**. A desinência **-ō** corresponde à primeira pessoa do singular do pronome pessoal nominativo *egō*, e a desinência **-m** à forma dos outros casos *me*, *mihi*; vemos a mesma semelhança no grego que apresenta as desinências **-ω** e **-μι** conforme aos pronomes da primeira pessoa. O pronome de segunda pessoa era **“tw”** em indo-europeu; evoluiu para **“su”** em grego e deu *tu* em latim; a desinência **-s** do latim pode ter sofrido a mesma evolução que o pronome grego, e a desinência das duas línguas se equipara –em grego temos **-σι** ou **-ς**-. A terceira pessoa representa o demonstrativo neutro **“to”** (**τὸ** em grego) sob a forma **-t**. No plural, temos as mesmas desinências com alongamentos: à desinência **-m** acrescenta-se **-ōs** > **-mōs** > **-mus**, ao **-t** da segunda pessoa do singular do indo-europeu **-īs** > **-tis**, e a terceira pessoa tem um **-n**- incluso entre o tema e a desinência **-t** > **-nt**, refletindo o estado do indo-europeu: **“-nti”**. Lembramos que entre os temas em consoante e em soante e uma desinência não vocálica se introduz em geral uma vogal de ligação, **-i-** na maioria dos casos, **-ō-** diante de **-n**, e às vezes diante de **-m** (**-ō-** sofre apofonia em **-ū-** em sílaba final fechada).

2-1-2- Desinências do imperativo.

O imperativo ativo normalmente só tem duas pessoas, a segunda do singular e a segunda do plural, correspondentes ao significado do imperativo, modo do diálogo. A segunda do singular não apresenta desinência, sendo o tema puro às vezes com a vogal **-ě** de apoio nos temas em consoante e soantes: tema *amā-* > *amā*, tema *leg-* > *legě*. A segunda do plural pode representar a desinência secundária do indo-europeu **-tě**, *amātě*, *legītě*. O

87 Não esqueçamos que *ego* [eu], *tu* [tu], *nos* [nós], *uos* [vós] não são realmente pronomes; são nomes que designam diretamente algo; nunca substituem um substantivo, conforme vimos ao estudar os pronomes pessoais, p. 127, § 4-1.

imperativo tem uma segunda forma chamada imperativo futuro cujas desinências são **-to** para as segunda e terceira pessoas do singular e a primeira do plural, **-tote** para a segunda do plural e **-nto** para a terceira do plural.

2-1-3- Desinências do aoristo-perfectum.

Em todo o sistema do aoristo-perfectum ativo, ao tema específico desse aspecto, acrescenta-se o sufixo **-is**. Está invariavelmente presente em todos os modos e em todos os tempos, apesar de ter sofrido modificações fonéticas que dissimulam sua presença em algumas formas. Aparentemente sua presença seria esporádica no perfeito do indicativo. De fato a primeira pessoa apresenta só um **-ī**. A segunda pessoa tem **-fī** como desinência. As outras pessoas conservam as desinências dos outros tempos do indicativo acrescentadas à característica **-īs-** com modificações fonéticas. Assim temos para o singular, **-ī** na primeira pessoa, **-īs-fī** > **-īsfī**, na segunda, **-īs-t** (?) > **-it** na terceira, e, para o plural, **-īs-mus** > **-imus** para a primeira pessoa, **-īs-tis** > **-īstis** para a segunda, **-īs-ō-nt** > **-ērunt** > **-ērunt/-ēre** com as modificações fonéticas de praxe (introdução da vogal de ligação **-ō** > **-ū** diante de nasal, o rotacismo do **s** intervocálico e a apofonia do **ī** diante de **r**)

2-2- As desinências médio-passivas.

Teria existido em indo-europeu uma desinência que marcaria o impessoal, isto é, formas verbais sem sujeito determinado. Era marcado pela desinência **-r**. Encontramo-la nas primeiras e terceiras pessoas do singular e do plural acrescentadas às desinências de ativo, em todas as formas do infectum. Assim **-r** acrescenta-se a **-o** > **-or**, ou substitui o **-m** das desinências em **-m**, na primeira pessoa do singular, o **-s** da primeira do plural, **-mus** > **-mur**. As terceiras pessoas fazem preceder o **-r** de **-ū-**: **-t** > **-tur** e **-nt** > **-ntur**. A segunda pessoa do singular usou a desinência secundária do indo-europeu **-sō** com apofonia do **-ō-** em **-ē-** e rotacismo do **-s-** intervocálico > **-re**. A analogia assimilou essa forma às da segunda pessoa ativa e a língua clássica usa tanto **-re** quanto **-ris**. A segunda pessoa do plural tem uma desinência **-mini** de origem obscura.

O imperativo tem as desinências **-re** < **-sō** para a segunda pessoa do singular, e **-mini** para a segunda do plural nas formas médio-passivas.

2-3- Junção do tema e das desinências.

As desinências se acrescentam ao tema segundo regras simples.

2-3-1- Desinências do infectum.

As desinências **-ō** (ativa) e **-or** (médio-passiva) da primeira pessoa do singular se juntam simplesmente ao tema do presente do indicativo e dos futuros dos temas em **-ē-**, em consoante, soante, semivogais: **delē-** > *deleo, deleor*; **leg-** > *lego, legor*; **audī-** > *audio, audior*; **capī-** > *capio, capior*; **metū-** > *metuo, metuor*; mas **amā-** > *amo, amor* em que o **ā** do tema é substituído pelo **ō** desinencial. O futuro de **amā-** tem como tema **amāb-** > *amābo, amābor*, e **delē-** tem como tema **delēb-** > *delēbo, delēbor*. No aristo-perfectum é também a desinência do futuro ativo: *amauero* [terei amado], *legero* [terei lido]

A desinência **-m** é usada para o imperfeito, para os futuros do indicativo do infectum dos temas em soante e consoante, e para os subjuntivos; acrescenta-se ao tema modal e temporal, e é substituída por **-r** no médio-passivo: **amabā-**, tema de imperfeito > *amābam, amābar*, etc; **legā-** tema de subjuntivo > *legam, legar*. O único verbo em soante cuja primeira pessoa do presente do indicativo usa **-m** é *esse* (tema **es-** a miúdo reduzido a **s-**) : **s-ō-m** > *sum*, enquanto o futuro usa a desinência **-ō**: **es-ō** > *ero*.

As segunda e terceira pessoas do singular e as três pessoas do plural, no presente do indicativo, acrescentam diretamente a desinência aos temas em vogal: **amā-** > *amās e amā-se* > *amāre/amāris, amat e amātur, amāmus e amāmur, amātis e amāmini, amant e amantur*; **delē-** > *delēs e delēre /delēris, delet e delētur, delēmus e delēmur, delētis e delēmini, delent e delentur*. Nos temas em consoante, soante e em **-u-**, a vogal de ligação **-i-** se introduz entre o tema e a desinência para todas as pessoas menos a terceira do plural, onde temos **-ū-**: **leg-** > *leg-ī-s* > *legīs e leg-ī-se* > *legere/legeris, legit e legitur, legimus e legimur, legitis e legimini, leg-ū-nt* > *legunt e leguntur*; **metū-** > *metuis e metuere/metueris, metuit e metuitur, metuimus e metuimur, metuitis e metuimini, metū-ū-nt* > *metuunt e metuuntur*.

Os temas em **-i-** só apresentam vogal de ligação na terceira pessoa de plural, apresentando as outras pessoas já um **-i-** no tema: **capī-** > *capis e capī-se* > *capēre, capit e*

capitur etc, *capī-ŭ-nt* > *capiunt* e *capiuntur*; *audī-* > *audīs* e *audī-se* > *audīre* (a vogal longa não sofre apofonia), *audit* e *auditur*, *audiunt* e *audiuntur*.

O imperativo apresenta as mesmas acomodações fonéticas.

Tendo os outros tempos e modos um tema vocálico, a desinência se adapta diretamente ao tema.

2-4- As desinências de infinitivo.

O infinitivo é uma forma substantiva do verbo. Tem desinências ativa e médio-passiva. Dado o seu valor substantivo, ele pode ter recebido desinências nominais, eventualmente a desinência de instrumental *-ě-* acrescentada a um tema em *-s-*: *-sě*, que sofre acidentes fonéticos, particularmente o rotacismo do *-s-*: *amā-sě* > *amārě*. Serve para o infectum e o aoristo-perfectum. O passivo tem um *-ī*, possivelmente de locativo que se acrescenta ao tema, *leg-ī* > *legī*, *capī-ī* > *capī*, *metū-ī* > *metū* e à forma do infinitivo ativo dos temas em vogal e em *-ī*, *amā-se-ī* > *amārī*, *audī-sě-ī* > *audīrī*, *delē-sě-ī* > *delērī*.

Uma desinência medio-passiva arcaica, que pode ser também de origem nominal, aparece nos textos, *-ier*: *dicier* [dizer], *suspiciarier* [suspeitar], em Plauto (Bacch., 396 e Pseud., 562).

3- Os verbos ditos “impessoais”.

No começo desta análise dissemos que há certa independência entre o sujeito e o verbo e que a relação que os une vem na verdade de uma coincidência de significado e não de alguma regência que lhes seria imposta a partir de regras externas. É certo que na maioria dos casos a ação que o verbo exprime é executada por um agente ou sofrida por um paciente. No entanto certos verbos podem expressar a ação que se completa em si mesma, sem referência a um sujeito ou a um objeto. Nesse caso é usada a desinência da terceira pessoa do singular cuja origem é o pronome neutro, o que é lógico, já que normalmente o neutro nem é gênero nem número. Como só apresentam a terceira pessoa do singular a denominação de “verbos unipessoais” parece convir melhor e evitar a contradição que gera a palavra “impessoal” quando na realidade são verbos flexionados na terceira pessoa do singular.

É assim que se entendem os verbos que expressam acontecimentos naturais, como chover, trovejar etc.

Pluet credo hercle hodie. (Plt., Curc., 131a)

Por Hércules, vai chover hoje, creio

Sine tonitribus fulgurat. (Plin., N. Hist., 2,144)

Relampagueia sem trovões.

Pode-se glosar que é a chuva que chove ou o relâmpago que relampagueia; mas não é necessário à compreensão do enunciado. No entanto, no sentido figurado, a ação de chover pode ter um agente que a impulsiona e um objeto que a precisa:

Fundae saxa pluunt. (Est., Th., 8,416)

As fundas chovem pedras.

Porta tonat caeli. (Verg., G., 3,261)

A porta do céu troveja.

Verbos como *miseret* [há pena, isto é, ter pena], *taedet* [ter nojo], *paenitet* [ter pesar], *placet* [ter prazer, agradar-se] etc. expressam o fato de produzir-se um sentimento, fora da intenção da pessoa interessada. Esta situa-se como objeto desse sentimento, já que é sobre ela que recai.

'Immo duas dabo,' inquit ille adulescens 'una si parumst;

et si duarum paenitebit,' inquit 'addentur duae.' (Plt., Stich., 552)

‘Muito pelo contrário, darei duas’, disse aquele moço, ‘se uma só é pouco e se por causa de duas houver zanga,’ disse ‘acrescentarei as duas’.

Data merces est erroris mei magna, .., ut me non solum pigeat stultitiae meae sed etiam pudeat... (Cic., Pro D., 29)

do meu erro grande recompensa foi dada, ... de modo que não só me aborreça mas também me envergonhe de minha estupidez.

... sunt homines quos libidinis infamiaeque suae neque pudeat neque taedeat... (Cic., Ver., I,1,36)

... há homens que nem se envergonham nem se enojam de sua devassidão e de sua infâmia.

Esses mesmos verbos são algumas vezes usados com um substantivo sujeito.

*Et me quidem haec condicio nunc non paenitet,
neque est cur [non] studeam has nuptias mutarier;* (Plt., Stich., 51)

E com certeza esta situação agora não me aborrece e não há por que não me dedicar a mudar estas núpcias.

A língua, sobretudo a língua falada, restabelece analogicamente a totalidade da flexão para alguns desses verbos e usa *misereo* ou *misereor* [tenho piedade], *pudeo* [envergonho e tenho vergonha], etc.

Non te haec pudent? (Ter., Ad., 754)

Essas coisas não te causam vergonha?

Placeat homini quidquid deo placuit. (Sên., Luc., 74,20)

Que agrade ao homem qualquer coisa que agradou à divindade.

Outros verbos que apresentam só a terceira pessoa do singular têm de fato um sujeito mas o sujeito ao qual se relacionam não é um substantivo: é um infinitivo ou uma oração, isto é, a expressão de uma idéia que não pode ter nem gênero nem número. São verbos como *licet* [é permitido], *oportet* [convém], de construção parecida com o verbo *esse* acompanhado de um adjetivo neutro.

*Non uiuere bonum est sed bene uiuere; citius mori aut tardius ad rem non pertinet;
bene mori aut male ad rem pertinet.* (Sên., Luc., 70,4,6)

Não é viver que é bom mas viver bem; morrer mais cedo ou mais tarde não importa;; morrer bem ou mal é o que importa.

Mori é de fato sujeito de *pertinet*, como *uiuere* e *bene uiuere* são sujeitos de *bonum est*.

Esse oportet ut uiuas non uiuere ut edas. (Rhet. ad Heren.,4,28)

Convém comer para viver, não viver para comer

Licet nemini contra patriam ducere exercitum. (Cíc., Phil.,13,14)

A ninguém é permitido comandar um exército contra a pátria.

Esse e *uiuere* são sujeitos de *oportet*, *ducere* de *licet*

Cui nostrum licet fundos nostros obire aut res rusticas uel fructus causa uel delectationis inuisere? (Cic., de Or., I, 249)

A quem de nós é permitido percorrer nossas propriedades ou visitar nossos campos seja pelos produtos seja pelo prazer?

Hos ego uideo consul et de re publica sententiam rogo, et quos ferro trucidari oportebat, eos nondum uoce uolnero! (Cic., Cat., I, 9)

Eu, cônsul, os vejo e peço a opinião do Estado, e os que convinha ser trucidados com o ferro, ainda não os castigo com palavra!

Ad mortem te, Catilina, duci iussu consulis iam pridem oportebat, in te conferri pestem quam tu in nos omnis iam diu machinaris. (Cic., Cat., I, 3)

À morte, Catilina, convinha já faz tempo que tu fosses levado pela ordem do cônsul, que fosse dirigido contra ti o flagelo que maquinava desde muito contra nós.

quos ferro trucidari forma uma oração infinitiva (*quos* é sujeito de *trucidari*) sujeito de *oportebat*. Do mesmo modo, *ad mortem te duci iussu consulis* e *in te conferri pestem* são orações infinitivas sujeito de *oportebat* (*te* é sujeito de *duci* e *pestem* de *conferri*).

Enfim certos verbos não têm um sujeito nomeado ou definido apesar de referir-se a seres humanos; o que vale é a ação, não quem a realiza, os motivos podem ser diversos.

É o caso do verbo *aiunt* [dizem, diz-se]:

...et ille eiectus in exsilium se Massiliam, ut aiunt, non in haec castra confert. (Cíc., Cat., II, 14)

...e ele, jogado no exílio, se dirige a Marselha, segundo dizem (ou se diz), não neste acampamento.

São rumores de origem indeterminada ou que o orador quer dar como tal.

Curritur ad praetorium. (Cic., Ver., II, 5, 92)

Corre-se ao pretório.

Itur in antiquam siluam. (Verg. En., VI, 176-182)

Vai-se a uma floresta antiga.

Itur, curritur, indicam o que acontece sem referência a um sujeito que coloca o grupo que age como anônimo e sem interesse como individualidade.

Bal. *Quid agitur, Calidore?* Cal. *Amatur atque egetur acriter.* (Plt., Pseud., 275)

Bal. Que se faz, Calíodoro? Cal. Ama-se e, o que é mais, sente-se dura falta.

Evita-se dar um nome a quem age. Esse modo de expressão pode sugerir o pudor (*amatur*), a hesitação (*agitur*), em todo caso sugere a vontade de não identificar-se formalmente o sujeito: o que conta é a ação, não seu autor.

Nota-se o uso da forma médio-passiva dos verbos: na nossa opinião são verbos médios. A voz média elimina a idéia de participação voluntária do agente na ação que se realiza em si e por si sem elemento exterior que a determina.

As vozes dos verbos expressam matizes complexas. Para mais bem entendê-las, parece-nos preferível distinguir as três vozes que expressam três processos distintos de ação e não limitar-nos a considerar as formas como único critério de classificação. A riqueza expressiva do verbo que vislumbramos no estudo dos aspectos e das vozes se completa no uso que a língua faz dos modos e dos tempos que veremos a seguir.

OS MODOS E OS TEMPOS : SIGNIFICADO E FORMA

Costumamos dizer que o indicativo é o modo da realidade e o subjuntivo o modo da subordinação, enquanto o imperativo é o modo da ordem. É evidente que o indicativo se relaciona com a expressão do real, e que o subjuntivo é usado em muita oração subordinada. Mas essa definição é muito limitativa e não condiz com a realidade dos fatos.

Para entender como funcionam os modos é preciso distinguir em primeiro lugar duas situações: de um lado o acontecimento em si, do qual se está falando, de outro lado o ponto de vista de quem fala sobre esse acontecimento. O primeiro é ou não é. É uma realidade objetiva sobre a qual ninguém tem qualquer poder. O locutor só pode intervir sobre o que diz do acontecimento, isto é, a maneira de apresentá-lo revela imediatamente uma tomada de posição em relação a esse. A maior ou menor realidade do fato não vem ao caso: está fora do discurso. O que importa é a intenção que subjaz na apresentação desse fato. Implicitamente, quem fala quer que o ouvinte adira à maneira segundo a qual coloca o enunciado. Com o imperativo, expressa que um ato deve ser cumprido; com o indicativo, coloca o discurso dentro de uma perspectiva objetiva; sublinha a realidade ou a não-realidade do acontecimento; com o “subjuntivo”, denota a própria subjetividade: a intenção não é apresentar um fato como objetivamente verdadeiro ou falso, mas sugerir para o ouvinte que, considerando um leque de atos admissíveis, uma ação é realizável (trata-se então de uma ação eventual), ou simplesmente possível, imaginável, mas sem que sua realização efetiva seja considerada. Separaremos o estudo desses dois valores, eventual e possível, considerando que nem na formação, nem no significado eles pertencem ao mesmo modo.

Então, o que caracteriza o modo, é que, dentro mesmo do ato de fala, o emissor do discurso indica para o receptor suas intenções de apreender a ação, mandamento, realidade, eventualidade ou mera possibilidade. O modo vem a ser de um lado uma relação entre os interlocutores, em que quem fala dá a entender suas intenções a quem ouve, e, de outro lado, uma tomada de posição sobre aquilo de que se trata; intervém então uma terceira pessoa, sujeito dos atos narrados aos quais o narrador, no mesmo enunciado, manifesta ou não sua adesão. É esse jogo de relações que é preciso ter em mente para entender o processo da modalidade.

O IMPERATIVO

1-SIGNIFICADO DO IMPERATIVO.

O latim apresenta duas formas de imperativo, chamadas imperativo presente e imperativo futuro. O imperativo presente representa a expressão mais imediata e mais simples da modalidade: na segunda pessoa, manifesta o que o falante espera de seu interlocutor da maneira mais direta. É a mensagem em sua forma imediata.

É essencialmente o modo do diálogo entre duas pessoas que se dirigem uma à outra, sendo cada uma alternativamente o locutor e o ouvinte. A segunda pessoa do singular não tem desinência porque não a necessita. A ação enunciada tem necessariamente como sujeito a pessoa a quem se dirige a conversa, num diálogo real ou fictício (numa correspondência por exemplo). É a forma mais sucinta de todo o sistema verbal. Apresenta-se como o tema puro do verbo, sem nenhum acréscimo de desinência, nem marca de modo ou de tempo. A presença do interlocutor dispensa qualquer marca pessoal, o tempo da realização do ato é normalmente o que segue imediatamente sua enunciação. Expressa uma ação, geralmente como ordem a ser cumprida, e o faz de um modo abrupto, às vezes atenuado por expressões de desculpa ou cortesia, mas chama sempre a atenção do interlocutor sobre o ato a realizar. A segunda pessoa do plural é uma extensão dessa ordem a um grupo e comporta uma desinência, marca do plural.

A intenção contida no imperativo o aproxima do vocativo e da interjeição: como o vocativo na sua forma original não tem desinência casual, interpela o interlocutor e chama sua atenção; como a interjeição, é um meio de expressão enérgico e breve, que manifesta um certo estado de espírito da parte de quem fala. Ora, sendo a interjeição uma palavra externa à organização da frase, de conotação emotiva, geralmente usada dentro de um contexto de familiaridade, não é surpreendente que tenha havido interação entre esta e o verbo no imperativo. Assim a interjeição de saudação “*aue!*” –que pode ter origem cartaginense- foi interpretada como um imperativo por analogia com “*salue!*”, “*uale!*”; assim também “*cedo!*”, “*cette!*” [dá!, daí!] provavelmente antiga partícula local foi interpretada como um imperativo.

Ao lado de expressões como “*Cedo, quid postea?*” (Cic., Mur, 26) [Vejam, que vem a seguir?]⁸⁸ onde *cedo* é mera interjeição, encontramos a mesma palavra com valor verbal:

⁸⁸ Exemplos citados por MELLET, 1994, p. 82

Loquere et consilium cedo. (Plt.,Mil.,978)

Fala e dá-me teu conselho.

Cedo senem! (Ter.,Phorm.,321)

Traz-me o velho!

Por sua vez imperativos como “*age!*”, “*i!*”, “*agete!*”, “*ite!*”, [va!, vamos!] apesar de conservar seu valor verbal são frequentemente usados como simples interjeições, às vezes em exclamações, juntamente com vocativo:

Age, barbari uani atque fallaces. (Cic., de Div., I,18,37)

Vamos, bárbaros vãos e mentirosos.

Age nunc, refer animum sis ad ueritatem et considera....(Cic., Rosc.,48)⁸⁹

Pois bem! Se quiser, reporta teu espírito à verdade e considera...

I, puer, atque meo citus haec subscribe libello (Hor.,Sat.,I,10,92)⁹⁰

Vai, menino, e acrescenta rápido essas coisas a meu livrinho.

O verbo *emo* [tomo, compro] no imperativo fixou-se sob a forma *em* com o significado de eis, presentativo, com valor de interjeição:

En mercedem postulas? (Fedr., 9,12)

Eis que pedes um salário?

2- IMPERATIVO PRESENTE

2-1- Significado

O imperativo se entende numa situação de comunicação imediata entre duas pessoas, eu e tu, e expressa essa relação entre elas. O falante enuncia um ato que seu interlocutor deve cumprir. Pressupõe que o sujeito que executa é esse a quem está se dirigindo. Dentro dessa situação, que coloca o sujeito como agente da ação, dificilmente encontraremos um verbo passivo; há uma contradição entre o significado do imperativo e a possibilidade de o sujeito sofrer a ação enunciada pelo verbo. De fato só as formas médias podem ser usadas no modo

⁸⁹ Id.

⁹⁰ Ibid.’

imperativo, só elas permitem um agente que seja ao mesmo tempo paciente. Assim encontramos em Vergílio, no livro XII, verso 800 da Eneida:

Desine iam tandem precibusque inflectere nostris...

Abandona agora e afinal deixa-te dobrar por nossas preces”

em que *inflectere* se apresenta de fato como um médio e não como um passivo, já que o sujeito continua dono do ato de dobrar. É o que acontece nos verbos médios como *sequor* [sigo] ou *egredior* [saio], *proficiscor* [vou embora], *moror* [demoro]:

Sequere illos, ne morere. (Plt., M. Glor., 1361)

Segue-os, não demore.

Egredere aliquando ex urbe; patent portae;. proficiscere (Cic., Cat., I,10)

Sai de vez da cidade, as portas estão abertas; vai-te embora.

A ação determinada pelo locutor é uma ação a ser realizada. Enunciada no presente dos interlocutores é necessariamente diferida num futuro mais ou menos próximo, pelo menos imediatamente no fim da fala. Numa correspondência, temos um deslocamento do tempo; o momento não é o presente do redator mas o do leitor. A relação entre os dois continua a mesma.

2-2- Uso do Imperativo Presente

O imperativo é usado em primeiro lugar para emitir uma ordem, como o indica seu nome. Mas essa ordem tem nuances diversas, da ordem simples, eventualmente brutal, ao aviso ou até à súplica, dependendo da situação ou da posição hierárquica que ocupam os interlocutores.

- A ordem

Egredere ex urbe, Catilina, libera rem publicam metu.(Cic., Cat.,I,20)

Sai da cidade, Catilina, libera do medo o estado.

Tace atque abi rus. (Pl, Most.,66)

Cala-te e vai ao campo. [o senhor ordena ao servo]

Molestus ne sis nunciam, i rus, te amove. (Pl, Most.,74)

Não aborreças agora, vai ao campo, afasta-te

- O pedido

Cura, amabo te, Ciceronem nostrum. (Cíc., At., 2,2,1)

Cuida, por favor, de nosso (querido) Cícero.

Tu, quaeso, crebro ad me scribe. (Cíc., At., 7,10)

Tu, te peço, escreve-me amiúde. [de um amigo para o outro]

Dic, sodes, mihi. (Plaut., Bacc., 837)

Diz-me, por favor. [o servo se dirige ao senhor]

- O conselho

Inserere nunc, Meliboeae, pios, pone ordine uitis. (Verg., ecl., I,74)

Enxerta agora, Melibeus, as pereiras, põe em ordem as vinhas.

Amicum secreto mone, palam lauda. (Sén. de Mor., 12)

Teu amigo, repreende-o em segredo, louva-o em público.

Si uis amari, ama. (Sên., Luc., 9,6 –citando Hecaton-)

Se queres ser amado, ama.

- A súplica

Serua, Iuppiter supreme, et me et meum gnatum mihi. (Plt., Capt., 976)

Salva-me, supremo Júpiter, a mim e a meu filho.

3- IMPERATIVO FUTURO

Em relação ao imperativo presente, o imperativo futuro apresenta duas características: primeiro, permite dar uma ordem na terceira pessoa, segundo, enquanto, no imperativo presente, a realização da ação é dada como imediata, no imperativo futuro, é admitida como diferida.

Num diálogo ou num discurso, procede muitas vezes uma indicação dessa projeção num futuro indefinido.

Si de me ipso plura dicere uidebor, ignoscitote. (Cíc., Sest., 21)

Se de mim mesmo pareço dizer muitas coisas, ignorai-o

Rem uobis proponam; uos eam suo non nominis pondere penditote. (Cíc., Verr., 4,1)

Eu vos exporei uma coisa; quanto a vós, considerai-a pelo seu próprio peso, não pelo do nome.

Por isso, é usado frequentemente nos textos que contêm conselhos, ou nos textos de lei, onde expressa a idéia de que a ordem ou a recomendação é válida agora e no futuro; assim no *Ars amatoria*, Ovídio dá primeiro um conselho geral ao galante (usa o imperativo futuro *facito*) e o faz seguir de uma recomendação mais insistente (no imperativo presente) que se inscreve no momento em que esse agirá:

Cuius equi ueniant, facito studiose, requiras:

Nec mora, quisquis erit, cui fauet illa, fauet. (Ov., A. Am., 145-146)

Faz-te cheio de zelo: de quem são os cavalos que vêm, perguntarás,

Sem demora, qualquer que for, o que ela favorece, favorece-o.

Catão no *De agricultura* explica como tratar as azeitonas para melhor proveito; usa o imperativo futuro negativo e a seguir o futuro do indicativo:

Nolito credere oleum in tabulato posse crescere: quam citissime conficies, tam maxime expediet, et totidem modis collecta[e] plus olei efficiet et melius. (Cat., de Agr., 64,2)

Não vás pensar que a azeitona possa crescer em cima do tablado: quanto mais rápido cuidarás, maior quantidade prepararás e de tantas medidas de azeitona colhida acabarás fazendo mais e melhor.

São as recomendações morais de Cícero em relação ao respeito devido aos deuses:

Ad diuos adeunto caste, pietatem adhibento, opes amouento. (Cíc., Leg., 2,19)

Ide aos deuses puramente, tende devoção, afastai a suntuosidade.

O português não permite outra tradução para a terceira pessoa do plural do imperativo futuro latino a não ser a segunda pessoa do plural do imperativo (ide, tende, afastai) ou o subjuntivo presente terceira pessoa do plural (vão, tenham, afastem).

4- O IMPERATIVO NEGATIVO

Pode ter todas as nuances precedentes.

A negação usada com o imperativo é: *ne*

Ne time. (T. Lív., 3,2,9)

Não temeis.

O formose puer, nimium ne crede colori. (Verg., Buc., 2,17)

Oh, belo menino, não acredites demais na cor.

No entanto a maneira mais frequente de expressar a negação é usando a perífrase formada do imperativo do verbo *nolle* [não querer] e o infinitivo.

Noli uxori credere. (Plaut., Cas., 387)

Não acredites na tua esposa. (não queiras acreditar...)

Nolitote dubitare. (Cíc., Agr., 2,16)

Não duvideis. (não queirais duvidar)

5- AS FORMAS DO IMPERATIVO.

5-1- Imperativo presente

5-1-1- Voz ativa

O imperativo presente, expressão da relação entre o sujeito falante e o sujeito da ação, tem só as segundas pessoas do singular e do plural. Como vimos, no singular expressa-se com o tema puro, isto é, sem acréscimo de desinência.

- A maioria dos verbos apresenta uma terminal vocálica, ora porque o tema termina em vogal, *amā-* > *amā* [ama], *delē-* > *delē* [destrói], *audī-* > *audī* [ouve], *capī-* > *capē* [toma] - com apofonia em -ē da vogal breve do tema-, ora por acrescentar aos temas em soante, consoante e -u- um -ē eufônico ao tema, *leg-ē* > *legē* [lê], *metū-ē* > *metuē* [teme].

- os temas *dic-*, *fac-*, *fer-* que conservam a forma primitiva do tema: *dic* [diz], *fac* [faz], *fer* [porta]; em composição *dicere* e *facere* comportam-se como os outros temas em consoante.

- O composto *nolle* de *uolle* tem a forma *nolī* [não queiras].

A segunda pessoa do plural marca pela desinência **-te** a pluralidade dos interlocutores: *amāte* [amai], *audīte* [ouvi] *delēte* [destruí], *capīte* [tomai], e *legīte* [lede], *dicīte*, [dizei], *facīte* [fazei], *metuīte* [temei], com vogal de ligação; só *ferte* [portai] acrescenta a desinência ao tema sem vogal de ligação.

5-1-2 Voz média (e passiva)⁹¹.

As formas médias são marcadas pelas desinências **-se** na segunda pessoa do singular, **-mini** na segunda do plural: *sequ-* > *sequ-ī-se* > *sequere* [segue] com o rotacismo do *-s-* e sucessiva apofonia do *ī*, *paī-* > *paī-se* > *patēre* [sofre] etc., *sequimini* [seguí] e *patimini* [sofri] no plural.

5-2- Forma do imperativo futuro ativo.

Acrescenta a desinência **-tō** > **-tō** (com abreviação do *ō* em fim de palavra) ao tema para a segunda e terceira pessoa o singular: *amā-tō* > *amāto*, *leg-ī-tō* > *legīto*, na segunda do plural **-tō-te**,: *amā-tō-te* > *amātōte*, *leg-ī-tō-te* > *legītote* e. na terceira do plural **-ntō** > **-ntō** : *amā-ntō* > *amanto*, *leg-ū-ntō* > *legūnto* (u é longo antes de um grupo de consoante), *capīūnto*, *audiūnto*, *delēnto*.

91 Vimos a pouca incidência de formas passivas contrárias ao semantismo do imperativo.

O INDICATIVO

O modo indicativo é dado como o modo da realidade. Mas, de que realidade se trata? Ao contar uma mentira, ou seja uma contra-realidade, também usaremos o indicativo, pois qualquer outro modo sugeriria que consideramos como suspeito o fato enunciado. O indicativo não é o modo que expressa a verdade ou a realidade do acontecimento em si, mas a adesão do locutor à realidade do que está sendo dito. E esta adesão quer ser compartilhada com o interlocutor. Esse é chamado a aderir à existência efetiva, real e objetiva do acontecimento, colocado como verdadeiro e verificável. É necessário distinguir entre o acontecimento e o que é dito dele. O uso do indicativo representa uma escolha dentro do ato de fala; não expressa a realidade do acontecimento em si; situa esse acontecimento num contexto de objetividade, independente de qualquer subjetividade, desejo ou dúvida do falante.

Até a interrogação expressa no indicativo não deixa dúvida sobre o acontecimento. O falante não conhece o fato, mas pressupõe que o interlocutor o conhece perfeitamente e a resposta esperada é uma resposta objetiva sobre o que acontece ou aconteceu realmente. A pergunta “Onde está você?”, interroga sobre o lugar mas o fato é que o interlocutor está realmente em algum lugar, sobre isso não há dúvida; “Que faz?” ou “Que fazia ontem?” não projeta nenhuma dúvida sobre o fato que o interlocutor realmente faz ou fazia alguma coisa; e numa questão aberta como “Você está ouvindo?” que espera uma resposta por sim ou não, tanto a resposta positiva como a negativa são colocadas como realidades objetivas independentes dos desejos de quem está falando

O indicativo então é o modo que expressa a adesão dos interlocutores à realidade do acontecimento enunciado.

Existem porém gradações nessa adesão à realidade. Só o presente, o atual, é de fato verificável e pode ter a adesão incondicional dos dois interlocutores; pois ele cola a essa realidade de uma maneira contínua sem deixar abertura para interpretações ou dúvidas. Nem o passado nem o futuro apresentam o mesmo grau de certeza. Os contos de fada começam geralmente por: “Era uma vez...”. Este deslocamento em um passado indefinido mas longínquo, não diz nada sobre a realização efetiva do conto que vem a seguir. No entanto para poder contar uma história, tem de pressupor que num certo momento, num certo espaço, desenrolou-se o fato contado: exige a adesão efetiva do contador e do auditor ao conto; o indicativo lhe dá a realidade necessária para que seja interessante: um e outro sabem que o

acontecimento não é verdadeiro mas é colocado como tal. Do mesmo modo, o futuro que exprime um ato não realizado ainda, exige nossa adesão quanto a sua realização. Acreditamos que vai se produzir. Diferente do eventual que sugere outros atos possíveis, o futuro não abre um leque de fatos e não sugere uma possível escolha. Quando dizemos “Espero que virá.” e não “Espero que venha” é que não queremos encarar a possibilidade da não realização do que esperamos; até o verbo esperar adquire uma outra conotação e significa de fato, “estou à espera de sua vinda”, contra a idéia de “tenho esperança de que venha”.

O enunciado expresso no indicativo coloca o acontecimento dentro de uma perspectiva temporal. A noção de tempo parece ser um dado imediato da consciência. O tempo apresenta-se-lhe como uma realidade objetiva; sua existência, seu fluir não depende de nós, nem de nossos sentimentos, nem de nossa imaginação. Mergulhados no tempo, não temos nenhuma ação sobre ele; muito pelo contrário, é ele que nos leva junto no seu curso incessante. Sentimos essa progressão como um fato indiscutível, independente de qualquer ação nossa, ligado à natureza da vida, objetivo e real. O tempo pertence ao acontecimento, não ao discurso. Ora o acontecimento primordial quando enunciamos algo é justamente este fato: estamos falando, ou melhor, “eu” estou falando. Isto é: o primeiro referencial de todo enunciado é “eu” e as outras pessoas, tu e ele, são as pessoas a quem falo ou de quem falo; estou situado num certo lugar - aqui - e num certo momento –o meu presente, agora-. Na minha fala, passado, presente e futuro têm como único referente o meu “eu” atual, ancorado no momento e no espaço.

Por meio do tempo gramatical, o enunciado refere-se ao tempo vivido. O indicativo por ser o modo da objetividade e da realidade tem capacidade de expressar o sentimento que temos do tempo nos seus três momentos, o passado, o presente e o futuro referentes ao momento em que estou vivendo, falando, pensando. Veremos que a noção de tempo referencial não existe nos outros modos.

1- O PRESENTE DO INDICATIVO

1-1- Significado

A noção de presente parece não apresentar dificuldade: refere-se ao momento que estamos vivendo. No entanto, se tentamos apreender essa noção, percebemos que ela não é tão simples. De fato, como situar o presente dentro do desenrolar do tempo. Vivemos num momento determinado antes do qual existe o passado e depois do qual já começa o futuro. Sobre essa linha de tempo, infinita do lado do passado e infinita do lado do futuro, a extensão do presente é nula. Esta observação foi feita pelos filósofos que meditaram sobre a fuga permanente do tempo, desde Heráclito (frag. 18) que observa que não nos banhamos duas vezes no mesmo rio⁹², passando por Aristóteles (Physica, 222,a-b) que vê o presente como um limite pontual entre o passado e o futuro⁹³. Não se pode esquecer, porém, que esta análise é feita a partir do ponto de vista ideal de um observador que se colocaria fora do tempo. Mas vivemos o momento e nossa vida corre e se esvaneia ao mesmo ritmo que o tempo. Estamos mergulhados num eterno presente⁹⁴. O passado é matéria de lembrança, o futuro, fruto de previsões. Não vivemos nem em um nem em outro.

No entanto, se a consciência ingênua nos diz que o presente é outra coisa que um ponto, que é o atual de nossa vida, que é a vida mesma sendo vivida, a língua não permite reduzir a expressão do acontecimento no presente ao que acontece aqui, agora. O que chamamos “tempo presente do indicativo”, ao mesmo tempo que é usado para enunciar o que estamos vivendo aqui e agora também permite enunciar acontecimentos relativos ao passado ou ao futuro. Conhecemos o presente histórico dentro de relatos de fatos passados e certos presentes que antecipam sobre o futuro. Seu significado temporal é difuso: pode revestir a cor que lhe exige o contexto e a decisão do locutor.

Aristóteles pegou-o como forma paradigmática do “rhema” e do tempo interno dele. De fato, o verbo no tempo presente só pode representar a ação em processo, no aspecto do infectum, já que ela, nesse caso, coincide com a própria progressão da vida. Manifesta a permanência dentro do ato de um modo inexecutável: o acontecimento enunciado no presente está de fato em fase de realização, acompanhando o tempo e a vida. E, quando usado dentro

92 ποταμῷ γὰρ οὐκ ἔστιν ἐμβῆναι δις τῷ αὐτῷ. Não é (possível) entrar duas vezes no rio, o mesmo.

93 Τὸ δὲ νῦν ἐστὶν συνέχεια χρόνου... συνέχει γὰρ τὸν χρόνον τὸν παρεληλυθότα καὶ ἐσόμενον, καὶ πέρας χρόνου ἐστίν· ἔστι γὰρ τοῦ μὲν ἀρχῇ, τοῦ δὲ τελευτῇ. O agora é a continuidade do tempo pois liga o tempo que se foi ao tempo que virá, e é o limite do tempo pois deste é o começo e daquele é o fim.

94 O significado do grego *paro/n* [presente] é: o que está ao lado do que é (*par*ἔ) equivalente ao latim *praesens*.

de um contexto de passado ou de futuro, o presente do indicativo conserva esse significado de ato em desenvolvimento.

Por outra parte, apresenta outro fato significativo: sua forma não tem marca que o designe como tempo. O presente é formado acrescentando as desinências pessoais ao tema puro do infectum, que assume o significado lexical da palavra e seu valor aspectual. A forma não tem marca temporal: nenhum sufixo sublinha sua relação com o decorrer do tempo. Seu tema é formado por elementos semânticos: raiz e sufixos que eventualmente sublinhem o aspecto infectum. Não é necessário supor um sufixo nulo para qualificá-lo de presente. Essa ausência de sufixo o deixa solto enquanto a sua relação com o tempo. Simplesmente diz a ação e a diz no presente porque sua forma simplesmente não marca nem um passado nem um futuro. Como todas as formas verbais flexionadas, tem as desinências pessoais e, por meio dessas, a marca da voz.

1-2- Uso do indicativo presente.

- o ato se realiza no momento exato em que estou falando, :

Male dicere audes, fons uiti et periuri. (Plt., Per., 848)

Ousas falar mal, fonte de vício e perjúrio

hic tamen uiuit. Viuit? immo vero etiam in senatum uenit, fit publici consili particeps, notat et designat oculis ad caedem unum quemque nostrum. (Cic., Cat., I,2)

Este, no entanto vive. Vive, muito mais ainda ele vem ao senado, participa do conselho público, marca e designa com os olhos para a morte cada um de nós. (É um discurso em presença do senado e de Catilina, o sujeito da diatriba)

Venit ecce dius et potens. (Fedr., I,49,6)

Vem aí esse, rico e poderoso.

- uma situação de duração indefinida que está em processo.

Me tractat liberaliter Curio (Cic., Fam., VIII,10)

Curião me trata com consideração. (está me tratando)

Terentia tibi et saepe et maximas agit gratias. Id est mihi gratissimum. Ego uiuo miserrimus et maximo dolore conficior. Ad te quid scribam nescio. (Cic., Att., III,5,1)

Terencia te agradece muitas vezes e muito. Isso me é muito grato. Eu vivo bem miserável e acabado pelo maior pesar. Não sei o que te escrever.

Nos autem fortes uiri satis facere rei publicae uidemur, si istius furorem ac tela uitamus. (Cic., Cat., I,2)

Nós, porém, homens de muita coragem, nos vemos fazer o suficiente para o estado se escapamos do furor e das armas desse.

- uma condição atual cujos termos são verdadeiros e conectos

Si enim es Romae, iam me adsequi non potes. (Cic., Att., III, 5, 1).

Se ainda estás em Roma, já não podes seguir-me.

- Fatos que perduram em particular numa descrição

Danuuius plures populos adit, donec in Ponticum mare erumpat. (Tác., G., I,3)

O Danúbio vai em direção a vários povos, até que se jogue no mar Pôntico

Tum occultantur (stellae) tum rursus aperiuntur, tum celerius mouentur, tum tardius, tum omnino ne mouentur quidem. (Cíc., Nat., II,51)

Ora (as estrelas) escondem-se, ora de novo aparecem, ora movem-se rápido, ora lentamente, ora nem se movem sequer.

Os dois trechos precedentes são descritivos: é uma situação permanente e atual.

Utilius nobis quid sit dic, Phoebe, obsecro,

Qui Delphos et formosum Parnasum incolis. (Phaed., App, 5, 8, 2)

Dí-nos o que seja mais útil, Febo, por favor, tu que moras em Delfos e no formoso Parnaso. (Permanência da ação)

- Repetição da ação

Apium examina congregantur. (Cíc., Of., I,157)

Os enxames de abelhas reúnem-se.

Numa época determinada acontece sempre essa reunião.

- Verdades de conhecimento geral

Ignis aurum probat, miseria fortes uiros. (Sén., Prov., 5,8)

O fogo põe a prova o ouro, a miséria os homens corajosos.

Scit bene uenator, ceruis ubi retia tendat,

Scit bene, qua frendens ualle moretur aper.. (Ovi.-A. Am., 45-46)

O caçador bem sabe onde estender as redes para os cervos

Bem sabe em que vale mora o javali que tritura...

- Acontecimentos cujo começo se deu no passado e continuam verdadeiros no presente

In sex menses iam hic nemo habitat. (Plt., Most., 954)

Faz seis meses que ninguém habita aqui

- Acontecimentos no passado e que o presente “histórico” atualiza

Dentro de uma narração

Ab dextera parte alio ascensu eodem tempore Haeduos mittit. (Ces., B.Gal., VII,45,10)

Da direita por outro acesso manda os Éduos

Alieno loco cum equitatu Heluetiorum proelium committunt. (Cés., B. Gal., I,15,2)

Travam combate com a cavalaria dos Helvécios num lugar hostil.

A narração é de fatos passados.

Dentro de um diálogo

Quaerit patrem. Dico esse in urbe, interrogo quid eum uelit. (Plt., Tric., 650-4)

Ele procura por meu pai. Digo-lhe que está na cidade, pergunto o que ele quer com ele.

(atualização do fato e vivacidade da fala)

- Acontecimentos citados sem contexto temporal

Quid hoc? sacratae uatis horrescunt comae,

Tripodes mouentur, mugit adytis Religio,

Tremuntque lauri et ipse pallescit dies. (Fed., Ap., 8, 2)

Que é? Os cabelos sagrados da sacerdotisa arrepiam-se, a tripeça move-se, muge a o ádito Santuário, tremem os louros e empalidesce o próprio dia.

- Expressão de um fato futuro de realização próxima ou imediata que toma sua origem no presente do falante.

Occisa est haec res, nisi reperio atrocem mi aliquam astutiam. (Plt., Capt., 539)

O negócio está perdido, se não encontro uma terrível astúcia.

Vt satis uixerimus, nec anni nec dies faciunt, sed animus. (Sên., Luc., 61, 4)

Que tenhamos vivido satisfatoriamente, nem os anos nem os dias o fazem, mas o espírito.

O que depende do espírito se realiza durante toda a vida até o fim.

1-3- A forma do presente do indicativo ativo e médio-passivo.

A forma do presente do indicativo é o tema do infectum sem nenhuma marca temporal, ao qual se juntam as desinências pessoais. Só a primeira pessoa do singular é vocálica, todas as outras são consonânticas; em consequência vários temas apresentam as acomodações fonéticas de praxe:

- acréscimo de uma vogal de ligação entre tema em consoante, soante e em **-u-** e a desinência. Esta vogal é geralmente (**-i-** > **-ě-** diante de **-r-**); é **-ö-** > **-ů-** diante de **-nt/-ntur** e, no verbo *esse* [ser], diante de **-m**; alguns temas não apresentam constantemente a vogal de ligação: são eles **fer-**, **es-**, **vel-**, **ed-** de respectivamente portar, ser, querer, comer.
- a desinência com alguns poucos temas provoca diversas modificações fonéticas. São os temas:
 - **es-** [ser] que se apresenta com o tema sincopado **s-** diante de vogal.
 - **ed-** [comer] e **fer-** [portar] que podem não ter vogal de ligação diante de desinência em consoante.
 - **uel-** [querer] cujo **-l-** diante de **o** e de **i** passa de velar a palatal, o que provoca a apofonia de **ě** em **ö** > **uol-**; tem dois compostos que seguem sua flexão: **non-uel-** > **nol-** [não querer] e **magis-uel-** > **mal-** [preferir]
 - **ey-** [ir] em que o yod cai entre vogais e se contrai: **ey-** > **ī-** antes de consoante.

- 1ª pessoa do singular

A desinência é **-ō** para a voz ativa, **-ōr** para a voz passiva, menos para o tema **es-** que apresenta a desinência **-m**:

delē-ō > *deleō*, delē-ō > *deleor* [destruo, sou destruído]; lĕg-ō > *legō*, *legor* [leio, sou lido]; capī- > *capīō*, *capīor* [tomo, sou tomado], audī- > *audiō*, *audior* [ouço, sou ouvido], metū- > *metuō*, *metuor* [temo, sou temido]

O tema amā- une o ā final com o ō desinencial : amā-ō > *amō*, amā-or > *amor* [amo, sou amado]

O tema **es-** apresenta a desinência -m precedida da vogal de ligação -ō- > ū-: es-ū-m > *sum* [sou]; seu composto pote-es-ō-m > *possum* [posso] com a contração pot-sum e a assimilação ts > ss.

Normalmente, ed-ō > *edō* [como]; fer-ō > *ferō* [porto]

O tema uel-ō > *uolō* [quero] (apofonia de ĕ em ō), *nolo* [não quero], *malo* [prefiro]

O tema ey-ō > *eō* [vou] perda do y entre vogais.

- 2ª pessoa do singular

A desinência ativa é -s, a desinência médio/passiva é -sĕ/-sis habitualmente precedidas da vogal -ī- quando necessário:

amā-s > *amās* [amas], amā-se/ amā-sis > *amāre/amāris* [es amado], *delēs* [destróis], *delere/deleris* [es destruído], *audīs* [ouves], *audire/audiris* [es ouvido], *capīs* [tomas], *capī-se/capī-sis* > *capĕre/capĕris* [es tomado] com a apofonia do -ī- breve, lĕg-ī-s > *legīs* [lês] e *leg-ī-se/sis* > *legĕre/legĕris* [es lido], com vogal de ligação como metū-ī-s > *metuis* [temo] e *metū-ī-se/-sis* > *metuere/metueris* [es temido].

O tema **es-** dá: es-s > *es* [sou]; seu composto pote-es > *potes* [podes]

Normalmente, ed-ī-s > *edis* mas apresenta também a forma sem vogal de ligação:

ed-s > *ess* > *es* [comes] com assimilação ds > s;

fer-s > *fers* [portas] e fer-se/fer-sis > *ferre/ferris* [es portado] sem vogal de ligação e assimilação de rs > ss

O tema uel-s > *uis* [queres] apresenta uma forma difícil de explicar senão por contrações pouco frequentes; seus compostos *nolle* e *malle* têm respectivamente a forma *non uis* e *mauis*

O tema ey-s > *īs* [vais] com a contração ey > ī.

- 3ª pessoa do singular

A desinência ativa é –t, a desinência médio/passiva é –tur habitualmente precedidas da vogal –ĩ- quando necessário:

amā-t > *amāt* [ama], amā-tur > *amātur* [é amado], *delēt* [destrói], *deletur* [é destruído], *audīt* [ouve], *auditur* [é ouvido], *capit* [toma], *capītur* [é tomado], *lĕg-ĩ-t* > *legīt* [lê] e *leg-ĩ-tur* > *legītur* [é lido], com vogal de ligação como *metū-ĩ-t* > *metuit* [teme] e *metū-ĩ-tur* > *metuitur* [é temido].

O tema **es-** dá: *es-t* > *est* [é]; seu composto *pote-es-t* > *potest* [pode]

Normalmente, *ed-ĩ-t* > *edit* mas apresenta também a forma sem vogal de ligação:

ed-t > *est* [come] com a dissimilação das dentais *dt* > *st*;

fer-t > *fert* [portas] e *fer-tur* > *fertur* [é portado] sem vogal de ligação

O tema *uel-t* > *uolt/uult* [quer] sem vogal de ligação; segue as regras fonéticas; seus compostos *nolle* e *malle* têm respectivamente a forma *non uult* e *mauult*

O tema *ey-t* > *īt* [vai] com a contração *ey* > *ī*.

- 1ª pessoa do plural

A desinência ativa é –mōs > –mūs, a desinência médio/passiva é –mur, habitualmente precedidas da vogal –ĩ- quando necessário:

amā-mus > *amamus* [amamos], amā-mur > *amāmur* [somos amados], *delēmus* [destruímos], *delemur* [somos destruídos], *audīmus* [ouvimos], *audimur* [somos ouvidos], *capīmus* [tomas], *capī-mur* > *capīmur* [somos tomados], *lĕg-ĩ-mus* > *legīmus* [lêmos] e *leg-ĩ-mur* > *legīmur* [somos lidos], com vogal de ligação como *metū-ĩ-mus* > *metuimus* [tememos] e *metū-i-mur* > *metuīmur* [somos temidos].

O tema **es-** diante da vogal de ligação se abrevia em *s-*: *(e)s-ũ-mus* > *sumus* [somos]; seu composto *pote-sumus* > *possumus* [podemos]

Normalmente, *ed-ĩ-mus* > *edimus* [comemos] apresenta só a forma com vogal de ligação, como *fer-ĩ- mus* > *ferīmus* [portamos] e *fer-ĩ-mur* > *ferimur* [somos portados]

O tema *uel-ũ-mus* > *uolumus* [queremos] pela mudança do *l* em palatal; seus compostos *nolle* e *malle* têm respectivamente a forma *nolumus* e *malumus*

O tema *ey-mus* > *īmus* [vamos]

- 2ª pessoa do plural

A desinência ativa é -tis, a desinência médio/passiva é -mini, habitualmente precedidas da vogal -i-:

amā-tis > *amatis* [amais], amā-mini > *amāmini* [sois amados], delētis [destruis], *delemini* [sois destruídos], audītis [ouvis], *audīmini* [sois ouvidos], *capītis* [tomais], *capī-mini* > *capīmini* [sois tomados], lĕg-ī- tis > *legītis* [ledes] e leg-ī-mur > *legīmini* [sois lidos], com vogal de ligação como metū-ī- tis > *metuitis* [tememos] e metū-i mini > *metuīmini* [sois temidos].

Tema **es-**: es-tis > *estis* [sois]; seu composto pote-estis > *potestis* [podeis]

Tema **ed-** tem duas formas: ed-ī-tis > *editis* [comeis] e ed-tis > *estis* por dissimilação, Tema **fer-** não tem vogal de ligação diante de t: fer-tis > *fertis* [portais] mas fer-ī-mini > *ferimini* [sois portados]

O tema **uel-** tis > *uoltis/uultis* [queremos] pela mudança do l em palatal; seus compostos *nolle* e *malle* têm respectivamente a forma *non uultis* e *mauultis*

O tema **ey-** tis > *ītis* [vades]

- 3ª pessoa do plural

A desinência ativa é -nt, a desinência médio/passiva é -ntur, habitualmente precedidas da vogal de ligação -ū- quando necessário:

amā-nt > *amant* [amam], amā-ntur > *amāntur* [são amados], *delēnt* [destroem], *delentur* [são destruídos]; com a vogal de ligação temos audī-ū-nt > *audiūnt* [ouvem], audī-ū-ntur > *audiuntur* [são ouvidos], *capī-ū-nt* > *capīunt* [tomam], *capī-ū-ntur* > *capīuntur* [são tomados], lĕg-ū-nt > *legūnt* [lêem], lĕg-ū-ntur > *legūntur* [são lidos], metū-ū-nt > *metuunt* [temem] e metū-ū-ntur > *metuuntur* [são temidos].

O tema **es-** diante da vogal de ligação se abrevia em s-: (e)s-ū-nt > *sunt* [são]; seu composto pote-sunt > *possunt* [podem]

Normalmente, ed-ū-nt > *edunt* [comem] apresenta só a forma com vogal de ligação, como fer-ūnt > *ferūnt* [portam] e fer-ū-ntur > *feruntur* [são portados]

O tema uel-ŭ-nt > *uolunt* [querem] pela mudança do l em palatal; seus compostos nolle e malle têm respectivamente a forma *nolunt* e *malunt*

O tema ey- ŭ-nt > *eunt* [vão] com a apócope do y entre vogais.

1-4- Conclusão ao estudo das formas de presente de indicativo.

Por ser a forma que apresenta o tema sem sufixo temporal, a variedade dos temas (e em particular os temas-raízes) faz que as modificações fonéticas se concentrem sobre as formas desse tempo. Encontraremos nos outros tempos e nos outros modos poucos problemas fonéticos; e esses serão constantes em todo o paradigma.

2- O FUTURO INFECTUM E AORISTO/PERFECTUM

A tripartição do tempo em passado, presente e futuro parece evidente dentro do âmbito da ação e da vida e comodamente expressa pelos tempos do indicativo. No entanto já vimos que o ato expresso no presente nem sempre corresponde a um fato atual, isto é, realizado no momento em que estou falando. Ora, os tempos gramaticais do indicativo denominados um simplesmente futuro e outro futuro do pretérito, formados respectivamente sobre os temas de infectum e de aoristo/perfectum tampouco apresentam, nem como aspecto, nem como modo, nem como tempo, um campo semântico sem ambiguidade.

2-1- A noção de futuro.

Só existe futuro em relação ao presente do narrador. Habitualmente o que consideramos tempo futuro é o tempo que segue o momento que estamos vivendo; partimos do presente para antecipar sobre acontecimentos que estão por vir. O enunciado sobre esses acontecimentos caracteriza-se pela sua inverificabilidade no presente do falante: são projetados para frente, dentro de um esquema de eventualidade. Mas veremos que o que marca realmente a eventualidade são formas de “subjuntivo”, “subjuntivo presente” e “subjuntivo perfeito”, que representam realmente um modo individualizado, o modo eventual.

Entre futuro e eventual existe uma diferença essencial: o eventual enuncia um fato considerado com realizável mas não descarta outros fatos realizáveis; deixa em aberto a apreciação sobre a realização efetiva do acontecimento. O futuro, por sua vez, apresenta como segura a realização do fato a vir. Descarta qualquer dúvida sobre a realização desse ato. Só sobra a possibilidade desse acontecimento vir a ser ou não vir a ser, pois, -é proverbial-ninguém é dono do futuro. Quando afirmo “Amanhã, irei para São Paulo”, ou “O ano que vem, trocarei meu carro”, claro que algo pode acontecer que me impeça de realizar meu projeto, mas afirmo que este é realmente meu projeto para amanhã ou para o ano próximo. É evidente que se sub-entende que este projeto está submetido a circunstâncias externas que podem intervir para fazer obstáculo à sua realização. Entre o enunciado do ato e sua realização efetiva destaca-se nitidamente a diferença que existe entre o acontecimento e o ato de fala. Pois a realização do ato é do domínio do acontecimento, objetivo e externo, independente da vontade e fora do alcance do falante; este só tem poder sobre o enunciado, isto é, sobre o que ele diz do acontecimento. Assim, colocando de lado os empecilhos imprevisíveis, apresenta o fato como algo real, como devendo realizar-se efetivamente,

tornando-se o sujeito do enunciado -que é também o sujeito gramatical- responsável pela realização do ato.

Em consequência, segundo a pessoa sujeito do verbo no futuro, denotamos conotações diferentes na apreensão pelo falante do ato enunciado. Queremos dizer que, se por uma parte toda ação é entendida como havendo de se realizar no futuro, por outra parte as intenções do falante são diferentes quando a realização depende de mim/nós, de ti/vós ou de ele/eles. Sempre se trata de uma antecipação da ação em relação ao presente. Mas um futuro expresso na primeira pessoa sugere muitas vezes o engajamento do falante, uma promessa, uma decisão.

Tametsi fur es, molestus non ero. (Plt., Aul., 768)

Embora sejas ladrão, não serei desagradável.

Hoc argentum alibi abutar. (Plt., Pers., 262)

Gastarei este dinheiro em outro lugar.

Na segunda pessoa, coloca o interlocutor em situação de realizar o ato e configura muitas vezes uma obrigação para ele:

Sed ualebis meaue negotia uidebis meque, dis iuuantibus, ante brumam expectabis.

(Cíc., Fam., VII,20,2)

Mas estarás em boa saúde, cuidarás dos meus negócios e, com a ajuda dos deuses me esperarás antes do inverno.

ou um conselho mais ou menos imperativo:

Praestabis parentibus pietatem, cognatis indulgentiam, amicis fidem, omnibus aequitatem. (Sên., de Mor., 30)

Mostrarás respeito para com teus pais, indulgência para com teus irmãos, fidelidade para com teus amigos, equidade para com todos.

A mesma conotação de aconselhamento pode figurar também na terceira pessoa; Catão usa o futuro, tanto quanto o imperativo ou o eventual quando dá conselhos de gerência ao dono da fazenda:

Pater familias, ubi ad uillam uenit, ubi larem familiarem salutauit, fundum eodem die, si potest, circumeat; si non eodem die, at postridie. ubi cognouit, quo modo fundus

cultus siet, ..., postridie eius diei uilicum uocet, roget quid operis siet factum, quid restet... (Cato, Agr.,2,1)

O chefe de família, quando chega à fazenda, quando saudou o Lar familiar, percorra seu fundo o mesmo dia, se pode; se não o mesmo dia, o dia seguinte. Quando conheceu de que modo o fundo seja cultivado....o dia seguinte chamará o administrador, perguntará que do trabalho esteja sendo feito, que reste... (*circumeat* é um eventual que se contrapõe aos futuros *uocet, roget*)

:

A realização do processo, na medida em que pertence a um porvir, não é verificável imediatamente. Sua atualização está em suspenso; o futuro antecipa a efetivação do processo, mas a situa como real e verificável dentro de um tempo determinado, geralmente definido pelo enunciado por meio de advérbio de tempo, de oração temporal, ou do contexto geral do discurso. É uma antecipação sobre a realização efetiva do ato em questão. Sua âncora com a realidade em relação ao falante e ao momento vivido é perfeitamente estabelecida por quem fala e aceita como tal pelo ouvinte.

Tanto o futuro do infectum quanto o futuro do aoristo e do perfectum têm essas características, ressalvados os significados determinados pelo aspecto ao qual pertencem respectivamente.

2-2- O valor aspectual do futuro.

Segundo A. Meillet (1953, p. 191) não existia forma de futuro no indo-europeu; havia o desiderativo, considerado como modo assim como o subjuntivo, o indicativo e o optativo. O desiderativo expressaria o desejo ou a intenção, o subjuntivo, a eventualidade ou a vontade, o optativo a possibilidade ou o voto. O futuro como tempo do indicativo parece ter aparecido recentemente. Em grego, a formação do futuro o aproximou do aoristo. O desiderativo era marcado por um sufixo comportando o som *-s-*. É esse sufixo que o grego usou para o futuro, acrescentado ao tema de aoristo. Assim temos sobre o tema *-γν-* o presente *γίγνομαι*, o aoristo *ἔγενόμην*, o futuro *γενήσομαι*; sobre o tema *-θη-* o presente *τίθημι*, o aoristo *ἔθηκα*, o futuro *θήσω*; sobre o tema *-νικά-* o presente *νικάω*, o aoristo *ἐνίκησα*, o futuro *νικήσω*.

Essa formação parece sugerir que o ato expresso no futuro tem essencialmente um valor de aoristo. Essa interpretação parece ser a de Mellet, inclusive para o futuro do infectum do latim. Mas, será que o ato enunciado no futuro não pode designar um ato em processo e

que o ato diferido só pode ser entendido na sua globalidade? O que parece impedir uma percepção clara do valor de aspecto infectum no futuro é que as línguas modernas opõem a forma sintética do infectum à forma composta do perfectum; essa última só pode expressar o ato acabado ou o resultado desse ato colocado como anterior a um momento determinado pelo contexto: “Amanhã, antes do pôr do sol, terei arado esse campo.” O marco considerado é o pôr do sol de amanhã; antes desse marco, será cumprido o trabalho programado. Assim em Plauto *cruciauro* e *misero* marcam a anterioridade em relação aos futuros *praedictent* e *intererit*

*Quando ego te exemplis pessumis cruciauro
atque ob sutelas tuas te morti misero,
uel te interiisse uel periisse praedictent;
dum pereas, nihil intererit: dicant uiuere.* (Plt., Cap., 620)

Quando eu te terei jogado nas piores torturas e te terei mandado à morte por causa de tuas astúcias, dirão ou que morreste ou que pereceste; contanto que pereças, não importará que digam que estás vivo.

Mas nas nossas línguas, como as formas compostas só podem expressar o perfectum, o futuro simples suporta necessariamente os dois significados. “Chegarei antes das dez.” é certamente um aoristo, mas “Durante o dia lerei esse livro” é um infectum que podemos desenvolver como “ficarei lendo” ou estarei lendo”. Para insistir sobre esse valor de processo em realização costumamos usar esses auxiliares, no entanto eles não são indispensáveis. Em latim, o ato enunciado no futuro do infectum admite com certeza uma visão de permanência no ato. Quando Cícero, na segunda Filípica, opõe sua ação passada contra Catilina, expressa na sua globalidade, isto é, com o aoristo, à sua atitude futura, que exigirá esforço e constância, sem dúvida, apresenta essa última como processo em desenvolvimento e marca a permanência dentro do ato a vir:

*Defendi rem publicam adulescens, non deseram senex: contempsisti Catilinae gladios,
non pertimescam tuos.* (Cic., Phil., 2,118)

Defendi o estado, quando adolescente, não desertarei quando velho: desprezei as espadas de Catilina, não terei medo das tuas.

Mas é como aoristo que se deve entender a forma do futuro sobre o tema de aoristo/perfectum frequentemente usado de Plauto a Cícero e que traduzimos como um futuro do infectum por deficiência nas nossas línguas de outro meio de expressão.

*quid? contraxistis frontem, quia tragoediam
dixi futuram hanc? deus sum, commutauero.
eandem hánc, si uoltis, faciam ex tragoedia
comoedia ut sit omnibus isdem uorsibus.* (Plt., Amph, 57)

Quê? Franzistes a testa, porquanto eu disse haver de ser uma tragédia? Sou um deus, mudarei. Esta mesma, se quereis, de tragédia a farei comédia de modo a que seja com todos os mesmos versos.

“*commutauero*” opõe-se claramente a “*faciam*”; o primeiro verbo cita simplesmente a ação; não interessa o processo; interessa o ato. O segundo expressa o processo: parte de um estado, uma tragédia, para chegar a outro estado, uma comédia. Nós usamos a mesma forma, o latim não. E isso permite um texto muito mais expressivo e mais rico de significados.

Não resta dúvida que o valor aspectual do futuro nem sempre é nítido. Concluimos à incerteza em várias oportunidades da atribuição das formas a um aspecto. A atribuição dessa forma a um ou outro aspecto e a interpretação do seu valor exigirá sempre uma observação cuidadosa do contexto e o respeito das intenções do autor.

2-3- O valor modal do futuro.

No infectum, existem duas formações para o futuro: uma apresenta características de eventual, outra tem origem numa forma perifrástica, que colou os dois elementos, do mesmo modo que o que aconteceu com os futuros das línguas neolatinas.

O que caracteriza a forma do eventual é o acréscimo de uma vogal longa ao tema do infectum, formação que encontramos também no grego e que tem sua origem no indo-europeu. O eventual infectum usou geralmente a vogal longa **-ā-**; o futuro, fora da primeira pessoa do singular, idêntica ao eventual, usou a vogal longa **-ē-**. No entanto, para os temas que apresentam **-ā-** e **-ē-** no tema de infectum (**amā-** e **delē-**), e que usam para o eventual respectivamente a vogal **-ē-** (*amēm, amēs*) e **-ā-** (*deleām, delēas*) a confusão possível com o presente do indicativo ou com o eventual levou a língua a recorrer à raiz do verbo indo-europeu ***bh-** que serviu de tema de aoristo/perfectum do verbo *esse* [ser/estar], e nesse caso de verbo auxiliar; formou uma perífrase de tipo: estar por fazer. Podemos comparar essa formação com a dos futuros das línguas modernas que juntaram o presente de haver com o infinitivo do verbo: hei de amar > amar-ei > amarei, etc. A junção desse auxiliar com o tema

deu os futuros dos temas em -ā- e em -ē-, constituindo temas em consoante: amā- > amāb- e delē- > delēb-: *amābō, amābīs* [amarei, amarás], *delēbō, delēbīs* [destruirei, destruirás].

A necessidade de fazer a distinção entre as formas do futuro e as do eventual reforça o sentimento que essas duas noções expressam duas idéias diferentes, independentes uma da outra; são valores distintos embora próximos, cuja diferenciação é indispensável à expressão das intenções do discurso.

2-4- Os usos do futuro.

O tempo gramatical futuro expressa um acontecimento a vir. Toma o presente como ponto de partida para enunciar algo que acontecerá depois do momento que estamos vivendo. É uma antecipação de um ato cuja realização é considerada como certa e objetiva pela pessoa que fala. Tentamos mostrar que segundo a relação do falante com a pessoa que ele coloca como sujeito da ação, as intenções do enunciado tendem a adquirir conotações específicas, em particular quando o ato implica o interlocutor, isto é, o sujeito gramatical é a segunda pessoa. Matizes diferentes também são implicadas pelo tipo de enunciado, isto é, se se trata de um enunciado afirmativo ou interrogativo.

2-4-1- Enunciado de carácter geral:

- o enunciado no futuro implica um ato verificável no passado e no presente e projetado no futuro:

Vitia erunt, donec homines. (Tac., Hist., 4,74)

Os vícios existirão enquanto existirem os homens.

- O ato futuro é consequência de uma verdade permanente (expressa no presente)

Virtus est per se ipsa laudabilis et sine ea nihil laudari poterit. (Cíc., de Orat., 2,343)

A virtude é por si mesma louvável e sem ela nada poderá ser louvado.

2-4-2- Antecipação de um acontecimento a partir de uma observação atual

- uma previsão

Pluet credo hercle hodie. (Plt., Curc., 131a)

Choverá hoje, creio, por Hércules.

- projeto (o momento de sua realização é expresso pelo contexto)

Hoc argentum alibi abutar. (Plt., Pers., 262)

Usarei este dinheiro de outro modo (projeto)

Auctio fiet Menaechmi mane sane septimi.

uenibunt serui, supellex, fundi, aedes, omnia.

uenibunt quique licebunt, praesenti pecunia. (Pl., Men., 1064)

Com certeza, a venda de Menechmo se fará daqui a sete dias de manhã. Serão vendidos os escravos, a mobília, as terras, as casas, tudo. Serão vendidos, qualquer que seja a avaliação, por dinheiro vivo. (anúncio de ações que se cumpriram de hoje a sete dias.)

- uma promessa, sobre tudo na primeira pessoa: é o caso de *faciam*, na frase seguinte.

Quamquam istud mihi erit molestum triduum, et damnum dabis,

faciam. (Plt., Cist., 106)

Embora por três dias isso me será incômodo, e me darás prejuízo, o farei.

2-4-3- Acontecimento futuro condicionado por outro.

sin uenibunt, quid fieri possit uidebimus. (Cic., Att., XII, 38a,2)

Se não venderão, veremos o que possa ser feito. (*uenibunt*, precedido de *si*, marca uma situação concreta, colocada como ponto de partida de uma decisão, *uidebimus*, um projeto)

cape, obsecro hercle, cum eo una iudicem

(sed eum uideto ut capias, qui credat mihi):

tam facile uinces quam pirum uolpes comest. (Plt., Most., 557-9)

Toma, por favor um juiz junto com ele, (mas vê a tomar um que acredite em mim):

Vencerás tam fácil quanto uma raposa que come uma pera.

2-4-4- A segunda pessoa coloca o interlocutor em situação de realizar o ato enunciado, denotando

- um conselho

Pacem habebis cum hominibus cum uitiiis bellum. (Sên., De Mor., 34)

Terás paz com os homens, guerra com os vícios. (conselho de âmbito geral; a segunda pessoa designa de fato qualquer um)

Si sapitis, uxor, uos tamen cenabitis, (Plt., Cas., 780)

Se tendes bom senso, minha esposa, vós jantareis.

- uma ordem

Haud facies neque sinam (Ter., Hec., 590)

Não o farásnem o permitirei.

- uma ameaça

Hercle vero tu cavebis ne me attingas, si sapis... (Plt., As., 373)

Por Hércules, bem cuidarás de não me atingir, se tens bom senso...(ameaça)

2-4-5- Na primeira pessoa, sob forma de interrogação, o futuro pode marcar hesitação e perplexidade:

Quid loquar? quid fabulabor? quid negabo? aut quid fatebor? (Plt., Capt., 535)

Que direi? Que inventarei? Que negarei? Ou que confessarei? /admitirei/

2-4-6- Numa narrativa de acontecimentos passados, o autor, deslocando o marco temporal anuncia, omnisciente, os acontecimentos a vir, isto é, o que vai contar depois, numa intenção de aguçar a curiosidade do leitor. A intenção de atualização é marcada pelo demonstrativo *hic*, ligado à primeira pessoa.

Annus hic erit insignis noui hominis consulatu. (Liv.,VII,1,1)

Este ano será notável pelo consulado de um homem novo.

2-4-7- Os futuros do perfectum e do aoristo, além dos usos expostos acima podem ter valores específicos relativos ao seu aspecto.

2-4-7-1- Aoristo: o aoristo futuro *cenauero* indica a ação global em oposição ao desenvolver da ação dos dois outros futuros.

Si sapitis, uxor, uos tamen cenabitis,

cena ubi erit cocta; ego ruri cenauero. (Plt., Cas., 780)

Se tendes bom senso, minha esposa, vós ficareis jantando, quando o jantar estará cozido; quanto a mim, jantarei no campo.

2-4-7-2- Perfectum: marca a ação acabada antes de outra; as duas projetadas no futuro.

*ego huc quod ueni in urbem si impetrauero,
uxorem ut istam ducam, quam tu deperis,
bellam et tenellam Casinam, conseruam tuam,
quando ego eam mecum rus uxorem abduxero,
ruri incubabo usque in praefectura mea.* (Plt, Cas., 18)

Eu, aqui., quando terei concluído o que vim fazer na cidade, casarei com essa bela e tenra Casina, que tu amas loucamente e que serve contigo, quando eu terei levado minha esposa ao campo comigo, ficarei então no campo, chocando, em meu governo.

(intenção do falante: *ducam* e *incubabo*, atos que hão de se realizar depois dos atos *impetrauero* e *abduxero*)

2-5-As formas de futuro.

O latim apresenta formas para o futuro do infectum, e para o futuro do aoristo/perfectum

2-5-1- Futuro infectum.

Como foi dito anteriormente temos duas formas para o futuro do infectum, formadas sobre o tema de infectum. Temos que distinguir as formas de futuro dos temas em -ā- e em -ē- das dos outros temas.

- formas de futuro dos temas em -ā- e em -ē-: seus temas de futuro têm como origem a junção de um auxiliar de raiz *bh- ao tema de infectum. As desinências são as desinências normais, acrescentadas a um tema em consoante, isto é, precedidas da vogal de ligação -ī- em toda a flexão, -ū- diante de -nt; a primeira pessoa apresenta o -ō do presente: *amābō* [amarei], *amab-ī-s* > *amābīs* [amarás], etc., *amāb-u-nt* > *amābunt* [amarão], *delēbō* [destruirei], *delēb-ī-s* > *delēbīs* [destruirás], etc., *delēb-u-nt* > *delēbunt* [destruirão].

- formas de futuro dos outros temas: usam a vogal longa como marca de futuro acrescentada ao tema de perfectum com a desinência -m para a primeira pessoa do singular. A vogal é -ē- para todas as pessoas menos a primeira do singular que apresenta o mesmo -ā- que o eventual: *capī-ā-m* > *capiam* [tomarei], *capī-ē-s* > *capiēs* [tomarás], *capiet*, *capiēmus*, *capiētis*, *capiēnt*,

leg- ā-m > *legam* [lerei], leg-ē-s > *legēs* [lerás], etc., metū-ā-m > *metuam* [temerei], metū-ē-s > *metuēs* [temerás], etc., audī-ā-m > *audiam* [ouvirei], audī-ē-s > *audiēs* [ouvirás].

No entanto, pode encontrar-se a forma em **-b-** com esse último tema, na fala popular, recusada pelos autores do período clássico: *audībō*, *audībīs*. Só permaneceu no tema **ey-** [ir] cujo futuro é ey-b-ō > *ībō* [irei, ey-b-ī-s > *ībis* [irás], ey-b-ū-nt > *ībunt* [irão].

- O tema **es-** [ser] forma seu futuro sem nenhum acréscimo nem de vogal longa, nem de auxiliar (seu significado o dispensava); acrescenta a desinência precedida de vogal de ligação ao tema na sua forma completa, o que determina modificações fonéticas (o rotacismo do **-s-** intervocálico): es-ō > *erō* [serei], es-ī-s > *eris* [serás], *erit*, *erimus*, *eritis*, *erunt*.

2-5-2- As formas médio/passivo: no infectum, são simplesmente marcadas pela desinência médio/passiva no lugar da ativa:

amā-b-ō-r > *amābor* [serei amado], *amāberis*, *amabitur*, etc., *delēbor*, etc.

capi-ā-r > *capiar* [serei tomado], *capiēris*, *capiētur*, *capiēntur*, *audiar* [serei ouvido], *audiēris*, *audiētur*, etc., metu-ā-r > *metuār* [serei temido], *metuēris*, *metuētur*, etc., leg-ā-r > *legar*, *legēris*, *legētur*, etc.; e sequar [seguirei], *sequēris*, *sequētur* de verbo normalmente médio.

2-5-3- Forma do futuro do aoristo/perfectum ativo.

É formado sobre o tema de aoristo/perfectum mais as desinências precedidas da vogal de ligação; para a terceira pessoa do plural a vogal de ligação é também -ī- para evitar a confusão com a terceira pessoa do plural do pretérito perfeito: amāu-īs-ō > *amāuerō* [amarei⁹⁵, terei amado], *amaueris*, *amauerit*, *amauerimus*, *amaueritis*, ***amauerint***.

cēp-īs-ō > *ceperō* [tomarei, terei tomado], *ceperis*, *ceperit*, *ceperimus*, *ceperitis*, *ceperint*.; lēg-īs-ō > *legerō* [lerei, terei lido], *legeris*, *legerit*, *legerimus*, *legeritis*, *legerint*; audīu-īs-ō > *audiuerō* [ouvirei, terei ouvido], *audiueris*, *audiuerit*, *audiuerimus*, *audiueitis*, *audiuerint*; metū-īs-ō > *metuerō* [temerei, terei temido], *metueris*, *metuerit*, *metuerimus*, *metuetitis*, *metuerint*.

95 Não temos outra forma de expressar o futuro aoristo

A evolução fonética que abreviou frequentemente as vogais em fim de palavra acabou confundindo as formas deste paradigma com as do eventual perfeito, a não ser na primeira pessoa do singular. A proximidade de significado completou muitas vezes a indiferenciação das duas formas.

2-5-4- Formas do futuro do aoristo/perfectum médio/passivo

É uma forma perifrástica formada com o futuro do verbo *esse* acompanhado do participípio passado do verbo: *secutus ero* [terei seguido], forma média (infinitivo *sequi*) *amatus ero* [serei amado], forma passiva (infinitivo ativo *amare*)

2-5-5- Futuro: forma sigmática do futuro.e seu significado

São formas bastante rara que lembram a formação do futuro grego. São caracterizadas geralmente pelo acréscimo do sufixo **-s-** diretamente à raiz do verbo, sem sufixo: *cap-sō* > *capsō* [terei tomado], *dic-sō* > *dixō* [terei dito], *fac-sō* > *faxō* [terei feito]. Analogias ou confusões criaram formas sobre temas de aoristo/perfectum: *accepsō* [terei recebido], *effexis* [terás acabado], ou assimilaram essas formas a outras formas da flexão verbal (infinitivo perfectum, por exemplo) como *amā-* > *amassō* [terei amado]. A forma mais comunmente usada é *faxo*.

Em oração independente o significado é de aoristo. Em subordinada predomina a noção de anterioridade.

3- OS TEMPOS DO PASSADO NO INDICATIVO

O enunciado no presente refere-se normalmente ao momento vivido, o enunciado no futuro ao momento que o segue. O primeiro coloca o acontecimento do qual fala como um fato imediatamente verificável; o segundo pressupõe que o acontecimento se tornará realidade objetiva dentro de um tempo que o contexto precisa ou sugere. A noção de aspecto referente ao presente e ao futuro do indicativo deixa às vezes dúvidas sobre sua interpretação. Presente e futuro são construídos sobre temas de infectum. E é esse aspecto que o presente do indicativo assume geralmente. Mas vimos que deriva às vezes para significados de aoristo; o fato futuro, por designar um fato cuja realização está suspensa, prorrogada, o entendemos muitas vezes como evocado globalmente e não como processo em desenvolvimento.

Presente e futuro implicam a atualidade do sujeito; o futuro expressa um ato em projeção que depende do presente para poder realizar-se. O passado não tem a mesma presença que o momento em que estamos vivendo, falando, agindo. Podemos agir sobre o presente, mais ainda sobre o futuro; do passado, só se pode falar. É uma realidade em si, que sentimos como objetiva. A única coisa que está a nosso alcance é a visão que podemos ter de um acontecimento passado e o que temos a dizer dele. O narrador, ao contar um fato que aconteceu, transfere a ação para um momento do passado, mais ou menos definido e datado pelo contexto, e esse momento passa a ser o marco referente do enunciado. A partir daí coloca esse fato numa perspectiva escolhida em função de sua apreensão do acontecimento e da impressão que deseja produzir sobre seu interlocutor. É no enunciado no passado que os três aspectos vão ser denotados com mais clareza: com o imperfeito, ele convida o ouvinte a acompanhar o ato no seu desenvolvimento, com o perfeito a aceitá-lo na sua globalidade ou a encarar sua realização completa e possivelmente seu resultado, com o mais-que-perfeito a considerá-lo como completamente realizado num momento posterior a efetivação da ação que evoca. Nesse ato de fala intervém toda classe de intenções; trata-se de lembrar, de descrever, de persuadir, de impressionar. O uso dos diferentes aspectos em um texto, ou em uma mesma frase permite relações significantes entre os diversos atos evocados como por exemplo entre o perfectum e o infectum:

Ratio, cum adoleuit et perfecta est, nominatur sapientia. (Cíc. N. D. 2,32)

A razão, quando se desenvolveu e aperfeiçoou, é chamada sabedoria.

O desenvolvimento acabado da razão explica o nome que lhe é dado.

O aoristo se contrapõe ao perfectum numa narração marcando a sucessão dos acontecimentos no tempo:

Palatium primum, in quo ipse erat educatus, muniit. (Liv., I.,7.,4)

Primeiro fortaleceu o Palatino onde ele mesmo fora criado.

No exemplo seguinte, o aoristo *dedit* marca a ação realizada pelo rei, vista como global contra a constatação de experiência enunciada por *poterat coalescere*; só as leis permitem a coesão de um povo:

Rebus diuinis rite perpetratis uocataque ad concilium multitudine quae coalescere in populi unius corpus nulla re praeterquam legibus poterat, iura dedit... (Liv., I.,8.,1)

Uma vez acabados segundo os ritos os sacrifícios aos deuses e convocada ao conselho a multidão que não podia fundir-se em um corpo de um único povo por meio de nada a não ser do direito, proferiu as leis...

A idéia de pretérito -de passado- é marcada pelo sufixo **-ā-**, que figura no imperfeito e no mais que perfeito. O “perfeito” do indicativo não o comporta. Apresenta desinências próprias que o caracterizam mais como aoristo do que como tempo do passado. Na realidade, dentro dos significados do aoristo, o que subsistiu no latim é o do aoristo enquadrado; é usado para expressar a ação global e não a ação em processo ou a ação completa dentro do enunciado narrativo de um fato passado.

3-1- O IMPERFEITO DO INDICATIVO

O imperfeito do indicativo é formado sobre o tema de infectum e assume todas as características desse aspecto. O verbo no imperfeito evoca um processo em desenvolvimento, sem que seja marcado um começo ou um fim para sua realização. A ação da qual se fala se desenvolve dentro desse processo e se apresenta na sua execução::

Hoc equidem occasum Troiae tristisque ruinas

Solabar fatis contraria fata rependens.. (Verg., En., 238-239)

Por mim, consolava-me desta queda de Troia e de suas tristes ruínas, compensando esses destinos por destinos contrários.

Vênus estava numa certa situação: penalizada pela perda de Troia, esperava que a sorte dos troianos mudasse; no meio dessa esperança, é acometida do temor que suas esperanças fossem vãs.

- *Ad Apii Claudii senectutem accedebat etiam ut caecus esset.* (Cíc., C.M.,16)

À velhice de Ápio Claudio juntava-se ainda que fosse cego.

A velhice e a cegueira de A. Claudio são fatos de experiência, vistos na sua permanência. No momento do qual se está falando, a ação existe anteriormente, continua produzindo-se e prossegue depois desse momento; não há ruptura no desenvolver da ação.

Nunc quidem deleta est, tunc florebat. (Cíc., Lae., 13)

Hoje, na certa, está destruída, então, estava florescente.

Temos aqui a oposição de dois fatos vistos na sua permanência: *deleta est*, como perfectum expressa o resultado da ação, resultado presente implicado pelo advérbio, e pode ser entendido como o verbo *esse* no presente do indicativo acompanhado de um predicativo; os dois verbos expressam a permanência do processo, sem marco para o começo nem para o fim; a riqueza da cidade teve um fim, não previsível no presente de quem vivia nela..

De fato, no imperfeito a duração do fato não é datada nem limitada; o que importa é sua continuidade. A falta de limitação deixa a possibilidade de uma mudança de condição do fato evocado. Tem uma parte de virtualidade num acontecimento tomado no seu desenvolver. O imperfeito permite a inflexão do acontecimento: não é o que estava esperado que vai necessariamente acontecer:

Tametsi ab duce et a fortuna deserebantur, tamen omnem spem salutis in uirtute ponebant. (Cés., B.,Gal., 5,43,2)

Ainda que eram abandonados pelo chefe e pela sorte, no entanto punham na coragem toda a esperança de salvação.

O abandono deveria desesperar os soldados; no entanto reagem.

Essa possibilidade aberta pelo imperfeito de uma mudança no curso esperado dos acontecimentos permite expressar às vezes a surpresa ou a decepção em relação a algo prometido e não cumprido:

eheu, quid faciant, dic, homines, cuive habeant fidem?

certe tute iubebas animam tradere, inique, me

inducens in amorem, quasi tuta omnia mi forent.

idem nunc retrahis te ... (Cat.,30,6-9)

Ai! Que podem fazer, diz, os homens ou em quem ter fé? Com certeza tu mesma, injusta, me ordenavas entregar-te a alma, induzindo-me ao amor, como se tudo me fosse seguro, e agora do mesmo modo te retrais...

O amante opõe o que a atitude primitiva da amada prometia ao que está acontecendo no momento.

A ação enunciada no imperfeito coloca-se dentro desse processo num momento qualquer. Uma parte do processo já está realizada, nem que seja um mínimo, a outra está para se realizar. Quando marca a entrada na ação, já uma parte dessa ação está realizada, quando marca o acabamento, a maior parte do processo já se realizou. Há um deslocamento do referente temporal para o passado. No entanto, a datação é um problema de contexto. Não pertence à forma verbal em si: o acontecimento pode ser datado por meio de advérbios de tempo, ou de orações subordinadas, mas o verbo no imperfeito só situa a ação no passado, sem determinação de época. É um processo aberto que, tendo começado no passado, pode permanecer até o presente. Além disso, encontramos frequentemente a oposição do imperfeito com o perfeito numa narração. De fato, a ação passada, vista na sua globalidade, encaixa-se num momento dado do relato cujas circunstâncias explicam ou situam essa ação.

3-1-1- Uso do imperfeito.

- Descrição

Erat hiems summa, tempestas, perfrigida, imber maximus. (Cic. Verr., IV,86)

Era pleno inverno, tempestade, muito frio, o maior aguaceiro

-Processo permanente

Summa erat in eo oppido facultas (Ces. B.Gal.,1,30,3)

Nesta fortaleza havia a maior abundância

- Processo em desenvolvimento

Nunc iter conficiebamus aestuosa et puluerulenta uia. (Cic., At.,V, 14,1)

Então completávamos a viagem por uma estrada quente e poeirenta.

A nullo uidebatur, ipse autem omnia uidebat. (Cíc., Of., 3,38)

Não era visto por ninguém, mas ele mesmo via tudo.

- Entrada no ato

Horum uocibus ac timore paulatim etiam ii qui magnum in castris usum habebant, milites centurionesque quique equitatu praerant, perturbabantur. (Ces. B.Gall., I,39,5)

Com os gritos e o temor destes, pouco a pouco estavam ficando abalados até os que tinham um grande prática na guerra, os soldados e os centuriões e os que comandavam a cavalaria.

Os dois imperfeitos (*habebant* e *praerant*) marcam a ação vista no seu desenvolver, o último (*perturbabantur*) além da permanência, a entrada na ação.

- repetição da ação

Eorum principes donis pollicitationibusque alliciebat. (Ces. B.Gall., 7,31)

Procurava aliciar-lhes os chefes por presentes e promessas.

- Ação que permanece até o momento atual.

O que é notável é que todas as ações marcadas pelo imperfeito não são sentidas como limitadas dentro do tempo; que enunciem um fato passado, que coloquem esse fato como começando ou se repetindo, não é só sua extensão e seu desenvolvimento que estão em pauta, mas o fato que elas não têm limite que lhes marque o acabamento. Isto é particularmente visível quando se trata de uma ação passada que continua valendo no presente:

(...) pro mea parte adiui, ut senati consulto meus inimicus, quia tuus frater erat, subleuaretur (Cic., Fam.5,2)

Quanto a mim, ajudei para que por meio de um senatusconsulto fosse socorrido meu inimigo porque ele era teu irmão (e continua sendo teu irmão).

- Na narração destaca-se a oposição do imperfeito com o aoristo:

Lucius Catilina, nobili genere natus, fuit magna ui et animi et corporis, sed ingenio malo prauoque. Huic ab adulescentia, bella intestina, caedes, rapinae, discordia ciuilis grata fuere, ibique iuuentutem suam exercuit.... Vastus animus immoderata, incredibilia, nimis alta semper cupiebat. (Sal., Cat.,5)

Lúcio Catilina, nascido de nobre família, foi de grande força moral e física, mas de gênio mau e depravado. Desde a adolescência foram-lhe agradáveis as guerras intestinas, os crimes, as rapinas, as discórdias civis, e nisso exercitou sua juventude... Seu ânimo insaciável desejava sempre o imoderado, o incrível, o excessivamente elevado.

Nesse texto, Salústio opõe o caráter de Catilina, apresentando globalmente seus instintos por meio de perfeitos, aos desejos que resultavam em atos vistos na sua extensão. A intenção do autor é sublinhar quanto perigosas eram as atitudes adotadas por esse filho de família nobre que dava toda vazão aos seus piores instintos.

3-1-2- Forma do imperfeito

3-1-2-1-Voz ativa

O imperfeito é caracterizado pelo sufixo **-ā-** seguido das desinências pessoais (mas com **-m** na primeira pessoa do singular). No entanto esse sufixo só se encontra tal qual no verbo *esse*, acrescentado ao tema sonântico **es-**, determinando as acomodações fonéticas de praxe: *es-ā-m* > *eram* [eu era], *es-ā-s* > *erās* [tu eras], etc.

Todas as outras formas são o resultado de uma composição do tema do infectum e do auxiliar indo-europeu já visto ***bh-** que em meio de palavra se resolveu em **-b-** precedido de um **-ē-** em todos os temas em soante e consoante.

Temos então a composição: *amā-b-ā-m* > *amābam* [eu amava], *delē-b-ā-m* > *delēbam* [destruía], *leg-ē-b-ā-m* > *legebam* [líia] *capī-ē-b-ā-m* > *capīēbam* [tomava], *audi-ē-b-ā-m* > *audiēbam* [ouvía], *metū-ē-b-ā-m* > *metuēbam* [temia].

A formação do imperfeito não apresenta praticamente problemas fonéticos. Só a forma *eram* do verbo *esse*, já vista, apresenta formação particular; acrescentaremos a modificação do tema **uel-**, que adquire no imperfeito a forma **uol-** por razões fonéticas (tema em **-L-** seguido de um **-ē-** longo): *uel-ē-b-ā-m* > *uolēbam* [queria]

3-1-2-2- Imperfeito médio/passivo.

É formado como o imperfeito ativo mas com as desinências médio/passivas: *amabar*, [era amado], *amabaris* [eras amado] etc.

3-2- O PERFEITO DO INDICATIVO

Como sublinhamos no estudo dos aspectos verbais, o perfeito do indicativo apresenta dois valores. Formado na maioria das vezes sobre o tema de aoristo, algumas sobre o tema de perfeito, expressa de fato tanto o aspecto perfectum quanto o aspecto aoristo. Como está sempre usado dentro de um contexto de passado, o significado de perfectum acabou sendo deduzido do aoristo; pode-se passar da noção de ato visto na sua globalidade à noção de ato acabado: já que realizado no passado, esse ato está evidentemente completamente realizado no momento em que se está falando. Não é sua extensão que consideramos mas o fato em si. E o fato em si está relacionado a um acontecimento inteiramente colocado no passado do locutor. Evidentemente ele se apresenta como completo. Não é então de estranhar que os dois aspectos tenham chegado a usar as mesmas formas e deixado de distinguir formalmente, como faz o grego, o aspecto aoristo e o aspecto perfectum.

No entanto o estudo dos textos mostra que essas duas noções continuam existindo na intenção de comunicação do falante. Separamos no estudo do perfeito do indicativo o valor de aoristo do valor de perfectum. Veremos que as formas das vozes média e passiva por serem compostas por uma perífrase que junta ao presente do verbo *esse* o particípio passivo esclarecem alguns dos significados do perfectum.

3-2-1- Perfeito com valor de aoristo.

Vimos ao falar do imperfeito como o perfeito opõe seu significado de ato meramente citado, sem conotação de duração, ao do imperfeito que marca justamente o desenvolvimento do processo. Ao estudar o presente, vimos também que o presente histórico pode substituí-lo por motivos expressivos e atualizar o ato citado. Esse presente tem valor aorístico e evidentemente nunca é usado no lugar de um imperfeito.

P. Considius, qui rei militaris peritissimus habebatur cum exploratoribus praemittitur.
(Cés., B., Gal., 1,21,4)

P. Consídio, que era considerado o mais competente na arte militar é mandado na frente com os batedores.

Esse texto está no passado; *praemittitur* é um presente histórico; no entanto não dispensa o imperfeito, *habebatur*, que marca um fato permanente e a extensão do processo.

Num texto narrativo, o aoristo cita os fatos: as ações citadas são destacadas na sua sucessão, valendo cada uma por si:

Ita tantum bellum, tam diuturnum, tam longe lateque dispersum, Cn. Pompeius extrema hieme adparauit, ineunte uere suscepit, media aestate confecit. (Cíc., Pomp., 35)

Assim, uma guerra tão importante, tão demorada, espalhada de modo tão extenso e tão longe, Cn. Pompeu preparou-a no fim do inverno, empreendeu-a ao começar da primavera, concluiu-a no meio do verão.

Além de seu valor de ação apreendida na sua totalidade, essa série de aoristos mostra a rapidez com a qual se sucederam os acontecimentos.

Tantus subito timor omnes exercituum occupauit ut mediocriter omnium mentes animosque perturbaret. (Cés., B., Gal., 1,39,1)

De repente tanto temor se apoderou de todos os homens do exército que perturbou bastante as mentes e os ânimos de todos.

Sed ea celeritate atque eo impetu milites ierunt ut hostes impetum legionis atque equitum sustinere non possent. (Cés., B., Gal., V,18,5)

Mas os soldados avançaram com tal celeridade e tal ímpeto que os inimigos não puderam segurar o ímpeto da legião e dos cavaleiros.

Pacto conuenit ut Himera amnis finis regni Syracusani ac Punici imperi esset. (Lív., XXIV,6,7)

Acordou por pacto que o rio Himero fosse a fronteira (o limite) do reino de Siracusa e do império púnico.

Nas frases precedentes, também extraídas de narrações, cada acontecimento é exposto no seu valor em si, sem outra conotação a não ser que existiu. Na comunicação pessoal também o fato aludido é simplesmente citado na sua essência e se pode dizer.

Volusium...certum hominem sed mirifice etiam abstinentem misi. (Cíc., At., V,21,6)

Mandei Volúcio, homem seguro mas também prodigiosamente moderado.

Sexto die Delum Athenis venimus (Cic., At., V, 12)

No sexto dia fomos de Atenas a Delos

Auarior redeo, ambitiosor, luxuriosior, immo uero crudelior et inhumanior, quia inter homines fui. (Sên. Luc., 7,3)

Volto mais cobiçoso, mais ambicioso, mais faustoso, até mesmo mais cruel e desumano porque estive entre homens.

Mais manifesto ainda o significado aoristo do perfeito numa frase em que, num contexto de futuro, se antecipa um ato como já acontecido.

Qui si conseruatus erit, uicimus. (Cíc., Fam., 12,6,2)

Esse (Bruto), se tiver sido conservado, vencemos.

3-2-2- Perfeito com valor de perfectum

O perfeito do indicativo expressa também que um ato está completamente realizado, e nessa condição pode expressar o resultado ou a consequência desse ato, que podem estender-se ao presente do falante.

- Ato completamente realizado

Pater hercle tuus, ille inquit, male dixit mihi. (Ph. I,1,12)

Teu pai, por Hércules, disse ele, falou mal de mim.

Venit summa dies et ineluctabile tempus

Dardaniae. Fuimus Troes, fuit Ilium et ingens

gloria Teucrorum; ferus omnia Iuppiter Argos

transtulit; incensa Danai dominantur in urbe. (Verg. En., 324)

Chegou o último dia e a hora inelutável da Dardânia. Fomos os Troianos, foi Ílio e a grande glória dos Teucros; o cruel Júpiter transferiu tudo a Argos; os Dânaos reinam na cidade em chamas.

Nesse texto se opõem os verbos no perfectum e o presente *dominantur* do acontecimento que está realizando-se no momento da fala: tudo está perdido, é o último dia *uenit*, a constatação do fim de Troia e dos troianos *fuit/fuimus*, do abandono de Júpiter *transtulit*.

*“Cur” inquit “turbulentam fecisti mihi
Aquam bibenti?”* (Ph. 1,1,4)

Porque, disse, me tornaste turva a água, a mim que estou bebendo?

O carneiro turvou a água e o resultado atual é que a água está turva.

Plus auxerunt Romani imperium parcendo uictis quam uincendo. (Liv.,XXX,40)

Mais aumentaram os Romanos o império com o poupar a vencidos do que com o vencer.

Da ideia de ato acabado nasce a ideia de um ato realizado antes de outro e o perfeito pode significar a anterioridade, ficando muito próximo a um mais-que-perfeito.

...Exercitum quem accepit amisit (Cic., Phil., IV,15)

Perdeu o exército que tinha recebido.

O perfeito pode chegar a expressar, como vimos no estudo do aspecto perfectum, o resultado presente de uma ação completa, em verbos como *memoraui* [lembro], *noui* [sei], etc.

3-2-3- Significado do perfeito médio-passivo

O significado de perfectum como resultado da ação é particularmente notável em verbos no passivo ou no médio. De fato, a perífrase *esse* mais participio refere-se muitas vezes a uma ação cujo resultado permanece no presente; o participio em **-tus** não tem um significado bem determinado; pode ser passivo, mas pode ser também ativo –como nos verbos médios-, pode ser usado para expressar um ato passado ou o resultado presente de uma ação acabada. Nos dois exemplos seguintes trata-se do resultado presente de um ato realizado.

Occisa est haec res, nisi reperio atrocem mi aliquam astutiam. (Plt., Capt., 539)

Este negócio está perdido, se não encontro alguma manha tenebrosa.

Gallia est omnis diuisa in partes tres. (Ces., B. Gal., I,3,1)´

A Gália inteira está dividida em três partes.

A necessidade de marcar a diferença entre um resultado presente e um resultado que interessa uma época passada induziu a associar ao participio o perfectum do auxiliar:

In summa sacra uia fuit posita uirgo insidens equo (Liv., II, 13, 11)

Na parte mais elevada da via sacra esteve posta uma virgem montada num cavalo (e não está mais no lugar)

Mais nítido ainda nessa passagem de Plauto

- *Intro abi: opera huc conducta est uestra, non oratio*
- *Coctum ego, non uapulatum, dudum conductus fui* (Plt., Aul., 455-7)
- Vá para dentro: teu trabalho aqui é que foi contratado, não tua conversa.
- Eu fui mesmo contratado para cozinhar, não para apanhar.

O contratante insiste sobre a validade atual do contrato, o contratado sobre os termos em que foi assinado anteriormente.

3-2-4- A forma do perfeito

3-2-4-1-Voz ativa.

Pertencendo ao aspecto aoristo e ao aspecto perfectum, o perfeito latino é formado sobre temas de aoristo e de perfectum, o que mostramos quando explicamos os aspectos. O que é notável e que fez Meillet classificá-lo como presente é que não tem o sufixo *-ā-* que marca o passado, na flexão do indicativo. De fato não tem marca temporal, só tem marca aspectual: o *-s-* de um provável aoristo precedido da vogal de ligação *-ī-*. Na 1ª pessoa do singular, o *s* se enfraqueceu e o *i* se alongou, dando a desinência *-ī*. As outras pessoas conservam essa marca com desinências próprias, provavelmente de origem secundária, mas modificadas pela acomodação fonética: no singular, 2ª pessoa *-īs-ŕi > -istī*, 3ª pessoa *-īs-t > -it*, no plural 1ª pessoa *īs-mōs > -imus*, 2ª pessoa *-īs-ŕis > -istīs*, 3ª pessoa *-īs-ō-nt > -erunt*.

Essa combinação do sufixo *-īs-* e da desinência acrescentada ao tema de aoristo/perfectum deu as formas do perfeito ativo; no entanto, quando formadas com temas terminados em *-u-* como *amaui*, tiveram a possibilidade de se contrair, perdendo o *-u-* e o *-ī-*. Daremos exemplos de formas contratas ao lado das não contratas. Os temas de aoristo/perfectum são respectivamente *amāu-*, *delēu-*, *audīu-*, *lēg-*, *cēp-*, *metū-*: *amaui* > *amaui* [amei], *amaui*-īs-ti > *amauiŕsti/amasti* [amaste], *amaui*-īs-t > *amauit* [amou], *amaui*-īs-mōs > *amauiŕmus* [amamos], *amaui*-īs-tis > *amauiŕstis/amastis* [amastes], *amaui*-īs-ō-nt > *amauerunt/amarunt* [amaram]; *deleui* [destruí], *deleuisti* [destruiste], *deleuit* [destruiu],

deleuimus [destruimos], *deleuistis* [destruistes], *deleuerunt/delerunt* [destruíram], *audiui/audi* [ouvi], *audiuisti/audisti* [ouviste], *audiuit/audiit* [ouviu], *audiuimus/audiimus* [ouvimos], *audiuistis/audistis* [ouvistes], *audiuerunt/audierunt* [ouviram]; *lēg-ī* > *lēgī* [lí], *lēg-īs-ti* > *lēgīsti* [leste], *lēg-īs-t* > *lēgit* [leu], *lēg-īs-mōs* > *lēgīmus* [lemos], *lēg-īs-tis* > *lēgīstis* [lestes], *lēg-īs-ōnt* > *lēgerunt* [leram], *cēpī* [tomei], *cēpīsti* [tomaste], *cēpīt* [tomou], *cēpīmus* [tomamos], *cēpīstis* [tomastes], *cēperunt* [tomaram], *metūī* [temí], *metuisti* [temeste], *metuit* [temeu], *metuimus* [tememos], *metuistis* [temestes], *metuerunt* [temeram]

3-2-4-1-Voz média e passiva.

O perfeito médio/passivo expressa-se por uma perífrase composta do presente do verbo *esse* e do particípio passado do verbo: *amatus sum*, significa na realidade “estou amado” e se tal é meu estado é porque já fui amado, *deletus sum* [fui destruído e estou destruído], *auditus sum* [fui ouvido], *lectus sum* [fui lido], *captus sum* [fui tomado], *metutus sum* [fui temido];

Nos verbos médios a perífrase é o único meio de expressar o aoristo/perfectum: *sequor* [eu sigo], *nascor* [eu naço]: *secutus sum* [seguí], *natus sum* [nasci].

Mas quando o falante quer insistir sobre o valor de passado da ação concluída pode usar o perfeito do verbo *esse*: *amatus fui* significa “fui amado outrora e não sou mais”, como nos exemplos acima de Plauto (*conductus fui*) e de Tito Lívio (*fuit posita*)

3-3- O MAIS-QUE-PERFEITO.

3-3-1- Significado do mais-que-perfeito

O mais-que-perfeito situa uma ação no passado mas é um passado relativo a outro momento dado no passado. Expressa a anterioridade em relação a esse momento. A ação é plenamente realizada antes de um marco temporal, que expressa o limite extremo da realização da ação; pode ser expresso por um advérbio, ou por uma situação evocada pelo contexto. Figura frequentemente em orações subordinadas que marcam claramente essa anterioridade pelas conjunções usadas. Como considera a ação completamente realizada, pode indicar o resultado dessa mesma ação.

Ad riuum eundem lupus et agnus uenerant

Siti compulsi... (Ph. 1,1,1)

Um lobo e um carneiro tinham vindo ao mesmo rio, impelidos pela sede.

O fato de ter vindo ao mesmo rio é que vai ter as consequências que seguem, as acusações falsas do lobo e a morte do carneiro.

No momento de que fala o lobo o carneiro ainda não nascera.

Respondit agnus: "Equidem natus non eram". (Ph. 1,1,10)

O carneiro respondeu: "Quanto a mim, não tinha nascido."

O pedido antecede o momento em que a ação se deve realizar:

Sed Pompeius suis praedixerat ut Caesaris impetum exciperent. (Cés., B., Ciu., 3,92,2)

Mas Pompeu tinha avisado os seus que sustivessem o ímpeto de César.

Uma ação se completou antes da chegada de Lélío, cujo anúncio é expresso no aoristo.

Dixerat hoc ille, cum puer nuntiauit uenire ad eum Laelium. (Cic., Rep., 1,78)

Ele tinha dito isso, quando o moço anunciou que Lélío vinha vê-lo

Tantum potentia antecesserant ut magna pars clientium ab Haeduis ad se traducerent.
(Cés., B., Gal., 6,12,4)

Tinham-nos ultrapassado tanto em poder que uma grande parte dos clientes passaram dos Éduos para eles. (O aumento de poder se deu antes da decisão de mudar de campo)

A ação de escrever é um fato completamente fechado, realizado faz tempo, na conclusão da carta.

In epistula extrema scriptum erat ut ad ludos omnia pararet. (Cíc., At., 13,45,1)

Na última carta estava escrito que preparasse tudo para os jogos (públicos)

3-3-2-- A forma do mais-que-perfeito

3-3-1-Voz ativa.

O mais-que-perfeito é formado sobre o tema de aoristo/perfectum; acrescenta-se a esse tema o sufixo -īs- já visto, o sufixo de passado -ā-, como para o imperfeito, e as desinências pessoais:

amāu-īs-ā-m > *amāueram*⁹⁶ [eu tinha amado/amara], *deleueram* [destruíra], *audiueram* [ouvira], *lēgeram* [lera], *cēperam* [tomara], *metueram* [temera]

3-3-2-Voz média e passiva.

Como o perfeito, o mais-que-perfeito médio/passivo é uma forma perifrástica composta do imperfeito do auxiliar *esse* e do particípio passado do verbo:

amatus eram, [fora amado], *deletus eram* [fora destruído], *auditus eram* [fora ouvido], *lectus eram* [fora lido], *captus eram* [fora tomado], *metutus eram* [fora temido];

verbos médios *sequor* [eu sigo], *nascor* [eu naço]: *secutus eram* [seguira], *natus eram* [nascera]

Como para o perfeito pode-se encontrar o imperfeito do auxiliar.

96 As modificações fonéticas são: rotacismo do s intervocálico, apofonia do ĭ diante de r: -īs- > -ēr-, e como para o perfeito a queda da semivogal **u** entre duas vogais: *amaram*, *delegeram*, *audieram*, etc

OS SUBJUNTIVOS

Se colocarmos à parte o imperativo que é um modo unicamente usado no discurso direto e que implica a presença real ou fictícia de um interlocutor encarregado de realizar o ato enunciado, percebemos que a gramática se atém a dois modos que se opõem: o indicativo que expressa a realidade com uma intenção de objetividade e o subjuntivo que sugere as outras intenções.

A designação de “indicativo” nos parece bastante objetiva: é o modo que diz o acontecimento tal como ele é, pelo menos é o que quer mostrar. Já, a designação de “subjuntivo” leva a algumas reservas: “subjuntivo” -isto é “ajuntado sob...”- alude de fato à situação de subordinação na qual se encontrariam as formas assim denominadas; na verdade, se apresentam com frequência em orações subordinadas, e a impressão que costumamos receber é que o subjuntivo é o modo da subordinação. Diríamos ao contrário que a relação entre formas de “subjuntivo” e subordinação é consequência do significado da forma; é em função de seu significado que os subjuntivos se encontram muitas vezes em orações subordinadas e não por expressar alguma subordinação por si mesmos. Aliás limitar o “subjuntivo” à expressão da subordinação seria negar as numerosas incidências do indicativo em subordinadas e dos “subjuntivos” em orações não subordinadas. Usamos por exemplo o “subjuntivo” em independentes que expressam o voto: “*Di ament te!*”, “Os deuses te amem!”, e o indicativo em subordinadas diversas, por exemplo, expressando o tempo: “*Relegatus mihi uideor, posteaquam in Formiano sum.*” (Cíc., At., II,11,1), “Sinto-me banido quando estou em Formiano.”, a causa “*Auarior redeo, ambitiosior..., quia inter homines fui.*” (Sên., Luc., I,7,3) “Volto mais avaro, mais ambicioso.... porque estive entre homens.”, ou em orações relativas “*Non qui parum habet sed qui plus cupit pauper est.*” (Sên. Luc., I, 2,6) “Não é quem menos tem mas quem mais deseja que é pobre.” São de fato numerosíssimas as ocasiões em que o indicativo é usado em subordinadas para expressar que o processo enunciado pertence à realidade tal como a entende o falante.

Por ser o modo que apresenta a ação como real e objetiva, o indicativo expressa o tempo: o presente diz o que acontece aqui, agora, o futuro o que é projetado, o passado o que aconteceu; e isso é marcado nas formas verbais. Vimos os matizes diversos que a expressão do tempo acrescenta ao aspecto verbal. Nas formas de “subjuntivo”, subsiste o aspecto, mas

não há tempo, isto é, uma relação expressa pela forma que situe a ação numa referência com o momento vivido pelo falante.

Em consequência, catalogar as diversas formas de subjuntivo dentro de um quadro temporal, (subjuntivo presente, perfeito, imperfeito, mais-que-perfeito), não parece coincidir com o significado das formas. Essa classificação é aleatória ou forçada. De fato, o presente do subjuntivo sempre apresenta a ação numa projeção, como vimos, muito próxima do futuro do indicativo do qual se diferencia só pela colocação do falante em relação à ação enunciada; o imperfeito do subjuntivo pode aludir a um acontecimento presente (no irreal do presente) até a um futuro (potencial) ou figurar num enunciado de passado, o mais-que-perfeito é relacionado ao acabamento de uma ação ou a seu resultado -é o significado aspectual dessa forma-; quanto ao perfeito, ele pode relacionar-se a um fato futuro ou a um fato passado e não implica em si nenhum valor temporal determinado. Só existem realmente marcas temporais nas formas do indicativo. Nenhum outro modo expressa a relação com o tempo porque não trata de acontecimentos concretos que têm vigência na vida em relação ao “eu” que vivo aqui e agora. O que coloca a ação expressa por esse modo numa relação com o momento vivido pelo falante é o contexto e somente ele.

As denominações clássicas de subjuntivo presente, subjuntivo imperfeito, etc. levam à confusão ao criar um paralelismo entre indicativo e subjuntivo sem que isso corresponda a valores semânticos. Embora seja difícil encontrar outras denominações além daquelas que o costume nos impõe e nos impõe, tentaremos designar por termos significativos do seu valor as diversas formas que estudaremos a seguir.

Encontramos outra dificuldade: ao sair do campo da objetividade, que o indicativo cobre, entramos num campo menos concreto, em que as formas adquirem interpretações diferentes segundo a época ou o povo que as usa. Assim, quando se trata de transferir uma idéia para outra língua, do latim para o português, por exemplo, percebemos que não há correspondências exatas; uma forma do latim não corresponde a outra forma que expresse a mesma intenção com exatidão. Do latim para o português, as formas adquiriram significados diferentes, embora vizinhos. Assim, a forma de imperfeito do subjuntivo em português é remanescente da forma do mais-que-perfeito do subjuntivo latino. O latim entendia a consequência como uma operação mental e a expressava com a forma correspondente, isto é, um subjuntivo; o português lhe dá estatuto de realidade e a expressa geralmente pelo indicativo. Para expressar certas ideias como o relato de um fato futuro, ou um fato dependendo de uma condição, por exemplo, o português usou uma perífrase “havia de...” onde o latim usava duas formas diferentes segundo a intenção do locutor. Essa fórmula

acabou soldando-se em uma forma chamada “futuro do pretérito” (ou “condicional”) –havia de saber > saberia- que cobre alguns significados do “subjuntivo perfeito” e outros do “subjuntivo imperfeito”. Por causa dessas diferenças tanto formais quanto conceituais, nem sempre são facilmente perceptíveis os significados verdadeiros das diversas formas fora do modo indicativo.

Sob a denominação de “subjuntivo” entram de fato dois tipos de formação, cobrindo cada uma um campo semântico próprio. Se nos referirmos ao grego percebemos que a língua apresentava dois modos fora do indicativo, o subjuntivo e o optativo que correspondiam a dois campos nocionais nítidamente individualizados. Sob os três aspectos –infectum, aoristo, perfectum- o subjuntivo expressava a idéia da eventualidade, o optativo a ideia da possibilidade (e da não-possibilidade) isto é, do ato meramente pensado, sem nenhuma confrontação com sua realização. Ora esses dois modos correspondiam com certeza a duas intenções enunciativas, claramente delimitadas e reconhecidas em grego. Nenhuma dessas situações deixa de existir, dentro da mente do falante porque se expressava em latim ou porque usa o português. O português separa também a noção de eventualidade da de possibilidade: o subjuntivo presente e o subjuntivo futuro, esse último herdeiro direto quanto à forma do perfeito do subjuntivo latino, são eventuais sem dúvida; as duas outras formas de subjuntivo expressam a ideia da ação possível.

Essas mesmas conotações existem também na língua latina. No entanto, o latim usou marcas indoeuropeias tanto de subjuntivo quanto de optativo para expressar a eventualidade e um certo ponto de vista sobre ela; para a ideia de possibilidade, o latim usa um sufixo que lhe é próprio. Assim, no primeiro caso, como o grego, ele marca o eventual com o alongamento da vogal sufixal, -ā- ou -ē- dependendo dos temas: é o chamado “presente do subjuntivo”. O perfeito usa o sufixo de optativo, -iē-/ī- sobre tema de aoristo/perfectum; é condizente com seu valor, pois essa forma tem alguns dos significados que o grego expressava pelo optativo. Esse sufixo estendeu-se também a alguns dos temas de infectum. A idéia de possível, um dos significados mais marcantes do optativo grego, se expressa, por sua vez, pelo sufixo -sē-.

Como há dois tipos de formação, podemos deduzir que há dois tipos de ideia subjacente ao uso das formas respectivas. Antes de tentar explicitar o significado dessas formas e seu uso, parece-nos interessante ver em que os “subjuntivos” diferem do indicativo na intenção de quem fala.

O que na verdade opõe indicativo e subjuntivo é a ancoragem do indicativo na realidade, isto é, na intenção do locutor de apresentar os fatos como reais e objetivos. Não que

os outros modos não falem de acontecimentos objetivamente reais. É a posição de quem fala que muda em relação a eles. Saímos do domínio da objetividade para entrar no domínio do subjetivo e do nocional. Já vimos a diferença de ponto de vista entre futuro e eventual: “espero que virá” não diz a mesma coisa que “espero que venha”; o primeiro é a projeção de uma ação que o sujeito se encontra na obrigação de realizar no futuro, o segundo deixa o campo aberto para a realização de outras ações: esperar pertence a um sujeito, a efetivação da ação pertence a outro, que pode fazer tanto quanto não fazer o que é esperado. Quando dizemos “quero que venha”, o que é real e objetivo é que quero algo, mas o ato de vir é colocado como uma das opções do sujeito do verbo vir. Essa ação pertence ao futuro, é claro; só pode efetivar-se num tempo futuro, mas não apresenta a vigência de uma ação enunciada no indicativo futuro porque está visivelmente fora do alcance do sujeito que manifesta sua vontade.

Com o “imperfeito do subjuntivo” entramos em outro campo semântico. Num enunciado condicional, por exemplo, a expressão “se chovesse, ficaria em casa” tanto a ação de chover quanto a de ficar em casa são acontecimentos que não se realizam, que pertencem ao domínio do conceito, do simplesmente pensado; em primeiro lugar, só o contexto pode precisar se se trata de uma condição relativa ao momento presente ou ao futuro; no presente significa que a condição não é realizada, no futuro que pode realizar-se; nos dois casos é um acontecimento que existe só na minha imaginação e me permite colocar uma proposição que expressa intenção. Qual é a parte de efetivação que essas duas colocações trazem consigo? Nenhuma. E o caso está em aberto: várias opções se abrem na nossa mente em relação a cada uma das proposições enunciadas: chuva/ausência de chuva, ficar em casa/fazer outra coisa; dentro do campo nocional no qual nos colocamos ao usar essa forma verbal, colocamos como possíveis várias opções, das quais uma é escolhida, mas deixamos claro que outra qualquer poderia ser escolhida no lugar dessa. Estamos dentro de um campo abstrato, onde os acontecimentos não têm necessidade de ser verificados, ou melhor onde não interessa que o sejam. É evidente que a noção de tempo está ausente, pois estamos no domínio da abstração onde o tempo relacionado com o momento em que vivemos não tem sentido. As noções de tempo são inscritas no contexto, não na forma verbal.

Considerando que o “presente do subjuntivo” e o “perfeito do subjuntivo” pertencem ao campo do eventual e que o “imperfeito do subjuntivo” e o “mais-que-perfeito do subjuntivo” pertencem ao campo da possibilidade, distinguiremos essas duas noções e as exporemos separadamente.

O MODO EVENTUAL

1- SIGNIFICADO DO EVENTUAL

O termo “presente do subjuntivo” não nos parece realmente adequado ao significado dessa forma verbal. Vimos quanto é vago o termo “subjuntivo” e o termo “presente” haveria de referir-se à ação atual. Ora, a ação enunciada no “presente do subjuntivo” nunca pode realmente acontecer no presente. É sempre a projeção de um ato. Não resta dúvida que é enunciada a partir do presente do locutor; mas, ela mesma, não está em instância de realização. Apesar da ideia de eventualidade postergar a realização da ação, tampouco é um futuro; pois a noção contida no futuro do indicativo é de antecipação de uma ação considerada como havendo de se efetivar realmente num momento posterior ao momento presente e cuja realização é momentaneamente diferida.

Com o eventual, mudamos de perspectiva. A ação pertence a um porvir: com o futuro descartamos qualquer incerteza sobre a realização efetiva da ação eliminando do nosso campo nocional qualquer outra realizável, mas com o eventual abrimos um leque de ações que poderiam ocorrer e entre as quais figura a que nos interessa no momento. Dizer “eu quero que você venha amanhã” expressa pelo indicativo um fato objetivo e atual: minha vontade ou meu desejo de sua vinda; a sua vinda, por sua vez, depende de circunstâncias que não domino e que faço questão de mostrar como tais. Essas circunstâncias são diversas; a realização do ato é submetida à decisão da pessoa que está implicada nele, sem contar que as circunstâncias do dia a dia podem mudar qualquer decisão. A ação está suspensa, inscrita num campo de ações cuja efetivação não se apresenta como certa ou objetiva. Quando se faz votos, a manifestação do desejo que alguma coisa aconteça é objetiva; a realização desse voto não o é. “Os deuses te protejam!” é um desejo real, sincero mas submetido a uma vontade totalmente fora de nosso alcance: portanto, essa proteção pode acontecer tanto quanto pode não acontecer, pode até acontecer o contrário; ninguém é dono da vontade dos deuses! É um campo totalmente aberto para todas as ações vindouras possíveis, dentro das quais o falante apresenta uma como escolhida por ele sem descartar no entanto a eventualidade de outras ocorrências.

Então, o eventual evoca sempre um acontecimento em aberto cuja realização está suspensa e que pressupõe que outros acontecimentos podem ocorrer também. Não pertence ao campo do saber que por seu semantismo é um campo objetivo; pertence ao campo do

sentimento, desejo, dúvida, do raciocínio teórico, suposição, hipótese. Abre perspectivas numerosas dentro do discurso para a expressão das motivações da pessoa que fala.

De fato é seu modo de conceber a ação que a coloca no campo da eventualidade. Isto é, o locutor expressa por meio do eventual o seu desejo ou coloca uma hipótese, que tem nele sua origem, como ponto de partida de seu raciocínio. Por exemplo quando dizemos: “Seja uma reta que passa pelo centro de um círculo”, colocamos como hipótese, ou seja como sustento de raciocínio, uma recta, o centro de um círculo e uma relação entre um e outro; porém este pressuposto é um, escolhido entre vários, e se as consequências são do domínio do real, a relação é do domínio do eventual: pois, há várias retas que passam pelo centro de um círculo e poderíamos escolher outras linhas que nem sejam retas nem passem pelo centro. No entanto quem fala se posiciona, e opõe mentalmente essa hipótese a qualquer outra, assim como a opõe a uma hipótese puramente imaginária; de fato, com uma expressão do gênero “se houvesse uma reta que passasse pelo centro de um círculo...” entraríamos no domínio de suposição aleatória que impediria a construção de um raciocínio lógico nela baseado.

Esse valor de eventual é expresso pela forma, não pela organização da frase: encontramos-lo tanto em orações independentes quanto na dependência de um verbo que expresse um movimento da alma ou do pensamento.

Quod sentimos loquamur; concordet sermo cum uita. (Sên. Luc. 75,4)

Falemos o que sentimos, que o discurso esteja de acordo com a vida.

Loquamur e *concordet* são eventuais numa oração independente; o primeiro é muito próximo de um imperativo. Expressam um desejo ou um conselho.

Huic magnis praemiis persuadet uti ad hostis transeat (Cés., B., Gal., III,18,2)

A este, com grandes presentes o persuade a que passe para os inimigos.

Transeat é ligado pela conjunção de subordinação a *persuadet*, expressa a intenção do sujeito do verbo principal. Apesar de estar dentro de um texto narrativo, todos os acontecimentos são atualizados e enunciados no presente: nesse momento, o ato de passar ao inimigo era um fato eventual, cuja realização nem era efetivada nem dependia da decisão do sujeito de *persuadet*.

Quid sis interest non quid habearis. (Sên., de Mor., 21)

Importa o que sejas, não o que pareças.

Habearis e *sis* são eventuais dentro de uma oração interrogativa indireta; o falante não se pronuncia sobre o que és ou o que pareces, deixa em aberto a qualificação desses fatos.

O “presente do subjuntivo” é um infectum e como tal, coloca o acontecimento numa perspectiva de desenvolvimento da ação: o que es, ou o que pareces são fatos vistos na sua permanência. Para expressar a ação como global, -no aspecto aoristo- ou no seu acabamento – no aspecto perfectum- o latim tem uma forma híbrida pela sua origem e pelos usos que o latim fez dela. É o “perfeito do subjuntivo”.

Remanescente do optativo indo-europeu, do qual usa o sufixo, é formado sobre o tema de aoristo/perfectum. Num contexto de acontecimento atual, de presente, ele expressa a eventualidade sob um ou outro desses aspectos. Nesse caso, encontra-se muito próximo do significado do futuro anterior -futuro aoristo/perfectum-. A forma, originariamente diferenciada pela quantidade da vogal pré-desinencial, depois da evolução fonética que abreviou essas vogais, só se distingue do futuro anterior na primeira pessoa do singular – *amauerim* [amaria/teria amado]- ou nos verbos médios, cuja forma perifrástica não permite dúvida –*secutus sit* [seguiria/teria seguido]-. A dificuldade para entender como funciona essa forma é que nossas línguas não têm uma forma que cubra todas as acepções desse perfeito. Dependendo da frase, traduzimos em português por um futuro do indicativo, por um presente do subjuntivo, por um futuro do subjuntivo, por um condicional ou por perífrases.

Faciam te certiore quid egerim. (Cic, Att, III, 11, 1)

Far-te-ei ciente do que hei de fazer / do que possa fazer. (tradução por uma perífrase de futuro ou por um “subjuntivo presente”, isto é, um eventual)

Hoc uero sine ulla dubitatione confirmauerim. (Cíc., Tusc., V,25)

Isto, certamente confirma-lo-ia sem nenhuma dúvida. (o condicional marca a atenuação da afirmação, colocando-a no campo da eventualidade)

Respice, quaeso, aliquando rem publicam, M. Antoni, quibus ortus sis, non quibuscum uiuas considera. (Cic., Phil., II,118)

Examina alguma vez a república, por favor, Marco Antônio, considera de quem estejas nascido, não com quem estejas vivendo.

A oposição entre eventual infectum e eventual perfectum expressa claramente a diferença de aspecto: *ortus sis* expressa o resultado da ação, *uiuas* a permanência.

A polissemia é só aparente. Vem de uma certa concepção da ideia contida na eventualidade. Usado tanto num enunciado de fatos presentes e futuros quanto num enunciado de fatos passados, parece contraditório dizer que expressa a eventualidade, cujo significado há de ser o de projeção do acontecimento e não de evocação de um fato já realizado; porém

podemos considerar que o locutor fala de um momento em que o acontecimento evocado estava dentro do âmbito da eventualidade; o infectum só se refere ao momento presente ou futuro, por exprimir a ação no seu desenvolver. O perfeito permite a evocação de um fato que era eventual num momento determinado do passado. É geralmente acompanhado nesse caso de indicações que marcam uma certa atualização dos acontecimentos.

De fato, para Meillet (1953, p. 293) o perfeito do subjuntivo é um presente de perfectum, como o perfeito do indicativo. Expressando a ação global é de fato aoristo e expressando a ação acabada ou o resultado da ação é de fato perfectum. Como o perfeito do indicativo, não tem marca temporal; e não poderia ter de qualquer maneira, pois só o indicativo apresenta expressão do tempo nas formas. No entanto a ligação que Meillet faz com o presente é interessante: não nos parece ser relacionada com a forma mas com o contexto em que se situa essa forma e com o fato de que está situando sempre o ato evocado numa relação com o presente do locutor, até quando o ato enunciado faz referência a um momento do passado. Neste texto das Tusculanas, Cícero, disputando sobre a infelicidade consecutiva à morte, evoca dois homens já falecidos e as causas prováveis de sua infelicidade atual:

“- *Quid dicis, igitur?*

- *Miserum esse, uerbi causa, M. Crassum, qui illas fortunas morte demiserit, miserum Cn. Pompeium, qui tanta gloria sit orbatus; omnes denique miseros, qui hac luce careant.*” (Cic. Tusc., I, 6)

“- Que dizes então?

- Que, por exemplo, é infeliz M. Crasso, que havia de abandonar essas famosas riquezas por causa da morte; que é infeliz Cn. Pompeu, que havia de ser privado de tamanha glória; enfim que são infelizes todos os que não gozem desta luz.”

Os dois perfeitos *demiserit* e *sit orbatus* opõem-se ao presente *careant*: esse mostra a eventualidade em relação ao presente do locutor: não gozar da luz pode ser uma causa de infelicidade; a idéia expressa por *demiserit* e *sit orbatus* é também de eventual, mas colocada no passado: Crasso e Pompeu perderam várias coisas que podiam fazer a felicidade deles durante a vida, mas, como vimos anteriormente, citando a perda das riquezas ou da glória como causa da infelicidade no eventual aoristo/perfectum, o locutor escolhe essa perda como exemplo entre outros elementos que poderiam ser escolhidos para mostrar a infelicidade gerada pela morte. Encontramo-nos dentro do campo do eventual, sem dúvida.

Se trata de uma situação que era de eventualidade considerada a partir do presente do locutor mas deslocada para uma época anterior; acontece com frequência quando, sem abrir

mão da relação com o momento da elocução, o falante cita as palavras de outrem, ou as próprias palavras ou o próprio pensamento como pertencendo ao campo da eventualidade no momento evocado. Naquele momento, o fato era efetivamente eventual. Geralmente o expressamos por um condicional, chamado para a circunstância “futuro do pretérito”, que cobre essa ideia de um fato eventual relatado dentro de um contexto de passado.

2- O EVENTUAL INFECTUM

Como infectum, expressa a idéia de uma ação sem marco de começo ou de fim, captada a um momento qualquer de seu desenvolvimento; como eventual projeta a ação num momento a vir, deixando em aberto a efetivação de sua realização. Podemos encontrá-lo numa oração independente ou ligado a um verbo que expressa uma ordem, um sentimento ou um pensamento cada vez que houver algum matiz de eventualidade; essa ligação pode ser indicada por uma conjunção, mas a forma do eventual basta para expressá-la na simples justaposição ao verbo; é o que chamamos parataxe, isto é, posto ao lado.

2-1- Uso do eventual infectum

- O voto realizável, isto é, que pode vir a realizar-se no porvir é expresso pelo eventual

O Sagaristi, di ament te! - O Toxile, dabunt di quae exoptes. (Plaut., Pers., 16)

O Sagaristio, os deuses te favoreçam! - O Toxilo, os deuses te darão o que podes desejar.

Utinam illum diem uideam, tibi agam gratias quod me uiuere coegisti! (Cíc., At.,III,3)

Oxalá veja eu aquele dia, te agradecerei de que me obrigaste a viver. (*agam* nos permite entender tanto um eventual –que eu te agradeça ou possa te agradecer- quanto um futuro do indicativo; são matizes diferentes, o futuro marcando um ato diferido, o eventual marcando um desejo)

O mihi praeteritos referat si Iuppiter annos. (Verg., En., VIII,560)

O meus anos passados, que Júpiter mos devolva!

Ut illum di perdant. (Plaut., Aul., 785)

Que os deuses o percam. (expressão do voto negativo, da impreciação)

- A ordem, o desejo, a vontade se expressam pelo eventual quando colocados num contexto de presente. Não se pode esquecer que o presente do indicativo é um infectum sem delimitação de tempo para o desenvolvimento da ação e inclui tanto uma parte de ação já realizada quanto uma parte de ação a realizar.

Pode expressar um mero desejo:

Resonent mihi Cynthia siluae. (Prop., I,18,31)

(que) os bosques repitam para mim: Cynthia.

Ou uma ordem imperativa

Iube in urbem ueniat. (Plaut., Most., 930)

Ordena que ele venha à cidade.

Huic imperat quas possit adeat ciuitates. (Cés., B. Gal., IV,28,8)

Ordena-lhe que aproxime das cidades na medida do possível.

Itaque T Labienum in Treueros, qui proximi flumini Rheno sunt, cum equitatu mittit (Caesar). Huic mandat Remos reliquosque Belgas adeat atque in officio contineat Germanosque, qui auxilio a Gallis arcessiti dicebantur, si per uim nauibus flumen transire conentur prohibeat. (Cés., B., Gal., III,11,1)

Pois, ele manda T. Labieno com a cavalaria contra os Treveros que ficam próximos ao rio Reno. Ordena-lhe que marche contra os Remos e o restante dos Belgas e os mantenha no dever e que, no caso que tentem atravessar o rio pela força, ele se oponha aos Germanos, dos quais se dizia que eram procurados pelos gauleses para prestar-lhes ajuda.

O texto é narrativo, no presente histórico, o que manifesta o uso do imperfeito *dicebantur*; *adeat* e *contineat* expressam as ordens dadas, *conentur* expressa uma das decisões que os germanos podem tomar e das quais a última ação depende, *prohibeat*.)

Ou ainda um mandamento geral, dentro de um texto de lei, por exemplo.

Cedat consulari genere praetorium nec contendat cum praetorio equester locus. (Cíc., Planc., 15)

O pretor ceda o passo ao cônsul e o cavaleiro não porfie com o pretor.

A expressão de uma vontade ou de uma obrigação é bem próxima de uma ordem; a proibição é uma ordem negativa; um pedido cobre a mesma ideia, mas atenuada; temer algo é querer que aconteça o contrário do que se teme; um conselho atenua a ideia de obrigação. Num enunciado presente o eventual coloca o objeto desses sentimentos dentro de um porvir realizável.

Orant ignoscamus peccatum suum. (Plaut., Amph., 257)

Eles rogam que perdoemos seu crime

Quid uis dicam? ((Plaut., Stich., 604)

Que queres que eu diga?

Virtus uoluptatis aditus intercludat necesse est. (Cíc., Fin., 2,118)

Que a virtude feche o acesso ao prazer, é necessário.

Nas frases precedentes, o verbo no eventual se associa diretamente ao verbo que expressa desejo, necessidade; dispensa a conjunção introdutória.

Qui tu id prohibere me potes ne suspicer? (Plaut., Trin., 87)

Em que podes impedir-me que eu tenha suspeitas?

Vt ille te uideat uolo (Plaut., Bacch., 77)

Quero que ele te veja.

Sed uereor ne, dum minuere uelim laborem, augeam. (Cíc., Leg., 1,12)

Mas temo, enquanto quereria diminuir o trabalho, que o aumente.

É expressa pelo eventual qualquer atitude mental que coloque uma situação como podendo existir, mas sem negar outras situações que também poderiam existir tais como dúvida, suposição, ponto de partida de um raciocínio, isto é, hipótese.

Publius iturusne sit in Africam scire poteris. (Cíc., At., XXII,24,1)

Poderás saber se Públio deve ir para a África.

Aeternas opes esse Romanorum nisi inter semet ipsi seditionibus saeuiant. (Lív., II,44,8)

Seria eterno o poder dos romanos portanto que não se prejudiquem eles mesmos por meio de sedições.

Ubi enim istum inuenias, qui honorem amici anteponat suo? (Cíc., Lael., 64)

Pois onde poderás encontrar um homem que coloque a honra de seu amigo antes da própria.

Vendat aedes uir bonus propter aliqua uitia, quae ipse norit, ceteri ignorent. (Cíc., Of., III,54)

(Que) um homem honesto venda uma casa por causa de certos defeitos que ele mesmo conheça e que os outros ignorem....(*Vendat* coloca a situação como hipótese, *norit* e *ignorent* como a eventualidade escolhida que permitirá o raciocínio)

Nesit sane summum malum dolor; malum certe est. (Cíc., Tusc.,2,14)

(Que) na verdade, a dor não seja o maior mal; certamente é um mal.

- Outros enunciados sugerem a eventualidade, tais como as ideias de intenção, de finalidade, de consequência (em latim) e às vezes de causa, as interrogativas indiretas, a relação das palavras de outro, ou certas orações temporais que expressem um fato cuja realização não é garantida .

Esse oportet ut uiuas non uiuere ut edas. (Rhet. ad Heren., 4,28)

Convém comer para que vivas, não viver para que comas.

Populi Romani hanc esse consuetudinem, ut socios atque amicos non modo sui nihil perdere, sed gratia, dignitate, honore auctiores uelit esse. (Cés. B. Gal.,1,43,8)

(diz que) o costume do povo romano é que queira que seus associados e amigos não só não percam nada, mas que cresçam mais em favor, em dignidade, em honra.

An ille plus praestat qui inter ciues ius dicit, quam qui docet iuuentutem quid sit iustitia, quid pietas, quid patientia, quid fortitudo, quam pretiosum bonum sit bona conscientia? (Sên., de Tr. An., 3)

Acaso mais vale aquele que edita o direito entre os cidadãos que quem ensina à juventude o que seja justiça, o que seja piedade, o que seja paciência, o que seja força moral, quão precioso bem seja uma boa consciência?”

Isto bono utare dum adsit, cum absit ne requiras. (Cíc., C. M. 33)

Usa esse bem enquanto estiver presente, quando faltar, não o reclames.

Em suma, o eventual tem muitas facetas; o que resume seus usos é o fato que, inscrito dentro de um contexto de presente, ele apresenta os fatos que expressa como pertencendo a um campo nocional onde o fato de escolher um enunciado não suprime outras opções. Notaremos que a eventualidade não depende do verbo principal, e não é submetida à uma sintaxe de subordinação obrigatória: ela tem seu valor próprio, o verbo “principal” pode existir, pode estar justaposto: ele só indica o matiz de eventualidade que o falante quer dar ao processo. Tudo depende da intenção que preside ao enunciado.

2-2- A formação do eventual

O eventual parece ser do ponto de vista formal e parcialmente do ponto de vista conceitual a junção de dois modos que em grego são perfeitamente individualizados: o subjuntivo e o optativo: no entanto conservou do optativo só os valores prospectivos, isto é, o valor de algo que se pensa dentro de um vir a ser.

2-2-1- A forma em -ā- do eventual infectum

O eventual se constrói sobre o tema do imperfectum. O sufixo habitual é -ā-. Ele figura nos temas em -ē-, em consoantes e soantes inclusive os temas em -i- e em -u- e se mantém em toda a flexão (contra o futuro que apresenta o -ā- só na primeira pessoa do singular); a desinência é a da voz que exprime, sendo a desinência de primeira pessoa do singular ativa -m. delē-ā-m > *deleam* [eu destrua], delē-ā-s > *deleās* [destruas], etc.; delē-ā-r > *delear* [eu seja destruído], delē-ā-ris > *deleāris* [sejas destruído], etc.; leg-ā-m > *legam* [eu leia], leg-ā-s > *legās* [leias], leg-ā-r > *legar* [eu seja lido], leg-ā-ris > *legāris* [sejas lido]; audī-

ā-m > *audiam* [eu ouça], audī-ā-s > *audiās* [ouças], audī-ā-r > *audiar* [eu seja ouvido], audī-ā-ris > *audiāris* [sejas ouvido]; capī-ā-m > *capiam* [eu tome], capī-ā-s > *capiās* [tomes], capī-ā-r > *capiar* [eu seja tomado], capī-ā-ris > *capiāris* [sejas tomado], etc; metū-ā-m > *metuam* [eu tema], metū-ā-s > *metuās* [temas], metū-ā-r > *metuar* [eu seja temido], metū-ā-ris > *metuāris* [sejas temido], etc; e na voz média: loqu-ā-r > *loquar* [eu fale], loqu-ā-ris > *loquāris* [fales], etc. O tema ey- [ir] tendo uma vogal depois do yod, sofre síncope do yod: ey-ā-m > *eam* [que eu vá], *eās* [vás], *eat* [que vá], etc

2-2-2- A forma em -ē- do eventual infectum

Os temas em -ā- apresentam a vogal -ē- como sufixo de eventual, já que o -ā- se contrairia com a vogal do tema e não permitiria distinguir o eventual do presente do indicativo; a junção de ā com ē longo provocou uma contração em -ē-, a única possível para marcar a diferença entre as duas formas: amā-ē-m > *amem* [eu ame], *amēs* [ames], amā-ē-r > *amer* [eu seja amado], *amēris* [sejas amado] etc.

2-2-3- A forma em -ī- do eventual infectum

Alguns poucos verbos apresentam o -ī- (iē) remanescente de optativo como marca do eventual: são essencialmente o verbo *esse* e *uella* e seus compostos que conservaram essa forma durante toda a latinidade: o tema es- perde a vogal como na primeira pessoa do indicativo presente: es-iē-m > (siēm) > *sīm* [eu seja], es-iē-s > (siēs) > *sīs* [sejas], es-iē-t > (siēt) > *sīt* [ele seja], es-ī-mōs > *sīmus* [sejamos], es-ī-tis > *sītis* [sejais], es-ī-nt > *sīnt* [sejam]; da mesma forma temos *possim* [eu possa], *adsim* [eu esteja presente] etc. O tema uel- : uel-ī-m > *uelīm* [eu queira], etc, *noīm* [eu não queira], *malīm* [eu prefira].

3- O EVENTUAL AORISTO/PERFECTUM

O perfeito do subjuntivo é, em latim, uma forma verbal à parte: remanescente quanto à forma do optativo indoeuropeu, pois o sufixo formador é o sufixo do optativo; assumiu por uma parte o semantismo dos aspectos aoristo e perfectum do “subjuntivo” grego, por outra parte alguns dos significados do optativo. No entanto esses significados estão ligados à ideia de eventualidade.

3-1- Uso do “perfeito” num contexto de presente.

3-1-1-Valor aoristo do “perfeito”

Quando ligado a uma situação presente ou futura (o que é antecipação da ação), apresenta significados ligados a seus dois aspectos, o aoristo e o perfectum; sem dúvida é mais fácil admiti-lo como eventual.

Faciam te certiozem quid egerim. (Cic, Att, 3, 11, 1)

Manter-te-ei bem informado do que houver de fazer (opções são abertas: *quid*)

No momento de cometer o adultério, a mulher cria dificuldades; a chegada do marido é pontual e eventual:

illam 'post paulo' 'sed pluris' 'si exierit uir' (Hor. S., I,2, 120)

e ela: ”mais tarde”, “quero mais dinheiro”, “se meu marido chegar”. (São as desculpas que a mulher acumula)

Não é conveniente ser cúmplice de adultério: a recusa enérgica desse ato é vista globalmente como uma eventualidade não aceitável:

'nil fuerit mi' inquit 'cum uxoribus umquam alienis.' (Hor. S., I,2, 57-58)

“Não me meteria nunca”, diz ele, “com as esposas alheias.”

*hunc si perconteris, aui cur atque parentis
praeclaram ingrata stringat malus ingluuie rem,
omnia conductis coemens obsonia nummis,
sordidus atque animi quod parui nolit haberi,
respondet.* (Hor. S., I,2,7-11)

Outro, se lhe perguntares porque do avô e dos pais os extensos bens consome, o infeliz, pela goela ingrata comprando todo tipo de comida com o dinheiro economizado “é que não querereria ser tido por avarento e por mesquinho”, responde.

Perconteris evoca uma situação eventual; notar o eventual infectum, *nolit*, que vemos às vezes como uma afirmação atenuada.

Hoc uero sine ulla dubitatione confirmauerim. (Cíc., Tusc., 5,25)

Isto, certamente confirma-lo-ia sem nenhuma dúvida. (afirmação atenuada)

3-1-2- Valor de perfectum

Adquire um significado de anterioridade.

Priusquam promittas, deliberes, et cum promiseris facias. (Sén. de Mor., 25)

Antes de que prometas penses, e quando tiveres prometido cumpras *deliberes* e *facias* são conselhos que o modo coloca na eventualidade, que depende do fato de fazer uma promessa: *promiseris* é um ato eventual que se apresenta como anterior à realização do que foi prometido.

Esse locum tam prope Romam ubi multi sint qui Vatinius numquam uiderint, ubi nemo sit praeter me qui quemquam ex uiginti uiris uiuum et saluum uelit, ubi me interpellet nemo, diligent omnes! (Cic. Ad Att.2,6,2)

(Pensar que) existe tão perto de Roma um lugar onde há muitas pessoas que nunca tenham visto Vatínio, onde não há ninguém, a não ser eu, que queira vivo e salvo algum dos vinte varões, onde ninguém me interrompa, onde todos me estimem! *uiderint* marca a anterioridade em relação ao momento presente dentro do mesmo quadro consecutivo de *sint, sit, uelit, interpellet, diligent*

Respice, quaeso, aliquando rem publicam, M. Antoni, quibus ortus sis, non quibuscum uiuas considera. (Cic.,Phil.,2,118)

Olha de vez em quando a república, por favor, Marco Antônio, considera de que homens nasceste, não com que homens vives. *ortus sis* expressa a ideia de ato cumprido no perfectum eventual, e se opõe ao infectum *uiuas*; ter nascido e estar vivendo são fatos objetivos e é isso que nos obriga a traduzir por um indicativo; mas o latim coloca na eventualidade esses dois fatos: o que é eventual é ter nascido de uma certa qualidade de homem e viver com uma certa qualidade de gente.

3-2- Uso do “perfeito” num enunciado passado

O significado de perfectum que coloca a ação no seu acabamento contém em potência um significado passado: se a ação está acabada é que ela se realizou. Mas a dificuldade é entender como uma ação passada pode ser encarada como eventual: o passado se realizou ou não se realizou.

Porém, numa narrativa, podemos transladar ao momento passado do qual estamos falando, as ações e os pensamentos que num certo momento eram atuais e enunciadas no presente. Transferimos mentalmente a uma época anterior todos os movimentos da alma e do pensamento e aceitamos que, naquela época, o fato expresso era eventual. Isso implica que seja marcado no enunciado a translação de um atual que existiu a um passado, matéria do enunciado. Implica também que a pessoa que fala se posicione em relação a essa transferência: é a partir de sua atuação de narrador, ou seja de seu presente, que intervém no texto passado e manifesta sua presença e seu ponto de vista.

Ita ancipiti proelio diu atque acriter pugnatum est. diutius cum sustinere nostrorum impetus non possent, alteri se, ut coeperant, in montem receperunt, alteri ad impedimenta et carros suos se contulerunt. nam hoc toto proelio, cum ab hora septima ad uesperum pugnatum sit, aversum hostem uidere nemo potuit. (Ces., B., G., I, 26, 1-2)

Assim, combateu-se em duas frentes durante muito tempo e encarniçadamente. Como não puderam sustentar mais o ímpeto dos nossos, uns se retiraram ao monte, como tinham começado, outros foram ter com suas equipagens e seus carros. No entanto durante todo esse combate, enquanto se combateu da sétima hora até a noite, ninguém pôde ver um inimigo virado de costa.

O texto está no passado. O perfeito *pugnatum sit* marca a intervenção do narrador na narração: é a partir de seu conhecimento atual que ele pode marcar a duração do combate, e sublinhar a pertinácia dos combatentes, e seu respeito pelo inimigo; essa presença do narrador é sublinhada pelo demonstrativo *hoc* que liga o combate à primeira pessoa, isto é, ao narrador.

Na sua tradução do Timeu de Platão, Cícero usou o eventual perfectum, num contexto de passado, para traduzir o optativo futuro do grego nesse excerto:

ὄν εἰ μὲν κρατήσοιεν, δίκη βιώσονται, κρατηθέντες δὲ ἐν ἀδικίᾳ. (Pl., Tim., 42b)

(as afecções), se houvessem de dominá-las, haveriam de viver com justiça, mas, se dominados por elas, com injustiça.

Quos qui ratione rexerit, iuste uixerit, qui autem iis se dederit, iniuste (Cic., Tim., 12-45)

E quem os (os movimentos da alma) teria regido pela razão, teria vivido justamente, mas quem se teria entregado a eles, teria vivido injustamente.

Contém de fato a mesma ideia de eventualidade, mas transladada no passado, que encontramos no excerto em que o processo é situado no futuro pelo autor latino (Platão usa o optativo futuro como no texto acima):

Atque ille qui recte atque honeste curriculum uiuendi a natura datum confecerit ad illud astrum quocum aptus fuerit reuertetur; qui autem immoderate et intemperante uixerit, eum secundus ortus in figuram muliebrem transferet. (Cic., Tim., 12-45)

E aquele que, reta e virtuosamente, terá (teria) completado o curso do viver dado pela natureza retornará àquele astro com o qual terá (teria) sido ligado; porém, quem terá (teria) vivido de maneira desregrada e descomedida, um segundo nascimento o mudará em figura feminina...

Reuertetur, transferet (μεταβαλοῖ), são futuros do infectum do indicativo, *confecerit, aptus fuerit, uixerit* são provavelmente futuros de perfectum que expressam no futuro uma ação anterior a *reuertetur* ou a *transferet*, respectivamente. Vimos como o futuro é próximo do eventual, e esses futuros podem ser interpretados como perfeitos eventuais, como o vimos no parágrafo precedente, haja visto a semelhança das duas formas.

Vides, credo, ut Epicurus cupiditatum genera diuiserit...(Cic., Tusc., V,33,1)

Sabes, penso, de que modo Epicuro tenha dividido os desejos por gênero.

Está suspenso o fato de saber pelo uso do eventual na subordinada; é *diuiserit* que dá o verdadeiro significado de *uides*.

de quo id primum consideremus quod principio est in omni quaestione considerandum, semperne fuerit nullo generatus ortu, an ortus sit [an] ab aliquo temporis principatu. (Cic.Tim., 2-5)

a respeito dele examinemos primeiramente o que deve ser examinado no princípio em toda questão: ou sempre terá sido, não gerado por algum nascimento, ou terá nascido a partir de algum começo de tempo.

O que situa como eventual *fuerit* e *ortus sit* é a própria forma de questionamento; existem duas opções que devem ser analisadas uma e outra.

“Malus ciuis, improbus consul, seditiosus homo Carbo fuit”. Fuit aliis, tibi quando esse coepit? (Cíc., Verr., II,1,37)

Mau cidadão, cônsul ímprobe, homem sedicioso Carbo o foi. Havia de sê-lo para os outros, para ti quando começou a sê-lo?

Fuerit é uma hipótese colocada no passado.

Ecquis Latini nominis populus defecerit ad nos, ecquis homo ex quinque et triginti tribubus ad Hannibalem transfugerit. (Lív., XXIII,12,16)

Acaso algum povo chamado latino se terá bandeado para nosso lado, acaso algum homem das trinta e cinco tribos terá desertado para Hânibal?

Questionamentos colocados na boca de outra pessoa, *defecerit* e *transfugerit* se referem a dois atos que poderiam ter sido realizados mas cuja eventualidade é recusada.

3-3- Forma do eventual aoristo/perfectum.

3-3-1- Voz ativa

Como dissemos, a forma usa o sufixo do optativo -iē-/ī- acrescentado ao tema de aoristo/perfectum. A evolução fonética abreviou a vogal pré-desinencial, e fora da primeira pessoa do singular ele é idêntico ao futuro anterior.

amau-īs-ī-m > amauerīm > *amauerīm* [eu amaria]⁹⁷ (rotacismo do -s- e consecutiva apofonia do -ī- diante de -r-), *amaueris* [amarias], *amauerit* [amaria], *amauerīmus* [amariamos], *amaueritis* [amaríais], *amauerint* [amariam].

A construção é a mesma com os outros temas de aoristo/perfectum: *deleuerim* [destruiria], *legerim* [leria], *cēperim* [tomaria], *audiuerim* [ouviria], *metuerim* [temeria], *fuerim* [seria], etc...

3-3-2- Voz média e voz passiva

Como todas as formas de perfectum, as formas são perifrásticas: participio e eventual infectum do verbo *esse*:

secutus sim [seguiria] etc, para o médio, *amatus sim* [seria amado], etc para o passivo.

Encontramos também a construção com o perfeito *fuerim* para marcar que o resultado do acontecimento pertence a um passado sem incidência sobre a atualidade do contexto.

97 Lembraremos que a tradução não é unívoca.

O MODO DO POSSÍVEL

1- SIGNIFICADO DO POSSÍVEL

Como dissemos ao estudar o eventual, o termo imperfeito e mais-que perfeito do subjuntivo não parece adequar-se aos significados que as formas apresentam. Nas suas aulas de grego a respeito do optativo, o professor Murachco sublinha que esse modo das gramáticas do grego se refere a um campo nocional, o campo do possível e do não possível. Apoia-se para isso sobre a reflexão de Aristóteles no *Περὶ Ἑρμηνείας* (21b), demonstrativa de que um ato possível pode ser e não ser, e de que a realização desse ato não intervém na veracidade do enunciado. Podemos interpretar assim a seguinte passagem⁹⁸:

Parece a mesma possibilidade tanto ser quanto não ser; pois tudo o que é possível ser cortado ou andar também é possível não andar e não ser cortado; e é um enunciado de que tudo o que é assim possível não está em ato agora, de modo que subsiste nele também a negação; pois tem possibilidade de não andar o andarilho e de não ser visto o visível. Mas é impossível que sobre o mesmo fato sejam verdadeiras duas declarações antagônicas.

Está claro que Aristóteles diferencia o ato em realização “ἐνεργεῖ” e o ato em potência, o primeiro é impossível afirmar ou negar ao mesmo tempo; o segundo permite a coexistência da afirmação e da negação..

Infelizmente, o termo possível não deixa de ser ambíguo: pode significar a capacidade que temos de realizar algo e pode significar também o ato não necessariamente realizável, que pertence a um campo meramente nocional. “Impossível” seria a negação da capacidade de agir e pertence ao enunciado de uma realidade –ou irrealidade- objetiva; “não possível” seria o ato que contempla em si mesmo duas ou mais perspectivas paralelas, cuja oposição é meramente aparente, porque faz jus a um ato não considerado na sua realização mas na possibilidade de sua realização: tal ato só pode ter existência na mente do falante. A polissemia do verbo poder, do qual são oriundos os adjetivos possível e impossível, é incômoda: há uma diferença importante de ponto de vista num enunciado do tipo “posso

98 δοκεῖ δὲ τὸ αὐτὸ δύνασθαι καὶ εἶναι καὶ μὴ εἶναι· πᾶν γὰρ τὸ δυνατόν τέμνεσθαι ἢ βαδίζειν καὶ μὴ βαδίζειν καὶ μὴ τέμνεσθαι δυνατόν· λόγος δ' ὅτι ἅπαν τὸ οὕτω δυνατόν οὐκ ἀεὶ ἐνεργεῖ, ὥστε ὑπάρξει αὐτῷ καὶ ἡ ἀπόφασις· δύναται γὰρ καὶ μὴ βαδίζειν τὸ βαδιστικόν καὶ μὴ ὁρᾶσθαι τὸ ὁρατόν. ἀλλὰ μὴν ἀδύνατον κατὰ τοῦ αὐτοῦ ἀληθεύεσθαι τὰς ἀντικειμένους φάσεις·

levantar esse peso”, em que marcamos nossa capacidade de cumprir a ação, e um enunciado que deixa em aberto qualquer outra possibilidade sem determinar se alguma delas se efetivará: “- Você dará essa aula? – Não sei. Pode ser”, ou “Poderia”. Dar a aula não se apresenta na mente do falante nem como uma ação eventual, nem como uma ação programada, futura. Pode acontecer como pode não acontecer: as duas opções estão presentes concomitantemente na resposta sem determinação nenhuma relativa à efetivação de qualquer uma. É um ato que se apresenta ao pensamento, sem intenção pré-estabelecida de lhe dar existência real.

Nossa escolha recaiu sobre esse termo de “possível” para designar o que é chamado pelas gramáticas “imperfeito do subjuntivo” e “mais-que-perfeito do subjuntivo” a fim de evitar a associação com o imperfeito e o mais-que-perfeito do indicativo, que são ligados à ideia de tempo cronológico próprio dos tempos do indicativo, numa relação necessária com o presente do locutor. Essas formas não contêm a ideia do tempo sucessivo: o único tempo que apresentam é o tempo interno da ação, isto é, o aspecto. O “imperfeito do subjuntivo” é um infectum, o “mais-que-perfeito” um perfectum, às vezes um aoristo. Usados frequentemente num contexto de passado, recebem do contexto a sua situação no âmbito temporal. Mas a forma em si não os coloca nem no passado, nem no presente, nem no futuro. O infectum pode referir-se a qualquer momento e o perfectum expressa geralmente ou a anterioridade em relação a um momento dado ou o resultado de uma ação: são valores aspectuais. Assim o possível no infectum pode expressar uma ação que podemos imaginar num momento tanto presente quanto futuro:

At dares hanc uim M. Crasso, ut digitorum percussione heres posset scriptus esse, qui re uera non esset heres, in foro, mihi crede, saltaret. (Cíc., Of., 3.,75)

Mas que desses esse poder a M Crasso, de modo a que com um estalo de dedos ele possa ser inscrito como herdeiro, ele que não seria herdeiro de verdade, creia-me, pularia em pleno foro.

Por um lado o acontecimento imaginado inscreve-se num momento qualquer do presente ou do futuro, sem conexão com a atualidade objetiva do falante. Não tem qualquer ligação com um momento do passado: não constitui o tempo cronológico na sua própria forma como faz o imperfeito do indicativo. É um infectum com as características desse aspecto: a ação apresentada no seu desenvolvimento. Por outro lado nenhuma dessas ações é apresentada como realizável; é até uma gozação sobre o carácter de Crasso; pega-se o ato inverossímil de inscrever Crasso como herdeiro “com um estalo de dedos” e imaginam-se as consequências. Estabelecem-se duas suposições preliminares puramente imaginárias: a inscrição num

testamento e a permissão de fazê-lo, e uma condição: a ilegitimidade da herança em questão. Isso provocaria a alegria de Crasso, acontecimento imaginário, visto que as condições não têm qualquer possibilidade de realização.

A mesma forma pode ocorrer num contexto de passado:

Poterat Sextilius impune negare: quis enim redargueret? (Cíc., Fin., 2,17)

Sextilius podia negar impunemente: pois quem o refutaria?

A interrogação coloca a refutação como não possível de efetivar-se, e é o verbo no imperfeito do indicativo *–poterat–* que a situa no passado.

A expressão da condição é o enunciado que melhor esclarece que o modo possível expressa um acontecimento ligado ao imaginário, e não à realidade:

- *Non uideo; ubist? - uideres si amares.* (Plaut., Mil., 1262)

- Não a vejo, onde está? –Vê-la-ias se amasses

Nenhum dos atos é real: o interlocutor não vê a moça e não a ama; é uma suposição totalmente gratuita, que se costuma chamar “irreal do presente”. Uma condição realizável seria expressa por um indicativo, presente ou futuro, ou por um eventual infectum ou aoristo:

Si uis amari, ama. (Sên., Luc., 9,6)

Se queres ser amado, ama

Si accepero litteras quas exspecto, si spes erit ea quae rumoribus adferebatur, ad te me conferam. (Cic, Att, 3, 11, 1)

Se receber as cartas que espero, se se realizar a esperança que era trazida pelos boatos, irei ter com você...

Misereat, si familiam alere possim misericordia. (Plaut, Pseud.,274)

Vou ter dó, se puder alimentar minha gente com piedade. (recusa dar prazo a um moço endividado por causa de uma namorada)

Perii si me aspexerit. (Plaut., Amph., 320)

Estou perdido se ele me enxergar.

Em todos esses exemplos a condição ou é realizável no presente, ou é projetada no futuro e pertence a uma visão do acontecimento como real, ou o acontecimento se apresenta como realizável concomitantemente com outros tão eventuais quanto o que é citado.

O perfectum do possível, por sua vez, coloca a ação como não realizada no passado: trata-se de mera suposição cuja realização não está nem em pauta porque o acontecimento no passado não tinha condição de vir a ser.

Certe Fabricius Cornelium Rufinum,..., quia utilem sciebat ducem, imminente bello palam consulem suffragio suo fecit... Ita hic si fuisset orator, non defendisset eundem Rufinum uel manifesti peculatus reum? (Quint., I. Or. XII,1,44)

Com certeza, Fabrício fez cônsul Cornélio Rufino porque o sabia um chefe útil, na iminência da guerra.... Assim se tivesse sido orador, não teria defendido esse mesmo Rufino mesmo sendo acusado de evidente peculato?

Fabrício não era orador, não podia defender Cornélio: mas, dadas as atitudes que adotou, pode-se imaginar primeiro que ele fosse orador naquele tempo determinado pelo contexto, segundo que, sendo orador, teria tomado por razões de estado a defesa de um homem cuja conduta era indigna.

O que o modo do possível expressa é que o fato enunciado pertence a um leque de atos que também poderiam ser enunciados e que coexistem na mente do falante junto com esse que ele citou. Não ver a moça coexiste com a possibilidade de ver, de fato ela é visível, já que o amante a enxerga, do mesmo modo se apresenta o fato de amar; o amor do outro é uma possibilidade não realizada, mas, em si, perfeitamente imaginável. Acontece na imaginação sem interesse e nesse caso sem desejo que a ação de amar se concretize. É mera suposição que não implica nenhuma realização. Fabrício pode ser imaginado como orador, ou como chefe de guerra, ou como exercendo qualquer função: faz parte do imaginário do autor; mas na condição de orador também se abriam várias possibilidades: defender Rufino, acusá-lo, não fazer nada. É o que entendemos como um leque de ações possíveis cuja realização não está na perspectiva do falante.

Num contexto de narração no passado, quando encontramos o modo possível no enunciado de fatos que aconteceram realmente, será que podemos aceitar que os acontecimentos fiquem dentro de um campo semântico de mesmo valor, isto é, puramente imaginário? Poderíamos dizer que o passado confere uma realidade menor aos

acontecimentos. Mas o enunciado apresenta ao mesmo tempo verbos no indicativo e no possível, algumas vezes também no eventual aoristo/perfectum.

É uma escolha de quem fala, que expressa seu ponto de vista sobre a realização do ato concedendo seu assentimento ao que aconteceu. Se for uma verdade de experiência, ou um fato que quer apresentar como fazendo parte do seu conhecimento direto, ele usa o indicativo. O possível, por sua vez, coloca o acontecimento dentro de uma perspectiva de menor participação do falante com os fatos. O que narra pode ser verdadeiro, mas ele mesmo não assume essa realidade, ou porque lhe foi contado, e é um conhecimento de segunda mão, através de outro, ou porque transmite as palavras de outra pessoa e não assume a sua veracidade..

Mais ainda o que se apresentaria como uma eventualidade num enunciado no presente, em especial nas orações subordinadas que comportariam um verbo no eventual, no momento em que este eventual está transladado ao passado, muda de significado; desaparece então a noção de eventualidade, leque aberto de realizações ainda em gestação, para dar lugar a um leque aberto de possibilidades cuja realização é indiferente ao falante porque ele só quer estabelecer os possíveis que existiram naquele momento

Misi in Cyprum ut ibi pauculos dies esset, ne cives Romani pauci qui illic negotiantur ius sibi dictum negarent. (Cic. Ad Att. 5,21,7)

Mandei-o a Chipre de modo a que estivesse lá durante pouquíssimos dias para que os poucos cidadãos romanos que negociam por lá não negassem que receberam seus direitos.

Tanto *esset* quanto *negarent* são atos possíveis que deixam em aberto a possibilidade contrária; como o enunciado é um passado, até se as ações se estariam efetivando no momento da fala, a realização mesma dessas ações ou se deu ou não se deu: estão presentes na mente do autor sem que ele assuma a realidade de sua existência. Ao contrário, o presente indicativo *negotiantur* é um fato objetivo, aceito e assumido como tal pelo locutor.

2- O POSSÍVEL INFECTUM.

2-1- Num contexto de presente ou futuro.

2-1-1-Em oração independente

- Opção do domínio da imaginação:

Ego tibi irascar, mi frater? tibi ego possem irasci? (Cíc., Q. Fr., 1,5,1)

Eu, que fique irritado contra ti, meu irmão? Acaso eu poderia ficar irritado contra ti?

Com o primeiro verbo no eventual, Cícero coloca como uma opção estranha o fato de se irritar contra seu irmão; com o possível a coloca como totalmente imaginária, portanto improvável, e impensável nesse caso.

- Desejo não realizável.

Amph. *Homo hic ebrius est, ut opinor.*

Sos. *Utinam ita essem.* Amph. *Optas quae facta.* (Pl., Amph., 575)

A.: Este homem está bêbado, na minha opinião.

S.: Oxalá estivesse. A. Desejas o que acabas de fazer.

Sósia que nem bebeu nem comeu há algum tempo desejaria estar bêbado, mas não está.

2-1-2- Em oração subordinada

- Suposição sobre um fato irreal tomado como base de raciocínio. Sêneca sabe que os animais não têm sentimentos do mesmo tipo que os homens.

Muta animalia humanis affectibus carent, habent autem similes illis quosdam impulsus : alioquin si amor in illis esset et odium, esset amicitia et simultas, dissensio et concordia, quorum aliqua in illis quoque exstant uestigia, ceterum humanorum pectorum propria bona malaque sunt. (Sên., Ira., I 6,7)

Os animais brutos carecem de afecções humanas, têm porém alguns impulsos a elas semelhantes: de outro modo, se neles houvesse amor e ódio, haveria amizade e rivalidade, discórdia e .concórdia do que alguns vestígios existem também neles, mas o bem e o mal são próprios dos corações humanos.

- Uma explicação provável mas cuja veracidade não é tomada em conta pelo falante:

Diana dicta, quia noctu quasi diem efficeret. (Cíc., Nat., 2,69)

Chamada Diana porque ela faria da noite quase um dia

Nemo enim unquam est oratorem quod latine loqueretur admiratus. (Cíc., De Or., III,52)

Pois ninguém fica admirado alguma vez de que um orador falasse bem latim.

- Um mero desejo, sem esperança de realização:

Nunc ecaster ut ueniret miles uelim. (Plaut., Truc., 841)

Por Castor, agora queria que o soldado chegasse.

2-2- Num contexto de passado.

Geralmente é encontrado numa subordinada, sendo marcada a situação no tempo cronológico pelo contexto no qual está inserido:

- Transmissão das palavras de outra pessoa:

Socrates cum esset ex eo quaesitum Archelaum, Perdiccae filium, qui tum fortunatissimus haberetur, nonne beatum putaret....inquit. (Cíc., Tusc., 5,34)

Sócrates, como lhe perguntassem se não consideraria feliz Arquelau, filho de Pérdicas que era tido então como o homem mais afortunado, respondeu....

- A consequência, fato que decorre de uma situação dada não é entendida pelos latinos como um fato real mas como fazendo parte da opinião ou sendo uma dedução intelectual. Num contexto presente-futuro é expressa pelo eventual, num contexto de passado pelas formas do possível.

Tantus subito timor omnes exercituum occupavit ut mediocriter omnium mentes animosque perturbaret. (Cés., B.,Gal., 1,39,1)

De repente, um pavor tão grande se apoderou de todos os soldados dos exércitos que perturbou não pouco as mentes e a coragem de todos.

Duo tum excellabant oratores qui me imitandi cupiditate incitarent, Cotta et Hortensius. (Cíc., Br., 317)

Então sobressaíam-se dois oradores tais que me incentivassem no desejo de imitá-los: Cotta e Hortênsio.

O pavor era grande, resultado: perturbação da coragem dos soldados; a qualidade dos oradores tem como consequência o desejo de imitá-los.

- Opções abertas sem decisão a respeito de sua realização. Num contexto presente ou futuro teríamos o eventual, porque as opções continuam abertas; num contexto passado, houve ou não a realização; é um mero comentário em que a intenção do falante é objetiva, mas a efetivação da viagem fica suspensa:

Equidem suasi ut Romam pergeret. (Cíc., At., 16, 8, 2)

Quanto a mim, persuadi-o a que perseguisse o caminho para Roma.

Se o correspondente entendeu ou não, não vem ao caso aqui; o que importa é a intenção de quem escreveu.

Haec propterea scripsi ut intellegeres. (Cíc., Fam., 13, 67, 2)

Escrevi isso para que entendesses

- Narração no passado de fatos deduzidos pelo narrador: notem-se as oposições de indicativo e de possível, os primeiros referentes a fatos apresentados como objetivos, por exemplo, o desvio que representava a passagem pela ponte, os segundos a fatos deduzidos da situação.

Relinquebatur Caesari nihil, nisi uti equitatu agmen adversariorum male haberet et carperet. pons enim ipsius magnum circuitum habebat, ut multo brevior itinere illi ad Hiberum pervenire possent. (Ces. B.Civ., I, 63, 2)

Para César nada era deixado para trás, a menos que o avanço dos adversários se desse mal graças à cavalaria e enfraquecesse. De fato uma ponte apresentava um grande desvio desse tal que eles poderiam chegar ao Ebro por um caminho muito mais curto.

Hunc post dominationem L. Sullae lubido maxima inuaserat rei publicae capiundae, neque id quibus modis adsequeretur, dum sibi regnum pararet, quicquam pensi habebat. (Sal., Cat., 5, 6)

Depois da dominação de L. Silla, um enorme desejo de tomar a república o tinha invadido, e a isso, por quais meios o conseguisse por tanto que preparasse seu reinado, não lhe dava nenhum peso.

Os possíveis expressam o pensamento funesto de Catilina, deduzível de seus atos.

3- O POSSÍVEL AORISTO E PERFECTUM.

É mais frequente e mais nítido o uso do aoristo/perfectum do possível no aspecto perfectum. No entanto ele acontece também sem que haja realmente relação de anterioridade seja com o momento do qual o narrador fala, seja em referência a outro verbo.

3-1- Valor de aoristo

Quibus ego ita mandaram ut ...agerent quod probassent. In hoc autem mihi illud occurrit: 'quid tu igitur si adfuisses?' rem probassem, de tempore nihil te inuito, nihil sine consilio egissem tuo. (Cic., Fam., 13,12,3)

E lhes tinha mandado que fizessem o que achassem bom. Porém, nisso, me ocorreu: “Que tal se tu estivesse lá?” eu acharia isso bom porque tu não serias constrangido pelo tempo, e (eu) não faria nada sem teu conselho.

Em relação aos verbos *mandaram* e *occurrit* todas as outras ações se situam num momento futuro. *agerent* é um infectum, a ação sendo vista no seu desenvolver; as outras nos parecem fazer parte do campo do aoristo, isto é, vistas na sua realização global.

3-2- Valor de perfectum

Evoca a anterioridade em relação a um momento dado pelo contexto ou a outro fato no passado

- Desejo irrealizável

Quod utinam minus vitae cupidi fuisset! certe nihil aut non multum in vita mali vidissemus. (Cic., Fam., 14,4,1)

Oxalá tivéssemos sido menos apaixonados pela vida! Com certeza não tivéssemos visto nada de mal ou não muito.

- Condição não realizada

Quae si bis bina quot essent didicisset Epicurus certe non diceret. (Cíc., Nat., II,49)

Se tivesse aprendido quanto seriam duas vezes dois, Epicuro certamente não diria

Praeclare uiceramus nisi fugientem Lepidus recepisset Antonium. (Cíc., Fam., 12,10,3)

Tínhamos vencido sem dúvida alguma se Lépido não tivesse recebido Antônio em fuga. (Notar o mais-que-perfeito do indicativo que dá como certa a vitória se falhasse a proteção de Lépido, o que não se deu)

- Condição prealável a uma ação

cui tu adolescentulo quem corruptelarum inlecebris inretisses non aut ad audaciam ferrum aut ad libidinem facem praetulisti? (Cic., Cat., 1, 14)

A que mocinho que tivesses envolvido nas redes de tuas corrupções não levaste o ferro para a ousadia ou o estímulo para a devassidão?

Inretisses: o autor mostra que não é qualquer moço que se arma a favor de Catilina, é aquele que primeiro foi corrompido; hão de existir outros, que não se deixam seduzir.

4- FORMA DO POSSÍVEL.

O sufixo formador do possível é **-sē-** e é específico do latim. Parece não existir nas outras línguas ligadas ao indoeuropeu. Vimos que o sufixo do optativo serviu a formar alguns eventuais, em particular o aoristo/perfectum do eventual, sendo que a maioria dos significados do optativo grego é expressa pelo modo do possível.

Ao acrescentar o sufixo **-sē-** ao tema, cada vez que o **-s-** se encontra entre vogais, sofre rotacismo e quando precedido pela vogal **-ĩ-** (vogal de ligação ou temas em ĩ), o **-ĩ-** sofre apofonia em **-ě-**.

4-1- O possível infectum.

4-1-1- Voz ativa:

Ao tema de infectum acrescenta-se o sufixo **-sē-** e as desinências. Os temas em consoantes, soantes e **-u-** apresentam em geral a vogal de ligação **-ĩ-**; acomodações fonéticas vão dar a aparência final aa essas formas verbais. As mais generalizadas são o rotacismo do **s** entre vogais e a seguir a apofonia do **ĩ** antes do **r**:

Temas vocálicos:

amā-, delē-: amā-sē-m > *amārem* [amasse] *amārēs* [amasses], etc., delē-sē-m > *delērem* [destruisse]. delē-sē-s > *delērēs* [destruisses], etc.

Temas com a semivogal **i**:

audī-, capī- (com capī-: ĩ > ě): audī-sē-m > *audīrem* [ouvisse], *audīres* [ouvisses], etc., capī-sē-m > capī-rem > *capĕrem* [pegasse], *capĕrēs* [pegasses], etc.

Temas em consoante, soante e em semivogal **u**; na maioria dos casos, usam a vogal de ligação entre o tema e o sufixo, com as consequentes acomodações fonéticas:

leg-, metū: lĕg-ĭ-sē-m > *lĕgĕrem* [lesse], *lĕgĕrēs* [lesses],, metū-ĭ-sē-m > *metuĕrem* [temesse], *metuĕrēs* [temesses], etc.

Alguns temas-raiz terminados por soante não têm vogal de ligação, assim o tema **es-** acrescenta diretamente o sufixo: es-sē-m > *essem* [fosse], *essēs* [fosses] etc., e os temas **fer-**, **uel-** apresentam assimilação -rs- > -rr-; -ls- > -ll-: fer-sē-m > *ferrem* [portasse], *ferrēs* [portasses], uel-sē-m > *uellem* [quisesse], *uelles* [quisesses]; ey- > ĭ- diante de s: ey-sē-m > *īrem* [fosse], *īrēs* [fosses].

4-1-2-Voz média e voz passiva.

Em vez das desinências ativas, usam-se as desinências médio/passivas: *amārer* [eu fosse amado], *amārēris* [fosses amado], *amārētur* [ele fosse amado], *amārēmur* [fôssemos amados], *amārēmini* [fôsseis amados], *amārēntur* [fossem amados]; os outros temas apresentam as formas seguintes na primeira pessoa do singular da qual se deduzem as outras: *delērer* [eu fosse destruído], *legĕrer* [eu fosse lido], *capĕrer* [eu fosse pego], *audĭrer* [eu fosse ouvido], *metuĕrer* [eu fosse temido]; *ferrer* [eu fosse portado] ou, para a voz média, *sequĕrer* [eu seguisse].

4-2- Possível aoristo/perfectum.

4-2-1- Voz ativa:

O mesmo sufixo **-sē-** se aplica ao tema de aoristo/perfectum, já aumentado do sufixo -ĭs-, como em todo o sistema de aoristo/perfectum:

Tema amā-u-ĭs-sē-m > *amāuissem* [eu tivesse amado], delē-u-ĭs-sē-m > *delēuissem* [tivesse destruído], cĕp-ĭs-sē-m > *cĕpĭssem* [tivesse pego], audĭu-ĭs-sē-m > *audĭuissem* [tivesse ouvido], lĕg-ĭs-sē-m > *lĕgĭssem* [tivesse lido], metū-ĭs-sē-m > *metuissem* [tivesse temido], etc.

Os verbos que apresentam um tema de aoristo/perfectum sobre raiz diferente da raiz do infectum têm a mesma configuração que os precedentes, sempre sobre o tema de aoristo/perfectum: -fu-ĭs-sē-m > *fuissem* [eu tivesse sido], potu-ĭs-sē-m > *potuissem* [tivesse

podido], *uolu-ĭs-sē-m* > *uoluissem* [tivesse querido], *tul-ĭs-sē-m* > *tulisse* [tivesse portado], *iu-ĭs-sē-m* > *iuissem/iissem* [tivesse ido] etc.

4-2-2-Voz média e voz passiva.

Como para os outros modos, no aoristo/perfectum o possível se expressa pela perífrase participio mais auxiliar *esse* na forma do possível infectum.

Amatus essem [tivesse sido amado], *deletus essem* [tivesse sido destruído] e na voz média *secutus essem* [tivesse seguido] etc.

AS FORMAS NOMINAIS DO VERBO

O verbo é o elemento central do predicado no enunciado, quando ele se apresenta como ῥήμα, isto é, quando a marca do sujeito se acrescenta ao significado lexical e aspectual do tema verbal por meio das desinências pessoais. No entanto nem todas as formas verbais recebem as desinências como flexão verbal. Infinitivos e participípios são verbos porque denotam uma ação mas funcionam como nomes dentro do enunciado; o infinitivo é um substantivo verbal, o participípio um adjetivo verbal.

Os radicais verbais forneceram nomes às línguas que lhes adaptaram sufixos nominais de diversos valores. Por exemplo, com o tema *uenā-* de significado caçar, temos termos designando o agente *uenator* [caçador], o ato da caça *uenatio*, o fato de caçar, ou o resultado da caça *uenatus*; mas só o infinitivo *uenari* ou o participípio *uenans* [“caçante”, que caça] mostram o caçador realizando o ato de caçar, o que nem os substantivos citados nem o adjetivo *uenaticus* [próprio da caça] evocam. Essa faculdade de usar o verbo como nome, garantindo seu valor de processo, deu à língua uma flexibilidade ímpar. Como processo, de fato, essas formas verbais permitem indicar uma ação que se completa sobre um objeto, e associar-lhe todas as relações lógicas que influem sobre a realização da ação. Infinitivo, ele representa a noção abstrata do processo; adjetivo, assume o gênero e o número do substantivo referente e sugere qualidades ou situações de uma grande diversidade sob uma forma simples e condensada, enriquecendo os meios expressivos da língua.

O grego tinha para todos os aspectos – infectum, aoristo e perfectum – formas constituídas sobre os temas aspectuais e para as vozes –ativa, média e passiva– sufixos individualizados. As formas de participípios contavam também com a diferenciação dos gêneros –masculino, feminino e neutro–. Enfim a esses participípios acrescentavam-se adjetivos verbais de conotações diversas. O latim não tem um leque tão diverso de formas. No entanto se desenvolveram no decorrer da história da língua formas específicas ao latim para cobrir a maioria dos campos nocionais necessários à enunciação matizada do pensamento do falante.

A relação com o locutor é essencialmente diferente da relação estabelecida pelos verbos flexionados: nesses o enunciado apresenta-se como dependente das intenções de quem fala. Já as formas nominais são sentidas como neutras em relação a ele: a relação do adjetivo é com o substantivo, a do infinitivo com o verbo principal ou com um nome.

OS PARTICÍPIOS OU ADJETIVOS VERBAIS.

O particípio, tradução do nome grego μετοχή [que participa], participa de fato de duas naturezas: a do verbo e a do nome. Formado sobre uma raiz verbal – *captum* de cap- - ou sobre um radical verbal – *capiens* de capi- - apresenta um tema nominal e flexiona como adjetivo. Sendo adjetivo, faz parte do sintagma nominal formado pelo substantivo e seus complementos; apresenta os três gêneros - masculino, feminino e neutro -, pode ser substantivado e preenche as funções dos adjetivos qualificativos -epíteto, predicativo, aposto-; pode até receber os sufixos de comparativo e superlativo de superioridade. Adota o caso do substantivo que qualifica, como todo adjetivo. No entanto sendo verbo representa uma ação, e complementos diversos tais como complementos de objeto ou de atribuição podem estender-lhe o significado; os limites se atêm unicamente a seu valor semântico. Com o substantivo ao qual é ligado, expresso no ablativo, pode até formar uma oração de valor circunstancial, isto é, uma oração participial ou “reduzida do particípio”.

O latim tem quatro particípios, dois deles construídos sobre o tema de infectum, o particípio presente e o particípio futuro de sentido passivo, habitualmente chamado gerundivo, dois outros construídos diretamente sobre a raiz do verbo, o particípio passado, frequentemente de valor passivo, e o particípio futuro ativo. Com exceção do particípio presente, formam frequentemente com o verbo *esse* [ser] uma perífrase de valores diversos, como por exemplo a perífrase do aoristo/perfectum médio/passivo *amatus sum* [fui amado].

1- O PARTICÍPIO EM -nt/-nti-

1-1- Significado

1-1-1-Valor verbal

É um adjetivo verbal designado em geral sob o nome de “particípio presente”. Indica que o substantivo ao qual se refere participa da ação que expressa, realiza-a ou está envolvido nela, sujeito e objeto ao mesmo tempo, isto é, é usado tanto para a voz ativa quanto para a voz média. Sua dupla natureza de verbo e de adjetivo é perceptível em frases do tipo seguinte:

Docet enim quemuis... bene interroganti respondentem declarare se non tum illa discere, sed reminiscendo recognoscere ... (Cic.,Tusc.,1,24)

(Sócrates) mostra que qualquer um que responde a quem o interroga bem manifesta não que aprendeu essas coisas mas que as reconhece lembrando-se delas....

respondentem é adjetivo epíteto do pronome indefinido, mas *interroganti* com um advérbio de modo *bene* designa ao mesmo tempo o ato e a pessoa que o realiza, e faz as vezes de uma oração relativa de antecedente indefinido, complemento de atribuição de *respondentem*.

Apesar de ser chamado “presente”, ele não expressa por si só que a ação se desenvolve no presente do locutor; pode ser encontrado também num contexto de passado ou de futuro. Sua situação no tempo depende de circunstâncias contextuais, expressas por complementos ou pela própria situação evocada. Seu valor é essencialmente aspectual: coloca a ação como processo em desenvolvimento, isto é, como infectum.

- Relação entre particípio e verbo principal

Várias relações se instauram entre o processo mostrado pelo particípio e o processo enunciado pelo verbo principal: ambos podem ser concomitantes, a ação principal pode anteceder a que é expressa pelo particípio, ou pode acontecer o contrário. O particípio faz coincidir pelo menos parcialmente os dois processos.

São concomitantes:

Ad id aut sedens aut ambulans disputabam. (Cic., Tusc., 1,4)

Para isso, ora sentando-se ora andando, discorria.

A ação de discorrer apresentada no infectum se desenvolve a par das de sentar-se e de andar, num contexto de passado.

Ibo odorans quasi canis uenaticus... (Plaut., M. Glor., 268-269)

Irei cheirando quase feito um cão de caça....

Num contexto de futuro, a personagem se descreve ao mesmo tempo andando e cheirando, à procura de algo.

No texto seguinte, a ação expressa pelo particípio *bibenti* é posterior à ação expressa pelo verbo principal *fecisti*, mas se desenrola na atualidade do diálogo; é o caso também de *timens*:

“Cur” inquit “turbulentam fecisti mihi

Aquam bibenti?” Laniger contra timens.. (Fed., Fab., 1,1,6)

“Por que, disse, me fizeste turva a água que estou bebendo?”. O lanudo responde tremendo:...

A ação expressa por *dicenti* é anterior à reação de Postúmio.

Haec dicenti fetiali Postumius genu femur quanta maxime poterat ui perculit et clara uoce ait se Samnitem ciuem esse. (Liv., 42,10,9)

Ao fecial que dizia essas palavras, Postúmio golpeou a perna com o joelho, com toda a força que podia, e disse em alta voz que era cidadão samnita.

Também num momento qualquer do processo expresso pelo participio pode intervir outra ação:

Theophrastus autem moriens accusasse naturam dicitur, quod ceruis et cornicibus uitam diuturnam, quorum id nihil interesset, hominibus, quorum maxime interfuisset, tam exiguum uitam dedisset (Cíc., Tusc., 3,28)

Diz-se que Teofrasto, (que estava) morrendo, acusou a natureza de ter dado uma vida longa aos cervos e aos corvos, para os quais não é nada útil, e aos homens para os quais seria muito útil, uma vida tão curta....

A ação expressa por *moriens* -do verbo médio *mori* [morrer]- sugere uma extensão diferente da do infinitivo *accusasse*.

- Os complementos do participio

Como verbo, complementos diversos podem ser-lhe associados

quae dixero, (sed) ut homunculus unus e multis probabilia coniectura sequens. (Cíc., Tusc., I,9)

e direi as coisas como um homenzinho comum e seguindo entre muitas as conjeturas prováveis.

sequens do verbo médio *sequi* [seguir] tem complemento de objeto: *probabilia coniectura*.

Quocirca si forte de deorum natura ortuque mundi disserentes minus id quod auemus animo consequimur. (Cíc., Tim., 3,8)

Se por acaso, dissertando sobre a natureza dos deuses e o nascimento do mundo conseguimos o mínimo do que desejamos na alma.

de deorum natura ortuque mundi é o complemento de *disserentes*, indica o assunto da exposição.

Nec uero rei familiaris amplificatio nemini nocens uituperanda est. (Cic., Of., 1, 25)

E na verdade o aumento dos bens da família, não prejudicando ninguém, não há de ser censurado. (o dativo *nemini* é complemento de atribuição de *nocens*)

1-1-2- Valor de adjetivo

Ocupando as funções de adjetivo, epíteto –*mihi bibenti*–, aposto –*nemini nocens*–, com um significado de qualificativo, muitos participípios foram usados como verdadeiros adjetivos. Isso se manifesta na sua flexão, onde a língua faz a diferença entre adjetivo e participípio no ablativo e instrumental singular, recebendo o adjetivo a desinência –i–, o participípio a desinência –ē–; além disso, encontramos às vezes o adjetivo com o grau de comparativo ou superlativo de superioridade e ele pode ser substantivado.

Vemos por exemplo a formação de *innocentes* [que não prejudica, inocente] que não tem verbo correspondente. Sua formação é analógica do adjetivo *nocens*, seu oposto, participípio do verbo *nocere* [prejudicar].

Qui fictis causis innocentes opprimunt. (Fed., Fab., 1, 1, 15)

Os que oprimem os inocentes com processos falsos (fingidos)

Venibunt quique licebunt, praesenti pecunia. (Pl. Men. 1159)

Venderão por qualquer preço que fixarão, a dinheiro vivo (presente) (Note-se a desinência de instrumental em –i– própria do ablativo de adjetivo)

Volusium...certum hominem sed mirifice etiam abstinentem misi. (Cíc., At., 5, 21, 6)

Mandei a Volusio um homem de confiança mas ainda maravilhosamente moderado.

- Grau do adjetivo

Sed cum duplex esset natura generis humani, sic se res habebat ut praestantius genus esset eorum qui essent futuri uiri. (Cic., Tim., 12-44)

Mas como fosse dupla a natureza da espécie humana, acontecia que fosse mais preeminente o gênero dos que haveriam de ser varões. (*praestantius* comparativo de *praestans*)

-Adjetivo substantivado

O adulescens, salve, qui me servauisti, quisquis es. (Pl., Men., 1065)

O moço, bom dia, tu que me salvaste, quem quer que sejas.

Quod enim omnis animantis eos qui ratione intelleguntur complectitur id non potest esse cum altero (Cic., Tim., 4-12)

De fato o que abrange todos os viventes que são compreendidos pela razão não pode existir com outro.

Audentes fortuna iuuat. (Verg., En., 10,284)

A fortuna ajuda os audazes.

Animo imperabit sapiens. (P. Syro, Sent., A,24)

O sábio será senhor de sua alma.

O particípio neutro plural *uolentia* do verbo *uolo* [querer] chega a adquirir um significado passivo [as coisas desejadas pela plebe]; pode-se entender como um substantivo neutro plural equivalente a “desejos da plebe”

Multisque suspicionibus uolentia plebi facturus habebatur. (Sal., Hist., 4,42)

E por meio de muitos atos suspeitos, parecia estar por fazer as vontades da plebe.

1-1-3- Formação

Ao tema de infectum acrescenta o sufixo **-nt-** para o masculino e o neutro, **-nty-** para o feminino. É o mesmo sufixo que encontramos no grego como formador de adjetivos e participios; só a evolução fonética é diferente.

amā-nt-s tornaria-se *amāns* com a queda do **t** entre soantes e formaria um tema em consoante; mas o feminino tinha um yod amā-nty-s; a queda do **-y-** depois de um grupo de consoantes precedido de uma longa e a sucessiva queda do **-t-** levou o feminino à mesma forma que o masculino: amā-nty-s > amānts > *amāns*; o neutro adotou também essa forma para o nominativo, vocativo e acusativo singular. Enfim a flexão dos três gêneros se unificou e usou as formas em semivogal para toda a flexão, sobrando só a diferença já sublinhada do uso da desinência **-ě-** no ablativo, locativo e instrumental.

Os temas em consoante e semivogal apresentam o vocalismo -ē- no nominativo leg-ē-nt-s > *legēns*, audī-ē-nt-s > *audiēns*; pode ser por analogia com os temas em -ā- e -ē-

Temos então os temas nominais seguintes: *amant-/amanťi-*, *delēnt-/delentťi-*, *legēnt-/legentťi-*, *audiēnt-/audientťi-*, *capiēnt-/capientťi-*, *metuēnt-/metuentťi-*, *sequēnt-/sequentťi-*. O verbo *esse* só apresenta particípio (*sent-/sentťi-*) em alguns de seus compostos, *absēns* [ausente], *praesēns* [presente].

1-1-4- Flexão do particípio em -nt-/-nty-.

A flexão se apresenta assim: (o tema *amant-/amanťi-* servirá de paradigma)

Singular:

Nominativo e vocativo do gênero animado e do neutro: *amans* para os três gêneros. Acusativo do gênero animado *amantem*, do neutro *amans*. Genitivo *amantis*, Dativo *amanťi*, Ablativo, Locativo, Instrumental para os três gêneros *amantě*.

Plural:

Nominativo e vocativo do gênero animado *amantēs* e do neutro: *amantiă*. Acusativo do gênero animado *amantēs/amanťis*, do neutro *amantiă*. Genitivo para os três gêneros *amantium* Dativo, Ablativo, Locativo, Instrumental para os três gêneros *amantibus*

O verbo *ire* [ir] apresenta o vocalismo -ē- no nominativo singular e no acusativo neutro e o vocalismo -ŏ- nos outros casos: ey- > *ēi* > i- > i-ē-nt-s > *iēns* no nominativo singular, ey- > *ēi* > i- > i-ŏ-nt-is > *euntis* no genitivo, ac. *euntem*, dat. *eunti*, ab. inst. loc. *eunte*; plural: nom. e ac. *euntes*, gen. *euntium*, dat.ab. inst. loc. *euntibus*.

2- O PARTICÍPIO EM --tŏ-/-tă-

2-1- Significado

O particípio em -tŏ- é chamado “particípio passado” e lhe é atribuído um valor de passivo. Na realidade, o sufixo -tŏ- é em primeiro lugar um sufixo formador de adjetivo. Indica que o substantivo ao qual é ligado tem a qualidade expressa pelo verbo sobre o qual é formado. Não tem necessariamente significado passado nem passivo. Assim são ativos por exemplo *cautus* [que toma cuidado], do verbo *cauere*, *scitus* [que sabe, sabido] de *scire* e a maioria dos particípios dos verbos médios podem ter tanto um valor ativo quanto um valor

passivo; *aptus*, do verbo *apiscī* [atingir], forma com o auxiliar os tempos de aoristo/perfectum, sem significado passivo, mas pode significar também ligado, atado. É o caso também de *meditatus* [meditado] de *meditari*, *ratus* [contado] de *rerī*. O português não escapa a esse tipo de conotação do participio: “sabido” é tanto passivo quanto ativo.

Dux cautus et prouidens Scipio uictus necessitatibus temerarium capit consilium.(T. Liv., 25,34,7

Chefe precavido e prudente, Cipião vencido pelos interesses dos temerários toma conselho.

Notamos a qualificação de *dux* por dois participios, *cautus et prouidens*, colocados no mesmo plano, sendo um “participio passado”, outro “participio presente”; os dois referem-se a qualidades que dependem do chefe, isto é, ativas, os dois com valor de adjetivo, nessa frase. Mas, *uictus* tem uma clara conotação de passivo e de perfectum.

Podemos dizer então que o valor ativo ou passivo, presente ou passado não reside na forma em si; seu uso com essas acepções nos parece ser consequência do seu significado como adjetivo. De fato, da ideia de qualidade atribuída a um substantivo, sendo verbal a raiz, passa-se facilmente á ideia de resultado da ação expressa pelo verbo: daí o significado de perfectum que é o mais comum e permitiu que seja usado como segundo elemento das formas perifrásticas de aoristo/perfectum. Por sua vez, uma qualidade não é uma ação, é um estado; a conotação de passivo nos parece proceder dessa ideia.

2-1-1- Valor verbal.

2-1-1-1- Elemento da flexão de perfectum da voz média e passiva

Quando é usado com o auxiliar *esse*, é uma forma da flexão verbal: no texto seguinte *relicti sunt* e *nati sunt* são aoristos, *relicti sunt* é passivo enquanto *nati sunt* é médio. Por sua vez, *monitos* usado sem auxiliar, predicativo do complemento de objeto *illos* é passivo; porém o semantismo de *uolo* o coloca não como um passado mas como uma ação eventual, senão futura.

Nunc illos qui in urbe remanserunt atque adeo qui contra urbis salutem omniumque uestrum in urbe a Catilina relictis sunt, quamquam sunt hostes, tamen, quia nati sunt ciues, monitos etiam atque etiam uolo. (Cic. Cat., 2,27)

Agora, aqueles que ficaram na cidade ou melhor que foram deixados por Catilina na cidade contra a salvação da cidade e de vós todos, apesar de inimigos e porque nasceram cidadãos, outra vez ainda os quero avisados.

Na frase seguinte, *exclusi sumus* marca o resultado da ação; é um perfectum.

Si ille argentum prius adfert, continuo nos exclusi sumus. (Plaut., As., 360)

Se ele não traz o dinheiro primeiro, nos estamos excluídos imediatamente.

Pode estar em qualquer contexto e permite expressar o futuro:

Sin es in uia, cum eris me adsecutus, coram agemus quae erunt agenda. (Cic, Att, 3, 5, 1)

Mas se estás na estrada, como me terás seguido, faremos junto o que haverá de ser feito.

2-1-1-2- Como verbo, admite complementos.

Ad riuum eundem lupus et agnus uenerant

Siti compulsi....

Repulsus ille ueritatis uiribus: ..(Fed., Fab, 1,1,1-9)

Ao mesmo rio vieram um lobo e um carneiro, impelidos pela sede...

Ele, refutado pela força da verdade, (disse)

Siti e ueritatis uiribus são instrumentais.

Impetratum est a consuetudine, ut peccare suauitatis causa liceret. (Cíc., Or., 157)

É determinado pelo costume que seja permitido pecar por causa do encanto.

a consuetudine é complemento de agente

Constrictam iam horum omnium scientia teneri coniurationem tuam non vides? (Cíc., Cat., 1,1)

Não vês que tua conjuração já está restrita pelo conhecimento de todos os presentes?

scientia é complemento de causa de *constrictam*.

2-1-2- Valor de adjetivo.

Já vimos que o particípio em -tŏ- tem valor de adjetivo ao mesmo tempo que de verbo. Como adjetivo ele pode receber os sufixos do comparativo ou do superlativo:

2-1-2-1- Comparativo:

Mea lenitas adhuc si cui solutior uisa est, hoc exspectauit ut id quod latebat erumperet. (Cic. Cat., 2,27)

Minha benevolência até agora, se parece a alguém negligente demais, esperou que se descobrisse o que era escondido

2-1-2-2- Superlativo:

Oreretur animal quod esset ad cultum deorum aptissimum. (Cic., Tim., 12,44)

(para que) nascesse um ser animado que fosse o mais adequado ao culto dos deuses.

Nihil hic munitissimus habendi senatus locus, nihil horum ora uoltusque mouerunt? (Cíc., Cat.,1,1)

Nem este lugar muito protegido que ocupa o senado, nem os rostos e o aspecto destes aqui em nada te comoveram?

2-1-2-3- Pode ser substantivado

Inperfecto autem nec absoluto simile pulchrum esse nihil potest. (Cic., Tim., 4,11)

ora nada semelhante ao imperfeito e ao inacabado pode ser belo.

Vt matronarum hic facta pernouit probe. (Pl.,Aul., 503)

Como este conhece perfeitamente os modos de agir das senhoras

2-2- Forma

O sufixo -tŏ-/tă- forma um adjetivo verbal de tema em vogal; acrescentado diretamente à raiz ou ao radical, não tem por si só nenhuma conotação de aspecto, de passivo ou de passado.

Uma formação comum é a que acrescenta ao radical do verbo o sufixo -tŏ-/tă-:

amā-tŏ-s/amā-tă > *amātus*, *amātum*, *amāta* [amado], delē-tŏ-s > *delētus*, *delētum*, *delēta* [destruído], audī-tŏ-s > *audītus*, *auditum*, *audita* [ouvido]

Mas frequentemente é sobre a raiz que se forma o particípio, resultando em acomodações fonéticas quando necessário:

2-2-1- Raizes em consoante:

Labial: clep- > *cleptus* (*clepo* [roubo]); scrib- > *scriptus* (*scribo* [escrevo]); ap- > *aptus* (*apiscor* [alcanço]); rup > *ruptus* (*rumpo* [quebro]); cap- > *captus* (*capio* [tomo]); leg- > *lectus* (*lego* [leio]); ag- > *actus* (*ago* [impelo])

Dental: rīd- > *rīsus* (*rīdeo* [rio]); sent- > *sensus* (*sentio* [sinto]); sed- > *sessus* (*sedeo* [sento]); fid- > *fissus* (*fīndo* [fendo]); mit- > *missus* (*mitto* [mando]); *iudh- (raiz indo-europea) > iud-/iub- > *iussus* (*iubeo* [ordeno]); pad > *pāssus* (*pando* [estendo]) e por analogia *pansus*; com simplificação dos dois s: cad- > *cassus* > *cāsus* (*cado* [caio]); ed- > *essus* > *ēsus* (*edo* [como])

2-2-2-- Raizes em soante e semivogal –u-

ques- > *questus* (*queror* [me queixo]);

solu- > *solutus* (*soluo* [desato]); metū- > *metutus* (*metuo* [temo])

2-2-3- A raiz podia apresentar **vários vocalismos**, o que explica a diferença entre o vocalismo do infectum, do aoristo/perfectum e do particípio (daremos só alguns exemplos)

sē-/sǎ-: *sero* [semeio] > *sēui* > *sǎtus*; rē-/rǎ- *reor* (*rēri* [contar]) > *rǎtus*

ā/ ǎ: *stā-*: *stāre* [estar de pé] > *stātus*

cī-/cǐ-: *cio* [por em movimento] > *cīui* > *cǐtus*

*deik-/đic-: *đico* [digo] > *đictus*; ey-/ĭ > *ĭre* [ir] > *ĭtum*

genǎ-/gnā: *gnātus* > *nātus* [nascido]; ster-/ strā-: *strātus* (*sterno* [estendo]);

tel-/tlā- : (**tello* [carrego] > *tetuli*) > *tlātus* > *lātus*

3- OS PARTICÍPIOS PRESENTE E PASSADO EM ORAÇÕES PARTICIPIAIS: O ABLATIVO ABSOLUTO

Um dos empregos frequentes desses dois participios, referente a seu estatuto de verbo, é a possibilidade de usá-los como predicados de uma oração circunstancial: participio e sujeito são expressos no ablativo e compõem uma expressão destacada do elemento principal do enunciado, mantendo cada um os complementos necessários. O participio presente marca o desenvolvimento da ação, o participio passado marca a ação completa.

3-1- Expressão do tempo

Efficit...mensis autem quando luna lustrato suo cursu solem consecuta est.(Cic., Tim., 9,33)

Faz também o mês quando a lua, uma vez completado seu curso, alcançou o sol.

Toto igitur omni constituto sideribus parem numerum distribuit animorum. (Cic., Tim., 12,44)

Então uma vez constituído tudo em totalidade, distribuiu um número de almas igual aos astros

São ações plenamente realizadas antes das indicadas pelo verbo flexionado.

Homerus fuit et Hesiodus ante Romam conditam, Archilocus regnante Romulo. (Cíc., Tusc., 1,3)

Homero existiu e Hesíodo antes da fundação de Roma, Arquíloco Rômulo reinando (durante o reinado de Rômulo)

ante Romam conditam marca igualmente o tempo, por meio de uma preposição locativa e temporal seguida do acusativo que indica a anterioridade de um fato em relação a outro, enquanto o participio presente com seu sujeito no ablativo marca dois acontecimentos concomitantes: o reinado de Rômulo e a existência de Arquíloco.

3-2- Expressão da causa

Imminente bello palam consulem suffragio suo fecit...(Quint., Inst.Or. 12,1,44)

Sendo iminente a guerra, o fez cônsul com seu voto. (*Imminente bello* expressa a causa: porque a guerra era iminente)

3-3- Expressão do instrumental

- O modo

Si uerbis explicare conemur nullo posito ob oculos simulacro earum rerum, frustra suscipiatur labor. (Cic., Tim., 10-37)

Se empreendermos explicá-lo com palavras, (não sendo colocada nenhuma imagem desses objetos diante dos olhos) sem nenhuma imagem desses objetos colocada diante dos olhos, esse trabalho será assumido em vão.

Notamos o complemento de *posito*, *ob oculos*, sendo *simulacro* o sujeito da expressão de valor passivo.

- O instrumento

Nam cum consul praeter ceteras imperatorias artes, quas parando gerendoque bello edidit plurimas, ita instruxisset aciem ut solo equitatu emisso exercitum hostium funderet, insequi fusos pedes noluit.. (T. Liv., II,43)

Então, como o cônsul além de outras habilidades para o comando que mostrou ser numerosas, devendo ser preparada e executada a guerra, tinha instruído as primeiras linhas para que dispersassem o exército dos inimigos só com a cavalaria que fora mandada, não quis perseguir a pé os (fugitivos) dispersados.

A expressão *solo equitatu emisso* expressa o instrumento usado para dispersar o inimigo; notemos também a oração no ablativo *parando gerendoque bello* complemento de tempo e que usa o particípio em –ndus. Esse particípio pode também formar uma oração participial, ainda que com menos frequência.

3-4- Expressão da condição

Quo modo igitur aut cur mortem malum tibi uideri dicis? quae aut beatos nos efficiet animis manentibus aut non miseros sensu carentis. (Cic., Tusc., 1,11)

Como então dizes que a morte te parece um mal? Ou ela nos fará felizes, subsistindo as almas ou não nos fará miseráveis, sendo privados de sentido.

animis manentibus e *sensu carentis* expressam duas condições alternativas: uma expressa pelo ablativo absoluto -se as almas subsistirem-, a outra por um particípio presente apostroado ao objeto *nos*– se formos privados de sentido.

3-5- Expressão da concessão

Proximus a domina, nullo prohibente, sedeto (Ov., A. Am, 1, 139)

Senta-te bem perto da dona, nada te impedindo. (: desde que nada te impeça)

Pudemos perceber que o significado das expressões contendo um particípio é tributário do significado geral do contexto; isoladas, não se poderia determinar a relação desses ablativos com a frase nem o tempo referente ao presente do narrador. Seu valor em relação ao verbo principal é essencialmente aspectual.

4- OS PARTICÍPIOS FUTUROS

O latim tem dois particípios futuros, um em -turō- que tem valor ativo, um em -ndō- de valor passivo. Não se pode realmente falar de voz passiva ou ativa pois o sufixo não é o marcador da voz; de fato, o mesmo sufixo -ndō- é usado para o gerúndio dos verbos ativos e médios e não determina a voz passiva; por sua vez, o sufixo -turō-, que pode ser composto sobre o particípio em -tō- geralmente passivo, apresenta a ação do verbo como ativa. O significado ativo ou passivo resulta na verdade da relação lógica estabelecida no contexto entre o particípio e o substantivo.

O valor temporal não é o de um futuro do indicativo, por exemplo. Esses particípios não configuram um ato futuro por referência com o presente do locutor, como no indicativo em que o sufixo é marcador de tempo. De fato, os achamos tanto em contextos de passado quanto de presente ou de futuro. Ora, um enunciado cujo verbo principal está no futuro pareceria redundante, se a própria forma do particípio tivesse o mesmo valor.

Ubi sementim facturum eris, ibi oves delectato. (Cat., Agr., 30, 1)

Onde (serás havendo de fazer sementeira) terás intenção de semear, aí atraí as ovelhas

Si te iam, Catilina, comprehendi, si interfici iussero, credo, erit uerendum mihi ne non hoc potius omnes boni serius a me quam quisquam crudelius factum esse dicat. (Cíc., Cat., 1, 5)

Se eu te mandar prender agora mesmo, Catilina, se eu te mandar executar, creio eu, deverei antes temer que todos os homens honestos digam que fiz isso muito tarde, não que alguém diga que foi feito com muita severidade.

De fato a ideia de futuro parece secundária nesses exemplos. O que prevalece é a ideia de projeção do ato em relação ao momento evocado pelo contexto.

5- O PARTICÍPIO EM --turō-/--tură-

5-1- Significado.

Seu significado é futuro e ativo. O particípio expressa dentro de qualquer contexto uma ação em projeção. Se o particípio for relacionado com um ser animado, essa projeção expressa de fato uma intenção, uma vontade do sujeito do enunciado. Quando se trata de um objeto ou de um acontecimento expressa a previsão sobre o desenvolvimento da ação, uma antecipação do ato. É usado geralmente como predicativo do sujeito e forma, com o verbo *esse*, o infinitivo futuro, mas pode ter todas as funções do adjetivo.

Não é ele que determina o tempo em que se inscreve o enunciado. De fato, expressa a ideia de projeção do ato tanto em enunciados presentes, futuros e passados, quanto em enunciados no indicativo, no eventual e no possível. Essa capacidade de associar-se a qualquer enunciado lhe permite expressar o infinitivo futuro nas orações infinitivas cujo uso se desenvolveu nos textos narrativos. Visto o valor ativo do particípio, o infinitivo futuro passivo teve que usar a forma passiva do verbo *ire* [ir], cujo semantismo indica um movimento em direção a algo, isto é, em direção a um vir a ser. Sabemos o desenvolvimento das perífrases com *ir* mais infinitivo nas línguas modernas, para marcar a iminência da ação.

5-1-1- Relação de tempo e modo com o enunciado

O particípio pode realmente ter esse significado de futuro imediato:

Spes mihi est, vos inuenturum fratres germanos duos

geminos, una matre natos et patre uno uno die. (Pl., Men., 1102)

Minha esperança é que os dois vão encontrar seus irmãos gêmeos, nascidos de mesma mãe e de mesmo pai, no mesmo dia.

Mas a ação pode acontecer dentro de qualquer momento do futuro, próximo ou longínquo:

Ergo et i, quibus euenit iam ut morerentur, et i, quibus euenturum est, miseri. (Cic., Tusc., 1,5)

Então são infelizes tanto aqueles para os quais já aconteceu que morressem quanto aqueles para os quais deve acontecer.

Num contexto de passado pode expressar a intenção de realizar um ato iminente naquele momento:

Confirmasti te ipsum iam esse exiturum (Cic., Cat., 1,5)

Confirmaste que tu mesmo já estavas para ir embora.

ou uma previsão para um futuro indefinido:

Sed quid duces et principes nominem, cum legiones scribat Cato saepe alacris in eum locum profectas, unde redituras se non arbitrarentur? (Cic., Tusc., 1,5)

Mas por que citar chefes e famosos, quando Catão escrevia que muitas vezes as legiões partiam alegre para o lugar de onde elas não pensariam haver de voltar?

A ideia de finalidade conota uma projeção; o particípio possibilita esse uso:

'desine, nam uenio moriturus et haec tibi porto dona prius.' dixit..(Verg., En.,X,881)

“Acaba, pois venho para morrer e te trago esses presentes primeiro.” disse.

Pode estar associado a um verbo no indicativo, no eventual ou no possível:

si uisurus eum uiuo et uenturus in unum, uitam oro, patior quemuis durare laborem. (Virg., En.,8,576-7)

se vivo para vê-lo e para nos reunir, peço por minha vida, suporto sofrer o labor que quiser.

Publius iturusne sit in Africam scire poteris. (Cíc., At., 12,24,1)

Poderás saber se Públio estiver para ir à Africa

Quamuis copiose haec diceremus, si res postularet, quam multa, quam uaria, quanta spectacula animus in locis caelestibus esset habiturus. (Cic., Tusc., 1,42)

Falaríamos longamente, se o assunto o pedisse, de quão numerosos, quão variados, quão grandes espetáculos a alma haveria de ter nesses espaços celestes.

5-1-2- As funções como adjetivo verbal

-Epíteto

Sed cum duplex esset natura generis humani, sic se res habebat ut praestantius genus esset eorum qui essent futuri uiri. (Cíc., Tim.,44)

Mas como seria dupla a natureza da espécie humana, acontecia que fosse preeminente o gênero dos que seriam os futuros varões. (*futuri* é epíteto de *uiri*)

- Aposto

Quo moriture ruis. (Verg. En., X, 811)

Para onde corres, oh tu que vais morrer.(*moriture* vocativo aposto ao sujeito de *ruis*).

- Predicativo

Lacedemonii Philippo minitante se omnia quae conarentur prohibiturum quaesiuerunt num se esset etiam mori prohibiturus. (Cíc., Tusc., V,14)

Os Lacedemônios perguntaram a Felipe que ameaçava de haver de impedir tudo que tentassem se ele haveria também de impedi-los de morrer (*prohibiturum* é predicativo do objeto *se*, *prohibiturus* do sujeito de *esset*, Felipe)

5-2- Forma

O particípio futuro acrescenta o sufixo -tūrō-/ -turā- ao mesmo tema que o do particípio em -tus. amā-tū-rō-s/ amā-tū-rā- > *amātūrus*, *amātūrum*, *amātūra* [que está para amar]; *delētūrus*, *delētūrum*, *delētūra* [que está para destruir]; *captūrus*, *captūrum*, *captūra* [que está para tomar]; *audītūrus*, *audītūrum*, *audītūra*, [que está para ouvir]; *lectūrus*, *lectūrum*, *lectūra* [que está para ler]; *ītūrus*, *ītūrum*, *ītūra* [que está para ir].

Alguns no entanto são formados sobre o tema de infectum, o que pode ser uma formação analógica sobre *peritūrus* do verbo *perīre* (perecer, morrer); são verbos que se relacionam com nascimento e morte: *nascitūrus* de *nascī* [nascer], *moritūrus* de *morī* [morrer], *oritūrus* de *orīrī* [nascer, ter origem], *paritūrus* de *parere* [parir].

O verbo *esse* [ser] que não tem particípio passado forma seu particípio futuro sobre o mesmo tema que seu aoristo/perfectum **fu-**: fu-tū-rō-s/fu-tū-rā- > *futūrus*, *futūrum*, *futūra* [que está para ser].

6- O PARTICÍPIO EM -ndō/-ndă- ou GERUNDIVO

6-1- Significado

Em oposição ao particípio em -tūrus, o gerundivo é usado com um valor passivo. O substantivo ao qual é ligado figura como paciente da ação que exprime o tema verbal; o significado passivo coloca o sujeito da ação, isto é, seu paciente dentro de uma situação de dependência em relação a um agente, que pode não ser expresso. Isso torna a execução da ação um fato programado para um tempo a vir por uma pessoa ou por uma entidade indeterminada: essa programação que não depende da vontade do termo ao qual o particípio é ligado –isto é, seu sujeito- é sentida frequentemente como uma necessidade senão como uma obrigação por quem sofre a sua realização. Mas o valor de futuro predomina, em particular em expressões onde substitui o gerúndio quando esse expressaria com um complemento de objeto a meta para a qual se dirige a ação; nesse caso a língua prefere a expressão passiva e usa o gerundivo:

Quae est melior igitur in hominum genere natura quam eorum, qui se natos ad homines iuuandos tutandos conseruandos arbitrantur? (Cic., Tusc., 1,14)

Que natureza existe no gênero humano melhor que a dos que se consideram nascidos para ajudar os homens, protegê-los, salvá-los (literalmente: para os homens que devem ser ajudados, etc.)

Há um deslocamento de ponto de vista: o objeto do verbo passa a ser sujeito e sofre a ação expressa pelos verbos *iuuare*, *tutare*, *conseruare*, que se apresentariam sob a forma *ad iuuandum* na ausência do complemento de objeto.

É um caso frequente que se estende a outros enunciados: o complemento de objeto de um gerúndio passa a ser o sujeito do particípio futuro passivo; no entanto essa construção só é possível quando se desprende do enunciado a ideia de um ato em projeção, isto é, que haveria de se realizar no futuro:

Hoc posito quod sequitur uidendum est, cuiusnam animantium deus in fingendo mundo similitudinem secutus sit. (Cic., Tim., 4,11)

Colocado esse ponto, deve ser visto o que se segue: de qual dos viventes, para modelar o mundo, o deus tenha seguido a semelhança (literalmente: no mundo que havia de ser modelado)

O ato projetado pode revelar uma intenção, como o vemos no projeto de Cícero a respeito da filosofia:

Quae inlustranda et excitanda nobis est, ut, si occupati profuimus aliquid ciuibus nostris, proximis etiam, si possumus, otiosi. (Cic., Tusc., 1,3)

E ela há de ser ilustrada e incentivada por nós, de modo a que, se cheios de ocupações fomos úteis em algo a nossos concidadãos ainda sejamos úteis, se podemos, no ócio.

E como dissemos, dessa ideia de ato projetado, submetido ao desejo de um agente externo à expressão, passa-se à ideia de ato que o sujeito-paciente tem necessidade ou obrigação de realizar.

Ipsa sors contemnenda non est. (Cic., de Div., I,34)

A sorte mesma não deve ser desprezada.

Serui mehercule mei si me isto pacto metuerent ut te metuunt omnes ciues tui, domum meam relinquendam putarem...(Cic., Cat., I,17)

Por Hércules, se meus servos me temessem da maneira como te temem todos teus concidadãos, pensaria ser obrigado a deixar minha casa.

Assume as funções de todo adjetivo. Nos dois exemplos acima ele é epíteto do substantivo, como na frase seguinte:

Pugiles uero etiam cum feriunt aduersarium in iactandis caestibus ingemescant non quod doleant animouue succumbant sed quia profundenda uoce omne corpus intenditur. (Cíc., Tusc.,2,56)

Os pugilistas também gemem ao lançar os cestos quando ferem o adversário não que sofram ou percam a coragem mas porque todo o corpo se entesa ao soltar o gemido.

Frequentemente assume a posição de predicativo do sujeito:

... In gremium puluis si forte puellae

Deciderit, digitis excutiendus erit: (Ov., A. Am., 1,149)

Se por acaso, no colo da moça tiver caído poeira, esta deverá ser sacudida com os dedos.

E nesse caso pode formar uma expressão impessoal, isto é, de sujeito indefinido:

Malum mihi uidetur esse mors.

- *Isne, qui mortui sunt, an is, quibus moriendum est?* (Cic., Tusc., 1,5)

- A morte me parece ser um mal

- Será para os que são mortos ou para os que devem morrer.

A tradução literal poderia ser: para quem é previsto morrer- *moriendum est* forma uma perífrase de tipo impessoal, isto é seu sujeito é interno; coloca no futuro a ação de morrer, no entanto não implica uma obrigação, é uma antecipação.

Sed quoniam mane est eundum, has quinque dierum disputationes memoria comprehendamus (Cic., de Div.,5,41)

Mas como se deve partir amanhã, guardemos na memória estas discussões de cinco dias. (notar *eundum est* comparável a *itur* “impessoal”, com indefinição do sujeito)

6-2- Forma.

Esses participio acrescentam o sufixo **-ndō-** para masculino e neutro, **-ndā-** para o feminino, caracterizando a forma como temas em vogal. O sufixo aplica-se diretamente aos temas em vogal, os outros recebem a vogal de ligação **-ě-**:

amā-ndō-s/amā-ndā > *amandus, amandum, amanda* [havendo de ser amado/amada],
delē-ndō-s/delē-ndā > *delendus, delendum, delenda* [havendo de ser destruído],

leg-e-ndō-s/ leg-e-ndā > *legendus, legendum, legenda* [havendo de ser lido], capi-e-ndō-s/ capi-e-ndā > *capiendus, capiendum, capienda* [havendo de ser tomado], audī-e-ndō-s/ audī-e-ndā > *audiendus, audiendum, audienda* [havendo de ser ouvido], metū-e-ndō-s/ metū-e-ndā > *metuendus, metuendum, metuenda* [havendo de ser temido]

Os verbos médios têm a mesma formação: *mori* [morrer] T. morī-: morī-e-ndō-s/ morī-e-ndā > *moriendus, moriendum, morienda* [havendo de ser morto]

Na época arcaica a vogal antes do sufixo podia ser **-ō-**, normal diante de **n**. Encontrase com alguns verbos, em textos antigos: *legundis, scribundi*, etc. Mas esse vocalismo só se conservou com o tema ey- [ir] ey-ō-ndō-/dā que dá normalmente *eundus, eundum, eunda*.

AS FORMAS SUBSTANTIVAS DO VERBO: INFINITIVO, GERÚNDIO, SUPINO

Infinitivo, gerúndio e supino são formas nominais e têm valor de substantivo. De fato o infinitivo pode ocupar no enunciado o lugar de um nome de ação. No entanto, não aceita a flexão nominal. Por ser substantivo, pode ser usado na maioria das funções dos substantivos que nomeiam uma ação, por ser verbo, é invariável. O grego resolvia esse dilema indicando a flexão por meio do artigo, que recebia as desinências casuais. Mas não tendo artigo o latim usou formas que podiam recebê-las, a fim de expressar a relação lógica que une as palavras de um enunciado: assim como o adjetivo verbal, o gerúndio é marcado pelo sufixo **-ndō-**, quanto ao supino, ele é marcado pelo sufixo **-tū-** que o designa como substantivo de ação. Essas formas deram uma flexão ao infinitivo para os casos outros que o nominativo e o acusativo complemento de objeto, e para algumas construções bastante raras em que o infinitivo pode ser usado tanto quanto o gerúndio e o supino.

1- O INFINITIVO

O infinitivo, então, forma substantiva do verbo, só pode ter o gênero neutro, já que representa um processo que não pode ser nem masculino nem feminino. Expressa a ideia verbal em si sem conotação de tempo ou de modo, ou de pessoa. Apresenta o processo como abstrato, pois a ausência de desinências pessoais suprime a referência a um agente ou a um paciente, e a falta de sufixos temporais não lhe permite ser atualizado como presente, passado ou futuro. Quando há referência a um sujeito, esse sujeito lhe é externo, representado por um substantivo ou um pronome. Sua situação num tempo cronológico depende de circunstâncias contextuais.

A primeira forma de infinitivo parece ter sido a forma de infectum, chamada de infinitivo presente mas que na realidade não faz referência por si mesma a nenhum tempo.

Figura em geral como complemento de outro verbo, mas seu estatuto de verbo permite-lhe receber todos os complementos que um verbo flexionado admite. Essa capacidade de apresentar o processo em si, mas de matizá-lo por meio de complementos, de receber um sujeito quando necessário, fez do infinitivo uma forma flexível cujo uso se desenvolveu, em particular na narração, onde se apresenta muitas vezes como oração dependente de um verbo que significa dizer, pensar. As outras formas de infinitivo –perfectum e futuro- parecem ter-

se desenvolvido por causa dessa flexibilidade que lhe permitia ser usado em qualquer contexto de tempo ou de modo porém sem dar qualquer informação sobre o momento em que uma ação se desenvolve em relação a outra.

Por isso, além do infinitivo ativo e do infinitivo médio/passivo, um e outro formados sobre o tema de infectum, e que são formas sintéticas, o latim desenvolveu quatro outras formas de infinitivo: o infinitivo aoristo/perfectum ativo, também sintético, formado sobre o tema aoristo/perfectum e três formas perifrásticas, o infinitivo aoristo/perfectum médio/passivo, o infinitivo futuro ativo, o infinitivo futuro médio/passivo.

O significado que predomina é, de um lado, o do aspecto, do outro o tempo relativo que cada uma das formas expressa em relação ao verbo principal ou à situação contextual. O infinitivo infectum pode marcar um processo em desenvolvimento concomitante com a ação principal mas na maioria das vezes cita a ação sem outra conotação a não ser a que o contexto lhe imprime, o infinitivo perfectum coloca o processo como acabado em relação a outro processo ou a um momento determinado, o infinitivo futuro o situa numa perspectiva de projeção.

Confirmasti te ipsum iam esse exiturum, dixisti paulum tibi esse etiam nunc morae, quod ego viverem (Cic., Cat., I,5)

Confirmaste que tu mesmo já estavas para ir embora, disseste abertamente que não terias descanso ainda porque eu estaria vivo.

O primeiro infinitivo *esse exiturum* indica a intenção do sujeito, como projeção, o segundo *esse* a permanência na ação.

Qui nescit tacere nescit et loqui. (Sên. De Mor.,132)

Quem não sabe calar-se também não sabe falar.

Os dois infinitivos marcam a ação globalmente; o significado aspectual é de aoristo; o infinitivo, apesar de seu tema, pode como o presente do indicativo apresentar esse valor.

Aiunt hominem respondisse. (Cíc., Amer., 33)

Dizem o homem ter respondido.

O infinitivo perfectum indica a ação como anterior a *aiunt* e às circunstâncias contextuais.

1-1- Uso do infinitivo

O infinitivo pode ser usado só, ter complementos, ou formar o predicado de uma oração infinitiva. As funções que assume são geralmente a de sujeito, de predicativo ou de complemento de objeto.

1-1-1- Sujeito do verbo

- o infinitivo pode ter complementos e ser modificado por advérbios:

Non uiuere bonum est sed bene uiuere; citius mori aut tardius ad rem non pertinet; bene mori aut male ad rem pertinet. (Sên. Luc., 70,4,6)

O bom não é viver mas viver bem; morrer mais cedo ou mais tarde não tem importância; morrer bem ou mal é o que tem importância.

uiuere e *bene uiuere* são predicativos do sujeito *bonum*; *bene mori aut male* e *citius mori aut tardius* são sujeitos das expressões *ad rem pertinet*.

Non sentire mala sua non est hominis et non ferre non est uiri. (Sên., C. Pol.,36)

Não sentir seus males não é humano, e não suportá-los não é viril.

Est proprium stultitiae aliorum uitia cernere, obliuisci suorum. (Cíc., Tusc.3)

É o próprio da estupidez perceber os vícios dos outros, esquecer os seus.

Est difficillimum se ipsum uincere. (Sên., de Mor., 82)

Vencer-se a si mesmo é difícil.

Oratorem irasci minime decet. (Cíc., Tusc., 4,54)

Ao orador de modo algum convém irritar-se (é uma oração infinitiva sujeito de *decet*: de modo algum convém o orador irritar-se –literalmente-)

1-1-2- Aposto

Utrumque uitium est et omnibus credere et nulli. (Sên. Luc., 3,4)

Um e outro são erros, acreditar em tudo e acreditar em nada. (*credere* é aposto ao sujeito *utrumque*)

Vespasiani inter cetera bona illud singulare fuit inimicitias obliuisci. (Suet., Vesp., 14)

Entre outras qualidades de Vespasiano aquela foi notável: esquecer as inimizadas.

1-1-3- Predicativo

Male de te opinantur homines sed mali; malis autem displicere est laudari. (Sên. De Mor.,40)

Os homens pensam mal de ti, os que são maus; porém descontentar os maus é receber louvores.

1-1-4- Complemento de objeto: é a relação mais comum tanto para o infinitivo quanto para a oração infinitiva.

Si uis amari, ama. (Sên., Luc., 9,6)

Se queres ser amado, ama.

Noli uxore credere. (Plaut., Cas., 387)

Não acredites em tua esposa

Forma com o imperativo do verbo *nolle* a perífrase do imperativo negativo: não queiras acreditar.

Utinam tam facile inuenire possim quam falsa conuincere. (Cíc., Nat., 1,91)

Oxalá eu possa inventar tão facilmente quanto refutar as falsidades.

Potesse com o infinitivo forma uma perífrase onde *potesse* é praticamente um auxiliar.

Nas frases seguintes, o infinitivo com seu sujeito no acusativo, forma uma oração completiva.

Utinam te rediisse saluom uideam. (Plaut., Trin., 618)

Oxalá te veja voltar salvo (ter voltado)

Dico te priore nocte uenisse in M. Laecae domum. (Cíc., Cat., I,8)

Eu digo que foste na noite anterior à casa de M. Leca.

Quod plurimis locis perorationes nostrae uoluisse nos atque animo contendisse declarant. (Cíc., Or., 210)

E em muitos lugares nossos discursos mostram o que quisemos e também sustentamos com coragem...

...Cum illi ipsi uenissent quos ego iam multis ac summis uiris ad me id temporis uenturos esse praedixeram. (Cíc., Cat.,I,10)

...Quando viessem esses mesmos, a respeito de quem eu dera o aviso a muitos homens de valor de que eles estavam por vir esse momento contra mim.

1-1-5- Infinitivo complemento de substantivo ou de adjetivo: são empregos raros; geralmente é usado nesse caso o gerúndio ou o supino

illa dolos dirumque nefas in pectore uersat

certa mori (Verg., IV,563-4)

Aquela mulher medita em seu peito ardis e um crime abominável, resolvida a morrer.

Iuuenes, fortissima frustra

pectora, si uobis audentem extrema cupido

certa sequi, quae sit rebus fortuna uidetis (Verg., II,348-350)

Jovens, corações inutilmente corajosos, se vos for muito grande e firme o desejo de seguir-me na minha audácia vedes que sorte está nessa situação.

Mori é complemento do adjetivo *certa*, *sequi* é complemento do substantivo *cupido*.

1-1-6- Infinitivo em oração independente.

O infinitivo pode ser o predicado de uma oração infinitiva narrativa; nesse caso apresenta o sujeito no nominativo. O português não usa esse infinitivo narrativo, sua tradução depende do contexto ou de uma escolha do tradutor (perfeito ou presente histórico).

Ego cunas recessim rursum uorsum trahere et ducere,

metuens pueris, mihi formidans; tantoque angues acrius

persequi. (Plt., Amph., 1112-4)

Eu, recuando, puxo e trago o berço para trás, temendo para as crianças, apavorado para mim, e as serpentes me perseguem com mais insistência ainda.

1-2- A forma

1-2-1- Formas sintéticas:

Na voz ativa, o sufixo é **–se** acrescentado ao tema de infectum ou de aoristo/perfectum; na voz passiva, com os temas em vogal longa ao sufixo **–se** se junta a marca **–ī**, com os outros, a não ser *ferre* [portar], o mesmo **–ī** se acrescenta diretamente ao tema.

1-2-1-1- Temas de infectum. Quando **–s-** se junta ao tema acontecem as acomodações fonéticas normais: entre vogais sofre rotacismo

- Temas em vogal longa: *amā-se* > *amāre* [amar], *amā-se-ī* > *amārī* [ser amado]; *delē-se* > *delēre* [destruir], *delē-se-ī* > *delērī* [ser destruído], *audī-se* > *audire* [ouvir] *audī-se-ī* > *audīrī* [ser ouvido]
- Outros temas: *capī-se* > *capēre* [tomar] (com apofonia do ĭ), *capī-ī* > *capī* [ser tomado], *leg-ī-se* > *legēre* [ler] (com a vogal de ligação e as sucessivas acomodações), *leg-ī* > *legī* [ser lido], *metu-ī-se* > *metuēre* [temer], *metu-ī* > *metuī* [ser temido]
- Temas-raízes: *ed-se* > *esse* [comer] *es-se* > *esse* [ser]; *uel-se* > *uelle* [querer] (assimilação *ls>lle*), *nolle* [não querer] e *malle* [preferir], *fer-se* > *ferre* [portar] (assimilação *rs > rre*). O infinitivo passivo de *ferre* se constroi sobre o infinitivo ativo e dá *ferrī* [ser portado]

1-2-1-2- Temas de aoristo/perfectum: não estando o **–s-** entre vogais, não há alteração fonética: *amau-is-se* > *amauisse*, *cēp-is-se* > *cepisse*, *fu-is-se* > *fuisse* etc.

1-2-1-3- O verbo *esse* apresenta no infinitivo futuro uma forma sintética *fore*, formada sobre o mesmo tema que o do aoristo/perfectum.

1-2-1-4 Existe uma forma de infinitivo considerada arcaica em **–ier**

Meliust nos adire atque hunc percontarier. (Plaut., Men., 1091)

É melhor aproximar-nos e questioná-lo.

1-2-2- Formas perifrásticas:

- As formas médio/passivas do aoristo/ perfectum de todos os temas:

são compostas do particípio passado em **-tus** e do auxiliar *esse* no infinitivo.

- As formas ativas e médias do infinitivo futuro:

são compostas do particípio futuro em **-turus** e do infinitivo do auxiliar *esse*

- O infinitivo futuro passivo usou como auxiliar a forma **irī** e o particípio em **-tus**

*Quandoque hisce homines iniussu populi Romani Quiritium foedus ictum iri
spoponderunt...*(T. Liv. 42,10,9)

Quando os homens se obrigaram com eles a firmar um tratado contra as leis do povo romano... (a haver de ser firmado um tratado)

2- O GERÚNDIO

O gerúndio apresenta o mesmo sufixo que o adjetivo verbal em **-ndus**. Esse sufixo não marca por si mesmo um valor passivo ou ativo, como já vimos. De fato o gerúndio é usado com verbos ativos e médios. Sua origem é nominal; pode ser o neutro singular do adjetivo verbal usado para suprir a flexão do infinitivo. Não tem nem nominativo nem acusativo complemento de objeto direto. No acusativo é sempre preposicionado, expressando a direção para a qual vai o termo ao qual é ligado, com uma ideia de finalidade.

2-1- Flexão do gerúndio: é um tema em vogal, e se constrói como os particípios em **-ndō** sobre o tema de infectum.

Acusativo: (*ad*) *amandum; delendum; audiendum; legendum; capiendum; metuendum*.

Genitivo: *amandī; delendī; audiendī; legendī; capiendī; metuendī*.

Dativo, Ablativo, Instrumental e Locativo têm a mesma forma: *amandō, delendō, audiendō, legendō; capiendō; metuendō*.

2-2- Uso do gerúndio.

2-2-1- Acusativo: ideia de direção, de finalidade, complemento de adjetivo

Non solum ad discendum propensi sumus, uerum etiam ad docendum. (Cíc., Fin.,3,65)
(compl. de adj.)

Não só somos dados a aprender mas também a ensinar.

2-2-2- Genitivo: complemento do nome

Sed narrandi quidem quae nobis optima ratio uideatur tum demonstrabimus cum de iudiciali parte dicemus (Quint., Inst. Or., 2,4,3)

Mas quando falarmos da parte judiciária, mostraremos qual nos parece a melhor maneira de narrar

2-2-3- Dativo

Quis est tam scribendo impiger quam ego. (Cíc., Fam., 2,1,1)

Quem é tão diligente quanto eu para escrever

2-2-4- Ablativo

An mihi cantando uictus non redderet ille, quem mea carminibus meruisset fistula caprum? (Verg., Buc., 3,23)

Acaso vencido pelo cantar ele não se renderia a mim, que bode a minha flauta levaria como prêmio pelos cantos?

2-2-5- Instrumental

Plus auxerunt Romani imperium parcendo uictis quam uincendo. (Liv., XXX,40)

Os romanos aumentaram mais o império com o poupar os vencidos que com o vencer.

Sic injurias fortunae, quas ferre nequeas, diffugiendo relinquo. (Cíc., Tusc., 5,118)

Assim as injustiças da sorte que não possas suportar, que as deixes para trás fugindo.

2-2-6- Locativo; indica o momento em que se cumpre o ato.

Eo scripsi quo in suadendo plus auctoritatis haberem. (Cíc., At., 8,9,1)

Escrevi-lhe que eu teria mais autoridade persuadindo-o (no ato da persuasão)

Est aliqua etiam in respondendo figura. (Quint., Inst.Or. 9,2,12)

Há também um modo figurado ao responder.(quando se responde)

3- O SUPINO

O sufixo **-tū-** do supino é um sufixo formador de substantivos: “Enquanto os nomes de ação em **-tio** evocam uma ação realizada, os nomes de ação em **-tus** evocam ao contrário uma ação potencial; é essa pelo menos a distinção originária entre os dois tipos de derivados que podemos encontrar ainda em latim em pares tais como *fabellarum auditio* (Cic., Fin., 5,42) [a ação de ouvir comédias] oposto a *auditus* (Cic., Nat., II, 144) [a faculdade de ouvir, a audição] ou *aditio* [ato de abordar alguém] contra *aditus* [possibilidade de acesso].” (MELLET, 1994, p. 372, nota 8).

3-1- Formas do supino.

Acrescentava-se ao grau completo da raiz ao contrário do particípio em **-tus** que usava o grau reduzido dessa raiz; por exemplo *genitum* se opõe a *natus* da raiz gn-/gen-. Mas as duas formações se confundiram e geralmente ele se forma da mesma maneira que o particípio em **-tus**.

Sua flexão comporta três formas, o acusativo em **-tum**, o dativo em **-tui**, e o ablativo em **-tu**; no entanto a forma de dativo foi assimilada à do ablativo deixando no fim um paradigma de duas formas só. O supino é uma forma que foi cada vez menos usada e foi substituída pelo infinitivo ou pelo gerúndio na maioria de seus empregos.

3-2- Uso do supino em **-tum**

O acusativo do supino admite complementos de objeto directo como qualquer verbo e costuma ser ativo. Depois de um verbo de movimento expressa o termo do movimento, o que é favorecido pelo significado do acusativo e pelo valor abstrato dessa forma de substantivo.

Fuere tamen ciues qui seque remque publicam obstinatis animis perditum irent. (Sal., Cat., 36,4)

Houve no entanto cidadãos que com ânimos obstinados iriam se perder a si mesmos e ao estado.

Parasitum misi petitum argentum. (Plt., Curc., 67)

Mandou um parasita para pedir o dinheiro.

exclusi eos quos tu ad me salutatum mane miseris. ((Cíc., Cat., I,10)

exclui os que tu me mandaras para me saudar de manhã.

Pode ser usado também com outros verbos que os de movimento:

Ultroque licentiam in vos auctum atque adiutum properatis. (Sal., Hist., V,22)

Muito mais vos apressais em aumentar e ajudar um poder excessivo contra vós.

3-3- O supino em tū ou -tuī

A relação entre o sujeito e o verbo no supino não permite uma definição certa da voz que expressa. Apesar de apresentar geralmente a ação como passiva, ele pode ser ativo, por exemplo no enunciado seguinte:

Nunc opsonatu redeo (Plt., Men., 288)

Estou chegando de fazer as compras

Mas usado como complemento de adjetivo tem valor passivo em geral:

Difficile dictu est quantopere conciliet animos comitas affabilitasque sermonis. (Cíc., De Off., 2,14)

Difícil de dizer é até que ponto a cortesia e a afabilidade da conversa podem conciliar os espíritos (ou difícil de ser dito; o nosso infinitivo também não define claramente o passivo do ativo nessas expressões)

O rem cum auditu crudelem tum uisu nefariam. (Cíc., Planc., 99)

Oh coisa tão cruel de ouvir quanto ímpia de ver!

si illud quod maxume opus est iactu non cadit,

illud quod cecidit forte, id arte ut corrigas. (Ter., Ad., 740)

Se aquilo que é muito preciso derrubar não cai...aquilo que caiu por acaso, que o levantes com habilidade.

COMPLEMENTO AO ESTUDO DA FLEXÃO VERBAL

Ao decorrer do estudo do verbo mostramos em detalhe o valor dos sufixos que são acrescentados ao tema verbal para expressar os diversos significados que o falante imprime ao verbo.

Vimos como cada sintagma acrescenta algum valor à esse tema e como a junção dos diversos elementos pode provocar modificações formais por causa de dificuldades fonéticas que a língua resolve sempre da mesma maneira.

Parece-nos necessário resumir sob forma de tabelas o que foi explicado ao longo do capítulos precedentes, porém sem enunciar uma vez mais todas as formas. Para cada tema e cada modo daremos as formas que permitem completar o conjunto da flexão. Só quando houver alguma dificuldade a apresentação será mais completa e daremos um paradigma exemplar.

Começaremos dando as desinências que são usadas em toda a flexão verbal menos no perfeito do indicativo e no imperativo.

Tabela 15: As desinências verbais

		Ativas	Médias e Passivas
Singular	1ª pessoa	-ō / -m	-or / -r
	2ª pessoa	-s	-ris
	3ª pessoa	-t	-tur
Plural	1ª pessoa	-mus	-mur
	2ª pessoa	-tis	-mini
	3ª pessoa	-nt	-ntur

Nota (fonética): As vogais longas se abreviam normalmente diante de outra vogal, diante de soante e consoante em sílaba final, mas se conservam diante de -s final. O -s- intervocálico sofre rotacismo.

1- Flexão dos modos e tempos do Infectum

Essas desinências se aplicam aos temas do indicativo infectum, do eventual, e do possível.

1-1- Indicativo:

1-1-1 Presente do Indicativo

A junção da desinência com o tema necessita às vezes de acomodação fonética, por isso daremos uma tabela que contemplará cada tema.

Tabela 14: Presente do Indicativo

	Tema: amā-		Tema: delē-	
	Ativo	Passivo	Ativo	Passivo
Singular				
1ª pessoa	amō	amor	delēō	delēor
2ª pessoa	amās	amāre/ris	delēs	delēre/-lēris
3ª pessoa	amāt	amātur	delēt	delētur
Plural				
1ª pessoa	amāmus	amāmur	delēmus	delēmur
2ª pessoa	amātis	amāmini	deletis	delēmini
3ª pessoa	amant	amāntur	delent	delēntur

	Tema: leg-		Tema: metū-	
	Ativo	Passivo	Ativo	Passivo
Singular				
1ª pessoa	legō	legor	metuō	metuor
2ª pessoa	legīs	legēre/ēris	metuīs	metuēre/ēris
3ª pessoa	legīt	legītur	metuīt	metuītur
Plural				
1ª pessoa	legīmus	legīmur	metuīmus	metuīmur
2ª pessoa	legītis	legīmini	metuītis	metuīmini
3ª pessoa	legunt	leguntur	metuunt	metuuntur

	Tema: capī-		Tema audī	
	Ativo	Passivo	Ativo	Passivo
Singular				
1ª pessoa	capīō	capīor	audīō	audīor
2ª pessoa	capīs	capēre/capēris	audīs	audīre/audīris
3ª pessoa	capīt	capītur	audīt	audītur
Plural				
1ª pessoa	capīmus	capīmur	audīmus	audīmur
2ª pessoa	capītis	capīmini	audītis	audīmini
3ª pessoa	capīunt	capīuntur	audīunt	audīuntur

Tema:	es-> es- / s	pot-es-/poss-	ed-	ei- > i- / e-	fer- ativo	médio passivo
Singular						
1ª pessoa	sum	possum	edō	eō	ferō	feror
2ª pessoa	es	potes	es	is	fers	ferris
3ª pessoa	est	potest	est	it	fert	fertur
Plural						
1ª pessoa	sumus	possumus	edimus	imus	ferimus	ferimur
2ª pessoa	estis	potestis	estis	itis	fertis	ferimini
3ª pessoa	sunt	possunt	edunt	eunt	ferunt	feruntur

Tema:	uel-> uol-	non uel- > non uol-	magis uel- > mauel->mauol
Singular			
1ª pessoa	uolō	nolō	malō
2ª pessoa	uis	non uis	mauis
3ª pessoa	uolt/uult	non uolt/non uult	mauolt/mauult
Plural			
1ª pessoa	uolumus	nolumus	malumus
2ª pessoa	uoltis/uultis	non uoltis/non uultis	mauoltis/mauultis
3ª pessoa	uolunt	nolunt	malunt

1-1-2- Imperfeito do Indicativo

O imperfeito do indicativo acrescenta sucessivamente ao tema o sufixo **-b-** (antigo auxiliar), o sufixo **-ā-** de pretérito e as desinências. (Só *esse* [ser] não apresenta o sufixo **-b-**)

Tabela 15: Exemplos do imperfeito do indicativo

	Voz ativa		Voz média e passiva	
Tema	1ª pes. do sing.	2ª pes. do sing.	1ª pes. do sing.	2ª pes. do sing.
amā-	amābam	amābās	amābar	amābāris
delē-	delēbam	delēbās	delēbar	delēbāris
leg-	legēbam	legēbās	legēbar	legēbāris
metū-	metuēbam	metuēbās	metuēbar	metuēbāris
capi-	capiēbam	capiēbās	capiēbar	capiēbāris
audi-	audiēbam	audiēbās	audiēbar	audiēbāris
fer-	ferēbam	ferēbās	ferēbar	ferēbāris
uel- > uol-	uolēbam	uolēbās		
non uel > nol-	nolēbam	nolēbās		
magis uel- > mal-	malēbam	malēbās	-	
ey- > i-	ibam	ibās		
es-	eram	erās		
pot-es-	poteram	poterās		

1-1-3- Futuro do Indicativo

O futuro apresenta duas formações:

- uma para os temas em vogal: acrescenta-se ao tema o sufixo **-b-** (antigo auxiliar); amāb- e delēb- se apresentam como tema em consoante e integram a vogal de ligação dos temas em consoante. ire [ir] usa o mesmo sufixo.
- outra para os outros temas: vogal longa -ā- para a primeira pessoa do singular; -ē para as outras.
- o tema es- acrescenta as desinências diretamente sobre o tema com vogal de ligação pré-desinencial.

Tabela 16: Exemplos do futuro do indicativo

Tema	Ativo			Médio/passivo	
	1ª p. do sing.	2ª p. do sing.	3ª p. do plur.	1ª p. do sing.	2ª p. do sing.
amā-	amābō	amābīs	amābūnt	amābor	amābēris
delē-	delēbō	delēbīs	delēbūnt	delēbor	delēbēris
leg-	legam	legēs	legēnt	legar	legēris
metū-	metuam	metuēs	metuēnt	metuar	metuēris
capi-	capiam	capiēs-	capiēnt	capiar	capiēris
audi-	audiam	audiēs	audiēnt	audiar	audiēris
fer-	feram	ferēs	ferēnt	ferar	ferēris
uel- > uol-	uolam	uolēs	uolēnt-		
non uel > nol-	nolam	nolēs	nolēnt		
magis uel- > mal-	malam	malēs	malēnt -	-	
ey- > i-	ibō	ibīs	ibūnt		
es-	erō	eīs	erūnt		
pot-es-	poterō	poterīs	poterūnt-		

1-2- Eventual

O sufixo de eventual é a vogal longa (se abrevia em sílaba final menos diante de –s-)

- nos temas em -ā- é -ē-

- nos outros temas é -ā-

- em alguns poucos temas é -ī-

Tabela 17: Exemplos de eventual.

	Ativo		Médio/passivo	
Tema	1 ^a p.do sing.	2 ^a p. do sing.	1 ^a p. do sing.	2 ^a p. do sing.
amā-	amem	amēs	amer	amēris
delē-	deleam	deleās	delear	deleāris
leg-	legam	legās	legar	legāris
metū-	metuam	metuās	metuar	metuāris
capi-	capiam	capiās	capiar-	capiāris
audi-	audiam	audiās	audiar	audiāris
fer-	feram	ferās	ferar	ferāris
uel-	uelim	uelīs		
non uel > nol-	nolim	nolīs		
magis uel- > mal-	malim	malīs		
ey- > e-	eam	eās		
es- > s-	sīm	sīs		
pot-es->pot-s-> poss-	possim	possīs		

1-3- Possível

O sufixo é –sē- cujo –s- sofre rotacismo entre vogais e assimilação com **r** e com **l**.

Tabela 18: Exemplos do possível

		Ativo		Médio/passivo	
Tema		1 ^a p.do sing.	2 ^a p. do sing.	1 ^a p. do sing.	2 ^a p. do sing.
amā-	se	amarem	amarēs	amarer	amarēris
delē-	se	delērem	delērēs	delērer	delērēris
leg-	se	legērem	legērēs	legērer	legērēris
metū-	se	metuērem	metuērēs	metuērer	metuērēris
capi-	se	capērem	capērēs	capērer	capērēris
audi-	se	audīrem	audīrēs	audīrer	audīrēris
fer-	se	ferrem	ferrēs	ferrer	ferrēris
uel-	se	uellem	uellem		
non uel > nol-	se	nollem	nollem		
magis uel- > mal-	se	mallem	mallem		
ey- > i-	se	irem	irem		
es-	se	essem	essem		
pot-es-	se	possem	possem		

1-4- Flexão do imperativo.

Os dois imperativos, imperativo presente e imperativo futuro, são formados sobre o tema do infectum e têm desinências próprias:

Tabela 19- Desinências do Imperativo

		Presente		Futuro	
		Ativas	Médias e Passivas	Ativas	Médias e Passivas
Singular	1ª pessoa				
	2ª pessoa	0	-re	-tō	-tor
	3ª pessoa		-	-tō	-tor
Plural	1ª pessoa				
	2ª pessoa	-tē	-mini	-tōte	-minō
	3ª pessoa			-ntō	-ntor

Tabela 20 –Presente do Imperativo

Tema	Ativo		Médio/passivo	
	2ªp.do sing.	2ªp. do plur..	2ªp. do sing.	2ªp. do plur..
amā-	amā	amāte	amāre	amāmini
delē-	delē	delēte	delēre	delēmini
leg-	legē	legīte	legēre	legīmini
metū-	metū	metuīte	metuēre	metuīmini
capī-	capē	capīte	capēre	capīmini
audī-	audī	audīte	audīre	audīmini
fer-	fer	ferte		
dic-	dic	dicīte		
facī-	fac	facīte		
ey- > i-	ī	īte		
es-	es	este		
non uel > nōl-	nolī	nolīte		

Tabela 21 –Futuro do Imperativo

	Ativo			Médio e Passivo	
Tema	2ª e 3ª p. do sing.	2ª p. do plur..	3ª p. do pl.	2ª e 3ª p. do sing.	3ª p. do pl.
amā-	amātō	amātōte	amāntō	amātor	amāntor
delē-	delētō	delētōte	delēntō	delētor	delēntor
leg-	legītō	legītōte	legūntō	legītor	legūntor
metū-	metuītō	metuītōte	metuūntō	metuītor	metuūntor
capī-	capitō	capitōte	capiuntō	capītor	capiuntor
audī-	audītō	audītōte	audīuntō	audītor	audīuntor
fer-	fertō	fertōte	feruntō		
ey- > i-	ītō	ītōte			
es-	estō	estōte	suntō		
non uel > nōl-	nofītō	nofītōte			

2- Flexão dos modos e dos tempos do aoristo/perfectum

A flexão se faz sobre o tema de aoristo/perfectum, acrescido do sufixo **-is-** e dos sufixos modais ou temporais quando necessário. As desinências são as que vimos na tabela 15 com exceção das desinências do perfeito do indicativo. São frequentes as formas contratas.

2-1- O perfeito do indicativo

(só existem desinências ativas; o passivo é formado por perífrase)

Tabela 22: As desinências verbais do perfeito do indicativo

			Ativas
Singular	1ª pessoa	ī	-ī
	2ª pessoa	-is-fī >	-isfī
	3ª pessoa	-is-t >	-it
Plural	1ª pessoa	is-mus >	-imus
	2ª pessoa	is-tis >	-istis
	3ª pessoa	is-ū-nt >	-ērunt / -ērunt / -ēre

As desinências se acrescentam diretamente ao tema do perfeito. Daremos alguns exemplos de tema de aoristo/perfectum com a primeira e a segunda pessoa do singular e o quadro de flexão do tema amau-. Indicaremos o tema de infectum correspondente.

Tabela 23: Perfeito: temas ; primeira e segunda pessoa do singular ;

			1ª p.do sing.	2ª p.do sing.
Tema de infectum	Tema de perfectum			
amā-	amāu-	-is-	amāuī	amāuisfī
delē-	delēu-	-is-	delēuī	delēuisfī
leg-	lēg-	-is-	lēgī	lēgisfī
metū-	metū-	-is-	metuī	metuisfī
capī-	cēp-	-is-	cēpī	cēpīsfī
audī-	audīu-	-is-	audīuī	audīuisfī
(fer-)	tul-	-is-	tuī	tulīsfī
uel-/uol--	uolu--	-is-	uoluī	uoluisfī
non uel > nol-	nolu-	-is-	nolūī	nolūisfī
magis uel- > mal-	malu-	-is-	maluī	maluisfī
ey- > i-	iu-/i-	-is-	iuī / iī	isfī
(es)-	fu-	-is-	fūī	fuisfī
(pot-es-)	pot-fu- > potu-	-is-	potuī	potuisfī

Tabela 24: Flexão de um perfeito do indicativo: tema amau-

	Tema: amā-		
Singular	Plural		
1ª pessoa	amāuī	1ª pessoa	amāuimus
2ª pessoa	amāuisfī	2ª pessoa	amāuistis
3ª pessoa	amāuit	3ª pessoa	amāuerunt/ amauēre

2-2- Os outros tempos do aoristo/perfectum do indicativo.

2-2-1- O futuro

É formado sobre o tema de aoristo/perfectum acrescido do sufixo –is- e das desinências vistas na tabela 15. Mas a terceira pessoa do plural apresenta –ĩ- como vogal de ligação e não –ũ-.

Tabela 25: O futuro do aoristo/perfectum

Tema		Voz ativa		
		1ª pes. do sing.	2ª pes. do sing.	3ª pes. do pl.
amāu-	-is-	amāuerō	amāueris	amāuerint
delēu-	-is-	delēuerō	delēueris	delēuerint
lēg-	-is-	lēgerō	lēgeris	lēgerint
cēp-	-is-	cēperō	cēperis	cēperint
audīu-	-is-	audīuerō	audīueris	audīuerint
tul-	-is-	tulerō	tuleris	tulerint
iu-/i-	-is-	ierō	ieris	ierint
fu-	-is-	fuerō	fueris	fuerint
potu-	-is-	potuerō	potueris	potuerint

2-2-2- O mais-que-perfeito

É formado sobre o tema de aoristo/perfectum acrescido do sufixo –is-, do sufixo de pretérito –ā- e das desinências vistas na tabela 15.

Tabela 26: O mais-que-perfeito do aoristo/perfectum

Tema			1ª pes. do sing.
amāu-	-is-	-ā-	amāueram
delēu-	-is-	-ā-	delēueram
lēg-	-is-	-ā-	lēgeram
cēp-	-is-	-ā-	cēperam
audīu-	-is-	-ā-	audīueram
tul-	-is-	-ā-	tuleram
iu-/i-	-is-	-ā-	ieram
fu-	-is-	-ā-	fueram
potu-	-is-	-ā-	potueram

2-3- O eventual

É formado sobre o tema de aoristo/perfectum acrescido do sufixo **-is-**, do sufixo **-ī-** e das desinências vistas na tabela 15. (o **ī** se abreviou e o paradigma é igual ao do futuro do aoristo/perfectum a não ser na primeira pessoa)

Tabela 27: O eventual do aoristo/perfectum

			Voz ativa		
Tema			1ª pes. do sing.	2ª pes. do sing.	3ª pes. do pl.
amāu-	-is-	-ī-	amāuerim	amāueris	amāuerint
delēu-	-is-	-ī-	delēuerim	delēueris	delēuerint
lēg-	-is-	-ī-	lēgerim	lēgeris	lēgerint
cēp-	-is-	-ī-	cēperim	cēperis	cēperint
audīu-	-is-	-ī-	audīuerim	audīueris	audīuerint
tul-	-is-	-ī-	tulerim	tuleris	tulerint
iu-/i-	-is-	-ī-	ierim	ieris	iuerint
fu-	-is-	-ī-	fuerim	fueris	fuerint
potu-	-is-	-ī-	potuerim	potueris	potuerint

2-4- O possível

É formado sobre o tema de aoristo/perfectum acrescido do sufixo **-is-**, do sufixo **-sē-** do possível e das desinências vistas na tabela 15.

Tabela 28: O eventual do aoristo/perfectum

			Voz ativa	
Tema			1ª pes. do sing.	3ª pes. do pl.
amāu-	-is-	-sē-	amāuisssem	amāuissent
delēu-	-is-	-sē-	delēuisssem	delēuissent
lēg-	-is-	-sē-	lēgissem	lēgissent
cēp-	-is-	-sē-	cēpisssem	cēpissent
audīu-	-is-	-sē-	audissem	audissent
tul-	-is-	-sē-	tulisssem	tulissent
iu-/i-	-is-	-sē-	issem	issent
fu-	-is-	-sē-	fuissem	fuissent
potu-	-is-	-sē-	potuisssem	potuissent

CONCLUSÃO

Numa obra a quatro mãos organizada pela jornalista Cécile Lestienne e à qual participaram um paleo-antropólogo, Pascal Picq, professor no Collège de France, um linguista Laurent Sagart, diretor de pesquisas CRNS na Ecole des hautes Etudes em sciences sociales, uma pediatra Ghislaine Dehaene, diretora de pesquisa CNRS no INSERM, todos eles especialistas do estudo da linguagem em algumas de suas manifestações, lemos o seguinte sobre o homem em comparação com os animais capazes de conhecimento e de comunicação rudimentar:

Dentro das heranças do homem, sobra um grande cérebro particularmente pregueado. E a linguagem. Faculdade fascinante, porque sublima as noções de inato e de adquirido: ela é ao mesmo tempo profundamente inscrita na nossa biologia de ser humano e eminentemente cultural.” *[Au rayon des apanages de l’homme, il reste donc un gros cerveau particulièrement plissé. Et le langage. Une faculté fascinante, parce qu’elle sublime les notions d’inné et d’acquis: elle est à la fois profondément inscrite dans notre biologie d’être humain et éminemment culturelle]*

A palavra, a variedade infinita de sentido que adquire num enunciado, é um fato puramente humano, inscrito em primeiro lugar nos genes do homem como tendem a mostrá-lo observações experimentais feitas a partir de circunstâncias excepcionais nas quais se encontraram algumas crianças.

Essas pesquisas refletem as preocupações que permeiam a humanidade desde sempre a respeito da natureza da linguagem, de suas origens e dos instrumentos que usa para ser eficiente.

Das reflexões sobre e como se transmite uma mensagem ao estudo dos meios para transmiti-la percorreu-se um longo caminho, semeado de dificuldades importantes vencidas pouco a pouco pelos pensadores. A gramática é um produto dessas inquietudes; aplicando à língua métodos das ciências experimentais, descreveu-a, classificou-lhe as formas, observou-lhe o funcionamento, estabeleceu as normas do correto e do errado, determinou regras e exceções. Por tão extenso e tão útil que seja esse trabalho, ele não contempla uma parte importante: é que a língua é o fato de seres humanos e pensantes que não se enquadram dentro de sistemas rígidos e que são capazes de apropriar-se do instrumento-língua para usá-lo de um

modo original. Isso não quer dizer que adulteram seu uso; muito pelo contrário usam os recursos sugeridos pelo significado das formas para ampliar seus modos de expressão, e dizer exatamente aquilo que têm a intenção de dizer.

Nem sempre é fácil perceber todos os matizes contidos num enunciado em língua estrangeira ou numa língua como o latim cujas estruturas diferem das nossas, e a rigidez das descrições e das normas nem sempre permitem perceber as intenções subjacentes. No entanto, elas são de grande riqueza e diversidade. No decorrer desse trabalho vimos como a escolha de um modo por exemplo, embora seja espontânea e inconsciente na língua materna, se impõe à nossa mente porque esse modo carrega exatamente o significado daquilo que temos a dizer; seu uso nem é aleatório, nem é consequência de regências arbitrárias e estereotipadas. A ligação entre modo e significado, entre forma e função, todas as relações entre os elementos do enunciado, absorvemo-las junto com o vocabulário e a aprendizagem da vida na comunidade da qual fazemos parte

Ora, a aquisição de uma língua que não aprendemos no colo da mãe, nas brincadeiras com os amigos, na interação com o meio social que nos rodeia, é evidente que é de outra natureza. Passa necessariamente pela memorização do vocabulário, das formas e construções elementares para uma língua que queremos falar. As equivalências sentidas nas línguas modernas nos permitem dispensar a análise aprofundada dos significados pois não vemos diferenças notáveis entre o uso das formas nas línguas respectivas, e aceitamos alguns modos diferentes de expressão sem explicação, sem ir além da compreensão imediata e superficial. Porém, tampouco nesse caso a aprendizagem mecânica baseada sobre o decoreba de formas e de fórmulas contempla o gênio próprio da língua em questão; quanto mais para as línguas antigas! Mas o esforço de re-encontrar valores debaixo das formas nos permite tomar consciência, de um modo muito concreto, do valor das formas que usamos e percebemos inconscientemente na nossa própria língua. Ultrapassa a comunicação imediata e corriqueira; a leitura de qualquer texto é abordada sob um aspecto bem diferente.

No nosso trabalho, tentamos uma abordagem que não fosse nem normativa, nem sistematicamente descritiva; tentamos priorizar o significado expresso pelas formas, pensando que os fatos da língua podem ser explicados além de ser catalogados. Eles repousam sobre os valores dos meios usados para se expressar: para o latim esses meios são os casos dos nomes e os elementos significantes contidos nas formas verbais -marcas de aspecto, de modo, de tempo e de pessoa-.

Não evitamos a enumeração das formas, sustento indispensável da enunciação, e respeitamos geralmente as categorias que a gramática propõe. No entanto não as infligimos

como fixadas desde sempre numa aparência inelutável e arbitrária; ao contrário, quisemos mostrar como sua evolução permite encontrar a unidade profunda que liga umas com outras dentro de um campo semântico definido.

Usamos essa linha de abordagem em aulas com alunos que começavam o estudo do latim na universidade. Pudemos apreciar a curiosidade que despertou um estudo realizado dentro dessa perspectiva e percebemos que ele favorecia o questionamento sobre os fatos das outras línguas inclusive do português.

Na realidade, preocupar-se com o significado das relações estabelecidas por alguém dentro do seu discurso leva a ultrapassar o entendimento imediato e superficial de um enunciado; acostuma a desvendar a riqueza de intenções que sugere. É um esforço gratificante que desperta o desejo de ir além, de entender melhor o que é dito e de expressar com mais propriedade o que se tem a dizer. Essa reflexão dá outra dimensão à comunicação, qualquer que seja. E nesse sentido o estudo do latim é um estudo muito formador. A necessidade de entender o funcionamento dos casos – dos quais poucos sobram na língua portuguesa-, de observar os significados das formas verbais -que nem sempre cobrem o mesmo campo semântico do português- obriga a procurar equivalências de significado e não de palavras. É um trabalho exigente que impõe tomar consciência dos valores de cada forma em cada uma das línguas a fim de transferi-los da maneira mais exata possível de uma para outra.

Esperamos que esse trabalho ajude a transpor o limiar das palavras e a penetrar um pouco mais fundo no pensamento de quem as compôs e cremos que é possível transpor o tempo, pelo menos parcialmente, a fim de estabelecer, como Montaigne na sua biblioteca, uma conversa contínua e enriquecedora com Sêneca, Vergílio ou Cícero.

BIBLIOGRAFIA

- ALVARI, Emmanuelis. **Institutio Grammatica**, Roma, 1832
- ARISTÓTELES. **Aristotelis Categoriae et Liber De Interpretatione**. Oxford: Minio Paluello, 1949.
- ARISTÓTELES. **Περὶ Ποιητικῆς. Aristóteles Poética**. Tradução de SOUSA, E. Porto Alegre: Editora Globo, 1966.
- ARISTÓTELES. **Thesaurus Linguae Graecae**. University of California, Irvine, 2000
- AUROUX, Sylvain. (sous la direction de...). La naissance des Métalangages en Orient et en Occident. In : **Histoire des idées linguistiques** Vol. 1. Liège-Bruxelles: Pierre Mardaga, 2000.
- AUROUX, Sylvain. **La philosophie du langage**. Paris: Presses Universitaires de France, 2008
- AUROUX, Sylvain. **La question de l'origine des langues**. Paris: Presses Universitaires de France, 2007.
- BAILLY, A. **Dictionnaire GREC FRANÇAIS**. 26^a edição. Paris: Hachette, 1963.
- BARATIN, Marc. La constitution de la grammaire et de la dialectique. In : **Histoire des idées linguistiques**. Vol 2. chap. III. Liège-Bruxelles: Pierre Mardaga, 2000.
- BARATIN, Marc. **Sur les notions de sujet et de prédicat dans les textes latins**. in **Archives et Documents de la Société d'Histoire et d'Epistémologie des Sciences du Langage**. Paris: Université de Paris 7, 1994.
- BASSETTO, Bruno. **Elementos de Filologia Românica**. São Paulo: EDUSP, 2001.
- BENVENISTE, Emile. **Problemas de Lingüística Geral** (tradução de Maria da Glória Novak e Luiza Neri). São Paulo: Companhia Editora Nacional-USP, 1976.
- BODELOT, Colette. **Grammaire du Texte et Style: Essai sur les propositions complétives du latin**. in **Revue des Etudes Latines**. T. 78, année 2000. Paris: «Les Belles Lettres», 2001.
- BOÛAERT, Joseph; PEETERS, Félix. **L'Écriture Latine**. Bruxelles-Belgique: Ministère de l'Éducation Nationale et de la Culture, s/data. (caderno 15 de Documentation)

- BOURCIEZ, Edouard. **Eléments de Linguistique Romane**. Paris: Librairie C. Klincksiek, , 1956.
- BREAL, Michel ; BAILLY, Anatole. **Dictionnaire Etymologique Latin**. Librairie Hachette, Paris, 1952
- BRUN, Jean. **Les Stoïciens**, Textes choisis. Paris: Presses Universitaires de France, 1966.
- CHAIGNET, A. Ed. **Théorie de La Déclinaison des Noms en Grec et en Latin**. Librairie du Collège de France et de l'École Normale Supérieure. Paris: Ernest Thorin, 1875.
- CHANTRAINE, Pierre. **Dictionnaire Etymologique de la Langue Grecque, Hitoire Des Mots**. 2t. Paris: Ed Klincksieck, 1984.
- CÍCERO. **Sobre la Adivinación – Sobre el Destino – Timeo**. Introducciones, Traducción y Notas de ESCOBAR, Ángel. Biblioteca Clásica Gredos. Madrid: Editorial Gredos, 1999.
- CÍCERO. **Timaeus** fasc.46 da Bibliotheca scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana Stutgardiae in aedibus B.G. Teubneri, 1965.
- CÍCERON. **Catilinaires**. texte établi par Henri Bornecque et traduit par Edouard Bailly, Paris: Les Belles Lettres, 1950.
- CÍCERON. **Correspondance**. Texte établi et traduit par CONSTANS, L.-A. 4^{ème} édition revue e corrigée Paris: Les Belles Lettres, 1950.
- CÍCERON. **De Natura Deorum**. Paris: Librairie Garnier Frères, sem data.
- CÍCERON. **Tusculanes**. Traduction nouvelle par APPUHN, Charles. Paris: Librairie Garnier Frères, sem data.
- CÍCERON. **Thesaurus Linguae Latinae**. Bayerische Akademie der Wissenschaften
- COLLART, Jean. **Grammaire du Latin**. Paris : ed. Presses Universitaires de France, 1966. (Coll. Que sais-je?)
- CORBIER, Paul. **L'épigraphie latine**. 3^a ed. Paris: Armand Colin, 2002.
- DAUZAT, Albert. **La Philosophie du Langage**. Paris: Ernest Flammarion, 1912.
- DESBORDES, Françoise. **La Naissance de la Réflexion Linguistique Occidentale**. cap. III. in **Histoire des idées linguistiques**. Liège-Bruxelles: Pierre Mardaga, 2000.

DIXSAUT, Monique. **Platon et la question de la pensée**. Librairie philosophique. Paris: J,Vrin, 2000.

ERNOUT, A. **Aspects du Vocabulaire Latin**. Paris: Librairie C. Klincksiek, 1954.

ERNOUT, A. **Morphologie historique du Latin**. Paris : Librairie C. Klincksiek, 1953.

ERNOUT, A. ; MEILLET, A. **Dictionnaire Etymologique de la Langue Latine**. Paris : Librairie C. Klincksiek, 1906.

FARIA, Ernesto. **Dicionário Latino-Português**. Ministério de Educação e Cultura. Rio de Janeiro, 1995.

FARIA, Ernesto. **Fonética Histórica do Latim**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1957.

FARIA, Ernesto. **Gramática da Língua Latina**. Fundação de Assistência ao Estudante. 2 ed. Brasília. 1995.

GADET, Françoise. **Saussure, Une Science de la Langue**. Paris:. Presses Universitaires de France, 1987.

GAFFIOT, Felix. **Dictionnaire illustré Latin-Français**. Paris: Librairie Hachette, 1934.

GAFFIOT, Felix. **Le Subjonctif de Subordination en Latin-** I Propositions relatives—II Conjonction *Cum*. Paris: Librairie C. Klincksiek, 1906.

GAFFIOT, Felix. **Notes sur Cicéron traducteur du grec**. Revue des Etudes Classiques 1934.

GAMBARARA, Danièle. **L'origine du langage en Grèce**. chap. I. in **Histoire des idées linguistiques**. Liège-Bruxelles: Pierre Mardaga, 2000.

GELLIUS, A. **Noctes Atticae. Thesaurus Linguae Latinae**. Bayerische Akademie der Wissenschaften

GREINER E.; BILLORET R. **Grammaire du Latin**. Paris : Librairie Hachette, 1952.

GUILLAUME, Gustave. **Langage et Science du Langage**. 4^{ème} édition. Québec: Librairie A.-G. Nizet, Paris / Presses de l'Université Laval, 1994.

HERÓDOTO. **Histórias. Thesaurus Linguae Graecae**. University of California, Irvine, 2000.

- HIGOUNET, Charles. **L'Écriture**. Paris: Presses Universitaires de France, 1955.
- HOMBURGER, L. **Le langage et les Langues**. Paris: Payot, 1951.
- HOUAISS. **Dicionário da Língua Portuguesa**. 1^a ed.. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2001.
- ILDEFONSE, Frédérique. **Sujet et Prédicat chez Platon, Aristote et les Stoïciens**. In : Archives et Documents de la Société d'Histoire et d'Epistémologie des Sciences du Langage. Paris: Université de Paris 7, décembre 1994.
- JURET A.C. **Système de la Syntaxe Latine**. Paris: Les Belles Lettres, 1950.
- JURET, A.-C. **Formation des Noms et des Verbes en Latin et en Grec**. Paris : Société d'Édition Les Belles Lettres, 1937
- LALLOT, Jean. **Sujet/prédicat chez Apollonius Dyscole**. In : Archives et Documents de la Société d'Histoire et d'Epistémologie des Sciences du Langage. Paris: Université de Paris 7, décembre 1994
- LANCELOT, Claude. **Le Jardin des Racines Grecques**. Nouvelle édition augmentée par RÉGNIER. Paris: Librairie Hachette et Cie, 1894
- LAURAND, L.; LAURAS, A. **Manuel des Etudes Grecques et Latines**. Tome II : Rome. Paris: Editions A.et J. Picard et Cie, 1960
- LIENARD, Edmond. **Prononciation du Latin Classique**. caderno 15 de Documentation.Bruxelles-Belgique: Ministère de l'Éducation Nationale et de la Culture, s/data.
- MAGNE, Augusto. **Dicionário Etimológico da Língua Latina – Familias de Palavras e Derivações Vernáculas**. Rio de Janeiro : Instituto Nacional do Livro, , 1953.
- MARTINS, Wilson. **A Palavra Escrita, História do livro, da imprensa e da biblioteca**. 2^a ed. São Paulo: Ática, 1996.
- MEILLET A.; VENDRYES J. **Le Traité de Grammaire Comparée des Langues Classiques**. 2^a ed. revue et augmentée par J. VENDRYES. Paris: Ed. Librairie Ancienne Honoré Champion, 1953.
- MEILLET, A. **Esquisse d'une Histoire de la Langue Latine**. Paris: Librairie Hachette, 1933.
- MEILLET, A.. **Introduction à l'Étude Comparative des Langues Indo-Européennes**. Paris: Librairie Hachette, 1953.

- MELLET, Sylvie. JOFFRE M. D. SERBAT Guy. **Le signifié du verbe**. Louvain-Paris: Peeters. 1994. In : **Grammaire Fondamentale du Latin**, dir. SERBAT Guy
- MELLET, Sylvie. **L'imparfait de l'indicatif en Latin Classique, Temps, Aspect, Modalité**. Thèse d'Etat soutenue devant l'Université de Paris-Sorbonne. Paris: 1988. Louvain: Peeters, 1988
- MERIAN, le Baron de. **Principes de l'Etude Comparative des Langues**. Paris: Schubart et Heidloff Libraires, 1828.
- MURACHCO, H. **Língua Grega – Visão Semântica, Lógica, Orgânica e Funcional**. 3^a ed. São Paulo/Petrópolis: Vozes, 2001, 2007.
- NEVEU Frank *et alii*. **La tradition grammaticale**. In : *Langages* n° 167. Paris: Larousse, septembre 2007.
- NIEDERMANN, M. **Précis de Phonétique Historique du Latin**. Paris: Librairie C. Klincksiek, 1953.
- PEZZI, Domenico. (tradução para o francês de NOURRISSON, V.) **Introduction à l'Etude de la Science du Langage**. Sandoz et Fischbacher, éditeurs, Paris, 1875.
- PICQ Pascal, *et al*. **La plus belle histoire du langage**. Paris: éd. Seuil, 2008.
- PLATO. **Sophista**. *Thesaurus Linguae Graecae*. University of California, Irvine, 2000.
- PLATO. **Timaeus**. *Thesaurus Linguae Graecae*. University of California, Irvine, 2000
- PLATON. **Oeuvres complètes**, Texte établi et traduit par RIVAUD, Albert. Tome X, Paris: Les Belles Lettres, 1985.
- PLATON. **Timée, Critias**. présentation et traduction par BRISSON, Luc. G.F. Paris: Flammarion, 1999
- PLAUTO. Théâtre. Traduction Nouvelle de CLOUARD, H. Paris : Garnier, s/d
- PLAUTO. **Thesaurus Linguae Latinae**. Bayerische Akademie der Wissenschaften
- QUINTILIEN. in **Oeuvres complètes de Quintilien**, Trad. OUIZILLE, M.C.V. Paris: Garnier Frères, sem data.

QUINTILIEN. **Institution Oratoire**. Tome 1. texte établi et traduit par COUSIN, Jean. Paris: Les Belles Lettres, 1975.

ROMANELLI, R.C. **Do Morfema Indo-Europeu *n* em Latim**, Contribuição ao Estudo da Lexiologia Latina. Belo Horizonte-Brasil: Imprensa da Universidade de Minas Gerais, 1963.

ROQUES, Mario. **Existe-t-il un déponent en français**. In : **Langage et Science du Langage**. GUILLAUME, G. 4^{ème} édition. Québec: Librairie A.-G. Nizet, Paris : Presses de l'Université Laval, 1994.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Cours de Linguistique Générale**. 5^a éd. Paris: Payot, 1960.

SERBAT, Guy. **L'Emploi des Cas en Latin**. Louvain-Paris: Peeters, 1996. In collection **Grammaire Fondamentale du Latin**, vol. 6, dir. SERBAT Guy.

VARRO, M.T. De Lingua Latina. **Thesaurus Linguae Latinae**. Bayerische Akademie der Wissenschaften

VENDRYES, J. **Le Langage - Introduction Linguistique à l'Histoire**. Paris: La renaissance du livre, 1921 ; Paris: Editions Albin Michel, 1968.

VERGÍLIO. *Enéide*. Texte établi et traduit par DURANT, R; BELLESORT, A. Paris: Les Belles Lettres, 1952

VERGÍLIO. *Enéida*. **Thesaurus Linguae Latinae**. Bayerische Akademie der Wissenschaften

.

VOSSLER, Karl. **Filosofía del Lenguaje**. (tradução ao espanhol de Amado Alonso y Raimundo Lida). Buenos Aires: Losada, 1943.

ÍNDICE

	Página
INTRODUÇÃO	5
1 A gramática	7
2 Algumas objeções	11
3 Como abordar o estudo das línguas antigas	13
4 O objetivo deste trabalho	16
FORMAÇÃO DAS PALAVRAS DA LÍNGUA LATINA	18
1 Histórico	18
2 Constituição das palavras	21
2-1 Formação	21
2-2 A fonética	24
MODIFICAÇÕES FONÉTICAS.	27
1 A representação gráfica dos sons em latim.	27
2 O acento tônico	30
3 As modificações fonéticas: Observações preliminares	31
4 As vogais	32
5 As semivogais	39
6 Soantes e consoantes	40
7 Conclusão	41
8 Resumo das modificações fonéticas	42
O ENUNCIADO	45
A FLEXÃO NOMINAL	48
1 Gênero e número	48
2 Os temas nominais	49
3- Generalidades sobre os casos	50
ESTUDO DOS CASOS: SIGNIFICADO E FORMA	55
NOMINATIVO	56
VOCATIVO	73
ACUSATIVO	77
GENITIVO	89
DATIVO	96

ABLATIVO, INSTRUMENTAL E LOCATIVO	92
1 Semelhança e diferenças.	92
2 Significado do ablativo,	92
3 Significado do instrumental	105
4 Significado do locativo	107
5 As formas do singular do ablativo, do instrumental e do locativo	111
6 As formas do plural do ablativo, do instrumental, do locativo e do dativo	114
ESTUDO COMPLEMENTAR À FLEXÃO NOMINAL	116
1 Temas de substantivos afetados de modificações específicas	117
2 Os adjetivos qualificativos	119
3 Paradigmas da flexão nominal	123
3-1- As desinências e sua evolução	124
3-2- Paradigma da flexão nominal dos substantivos e dos adjetivos qualificativos	127
4 Os pronomes e os adjetivos determinativos	129
4-1 Os pronomes pessoais e os possessivos adjetivos e pronomes	129
4-2 O pronome <i>is, id, ea</i> .	131
4-3 Os relativos e os interrogativos; pronomes e adjetivos	132
4-4 Os indefinidos formados sobre <i>quis</i> e <i>qui</i> .	136
4-5 Os outros adjetivos e pronomes indefinidos	137
4-6 pronomes e adjetivos compostos de <i>is</i>	138
4-7 Os demonstrativos.	139
O VERBO	142
O ASPECTO E OS TEMAS ASPECTUAIS	146
1 A idéia de aspecto	146
2 Significados dos diversos aspectos	150
3 Os temas verbais	154
AS VOZES E AS DESINÊNCIAS	160
1 A relação sujeito gramatical – predicado: Voz ativa, média, passiva.	160
2- As Desinências	165
5- Os verbos ditos “impessoais”.	169
OS MODOS E OS TEMPOS : SIGNIFICADO E FORMA	172

O IMPERATIVO	173
1 Significado do imperativo.	173
2 Imperativo presente	174
3 Imperativo Futuro	176
4 O imperativo negativo	178
5 As formas do Imperativo.	178
O INDICATIVO	180
1 O presente do indicativo	182
2 O futuro infectum e aoristo/perfectum	183
3 Os tempos do passado no indicativo	202
3-1 O imperfeito do indicativo	203
3-2 O perfeito do indicativo	208
3-3 Mais-que-perfeito	213
OS SUBJUNTIVOS	216
O MODO EVENTUAL	220
1 Significado do eventual	220
2- O eventual infectum	224
3- o eventual aoristo/perfectum	229
O MODO DO POSSÍVEL	235
1 Significado do Possível	235
2 O possível infectum.	240
3 O possível aoristo e perfectum	243
4 Forma do possível	244
AS FORMAS NOMINAIS DO VERBO	247
OS PARTICÍPIOS OU ADJETIVOS VERBAIS	248
1- O particípio em -nt/-nŕi-	248
2- O particípio em --tŕ/-tă-	253
3- Os particípios presente e passado em orações participiais: o ablativo absoluto	258
4- Os particípios futuros	260
5- O particípio em --turŕ/-tură-	261

6-	O particípio em -ndô/-ndã- ou gerundivo	264
	AS FORMAS SUBSTANTIVAS DO VERBO: INFINITIVO, GERÚNDIO, SUPINO	267
1-	O infinitivo	267
2-	O gerúndio	273
3-	O supino	275
	COMPLEMENTO AO ESTUDO DA FLEXÃO VERBAL	275
	CONCLUSÃO	287
	BIBLIOGRAFIA	290
	ÍNDICE	296